

A woman is shown from the waist down, wearing a white lace dress. She is holding a pair of brown high-heeled sandals in her right hand. The background is a soft, out-of-focus outdoor setting with warm lighting.

Aprendendo a Amar

ELA VAI APRENDER ESSE SENTIMENTO



ILLANA LESSA



Aprendendo
A
Amar

Aprendendo
A
Amar

Illana Lessa

Já dizia Frank Clark: "Se você encontrar um caminho sem obstáculos, ele provavelmente não leva a lugar algum". E ele estava certo.

Copyright © Aprendendo a Amar 2015 por Illana Lessa

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, empresas, organizações, eventos ou lugares é mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL
APRENDENDO A AMAR

CAPA

Natyelle Pinho

Revisão

Valéria Avelar

Luiza R. Oioli

[2014]

Todos os direitos dessa edição reservados à

Autora Illana Lessa.

illanalessa@gmail.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da autora.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Agradecimentos

Os caminhos para elaborar este livro foram, por vezes, tortuosos. Apesar disso, cheguei a um lugar incrível de autoconhecimento. Agradeço, portanto, às garotas poderosas: Kátia Schettini, Carol Souza, Aline Coração, Carina Souza e Poliana Matos; às mosqueteiras sempre presentes: Fernanda França e Rebeca Soares; além, claro, de agradecer as minhas queridas leitoras do Wattpad, que me deram força e apoio sempre.

"Amigos representam um passo mais próximo do sucesso".

Índice

Meg nas partes que você não viu

Encontros da Meg

Se tem Meg, tem confusão

Meg e o Ogro

Meg, a provocadora

Meg X Betsy - 2º round!

Encrencada

De volta a rotina

Socorro

Na caverna do Ogro

Querer nem sempre é poderemos

Contando só as partes leves

Confronto

Encontro?

Uma conversa séria, finalmente!

Emoções esquecidas

Eu te mostro

Fugir?

Ter tudo

Disfarçando..

Intimidade

Ceder alguns milímetros..

Desejo!

Me ensina?

Um segredo revelado

Vó Judith tem uma festa

Família

Festa de interior

E quando parece que tudo vai bem..

Sacrifício

Alma doente

Vidas em risco

Entre feridos e caídos..

Meg, burra ou nem tanto assim

Caça ao Ogro

Tudo

Porque sempre queremos mais

Minha razão

Uma ogrinha à caminho..

Capítulo um

Meg nas partes que você não viu

Olho para a tela do computador e esse trabalho é um saco. Quem diria que eu já estou morrendo de saudade da cidadezinha de fim de mundo que a Amanda escolheu para viver?! Eu suspiro, me lembro de quando fui pra lá e de cara conheci o Ogro, o xerife Eduard Prats.. Se ele não fosse tão insuportável até que... Até que o quê? Tá louca, surtada? Ele não serve para você. E não serve mesmo, mas é gato, um fato. Agora estou fazendo rimas idiotas! No monitor as imagens de viagens que fiz começam a piscar no descanso de tela. Uma de um chalé nas montanhas faz minha memória vagar e logo estou de volta ao dia em que me perdi na floresta...

Estava chateada com a Amanda, queria um pouco de movimentação. Na verdade eu percebi que depois de anos adormecida, um homem mexe com ela. Não no sentido de deixá-la desconfortável e ativar o modo segurança, é mexer de provocar interesse, mas eu acho que forcei um pouco a barra. De qualquer forma isso me irrita e eu saio para espairecer. Ando alguns metros e estou de cara para uma floresta. Ótimo, mato!

Eu encaro a floresta e depois de algum tempo caminhando começo a me dar conta de que fiz uma enorme burrada. Estou cansada, no meio da selva e de pijama. Só falta aparecer um macaco tarado! Eu continuo andando a esmo mais um tempo, até perceber que não sei exatamente onde estou. Mato é mato, e não lembro por onde entrei.

— Burra! — Grito comigo mesma.

Afinal, só alguém como eu para fazer uma estupidez dessa. Eu subo em um montículo para ter noção da área. Mato, planta, mato e mais mato. Eu

estou encrencada e para piorar minha garganta está secando. De repente um barulho faz meu coração disparar. Eu olho em volta assustada. “*Você desejou o macaco tarado Meg, agora aguenta*”. O barulho aumenta e parece que seja lá qual for o bicho vem em minha direção correndo, a galope. Eu é que não vou ficar aqui esperando.

Desço do montículo correndo que nem uma maluca, desesperada, na verdade apavorada. E só então, me lembro que calçar os pés para correr no meio do mato é algo importante. Eu corro, mas o barulho parece mais perto e eu não sei o que fazer, ou em que direção ir já que não sei onde estou e os galhos e as pedras no chão machucam. As coisas estão piorando e sempre podem se tornar um desastre total. Eu acabo perdendo o equilíbrio e caio estatelada e com uma dor terrível no tornozelo. Uma sombra paira sobre mim e eu me encolho esperando o ataque.

— O que aconteceu com você? — o macaco fala? Eu olho para cima completamente indefesa e logo meus olhos se estreitam.

— Você? — o Ogro policial. Ei, você aí em cima? Sério?

— O que está fazendo no meio do mato e quase nua? — ele me encara como se eu fosse a fugitiva de um hospital psiquiátrico.

— Eu estou vestida — é a única coisa que me vem à mente.

— Sei, resolveu passar o dia sentada no meio da reserva? — reserva? É isso? Eu pensei que era um matagal.

— Eu posso se eu quiser, você não é o dono — replico e estou bem desconfortável aqui debaixo. Ele já é enorme e ainda nessa posição parece um gigante.

— Ok, então, boa sorte com seja lá o que estiver fazendo — ele diz e vira para ir embora. Eu começo a me levantar, mas uma dor terrível no meu tornozelo torna a tarefa mais difícil que o imaginável.

— Ai! — Eu grito me encolhendo. — Inferno!

— Você está bem? — ele volta para me olhar com as sobrancelhas franzidas.

— O que acha? — replico. — Eu estou gritando porque estou feliz! — Vejo que meu pé está inchando e com certeza, isso não é bom. Nem consigo ficar de pé.

— Você torceu o tornozelo — constatação fantástica.

— Gênio! — Ele meneia a cabeça negativamente.

— Olha, dona Encrenca — como assim eu sou Encrenca? — você está com problemas e não tem ninguém aqui além de você, eu e os ursos, então, ou me deixa ajudar ou então, pode ficar aí e esperar o socorro quando um grupo de busca sair à sua procura — agora isso vai virar uma tragédia. Ele faz menção de ir e eu fico desesperada.

— Você disse urso? — ele volta a me olhar com um sorriso convencido.

— Você estava me assustando? — pergunto indignada.

— Não. Existem ursos aqui, mas acho que você não seria uma opção de menu para eles — isso foi uma piada?

— Por que não? Saiba que sou muito atraente — digo e percebo o quanto idiota eu sou, cruzo os braços para esconder minha vergonha.

— Não faz o tipo dos ursos — ele diz sorrindo.

— Nem o seu — provoco e ele fica sério.

— Toma — ele me oferece uma garrafinha de água. — Você fala demais.

— Eu não estou com sede — minto. Não vou dar o braço a torcer.

— Então, tá — ele me olha por um segundo e então, sem me avisar me pega no colo. Droga, ele é forte.

— Ei, me solta, seu Ogro — eu começo a gritar e me debater e ele me põe sobre meus pés. — Ai, merda — meus joelhos falham já que o meu tornozelo está claramente machucado e ele me apoia segurando minha cintura e eu apoio minhas mãos em seus braços. Músculos quentes, firmes... Pare de

pensar em músculos sua maluca!

— Você vai querer ir andando? — ele diz irônico, como se eu pudesse andar.

— Eu não consigo — digo frustrada. E meu olhar se perde em uma gota de suor descendo pela lateral do seu pescoço. Meg, você está encrencada!

— Então, pare de espernear — dessa vez ele me joga sobre o ombro como se eu fosse um casaco. Ele anda alguns metros e eu começo a me sentir estúpida. Algo dentro de mim dá voltas.

— Me põe no chão! Agora! — Isso é tão humilhante. — Eu quero descer. Eu começo a bater em suas costas — estou me sentindo mais indefesa assim do que quando era criança.

— Qual o seu problema? — ele me apoia com cuidado no chão e me encara parecendo realmente zangado. Apesar disso, ele tem aquele olhar estranho de professor. Ele deve ter mil anos de vida. Velho.

— Você — digo. Estou cansada, com raiva, com dor, com sede. *“Tudo culpa sua, quem decidiu passear na floresta de pijama e descalça tal uma maluca?”* E ele é tão...

— Ótimo, temos um impasse moça e mesmo não gostando de mim, só nós dois estamos aqui, a não ser que queira sentar e esperar eu mandar alguém para te ajudar — ele cruza os braços e também parece cansado. Afinal, ele quem estava carregando o peso. E pelas roupas estava correndo. Os músculos dele se tornam mais evidentes nessa posição. Por que, em nome de Deus, alguém corre no meio do mato?

— Aqui, sozinha com os ursos? — vai me deixar aqui sozinha? Eu o olho espantada e minha vontade é pular de volta no colo dele. Ele sorri.

— É — muito bem, alguém tem que ceder e terei que ser eu, já que ao que parece ele sabe exatamente onde está e o que está fazendo. Além de perceber que eu estou apavorada.

— Certo, tá bom, aceito sua ajuda — digo me sentindo derrotada. Ele aumenta o sorriso com ar de vitória. — Vou aceitar aquela água agora — que se dane o orgulho, já estou ferrada mesmo. De qualquer forma não temos testemunhas, se ele disser algo, eu nego. Bebo a água em desespero.

— Calma, desse jeito você vai engasgar — ele diz com aquele ar irritante no rosto. E ao pegar a garrafa de água ele me olha mudando o semblante para algo como preocupado. — Você está bem?

— Sério? — eu o olho com raiva.

— Muito bem — ele ergue as mãos como quem se rende. — O caminho até meu carro é pequeno, vai ser rápido. — ele diz vindo em minha direção e sei que ele vai me pôr no ombro de novo. Eu prendo a respiração pronta para a sensação estranha que eu sei que virá. — E dessa vez tente não se debater.

— Sim, senhor — digo irônica sobre seu ombro.

— Tão obediente! — Ele devolve e fazemos o caminho de volta em silêncio até o carro.

Ele me põe no banco do carona e me avisa que me deixará no hospital. Esse ar de superior dele me irrita profundamente. Me sinto uma criança petulante perto dele e acabo agindo feito uma. Sei que não sou nenhum anjo, mas ele não é ninguém para ficar jogando na minha cara o quanto sou... Complicada. “*Complicada? Você é terrível!*” O alerta de um e-mail pisca na tela e eu retorno ao mundo tedioso do trabalho que um dia eu gostei...

Capítulo dois

Encontros da Meg

Estou em casa preocupada com os últimos acontecimentos. Desde que voltei da visita à Mamá, as coisas parecem desandar. Eu não gosto tanto assim do trabalho, estou me sentindo meio perdida e o Nate tá cada vez pior. Estou saindo com um carinha, que não é o Marcus, ele descobriu e quase surtou, não que ele saiba do Marcus... Resolveu pegar no meu pé o tempo inteiro, ele tem que saber que não é meu chefe! Além disso, comecei a receber uns e-mails estranhos com fotos bizarras de coisas tipo terror. Não que tenha medo de filme desse estilo, na verdade eu adoro, mas não faço a mínima ideia de quem me mandaria essas bizarrices. Eu pondero um pouco, no geral até que a vida não está tão ruim, tenho um encontro maravilhoso hoje.

Eu bufo chateada. Se perder esse emprego não poderei pagar meu aluguel e meus luxos. Não sou milionária, mas tenho dinheiro para muitas coisas, exceto para um carro novo e vivo protelando. Prefiro o conforto de uma casa grande em um condomínio, das roupas, bolsas, sapatos e festas. Mesmo porque nunca vou sozinha a uma saída e sempre tenho carona em um belo carro esportivo com um exemplar masculino incrível ao meu lado.

Hoje eu vou sair com o Gave e me lembro do Marcus, os dois são loiros, mas o Gave é da alta-roda e provavelmente iremos a um lugar bem caro e cheio de peruas ricas. Eu gosto sim, do luxo, não gosto é do lixo que é a maioria das pessoas nesse meio. De qualquer forma eu estou na vida a passeio e sempre aproveito essas oportunidades. Logo serei uma sem era nem beira se o Nate continuar a me encher, porque eu juro por Deus que me demito e viro hippie... Só que não.

Levanto com esforço e me visto com um belo exemplar de noite e saltos

altos. O telefone toca e eu atendo, do outro lado a pessoa apenas respira. Que coisa idiota, parece um pré-adolescente. Eu desligo e me olho no espelho, maquiagem impecável, dou um toque de perfume, pego minha bolsa e desço para encontrar a “*vítima*” dessa noite! Meu alter ego sorri. Em pouco tempo o príncipe da vez chega e é todo sorriso. Ele é alto e eu me lembro de um certo cara alto e loiro, e dessa vez não é o Marcus. Óbvio que esse é diferente, ele não tem o olhar distante do xerife. Os olhos de Gave são puro desejo e luxúria. Com isso eu sei lidar, então, eu inicio a noite, primeiro: sorriso *femme fatale* da Meg. Caminho até ele e vem aquela sensação de ser observada. Espanto esse sentimento e entramos no carro, lá vamos nós para mais uma noitada.

..

Acordo no dia seguinte muito cansada e tem um Deus nórdico ao meu lado. Ele abre os olhos e sorri para mim e lá está a sensação de vazio de sempre. Opa! Hora de ir embora, a carruagem virou abóbora. Eu me levanto sem me enrolar nos lençóis, não sou dada a pudores. Entro no chuveiro, mas não antes de trancar o banheiro, esse momento é só meu. Assim que saio enrolada no roupão, Gave está de cueca boxer, sentado diante de uma mesa de café encantadora. Eu sorrio, fome é algo presente em minha vida e eu agradeço a genética por não me transformar em obesa.

— Oi, raio de Sol! — Ele diz me olhando com um sorriso enorme. Isso foi bem brega e sorrio por isso, não em resposta a ele.

— Oi, isso é tudo nosso? — mudo o tema. Não gosto dessas bobagens melosas.

— O quanto você puder comer — e eu posso muito gato.

Tomamos café enquanto ele fala de sua rede de hotéis e blá... Blá... Blá... Me finjo de impressionada, isso envaidece os homens e logo ele está me convidando para um jantar de negócios em que ele precisa de companhia.

Sinto cheiro de compromisso e me esquivo. O tempo todo é aquela sensação de que falta algo... Terminamos o café, ele segue para o banho e aproveito para me vestir, deixo um bilhete e adeus gato, não quero parecer mal-educada.

Pego um táxi e vou pra casa. Hoje é sábado e eu preciso me preparar para um almoço com o “*Príncipe dos diamantes*”. Benjamin sempre gentil comigo, lembra todas as datas, aniversário, feriados, natais e até páscoas. Ele é mesmo um príncipe, quando não resolve enfiar o nariz onde não deve. Eu chego em casa correndo, está tarde e o senhor mala não tolera atrasos. Troco de roupa, uma saia lápis, scarpins e uma blusa de seda. Clássica, isso agrada o Ben. Ele sempre sai com uma garota diferente por vez, parece minha versão masculina, então, eu tenho que me adequar ao gosto. Apesar de que, comigo, ele teima em ser fraternal.

Termino tudo em cima da hora e lá vou eu descendo ao mesmo tempo que escuto o interfone. Quando desço o Benjamin já está lá, ao lado do carro, braços cruzados e aquele olhar de príncipe. Ele sabe que é o dono do mundo... Eu abro meu sorriso carinhoso, segundo, a Meg fazendo a manhosa. Ele abre os braços e vem em minha direção para um abraço. Eu me afundo nesse afago. Me sinto um tanto tensa, mas confortável. Ele se afasta e me olha.

— E então, cobrinha, como foi a sua semana? — torço os lábios para ele.

— Ótimo, ó mestre dos mundos! — Soo irônica e ele sorri.

Entramos no carro e lá vamos nós almoçar em algum lugar badalado, mas nem tanto. O Benjamin evita paparazzi quando está comigo. Um fofo, mas bobão, eu não ligo. Adoraria ser estampada com ele nas revistas de todo o país. Quem sabe as peruas correriam para longe dele. Eu sei, é um sonho, mas poderia ser real. Assim que entramos ele tem uma mesa reservada e num local discreto. Sentamos e ele parece um tanto triste.

— Você foi ver a Amanda outro dia, não? — inicio a conversa.

— Sim, precisava de colo — ele diz com um sorriso amargo.

— Eu tenho um colo bastante confortável — dou um sorriso sedutor.

— Não, você me engoliria vivo — ele fica sério.

— Benjamin! — Finjo estar chateada e ele sorri.

— Nem vem, eu já disse que não Meg — me corta sem dó.

— Então, por que ainda me dá tanta atenção? — digo, realmente irritada.

— Porque somos amigos — inferno, amigo é o c...

— Que bom, amo ser sua amiga! — Sei que ele percebe a nota ácida em minha voz, mas eu não me importo.

— Oi, Benjamin — uma mulher alta e loira chega à mesa. Uma modelo, claro.

— Oi, Melinda — ele diz e ela me ignora por completo.

— Nosso jantar está confirmado? — ela diz sorrindo para ele se oferecendo e me vejo um pouco nela. Isso me deixa com mais raiva que o fato de ela simplesmente existir.

— Claro, te pego às sete — e eu sou o quê? Invisível, claro. Ela sai e ele fica olhando-a de costas. Odeio essa mania dele de fingir que não existo quando ele flerta bem na minha cara.

— Jantar? — o olho chateada.

— Sim — ele diz só isso.

— E por que com ela e não comigo? — ótimo, agora vou me jogar de vez, fazer um drama e mendigar! Idiota.

— Meg... — ele exala, desvia o olhar e então me olha de novo. — Isso é um encontro casual, jantar, vinho e... Sexo — eu abro ainda mais os meus olhos. Não quero detalhes.

— Eu não sou virgem, você sabe né? — ei, Meg, tenha um pouco de amor próprio.

— Não, não é, mas eu não vou sair com você para transar e depois te ignorar — sim, porque é isso que ele faz. Tão eu! Estou provando meu próprio veneno. Eu fico séria olhando para ele e então, levanto.

— Quer saber, vai pro inferno — vou saindo e ele vem atrás.

— Meg, quer me ouvir...

— Não — corto. — Você que vai me ouvir. Eu não quero mais ver você, almoçar com você, ou seja, lá o que for — continuo andando.

— Droga! — O escuto ainda vindo atrás de mim. Se eu soubesse que mandá-lo para o inferno o faria correr atrás de mim eu teria feito isso a mais tempo. — Meg? — ele me segura pelo pulso e eu o olho. Aquele olhar fraternal infernal. Odeio isso. — Você é amiga da minha irmã.

— Isso mesmo, não sou sua irmã — puxo meu pulso e cruço os braços.

— Mesmo assim, para mim é como se fosse — meu queixo cai. Sempre soube que ele achava isso, mas ele nunca tinha dito. Eu acho que afinal eu tenho um coração, porque dói bem no lugar onde ele deveria estar. Eu desvio o olhar e ele se aproxima. — Por favor, não fique assim. A gente nunca daria certo mesmo — nunca tentamos!

— Tá, eu vou embora agora — digo vencida. Não posso pegá-lo à força não?!

— Nem almoçamos — ele ainda me olha procurando um... Perdão? Me sinto tão estúpida.

— Estou de dieta — digo isso e caminho o mais rápido que posso para longe dele.

— Você não faz dieta — ele cruza os braços. — Não vamos brigar ok?! Somos...

— Se você disser família eu arranco seus olhos, eu não tenho família. — estou com raiva e frustrada, desconto nele porque sei que sempre alivia comigo. Ben faz cara de triste e me sinto uma desequilibrada, ótimo.

— Muito bem, eu não digo. Só não fique com raiva de mim. — e dá para negar algo? Não, porque eu fico com raiva é de mim. Meg, a idiota!

— Desculpe, estou cheia de coisas no trabalho e tem a casa — ele estreita o olhar.

— O que tem sua casa? — aproxima-se de mim e me encara nos olhos. Droga, é como se eu visse a Amanda, e não dá para mentir, embora eu queira muito. Desvio o olhar.

— Nada, coisas — ele sorri e, então, passa o braço pelos meus ombros.

— Já sei do que você precisa — sabe mesmo? E vai me dar? Eu dou um sorriso torto. — Vamos comer hambúrguer — sério Benjamin? Que seja, pelo menos não passo tempo sozinha em casa recebendo e-mails assustadores ou pensando bobagens.

— Claro, para que eu fique gorda e feia! — Desvio o tema da Meg mendiga de carinho e amor. Amor? Não seja estúpida.

— Você nunca seria feia — ele ri de volta a olhar para mim.

— Mas não bonita o suficiente para você! — Digo, ele me encara com um ar estranho. — Quer saber, não sou boa companhia hoje — digo isso e tiro seu braço dos meus ombros. — Até qualquer dia Benjamin.

— Meg? — ele chama, mas eu não olho. Não vou mendigar mais. Amor não é para você Meg, nunca foi. Seu caminho é a diversão e o sexo, apenas isso...

Capítulo três

Se tem Meg, tem confusão

Eu estou numa confusão daquelas. Faz quase dois meses que comecei a receber além de e-mails, umas correspondências esquisitas. Isso foi o limite para que eu desse uma guinada na vida. Saí do emprego, mudei de casa, e por ironia do destino precisei de ajuda. O Benjamin, meu “irmãozão” me ajudou, claro. Não contei o motivo real, ele até me ofereceu um emprego, mas acho que não daria certo. Além de que, ele tem diversas secretárias, não precisa de mais uma. Eu posso ser qualquer coisa, mas não finjo trabalhar, nisso eu realmente me jogo, porque sei que tudo que tenho veio desse meu esforço e não numa bandeja de prata. De qualquer forma a Amanda veio para um “problema” de família há algumas semanas e acabou descobrindo que eu estou embolada. Na verdade, ela soube apenas por alto. Dei sorte pelos problemas da minha amiga serem piores e por Liam ter aparecido. Assim, eu não precisei dar grandes explicações. Ela precisava lidar com os pais, o Liam, o amor... Essas coisas nada simples ou objetivas, mas que são constantes em todas as vidas. Exceto na minha, pais? Negativo. Amor? Negativo. Ei? Não seja tola, você tem a Amanda. Isso é mesmo... E o Benjamin... Droga, agora ele decidiu que vai resolver todos os meus problemas e já me ligou até para saber se jantei e essas coisas. Claro que estou dando um gelo nele e o ignorando. Isso só durará até ele ter um surto e invadir minha casa, mas quer saber?! Não é porque me ajudou que eu vou dar nota até das vezes que escovo os dentes.

O melhor é que a vida sempre dá um doce no meio de um mar amargo. A Mamá aceitou o pedido do príncipe do fogo e vai virar princesa. Eu serei uma das fadas-madrinha, claro. Melhor, A fada-madrinha, até brinquei sobre ser um casamento à fantasia, mas sei que ela me mataria se fizesse qualquer

surpresa do tipo. Ela é minha única família, eu solto um suspiro e me resigno a fazer essa viagem cansativa, pôr um sorriso no rosto e me preparar para o tarado da rodoviária. Então, lá vou eu, numa viagem infernal para o noivado da Amanda. Comprei uma máquina nova de café, cappuccino e sei lá mais o que, que eu aposto, ela vai amar e uma cesta de surpresinhas de sexshop. A Mamá vai pirar, mas eu sei que ela gosta e o Liam também vai adorar. Eu chego cansada e dessa vez fujo rapidamente do tarado Armando, e o Marcus veio me buscar. Chego à casa da Mamá e tá tudo uma festa. O Benjamin já está aqui, claro, no entanto eu quero ignorá-lo. Ainda não nos falamos depois que ele me ajudou com o apartamento onde moro agora e decidiu que vai controlar minha vida. De qualquer forma eu estou irritada, cansada e os e-mails de terror estão cada vez mais frequentes. Esqueça isso Meg. Hoje é dia de festa. Eu vejo minha amiga e corro para abraçá-la fazendo o maior escândalo e batendo os pés no chão. Sei que todo mundo está me olhando.

— Noiva! — Grito ao pé do ouvido dela.

— Meg, fiquei surda! — Ela me encara e é pura felicidade.

— Eu trouxe presentes — digo e então, Liam se aproxima. — Ei você? Se não cuidar dela direito eu arranco suas...

— Meg! — A Amanda me segura. — Não termine essa frase. — Liam parece ter ficado vermelho, mas sorri.

— Tudo bem, amor — ai, amor!

— Seja bem-vinda, Meg — o olho por uns segundos, então, o abraço.

— Cuide dela, príncipe — digo emocionada.

— Eu vou cuidar! — Ele diz ao meu ouvido e devolve o abraço. — E você? Como está? — eu vejo preocupação sincera nos olhos dele e entendo o sentimento da Amanda. Confiança, segurança e essas coisas que as pessoas procuram no outro para... Amar?! Lá está a palavrinha coçante.

— Estou ótima, príncipe — aumento meu sorriso e ele assente.

— Vamos, eu quero mostrar umas coisas para você e ainda tem que guardar suas coisas — a Mamá pega minha mão como se percebesse que eu estou no limite da encenação, mas Liam parece não notar nada.

Seguimos então, para a festa de fato, disso eu entendo. Estou no noivado da Amanda. Um churrasco na beira do lago onde tudo começou. Ah, o amor! Nossa, meu alter ego está dando pulos com pompons nas mãos. Nunca pensei que chegaríamos a esse dia, porém eu nunca desisti de fazê-lo acontecer. Bem, não fui eu quem fiz, a Amanda consegue fazer as coisas acontecerem quando ela quer mesmo, mas se eu não desse um empurrãozinho... Na verdade eu dei um encontrão. Eu abro um sorriso enorme e olho em volta. O Marcus vem em minha direção e eu vejo exatamente onde ele estava, discutindo algo com a Danna e eu sinto que tem algo mais aí. Eu deveria me importar? Não, afinal eu não amo e nunca amei o Marcus, foi um caso e ele é bem “*quente*”. A verdade é que eu vim à vida a passeio e demorei para entender isso. Eu nunca tive um lar de verdade e passei por tantas famílias que perdi as contas. Qualquer outra pessoa teria dúvida de quem é, mas eu não. Eu sou Margarete Cobalsk. Ok, eu não gosto do meu nome, mas os meus pais, os de verdade, me deram e foi a única coisa que sobrou. De qualquer forma, Meg não é ruim, eu gosto de ser Meg. Eu sou “*a*” Meg! Sei exatamente o que sou e mesmo quando não sei o que quero, sempre sei o que não quero.

— Vamos dançar, ruiva? — sério? Ele quer jogar esse jogo? Eu inventei ele!

— Para irritar a sua amiga? — olho dele pra Danna.

— Ah, linda, qual é? Eu não faço tipo — Marcus se defende, mas desvia o olhar. Mentiroso e dos fracos.

— Sei, e eu sou um anjo — sorrio com a língua presa nos dentes e ele sorri de volta. — Vamos moço, tapar os buracos do seu coração — digo

porque na verdade não me importo e ele sempre foi muito legal comigo, não custa ajudar, ainda mais quando é para causar uma certa confusão...

— Sério, Meg, eu e a Danna não temos nada — ergo as sobrancelhas.

— E como sabe que eu estava falando da Danna? — te peguei, hã! Ele faz cara de frustrado, mas não sinto pena. Me poupe, isso é uma bobagem. Se ele gosta dela deve encarar logo. Homens, são sempre idiotas. Garotos que só crescem no tamanho.

— Meg, eu... — saio o puxo pela mão.

— Esqueça, não me importo — ele me fita confuso. — Não me lembro de termos jurado amor eterno! — Ele volta a sorrir e nós nos jogamos na pista de dança.

A música é divertida e logo estamos dançando bem animados. Outros convidados se unem a nós e eu sorrio e aceno pra Amanda. Danna não fica para trás e puxa o Ogro para dançar. Eu morri e ressuscitei agora ao perceber que o xerife dança. Estou com o queixo no chão. E ele até que leva jeito. Epa, não vá por esse caminho, nem olhe para o Ogro! O Marcus parece ter ficado irritado. Ele parece gostar mesmo dela. Anoto na memória para bisbilhotar com a Amanda depois a respeito dessa *love story*. Ele começa a ficar cada vez mais incomodado e logo a dança foi para o espaço e o Marcus se dirige para o casal irmã de príncipe e Ogro do lago. Eu tento disfarçar que me divirto com a cena, mas conto mentalmente, afinal cerveja, testosterona e ciúme não são bons em conjunto: três, dois, um...

— Qual o problema? — Marcus vai em direção a Danna.

— O quê? — ela responde surpresa e eu prevejo barraco. Procuro Amanda com os olhos e ela não está mais olhando em nossa direção. Perdidinha nos olhos do Liam.

— Eu chamo você para dançar e você diz não, agora está aí com esse cara

— o Marcus fala encarando a Danna e eu cruzo os braços, não vou mentir que não estou curtindo essa ceninha. Já incitei algumas assim no colegial.

— Pensei que você já estava acompanhado, Petri — o xerife finalmente intervém e me olha como se a culpa do pecado original fosse minha. Ótimo, sobrou para mim. Eu faço uma careta para ele que me repreende com o olhar. Eu não o temo.

— E eu pensei que seu forte fosse agredir mulheres e não cortejá-las — oi? O Eduard é um agressor de mulheres. De que raios o Marcus está falando agora. Droga Meg...

— Mas de que merda você tá falando, Petri? — o senhor puritano xingou? Os dois ficam cara a cara e eu estou completamente tensa. Já faço ideia do que ele quer dizer e a Amanda e o Liam estão vindo, com a confusão todos pararam de rir e dançar. Até o Benjamin veio para ver de perto.

— O que está acontecendo aqui? — Benjamin sussurra para mim e eu o ignoro. Não quero falar com ele. — Meg? Qual o problema? — ele diz insistindo.

— Não se lembra, grande xerife? — Marcus ironiza.

— Você bebeu demais, Petri — o Ogro diz e segura Danna pelo braço. — Vamos, ele não está em seu juízo perfeito.

— Solta ela! — Marcus grita e bate no braço do “*montanha*” e ele vira com a intenção clara de conter o bombeiro.

— Quer ser preso, Petri? — agora o circo vai queimar.

— Calma, Ed — o Antony intervém e eu sei que as coisas ficaram feias, já que até então todos estavam calados, só assistindo. Meg sua diabinha, você estava gostando e agora olha o que sua energia para confusões trouxe para festa, um “*problemão*”.

— Ei, amigo, por que não vamos... — o Liam começa a tentar acalmar os ânimos, mas é como se todos esperassem uma comprovação das acusações do

Marcus. Por favor, que ele não diga o que estou pensando. O xerife começa a se afastar com o amigo.

— Eu estou falando de quando você bateu na Meg diante de meia cidade — merda! Merda das grandes. Ele grita antes de o Ogro ir embora. Eu mal tenho tempo de ver o Benjamin voar para cima do Ed e derrubá-lo com um soco. Eu não tenho a mínima ideia de como ele conseguiu isso. Meu corpo se espreme em uma careta ao ver o sangue descer pelo nariz do xerife. Segunda vez que o vejo assim e me contorço esperando ele revidar, ele vai matar o Benjamin.

Capítulo quatro

Meg e o Ogro

— Isso é verdade? — Ben grita e o Liam fica entre eles.

— Calma, vocês dois — Liam, príncipe sempre.

— Eu estou calmo, Liam — Ed fala apertando o nariz. — Seu cunhado é que está nervoso — esse homem tem gelo nas veias? Eu exalo liberando a tensão, ao menos ele não revidou.

— Eu, nervoso? — Benjamin esfrega as mãos nos cabelos. — Vocês são o quê? Um bando de malucos. Ele acabou de dizer que esse... cara, bateu na Meg e várias pessoas viram — todos ficam calados. Benjamin se volta para a Amanda. — Você sabia?

— Ben... — ela começa tensa.

— E você? Onde estava, príncipe encantado? — Liam fica sério, mas não fala nada.

— Você vem comigo — Benjamin pega meu braço com força.

— Ei, tá me machucando — resisto. Isso tudo é surreal. Todos agora estão assistindo o dramalhão mexicano.

— Eu te machuco e ele fez o quê? Carinho em você? — agora ele é meu pai?

— Foi uma bobagem, Benjamin, o Marcus não sabe o que diz — estou nervosa, nunca vi o Benjamin assim transtornado, a não ser quando...

— Ele bateu em você, Meg? — engulo em seco.

— Foram palmadas, Benjamin, ele estava só me ridicularizando, não foi...

— Vem comigo agora — ele me puxa. Droga, o Marcus é um idiota mesmo.

— Benjamin! — A Amanda entra na conversa e sei que ela está extremamente tensa, mas Benjamin sempre esfria quando é ela quem joga água, então, eu rezo para as coisas se acalmarem. — Racionalize, você não pode resolver as coisas assim.

— Solta a moça — o Ogro fala finalmente, mas eu prefiro que ele fique calado. Sério que vai se meter logo agora?

— Ou o quê? Vai bater nela de novo? — Benjamin vocifera e a Amanda o segura pelo peito.

— Vou prender você — epa! Isso não.

— Não vai não — viro ficando entre os dois, com o Benjamin agarrado ao meu braço. Cansei desse concurso de mijadas. — Vocês não vão estragar o noivado da minha amiga por idiotice masculina — encaro o Benjamin. — E você, larga o meu braço, porque a não ser que vá me carregar eu irei andando ao seu lado e não arrastada — ele me solta, mas não para de olhar feio para o xerife.

— Não precisa ir se você não quiser, moça — o “*montanha*” fala e eu penso que esse homem é doido, a coisa tá pegando fogo e ele fica com essas tiradas! — Eu que vou embora, sua irmã, sua festa, você fica — ele diz isso para o Benjamin e sai. Ele vai embora? Não vai prender o Ben? Esse homem, com certeza, é um paradoxo.

O homem da lei sai e todos ficam constrangidos. A Amanda parece nervosa e o Liam perdido. Droga, era para ser um dia feliz, quer saber?

— Ei, pessoal, voltem a ficar felizes. Isso é uma festa — todos me olham embasbacados. — Eu falei sério gente, eu estou bem, viva e ninguém mais vai brigar por mim hoje, embora eu saiba que é o desejo de todos — dou uma voltinha me exibindo e sorrio aquele sorriso fatal, Danna me olha. — Pode me ajudar aqui? — ela sorri desconcertada.

— A Meg tem razão, vamos galera — aos poucos as pessoas retornam a

comer e conversar e logo estão sorrindo, e tenho certeza que o tema sou eu. Que se danem os comentários... Eu olho em volta e não vejo o Benjamin. Ótimo, típico dele, faz a confusão e depois sai.

— Amanda, você me empresta a chave do seu carro? — ela me olha como se eu estivesse louca.

— Aonde vai? — abro um sorriso enorme.

— Resolver as coisas — e vou mesmo.

— O Benjamin não está muito para conversas, Meg — ela fala frustrada. — Dê um tempo a ele, deve ter ido esfriar a cabeça — parece que ela sabe algo que eu não sei do senhor esquentadinho, mas não tenho tempo agora.

— O Benjamin é um bobão, eu falo com ele depois — eu faço cara de sagaz. — Eu vou garantir que o Liam não perca o padrinho, não por minha causa — Liam me olha confuso.

— Meg, não precisa fazer nada, eu e o Ed...

— Eu preciso sim — corto. — Eu sou Meg Cobalsk, sempre tenho a última decisão nas coisas que dizem respeito à minha vida — digo muito confiante e a Amanda me dá a chave com aquele olhar de quem sabe que eu vou, nem que seja a pé.

...

— Oi? — entro na delegacia meio desconsertada. A última vez que estive aqui eu levei “*palmas*”, mas não vou deixá-lo perceber meu desconforto. Ponho a cara de despreocupada da Meg, número um. O xerife está de pé apoiando algo no nariz e ele tem um ar tão... Alto, ombros largos, essa segurança toda em si... Ainda mais aqui. Não pense bobagens Meg, ele é o inimigo, isso é pela Amanda e você veio fazer o que mesmo aqui? Ele me olha espantado e fala ainda segurando o nariz.

— O que faz aqui? — o que ela quer aqui? Definitivamente essa mulher curte confusão.

— Trégua? — digo erguendo as mãos em rendição. É teatro, claro. Meg Cobalsk nunca se rende, nunca.

— Acho melhor você ir embora, moça — ela contorce o rosto e sei que não gosta que eu a chame assim. Eu prefiro, é impessoal e eu prefiro manter distância de mulheres como ela. Sempre sorrindo, sempre com ar de diversão quando na verdade passam por cima das pessoas destruindo tudo no caminho.

— Eu não ligo muito para o que as pessoas acham — ai que inferno de palavra terrível, moça! Eu corto, irônica e caminho até a cadeira onde está o casaco da farda dele. Ele está só com a calça e uma camisa branca. Tão engomadinho, parece um soldado de filmes da Barbie. Mesmo em “serviço” ele foi à festa, mas não de farda completa.

— Já percebi. Espero que seu “*amigo*” não tenha vindo com você ou terei que prendê-lo de verdade, apesar do apreço que tenho pela Amanda — falo sério e ela fica me olhando como se eu tivesse dito algum absurdo.

— Hum, entendo — apreço pela Amanda? Sei, deixa o Liam saber desse sentimento nobre. E prender de verdade é como? Não sei como seria de mentira, a não ser quando é com strippers. Meu alter ego ri. Eu o ignoro enquanto mexo na jaqueta dele.

— O que acha que está fazendo? — agora ela vai tentar me roubar? Ela é maluca, com certeza, mas tem pernas incríveis e nessa posição é o quê? Um teste. Não olhe para ela Ed! Eu desvio o olhar e pigarreio.

— Achei — digo pegando um lenço branco em um bolso interno. — Sabia que velhos como você sempre têm um desses escondido — ele me olha estranho e eu passo direto até o fim do corredor. Acho o banheiro e umedeço uma das pontas. Retorno e fico em pé diante dele. — Senta, você é muito grande — ele senta num ato reflexo, sobre a borda da mesa e me indaga com os olhos. Eu começo a limpar o sangue do rosto dele, muito concentrada. Se ele soubesse quantas vezes eu já fiz isso, inclusive em mim. — Acho que

quebrou — nossa, ele parece que emana calor. Não Meg, não vá por aí...

— Não, não quebrou. Você quase conseguiu quando me deu aquela cabeçada — ela está muito perto agora e sinto o seu perfume. É um misto de cítrico com doce, como tudo nela, que te atrai e pode te matar. Eu me esforço para manter uma expressão fria e impassível.

— Foi um reflexo, eu fiz defesa pessoal — nossa! Eu sou mesmo marcante não? Eu penso terminando de ajeitar o nariz dele e pego a outra ponta pressionando contra o nariz escorrendo dele. Sangue é uma coisa estranha não?! E ele é tão grande, forte e ... Ei, Meg? Sai dessa sua bocó.

— Então, porque não me derrubou? — pergunto para mudar o rumo dos meus pensamentos, ainda mais nessa posição onde vejo claramente até onde o decote dela vai. De defesa pessoal eu entendo e é algo masculino, e que me lembra corpos agarrados. Droga! Lembro do dia do rato e de como ela pulou em meu colo, ficou perfeita ali. Para com isso amigão, estamos falando da dona Encrenca. Esse nunca foi o seu tipo.

— Sério? Olha para você, montanha! — Sorrio e olho para ele entortando a cabeça. Não tenho uma resposta legal para isso. Eu meneio a cabeça. — Não sei como você não derrubou o Ben — volto para o Ben, não devia olhar para ele tão de perto. Ele é tão másculo e ao mesmo tempo parece seguro. Seguro Meg? Sério que é isso que tem em mente agora?! Eu sinto que se continuar aqui vou corar. Merda!

— Não tentei — e não fiz mesmo. As acusações do Petri me irritaram, eu confesso, mas pelo fato que me lembro da cena ridícula que fiz, apesar de que nunca fui impulsivo. Eu sei que eles devem ter algo, o cara parecia um maluco e isso me causa um desconforto, mas não é problema meu... — Ele estava te defendendo — de qualquer forma se tivesse no lugar dele faria o mesmo.

— Como se você se importasse — seguro a mão dele pondo por cima do

lenço e fazendo pressão. Ele é quente também, parece que está com febre. Droga! — Segura — detesto quando ele faz essa cara de senhor da ética. Faça-me o favor homem, você tem sangue de barata? Não, tem não, é bem vermelhinho. Ele faz uma careta esquisita. Eu solto a mão dele.

— O que quer que eu diga? — droga, ela está me pressionando aqui. Ainda mais assim, parada no meio das minhas pernas, me olhando tão de perto com esses olhos azuis tão límpidos e ao mesmo tempo parecendo esconder algo. E agora eu quero saber o que é. Eu não conversei com ela diretamente sobre as “palmadas” e as coisas meio que passaram. — Eu sou um idiota filho da mãe e agi de forma errada com você. Não importa o que você disse sobre mim e Melissa, eu sei que era provocação e aceitei...

— Sério? — corto. O Ogro me encara, mas sua voz é controlada. Ele não tem nem um pouquinho de impulsividade? — se você quisesse teria me partido ao meio. Olha para você, é o dobro da minha pessoinha aqui — dou um sorriso torto. Suavidade Meg, use seu dom para tornar as coisas sem importância e triviais.

— Eu te ... — eu olho para ela e esse jeito que tem de tornar tudo leve, mesmo quando faz a maior confusão. Eu sinto vontade de rir. Ela é meu oposto completo.

— O que você fez foi uma reação bem estranha, mas eu diria que de caso pensado. Típico de quem gosta de controle, Freud explica — ele me olha esquisito e eu sei que ele vai falar das “palmadas”. Droga! Esse homem é imune a uma mulher bonita? Porque eu sei exatamente o efeito que causo e eu estou tão perto dele, eu passo a língua nos lábios numa clara intenção de provocar. Ele engole em seco, mas não vejo desejo em seus olhos. — Olha, não foi nada, tá bom. O Benjamin resolveu que vai dar uma de irmão mais velho, é só isso. Ele é um tanto impulsivo — torço a boca e desvio o olhar. Mudo de postura... Odeio a forma como ele me olha tal qual eu fosse uma

criança birrenta e por mais que eu esteja tentando, eu não consigo levá-lo para o jogo que eu sei jogar.

— Talvez vocês sejam mesmo irmãos — digo e sinto que queria que isso fosse verdade. Agora eu fiquei idiota de vez!

— Isso é sério? Está me provocando xerife? — ótimo, o Ogro faz piada! Eu estou de costas, não vou olhar para ele. Eu cruzo os braços na defensiva. Olho para um mural na parede a minha frente...

— Não, você é Encrenca e eu não brinco com fogo. Isso é para a turma do Liam — eu digo isso e começo a sair dessa posição, antes que eu faça alguma besteira como puxá-la de volta. Ela estar de costas para mim agora, não facilita em nada as coisas... Se ela soubesse.

— E você não é da turma? — ele fala e eu ouço um barulho e sei que saiu da mesa. Eu arqueio as sobancelhas e ponho as mãos na cintura voltando a ficar de frente. Isso é calculado, sei que meus seios ficam maiores com esse movimento e meu decote abre mais. Ei? Estou me exibindo aqui! Ele nem sequer parece notar.

— Não da família de incêndios. Sou mais da velha guarda — me seguro para não olhar o busto dela, inferno, ela é mesmo bonita. Jogo o lenço no lixo e ela me segue com os olhos.

— Velho define você — digo irritada pela indiferença dele.

— Acho melhor você ir — é melhor acabar com isso agora, um homem tem limites. Eu pego lenços de papel.

— Claro, a indesejável já vai — saio e no meio do caminho retorno e ponho apenas a cabeça para dentro da sala. A provocante sutil não cola com ele. Mas por que você quer provocá-lo, Cobalsk? Pro inferno, farei a arrependida. — Sério, desculpe pelo Benjamin — ele me olha e nada. Deus! Alguma coisa tem que causar uma reação intensa nesse homem. *“Xingue a mulher-morta dele”*. Meu alter ego irônico.

— Eu sou “*um merda*”, filho da mãe mesmo e ele só estava te defendendo. Foi isso e fim de conversa. Pode ir agora — ela abre a boca em um “O” gigante. Eu a observo com uma sensação estranha. Deus, eu preciso que ela vá embora. Apenas vá, dona Encrenca.

— Você xinga? — sim, pela terceira vez hoje, não me lembro de ele fazer isso antes e isso me faz sentir... esquisita? Isso foi uma reação intensa, não? Dele ou minha? Que se dane. Eu sorrio.

— Moça, eu já disse que devia ir, então, vá de uma vez — corto, porque já estou no limite aqui e ela me olha espantada e algo irritada.

— Olha, eu não sei nada da sua mãe, mas não precisa se preocupar, eu tive muitas delas e muitos pais e o que você fez não chega nem perto do meu limite. Eu sou resistente, gigante — a voz dele tinha aquele tom irritante de “*eu sou adulto*”. Ele desvia o olhar exalando com força. Eu sorrio meu melhor sorriso. Ele franze o cenho voltando a me encarar. A agredida o atinge? Acho que sim. — Vou embora antes que essa conversa fique mais esquisita do que já está — ele contrai os lábios e não sei se é sorriso ou desdém? — e eu não sou sua amiga, mas não quero que tenha seu nariz quebrado por minha culpa, mais que o suficiente — ao menos posso dar voltas na mente dele. Meu alter ego pisca para mim.

— E quanto é o suficiente, dona Encrenca? — seguro um sorriso, ela ainda vai me deixar maluco. Não sei se faz de propósito ou se nem percebe o quanto ela é provocante, mais ainda quando não está toda montada em salto e maquiagens excessivas.

— Não sei, depende do quanto você me irritar — ele está se divertindo comigo? Eu realmente odeio esse cara e estou me arrependendo de ter vindo aqui. “*Só porque não conseguiu o que queria?*” Pro inferno consciência idiota! Ele faz cara de confuso. — Tipo quando me chama de moça, porém dona Encrenca não é tão ruim — eu pisco pra ele e aceno. Não vou sair por

baixo. — Adeus, Ogro.

Eu saí rodando a chave do carro na mão feliz comigo porque vi a cara que ele fez quando pisquei. Ele não é tão indiferente assim. Meu sorriso toma todo o meu rosto e eu estou indo para uma certa festa de noivado, afinal, chega de estresses, confusões e barracos por hoje. Mais tarde eu falo com meu amor de pavio curto. Estou falando do Benjamin, meu eterno amor, platônico, e eu ainda o convenço um dia.

...

Ela me pegou quando piscou para mim. Droga, ela vai do drama à diversão em segundos, como consegue? Eu não resisto e sorrio feito um bobo quando ela sai e eu estou lá parado ainda vendo as costas dela no mesmo lugar que estive antes. Sacudo a cabeça, dona Encrenca, proibida para mim...

Capítulo cinco

Meg, a provocadora

Já são quase dez da noite, a Amanda e o Liam estão... Não sei onde, mas sei fazendo o que. Um sorriso aparece em meus lábios. Minha amiga tão insegura e antissocial agora tem um montão de amigos, um noivo príncipe e provavelmente filhos. Eu ouvi o Liam falando algo sobre adoção, ele não sabe que marcamos um médico em busca de uma provável inseminação. Eu faço até barriga de aluguel se a Amanda precisar. Na verdade dou minha vida pela felicidade dela. A única pessoa que me amou de cara, sem reservas, além dos meus pais. Meus pais... Eu só tinha cinco anos quando morreram.

O casalzinho aparece sorrindo e cochichando. Eu olho para eles e sorrio piscando os olhos como uma mocinha de novela romântica, bem longe de mim. A Amanda se aproxima e beija minha testa e me abraça apertado. O Liam está apoiado na soleira da escada e sorri para gente.

— Acho que seu noivo curte um show — falo devolvendo o abraço.

— Meg! — Ela afasta a cabeça para me olhar, mas tem um sorriso condescendente no rosto. — Chega de dizer bobagens, sabe que não assusta o Liam? — ela ergue as sobrancelhas.

— Não? Tinha certeza que ele tinha medo de mim — brinco e o Liam se aproxima sorrindo.

— Ótimo, todos felizes como se nada tivesse acontecido! — Droga, o Benjamin.

— Oi, que bom que você chegou — Amanda fala ignorando o humor dele. Ela tem esse dom de ir levando as crises dele até não poder mais. Santa Amanda! — Está com fome? Nem comeu mais cedo.

— Isso porque fez muita falta — falo olhando-o nos olhos e me espreguiçando.

— Você — ele aponta para mim. — Para a varanda, precisamos conversar — o quê? Sermão? Nem morta.

— Vai comprar um cachorro Benjamin, você precisa relaxar. — eu faço a despreocupada e vou saindo. — Ou, então, pede o da Amanda emprestado, o Filho é ótimo — ao ouvir o nome dele a bolinha de pelos, preguiçosa, mexe as orelhas.

— Certo, Meg, você quer que eu te siga até o quarto, eu farei isso! — Ele soa zangado e começa a andar atrás de mim.

— Amei a ideia querido — inclino a cabeça de lado e sorrio, embora esteja de costas para ele isso lhe dá uma boa visão de mim — Por que não pega vinho e duas taças.

— Você acha isso engraçado? — ele me puxa pelo braço.

— Muito — digo sem olhar para ele.

— Ele bateu em você, Meg — nossa, a bomba atômica foi lançada bem aqui! Fim dos tempos.

— Benjamin, ele me pôs sobre os joelhos e me deu umas tantas palmadas — eu o encaro perdendo a paciência.

— E você acha isso pouco? — ele arqueia as sobrancelhas.

— Considerando que eu o chamei de gay, ofendi sua mulher morta e ainda nocauteei seu nariz... — Ben franze a testa.

— Você o quê? — ele me solta. — Mas que droga, por que fez essas coisas? Qual o seu problema? — e lá vamos nós com essa de “*eu sou sua família*”. Sempre foi assim desde que me conheceu, eu tinha um problema e o grande irmão vinha me socorrer. Droga, eu cresci!

— Eu causo problemas, você sabe — friso a palavra causo.

— Sim, já tirei você de vários — ele me diz com um olhar que me traz lembranças que não quero agora, ou melhor, nunca.

— Meu salvador! — Ironizo, não sou de me fazer de vítima. — Sua irmã é

a Amanda, você lembra, não? — toco na ferida dele e vejo a mágoa em seus olhos. Isso mesmo Benjamin, eu não sou sua irmã e tão pouco uma pessoa sensível e delicada. Eu sou uma das garotas más.

— Por que faz isso? — dou uma fungada e cruzo os braços desviando o olhar. Ele está me pressionando aqui. Olho em volta e não vejo mais o Liam nem a Amanda. Traidores, saíram e eu nem percebi, mas quem ficaria nesse fogo cruzado? Eu sei que a Amanda apoia a atitude superprotetora do Ben comigo.

— Isso o que Benjamin? — pergunto porque sei que ele levará isso ao extremo. Eu não quero ser a frágil que ele cuida, eu quero ser alguém em quem ele dá “*uns pegas*” ... Uns não, vários... Eternos pegas.

— Eu estou aqui por você, Meg e tudo que faz é me agredir — oi? Agora ele é sensível? — eu sei que com a Amanda eu falhei pesado, mas eu tenho o mesmo apreço por você e...

— Eu não sou sua irmã, que droga! Se toca Benjamin — digo irritada e num impulso me aproximo dele. Ele me pega pela nuca com uma mão e num puxão eu estou com o nariz colado no dele. Ben me olha duro, como se estivesse com... Medo? De quê?

— É como se fosse, aceite isso! — Ele diz entre os dentes e parece ter raiva... De mim? — eu vou defender você, nem que seja de você mesma — eu sei do que ele está falando. Personalidade autodepreciativa e destrutiva... Tantos psicólogos quanto pais e mães adotivos...

— Mas eu não sou e não quero ser, aceite você isso — falo e num impulso encosto meus lábios nos dele. É mais um encontrão que um beijo, mas eu consegui tocar a boca dele com a minha.

— Porra, Meg — ele diz se afastando de mim de forma brusca e esfregando a mão nos lábios como se os limpasse. Agora ele tem nojo de mim? Primeiro medo e agora isso? Eu sou suja? — nunca mais faça isso —

finalmente ele se afasta e eu me sinto muito estranha, como se tivesse feito algo muito, mas muito errado mesmo. A sensação de vazio absorve meu íntimo. Que droga de sentimento é esse? Ele devia ter me beijado de volta, não?!

— Você ainda vai implorar por isso. Por enquanto, volta para suas noites de jantar e sexo com as “*Melindas*” da vida — digo e ainda consigo dar um dos meus sorrisos fantásticos, embora saiba que meus olhos não expressam nada de confiante e vitorioso. Eu o olho nos olhos, vejo uma desolação gravada em seu rosto, antes de sair para o meu quarto e me afundar em lágrimas.

É esse o efeito que o Benjamin tem em mim na maioria das vezes. Ele me frustra. O único cara que não me vê como um pedaço de carne, que me vê de verdade e não tem interesse nenhum em mim. O problema é esse, ele me vê de verdade. Quem teria interesse me conhecendo assim? Eu fui jogada de casa em casa como um móvel fora de moda, inadequado... Sempre criando problemas e ele sempre me salvando. Meu eterno príncipe encantado, pena que eu não me encaixo na figura da princesa delicada que precisa de um “*homem*” para torná-la uma rainha! As lágrimas me irritam e eu as limpo com força. Eu não sou uma vítima, não mesmo. Não quero ser essa pessoa deplorável, carente e perseguidora. Droga! Por que eu tinha que me apaixonar logo por alguém assim? Tão eu? E o pior, teima em me ver como uma “*irmã*”. Eu não tenho irmãos... Tenho a Amanda, só.

Quer saber? Sou a Meg e eu faço acontecer. Repito em minha mente várias vezes, mas meu coração grita por um colo. A Amanda está ocupada e de qualquer forma não quero que ela fique triste e dividida, ele é o irmão dela, afinal, o irmão de verdade. Minha carência afetiva agora grita, eu só posso estar na TPM. Me olho no espelho e tenho aquela cara de cachorro pedindo socorro... Eu lembro do Eduard, o Ogro. Por quê? Droga cérebro,

qual o seu problema. *“Ele não te olha como um bife!”* Meu alter ego tem humor negro, só pode. Ele não me olha como um bife porque ele é gay! Eu grito para mim mesma. Escuto alguém bater à porta.

— Meg? Tá tudo bem? — a Amanda fala sem abrir a porta, provavelmente ela escutou eu batê-la com força e o meu ataque de monólogo agora há pouco.

— Estou bem, Mamá — forço uma voz normal.

— Sério? — ela entra. Eu não tranquei a porta. — Brigando com o Ben de novo? — ela diz, mas não é uma repressão e sim uma forma de me dizer que sabe o que eu estou sentindo.

— Nada além do normal — digo ainda no banheiro de frente para o espelho.

— Eu vou dormir com você — a escuto dizer e ouço o barulho dos lençóis.

— O Liam não vai gostar disso — retruco de birra, não quero parecer uma coitada. *“Você é uma coitada! Acabou de levar um toco memorável!”*

— O Liam vem depois de você e do Ben na escala — ela diz e eu sei que está sorrindo.

— Ele sabe disso? — devolvo. — E qual é essa escala mesmo?

— Deixa eu ver... Você, depois você e depois você um zilhão de vezes, então, o Benjamin umas duas vezes e o Liam! — Ela fala bem sério em seu tom de voz, mas sei que quer me fazer sentir bem. De qualquer forma adorei a parte do zilhão de vezes.

Eu tomo um banho quente bem demorado e quando saio a Mamá já dorme profundamente. Eu me aproximo e deito ao seu lado na cama, me afundando em um sono sem sonhos ao lado da minha amiga/irmã. Preciso do meu sono de beleza, não vou perder isso por ninguém, nem pelo Benjamin. E quer saber? Amanhã é um novo dia e ninguém verá a Meg caída.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo seis

Meg X Betsy - 2º round!

Eu acordo com uma baita ressaca, só que moral. Pensei que uma noite de sono mudava tudo, mas essa não mudou muita coisa não. Para piorar estou morrendo de vergonha do “*Benjibocó*”. Ai que homem idiota! Eu viro para dar de cara com dois olhos castanhos me encarando.

— Que é isso? A hora do espanto? — corto logo e ela sorri para mim.

— Bom dia para você também! — Ela diz e me abraça. Ficamos as duas de cabeça colada, olhando para o teto tal qual fazíamos quando criança. Eu escuto a fechadura da porta e nós duas nos sentamos surpresas. Será que é o Ben? Ele sempre vinha para o nosso quarto pela manhã.

— Estão vestidas? — o sorriso da Amanda toma todo o rosto e eu reconheço a voz do Liam. Ele entra e quase tropeça na bola de pelos que pula na cama sobre nós duas. — Ei, Filho, não derruba o papai — ele é lindo de manhã também e eu vejo que minha amiga é uma sortuda. O “*bombeirão*” ainda está de pijama, uma calça listrada azul clarinho e camisa branca. Ele quase derrubou uma bandeja cheia de coisas quando tropeçou no Filho. — Bom dia, princesas, olha o que eu e o garotão aí preparamos para vocês — ótimo, ele também é maluco. Afinal, tinha que ter um defeito né gente?! O Liam sorri todo encantador.

— Quem é o cachorro mais lindo do mundo? — a Amanda faz voz de bobona brincando com o “*pelucinha*”. Até que ele é fofo mesmo. Sorrio.

— Pensei que você ia querer me matar depois da noite de ontem — falo para ele enquanto coloca a bandeja próxima a nós duas na cama.

— Não — ele se senta nos pés da cama e vejo que tem bastante coisa para uma bandeja só. — Até pensei em algumas coisas, mas não posso disputar a Amanda com você — ele pisca para mim. — Eu perderia feio.

— Então, está propondo um *ménage*? — sorrio para ele.

— Margarete Cobalsk, quer furar meu olho? — Amanda brinca jogando um pedaço de pão em mim.

— Não, apenas uma relação moderna a três — eu tento ficar séria, mas começo a rir e logo estamos os três envoltos em risadas.

— Não, dona Meg, fico lisonjeado com sua proposta...

— Fica é? — Amanda interrompe e agora joga pão nele.

— Deixa eu terminar, amor — ele pega o pão e come. — Eu já tenho dona, e ela me basta — ele diz todo meloso.

— Ótimo, porque se você...

— Já sei — ele me corta. — Você corta fora... — não termina a frase, mas já sabemos o que ele diria.

— Muito bem — falo séria.

— Meg? — ele fala, e eu e a Amanda o encaramos curiosas. — Você é minha cunhada, portanto é da família. Não importa quando, onde, por que... Sempre que precisar, não precisa nem chamar, a gente te acha — ele sorri e eu sei porque ele conseguiu quebrar as barreiras da minha amiga.

— Um príncipe! Eu sempre soube — desconverso antes que comece a ficar melosa de novo. — Pena que eu sou da classe das bruxas — sorrimos e continuamos o café, mas eu vejo o olhar de gratidão da Amanda para ele. Ah, o amor!

Após esse despertar romântico nós duas nos arrumamos cientes de que já é bem tarde. Amanda e eu decidimos sair para conversar, comprar suprimentos para casa e na verdade para que eu fique longe do Benjamin. Eu irei embora no fim da tarde, mas ainda tenho esse resto de horas para curtir minha amiga. O Ben ainda está zangado pelo beijo. E eu, claro, estou feliz, aquela satisfação que pessoas como eu, tem em causar reações extremas nas pessoas, mas, mesmo assim, sinto um aperto estranho no peito. A sugestão de saída foi

do Liam e eu aceitei de cara. Ele ficou em casa, acho que pretende dar conselhos ao Ben. Como se aquele bocó ouvisse alguém.

Entramos num monte de lojinhas e ao sair vemos que o cinema está com um clássico: O Grito, de Alfred Hitchcock. Eu olho para ela abrindo um sorriso estranho.

— Nem vem, Meg, quem em nome Deus passa um filme desses numa sessão às três e meia da tarde? — eu hein?!

— Uma cidade no fim do mundo onde você encontrou o amor da sua vida! — Ótimo, eu deveria ser advogada.

— Sério? — Amanda arqueia as sobrancelhas.

— Seríssimo, por favor Mamá, eu queeeeeeeeeero! — Imploro e sei que ela vai ceder.

— Você vai dormir só, viu?! E nada de ouvir barulhos estranhos e atacar pessoas com tacos de beisebol — mas que droga! Tinha que lembrar do Ogro logo agora.

— Ok, eu ouço e obedeco, comandante — sorrio para ela e ela para mim. Lá vamos nós duas ver um filme “*típico*” de sessão da tarde.

Após o filme saímos e decidimos comer algo. Quanto mais eu protelar em encontrar o Benjamin, melhor. Ainda mais agora que ainda devo a ele uma boa grana pela ajuda com os alugueis e as despesas que tive quando saí do emprego. Merda! Não queria dever nada a ele, mas ele e a Amanda são o mais próximo que tenho de uma família... Família? Eu olho pra Mamá ao meu lado, de braço dado comigo. Podia ter pedido o dinheiro para ela, mas ela está em uma fase tão perfeita!

— Eu te amo, amiga! — Digo melosa e ela me olha surpresa e ao mesmo tempo com os olhos cheios de ternura. Eu sei que ela me ama também e a única pessoa que deixa me olhar assim. O Benjamin tenta às vezes, mas não é o que quero dele.

— Eu também te amo e pare de brigar com o Benjamin, você o magoa assim — oi? Ótimo, Meg a terrível devoradora de homens — Ei? Olha para mim — ela para na minha frente e pega meu rosto nas mãos. Minha amiga, tão forte agora! — Eu te amo e você é minha irmã, não escolho lados, mas ficaria muito feliz se vocês parassem com essa confusão eterna — faço que sim com a cabeça e os olhos cheios de lágrimas, não vou contar do beijo roubado. Na verdade do desastre de bocas!

— Agora chega, ou vai me fazer chorar — me separo dela e a puxo pela mão. — Vamos tomar sorvete e engordar — abro um sorriso, esse é sincero, mas também um desvio.

— Como se você engordasse — ela fala divertida. Nós entramos na lanchonete, fazemos os pedidos, eu, um banana Split e a Mamá um sundae com castanhas.

— Agora, me fale sobre você e o príncipe encantado e o casamento — ponho as mãos cruzadas embaixo do queixo piscando os olhos.

— Meg, você é uma maluca bipolar — ela suspira feliz. — Bem, depois da consulta e da possibilidade, nós estamos muito confiantes — ela sorri. E eu fico imaginando a Mamá e sua família, peço a Deus que ela possa ter um filho... — Eu já tive dois alarmes falsos e o médico disse que eu devo relaxar — ela fala um tanto tensa e eu seguro sua mão.

— Por isso a tia Meg trouxe os brinquedinhos — pisco travessa.

— O Liam ficou bem empolgado — ela cora e ri abertamente.

— Imagino. Então, foi por isso o café na cama? — sorrio divertida e então, eu a olho nos olhos. — Relaxa Mamá, chegou a sua hora e você será feliz para sempre a partir de agora. Ainda temos a consulta marcada, sobre a inseminação — ela parece franzir o rosto, e então, alarga mais o sorriso se isso é possível. O sorvete chega e começamos a comer. — Sabe, eu quero sobrinhos gêmeos — brinco.

— Meg, olha a pressão — ela responde e estamos entre risadas e piadas quando vejo a bruxa se aproximar, Betsy. Ela vem com os olhos faiscando na Amanda e fixa no anel da Mamá.

— Então, você conseguiu? Fisgou o Liam! — Ela fala ácida e a Amanda a ignora, eu pego a mão da minha amiga de propósito e aliso o anel.

— Sim, ela será feliz para sempre e você, bruxa má, dê o fora — provoco. Ela quer briga? Achou a pessoa certa.

— Claro, deve ter engravidado, o senso de ética do Liam falou mais alto — a Amanda perde a cor ao ouvir falar de gravidez e eu quero matar essa mulher.

— Qual o seu problema? — fico de pé.

— Tudo bem, Meg, vamos embora — a Mamá se levanta pegando a bolsa. Não mesmo.

— Estávamos aqui bem e ela vem encher — olho pra Amanda. — Senta, vou acabar meu sorvete.

— Você é tão ridícula, se escondendo, não sei o que o Liam vê em você! — Chega! Eu pego meu sorvete e jogo na cara dela. Ela faz cara de surpresa e eu sorrio.

— Ele é um príncipe, ela princesa e você a bruxa, é difícil ver a equação? — ponho as mãos na cintura e ela está lá ficando roxa de raiva.

— Você é uma maluca, vai se arrepender disso — ela vem em minha direção e lá vamos nós de novo.

Betsy tenta puxar meus cabelos, essa é velha, garota. Ficamos nessa, ela tentando me pegar e eu me esquivando. Eu dou uma rasteira nela e sento na bruxa e então, estapeio sua cara de cavalo. Eu desconto toda minha revolta e frustração dos últimos dias nela. Ela se desespera e começa a gritar e então, eu sinto braços fortes me puxarem pela cintura de cima dela. Eu dou um golpe de defesa pessoal, tal eu fiz no Ogro quando ele foi me prender uma

vez. O Ogro? Droga, eu conheço essa temperatura corporal. Eu viro para ver, e é exatamente ele. O “*montanha*” me segura firme e eu estou com o rosto colado no dele, a respiração ofegante e lá se vai aquela batida estranha onde eu supunha que deveria estar meu coração.

— Prenda ela, xerife! Eu quero essa louca atrás das grades! — Betsy grita toda descabelada e eu a olho sorrindo.

— Calma, Betsy, vamos esclarecer as coisas por aqui — mas que droga essas duas estão fazendo. Eu seguro a dona Encrenca, e ela parou de tentar me bater. Consegui me livrar de um novo machucado no nariz para minha coleção. Ela parece um animal selvagem, como se passasse a vida toda brigando nas ruas.

— Esclarecer? Todo mundo viu que ela me agrediu. Eu quero essa suja presa no inferno — a bruxa tá fora de si. Eu aumento meu sorriso.

— Você pediu pelo inferno querida, acabou de abrir a porta dele, seja bem-vinda — digo e as mãos do xerife ainda estão em mim. Eu me sinto... Segura? Que sensação idiota é essa Meg? Homens não dão segurança, dão problemas.

— Ei? Chega — digo em alto e bom som e as duas brigonas me encaram. — Betsy, se quer prestar queixa tudo bem, mas vai fazer isso no vocabulário adequado e eu vou apurar a situação — sei muito bem que a dona Encrenca tem culpa aqui, mas a Betsy não é santa, então...

— Como você... — Betsy começa de novo.

— Eu conheço você — corto, antes que fique o dia todo ouvindo discussão. — E você, pare de responder. — digo a dona Encrenca antes que ela provoque mais e vejo um brilho estranho em seu olhar. Mas por que diabos ainda estou segurando a cintura dela? Nem está mais reagindo!

— Sim, senhor — falo e estalo a língua, sei como isso é irritante e percebo o maxilar do Ogro se contrair. Ponto pra Meg!

— Dê o fora — digo duro soltando-a e dando um empurrão de leve para que ela saia, mas minha vontade é de rir, ela parece uma criança birrenta. Meneio a cabeça. — Amanda, pode levar a moça aqui e deixá-la fora de problemas por um tempo? — a vejo revirar os olhos ao ouvir a palavra moça. Pigarreio para conter o riso e a Amanda diz que sim. É uma atitude boba, sempre que a chamo de moça ela revira os olhos e em vez de me irritar isso me faz querer rir...

— Você não pode...

— Posso, eu sou a lei aqui — corto a Betsy de novo. — Você vem comigo, vamos a um pronto socorro e depois você prestará sua queixa — a Betsy ri com um ar de vitória e eu percebo que isso é como um doce sendo exposto na frente da dona Encrenca.

— Até breve, bruxa — provoco porque não posso perder a cara dela ao me ouvir e porque a última palavra é a minha. Saio com a Amanda, mas não antes de dar uma olhada no xerife e ver que ele está segurando o rosto da trevosa, avaliando os danos. Isso me irrita. Não quero que ele cuide dela. Não quero que ele toque nela, nem a olhe, nem... O que é isso Meg? Ficou maluca de vez? Deus, minha cabeça, com certeza, não está boa...

Capítulo sete

Encrencada

Chegamos em casa ainda rindo da confusão com a Betsy e a Amanda me dando sermão entre sorrisos. A Betsy merecia pior, e a Mamá sabe disso, embora não admita. Ela não é de briga, faz a fina, mas eu sei que pensa tal qual a Meg aqui, afinal temos muitas histórias para lembrar e nelas sempre protagonizávamos confusões. Assim que descemos do carro eu vejo o “*Benjibocó*” saindo de casa. Droga, todo perfeitinho em seu terninho e com sua malinha de mão. Ele podia... Sei lá... Feder?

— Achei que não iria me despedir de você — ele fala pra Mamá. — Então, quer dizer que o centro dessa cidadezinha tem tantos lugares assim para atraírem uma mulher como você? — ele a puxa num abraço.

— Ei senhor carente! Eu não me lembro de você ser assim tão afetivo — ela provoca e ele aperta o abraço. Ótimo, eu faço o quê? Fico assistindo e chupando o dedo? Começo a andar em direção a porta.

— Ei, sua pilantra, nem pense em se esconder — é comigo? Ele solta a Amanda e segura meu pulso. Me mantenho a distância, afastada dele e com o braço esticado. — Vem cá.

— Não, estou sem tempo agora — digo séria. Nem a pau que vou ser a Meg coitadinha.

— Meg, qual é? Vamos ficar brigados para sempre? — sério? Agora quer fazer as pazes?

— Benjamin, por que você não vai se ferrar? — digo e puxo meu pulso, então, ele me puxa de volta e me agarra. — Ei — ele me aperta.

— Não vou soltar até você me perdoar — ele diz agarrado a mim e eu estou com raiva dele porque não consigo odiá-lo. Isso não tem lógica, eu sei...

— Então, vou morrer sufocada aqui — perfeito, vamos ficar nisso quanto tempo mesmo.

— Desista! — Ele diz e começa a rir.

— Eu estou fora dessa confusão de vocês — a Mamá fala me deixando a sós com ele. Não mesmo. — Só não se matem.

— Ei, não me deixa aqui sua traidora — grito e Benjamin ri mais ainda.

— Nem pense nisso, Amy — sinto o aperto afrouxar por segundos e ele puxa a Amanda para o abraço.

— Ah, mas que droga, Benjamin. Nem vem com essa de abraço triplo — me esforço para sair e os dois me apertam entre eles.

— Nem adianta, estamos te dando amor, carinho, atenção, é a corrente da...

— Idiotice — corto ele e sei que faz isso de propósito, não tolero tanto cuidado assim por muito tempo a não ser que seja um amasso com um cara gostoso ou a atenção da minha amiga quando ninguém está presenciando.

— Não adianta, nós derreteremos seu coração, Meg — ele insiste.

— Eu detesto isso — bufo.

— Então, desista — ok, não quero ser torturada. — Diga que me perdoa e que ainda me ama.

— Eu te perdoo e você é um imbecil — falo zangada.

— Isso já serve por hora, agora devolva o abraço — ele é terrível, tento me lembrar porque gosto mesmo dele... Eu o abraço de volta. — Viu?! Não foi tão ruim — ele se afasta e me olha nos olhos. — Somos uma família — quer saber? Eu dou-lhe uma joelhada bem lá — Droga, Meg! O que acha que está fazendo?

— Agora eu perdoei você de verdade — digo já distante dele e com meu sorriso de sempre no rosto. — Você devia saber, querido, nunca abrace se a garota não quiser — ele me olha zangado, mas não dou a mínima. Não tenho

mais doze anos para essa idiotice de abraço grupal. Não gostava na época, nem gosto agora.

— Maluca, vai ter troco — ele diz, mas sei que nunca triscaria um dedo em mim.

— Até a próxima, amor — pisco e entro em casa. Que se dane, não me quer para as cenas quentes, não vai me ter para pet não.

— Eu também te amo — escuto ele gritar e sei que é provocação.

A Amanda entra logo depois que escuto o barulho do carro e vem na minha direção. Se fosse outra pessoa seria um longo sermão, mas é a minha Mamá...

— Sério? Quer me impedir de ser tia? — ela fala rindo.

— Ele é forte, não se preocupe e provavelmente seu sobrinho já está por aí em algum lugar — ela fica séria. — O que foi?

— O que ele fez, Meg? — droga, a pergunta fatídica.

— O de sempre — desconverso e quando ela abre a boca para fazer mais uma pergunta terrível alguém bate na porta. — Eu atendo — ótimo plano de fuga.

Eu pulo do sofá e corro para abrir e para minha surpresa encantadora, é o Ogro. Mas que raio de dia é esse?

— Não temos pão, volte outro dia! — Eu vou fechando a porta e ele põe o pé. Ótimo, medir forças com ele nem rola né?!

— Muito engraçado, moça — ela revira os olhos e eu não preciso fazer muita força para entrar na sala. — Preciso conversar com você.

— Meg, não seja mal-educada — a Mamá vem em defesa do “*montanha*”.

— Ui, estou cotada hoje. Espero que não envolva abraços triplos — eu falo sarcástica e me afasto consideravelmente do senhor músculos. E que músculos. Ele tem o quê? Dois metros?

— Não sei do que está falando, mas vou ser direto — abraços triplos? Não quero nem imaginar o que seria isso. — A Betsy não vai dar queixa e nem haverá processo, desde que você deixe a cidade ainda hoje — eu falo e vejo que o rosto dela se contorcer em revolta. Ótimo, modo Encrenca ativado, lá vamos nós outra vez.

— Sério, Ed? — a Amanda entra na conversa e parece chateada também. — Isso é muito estúpido da parte dela.

— Sim, é sério, Amanda — coitada, com uma amiga maluca dessas. Não entendo como as duas se tornaram amigas, são tão diferentes.

— Ela é o quê? A dona da cidade? — que mulher terrível. — Pois só por isso, vou ficar um ano aqui — eu cruzo os braços e ele me olha com cara de poucos amigos.

— Não vai não — ela enlouqueceu mesmo. Onde pensa que está? No faroeste disputando forças? E esses braços cruzados assim? Não olhe amigão... — Se ficar, acabará sendo presa e as únicas celas que têm aqui são da minha delegacia — ela presa comigo? Não, isso já é de enlouquecer um homem. Ela estreita o olhar para mim e eu não sei para onde olho, seu busto, seus olhos, seus lábios... Pigarreio e coço o nariz tentando desviar minha atenção aqui.

— Quer saber? Que se dane, você, a bruxa e essa cidade idiota de caipiras — digo irritada, tenho vontade de pegar aquele taco da Mamá e rachar a cabeça da monstra.

— Meg! — Mamá me repreende, eu não ligo.

— Tudo bem, Amanda, não vou levar em consideração desde que ela vá — quero que ela vá logo. Essa mulher me faz sentir coisas... Coisas que não devo sentir...

— A indesejável já vai! — digo chateada e saio em busca das minhas coisas. Da próxima vez que encontrar a bruxa eu arranco seus olhos.

— Meg, não fica assim... — ainda escuto a frase inacabada da Mamá antes de sair da sala.

...

Pego minhas coisas e me despeço da Mamá enquanto o Ogro ainda está lá parado olhando para mim. Eu ajeito minha mochila nas costas e o encaro.

— O que está esperando? Acha que vou fingir que fui? — eu sei que estou com os olhos faiscando de raiva e isso piora quando percebo que ele parece querer rir de mim.

— Procedimento padrão, eu te levo até o ônibus — falo isso e sei que ela vai querer me matar, mas não vai conseguir, nem com essa raiva toda.

— Eu odeio você! — Digo entre os dentes e passo por ele saindo pela porta.

— Desde que pegue o ônibus — a sigo até o carro e tomo meu lugar. Ela diz que me odeia e eu deveria me chatear por isso? Não, ela é uma provocadora, está apenas querendo uma briga. — Tchau, Amanda — eu aceno do carro e buzino.

— O Liam sabe que você se derrete todo para a Mamá? — pergunto para o Ogro. Vou fazer o que ele diz, mas não disse que serei agradável.

— Não, porque isso não existe, mas se você insinuar algo do tipo tenho certeza que ele sabe que você tem problemas de cabeça — falo sério e vejo que ela abre mais os olhos surpresa. — Você fala demais, deveria aprender a manter a boca fechada. — continuo e sei que estou me arriscando aqui, mas a dona Encrenca fica mais bonita ainda zangada. *“Não vá por aí Ed, você ainda vai se queimar!”*

— Eu não me lembro de ter pedido conselhos seus — cruzo os braços, mas dessa vez não é provocação, é birra mesmo. — Apenas dirija Ogro, não fale comigo — ele ri torto e eu quero matá-lo, mas que ele é bonito é, e droga, está com perfume? Um perfume maravilhoso? Ele tem bom gosto! —

Eu odeio você! — falo mais para mim do que para ele.

— Está ficando sem imaginação? — será que me odeia mesmo? Não importa, não pense nisso Ed.

Eu não respondo, o silêncio é uma pirraça melhor que qualquer coisa. Vou apenas ignorá-lo! Ele também não insiste e fazemos o percurso em silêncio. Na rádio do carro toca Trouble da Pink e eu acho que é o meu hino. Na minha visão periférica o Ogro está rindo e eu acho que ele pensou o mesmo que eu. Não Meg, você não se identifica com ele em nada...

Já na rodoviária, eu compro minha passagem e ele me acompanha até a porta do ônibus. Eu entro e sento, poltrona na janela. Ainda o vejo lá fora esperando o ônibus sair e ficamos os dois nos olhando, que coisa esquisita. Será que ele pensa que se for embora eu vou descer? Cara doido e gostoso. Que bobagem é essa Meg? Mas que ele é, é sim. Dois metros de músculos, loiro e ainda fardado! Acho que bati a cabeça mesmo...

Ela entra no ônibus e eu fico em pé, olhando-a. Sei que não vai descer quando eu virar as costas, mas algo me prende aqui como um soldado na vigia. Ela senta e me olha da janela. Tem uma expressão estranha... Fica me analisando de onde está e eu não consigo desviar os olhos dela. Alguns minutos depois o ônibus dá a partida e sai. Percebo que ela se volta para frente, ainda com um semblante contrariado. Então, é isso, tchau dona Encrenca, até a próxima confusão...

Capítulo oito

De volta a rotina

A viagem de volta é uma droga, como podia se esperar, mas todo o caminho venho pensando no que vou fazer com essa minha vida maluca. Preciso de um emprego, preciso de mudanças urgentes. Agora mais do que nunca não posso ficar dependendo do Ben. Ele jamais me cobraria algo, ou jogaria a ajuda em minha cara, como forma de me humilhar, mas esse cuidado todo está me matando. Quando éramos jovens, tudo bem, afinal ele tem uns nove anos a mais que eu e a Mamá, mas agora que meus sentimentos por ele pedem mais, isso é uma tortura.

Eu chego em casa cansada, quebrada das chacoalhadas do ônibus e pago o táxi descendo desesperada por um banho e minha cama. De repente tenho uma sensação estranha. Algo como se alguém estivesse me observando. Busco em volta com o olhar e um arrepio frio me sobe pelas costas. Meneio a cabeça e entro no prédio, afinal, não é hora para dar vazão a sentimentos bobos. Eu subo até meu apartamento, rodo a chave na porta e assim que entro jogo-a na mesinha de canto. Quando estou quase no corredor em direção ao meu quarto, retorno e ponho a chave na porta dando algumas voltas. Uma sensação leve de segurança me toma.

Coisa esquisita essa de se sentir perseguida. Meg, você não é estrela! Meu primeiro pensamento é o Ogro. Mas que droga Meg, pense em outra pessoa. Isso deve ser porque ele é o único policial que você conhece. Ao menos o único que não estava lá por uma confusão que culminaria em seu retorno para o lar adotivo.

Chacoalho minha cabeça espantando os pensamentos negativos e retomo meu caminho para o banheiro. Após um banho maravilhoso eu me jogo na cama sem nem mesmo me preocupar com pijamas. Ainda dou uma checada

no e-mail e encontro um que me informa sobre entrevista de emprego, em meio a tantos outros de terror. Preciso mudar minha conta urgente, esse ou essa pessoa tem problemas sérios e eu já não acho mais tão inofensivo receber esses lembretes de show bizarro. Em um fim de semana foram quase cem... Quero o sono dos sem consciência. Aquele sem sonhos e que realmente te faz descansar. Me entrego aos braços de Morfeu e apago com o cansaço.

...

Acordo completamente refeita. Salto da cama, arrumo tudo e me olho no espelho. *“Essa é você, garota!”* Outro banho, o do despertar, meus cremes, minha maquiagem, uma roupa perfeita e lá vamos nós a mais algumas entrevistas de emprego. Tomo meu café reforçado, escovo os dentes e calço meu salto da sorte. Toda mulher tem um, eu rio para mim. Hoje vai ser meu dia.

Desço e espero meu táxi no saguão. A sensação de ser vigiada retorna e eu tento ignorar, mas quando saio e caminho até o carro, as coisas só parecem ficar mais intensas. Apesar disso, eu não consigo identificar algo estranho na rua que possa indicar algum perseguidor. E por que mesmo alguém me perseguiria? Me concentro na entrevista e em conseguir esse emprego. Parece ser uma empresa nova e isso é vantagem para mim porque tenho experiência. Sei que o Nate deu um jeito de estragar minhas referências, mas ele não deve ter atingido todas as empresas, não é?!

Chego ao local da entrevista, é uma revista de negócios, é bastante complicado, mas nada que eu não possa levar de letra. Após umas três candidatas eu entro. Atrás da mesa tem um super gato. Se o emprego não for meu, ao menos eu tive uma visão dos Deuses hoje. Eu sorrio encantada, mas comedida. Não é hora de paquera, mas de conseguir um emprego. Agora lá vamos nós para as referências e conseguir essa vaga.

— Olá, senhorita Cobalsk, eu sou Jonnathan Pariot — ele diz e tem um sorriso incrível. Hum, alto, moreno, bonito e sensual. Meu número. “*Você veio caçar ou arranjar trabalho?*”. — Sente-se, por favor — ouço e obedeço.

— Aqui está uma cópia do meu curriculum — eu entrego logo e ele pega olhando-o atento.

— Então, você tem uma grande experiência aqui! — Ele fala com uma voz grossa e rouca maravilhosa. Ai, ai os hormônios...

— Sim, eu gosto de me preparar bem. Fiz cursos, pós e sempre que posso vou a congressos e workshops — digo séria, mas nem tanto.

— Um, entendi. Quando se candidatou à vaga fizemos uma pesquisa. Espero que não se importe — ele explica e eu sorrio novamente.

— Não me importo, sei que é comum esse procedimento — que esse emprego seja meu, por favor Deus!

— Você seria nossa primeira opção, mas vou ser franco com a senhorita — ui, que formal. — Tem algo que me intriga. Por que a demissão do último emprego? Não há carta de recomendação — maldito Nate. Eu vou arrancar as minúsculas bolas dele.

— Tive um problema no último emprego — eu cansei disso, vou ser direta e se não me der o emprego, o que pode ser pior do que já tenho em minha vida? — o diretor do RH ficou, digamos... Interessado em mim — ele me olha surpreso.

— Por que não deu uma queixa? — sério?

— O senhor é homem, senhor Pariot. O que acha que aconteceria? — ele me encara sério.

— Estamos num mundo moderno, senhorita Cobalsk, as coisas não são mais como na idade média! — Ele diz em um tom direto, mas não rude.

— Claro, se eu tivesse provas — devolvo, não sou nenhuma garotinha desavisada. E não importa a época. Homens são homens.

— Entendo — ele olha o curriculum novamente. — De qualquer forma não há queixas contra você e agradeço sua sinceridade quanto ao tema da sua demissão. — ótimo, perdi o emprego. Me levanto e não vou fazer a derrotada.

— Eu é que agradeço o seu tempo — estendo a mão em sua direção.

— Não quer o emprego? — ele me olha surpreso.

— Quero, eu pensei que... — agora virei uma parva?

— Então, sente-se. Ainda não terminamos e tenho muitos detalhes para te passar. A empresa é nova — ele diz isso mexendo na gaveta, pegando papéis e coisas que provavelmente têm a ver com meu futuro trabalho. — Como pode ver, preciso de uma secretária urgente — ele sorri meio desconcertado.

— Eu posso resolver isso em dois tempos — brinco, mas mantenho a postura.

— Espero que em um tempo — ele devolve. — Somos jovens nessa empresa, mas o trabalho que fazemos é algo de família e damos muita importância. Por isso a busca por alguém inteligente e preparada — eu sou tudo isso, amor. — Teremos que fazer algumas viagens, espero que não se importe.

— Não, estou acostumada com isso — viajar com você? Eu encaro gato!
“Meg, você não tem jeito!”

Saio de lá com um sorriso de orelha a orelha. Meu emprego garantido e adeus *“Benjibocó”* e seu controle absurdo. Não sou mais uma coitadinha desamparada. Engula essa Nate bolas pequenas. Estou tão feliz que vou me dar um almoço de presente em um lugar com uma ótima comida. Vamos comemorar Meg. Os ventos mudaram e estão a seu favor. Aproveite, porque para você essas coisas duram pouco.

...

Já estou nessa rotina há algumas semanas e as coisas estão ficando

estranhas. O emprego é ótimo e o chefe nem se fala, mas as correspondências voltaram a chegar, agora no meu endereço novo e vídeos estão sendo enviados para meu e-mail, mesmo após mudar a conta. Não tenho ideia de quem esteja fazendo isso. E confesso que estou ficando com medo. Hoje o trabalho foi extenso e cansativo e peguei uma carona com uma colega. Ela me deixou na entrada da rua e eu estou ansiosa pelo meu carro que o mecânico ia entregar hoje em meu prédio. Eu desço, me despeço e começo a caminhar. Está tarde, mas é um bairro seguro e iluminado. Apesar disso, ouvir apenas meus passos no calçamento é algo estranho.

Eu tenho a impressão de ser acompanhada e viro para olhar. Nada. Eu retomo o caminho, mas olho algumas vezes mais para trás em busca de outra pessoa. Não fantasie Meg. Eu apresso o passo e o perseguidor imaginário parece apressar também. Meu celular toca e eu quase caio. Exalo com força e atendo. Nada. Nem um som de voz, apenas uma respiração idiota. Droga! Quem está fazendo isso está conseguindo. Eu começo a correr que nem maluca e só paro quando chego ao portão. O segurança abre no automático.

— Boa noite, senhorita Cobalsk — ele me cumprimenta e eu relaxo me sentindo a salvo. Que coisa idiota! Meg medrosa.

— Boa noite, Renan — sorrio para ele, mas minha voz sai estranha.

Subo pelo elevador e assim que chego em casa vou logo abrindo a porta. Paro, então, surpresa com uma caixa em cima da mesa. Uma caixa comprida, vermelha e com um laço. Não estava aí quando eu saí, o que significa que colocaram aqui. Quem entrou em minha casa? O temor retorna com tudo e minhas mãos gelam embora não contenha o impulso de pegar a tampa da caixa e abrir.

— Mas que merda é essa? — falo no susto e dentro da caixa tem um monte de rosas pretas envelhecidas amarradas com um laço de fita vermelho com um pingente de coração pendurado. Sem cartão. Meu celular toca de

novo e eu atendo irritada. Estou com medo, mas não sou de recuar. — Olha aqui, seu idiota...

— Ótimo, sabia que você reagiria — uma voz metálica soa do outro lado da linha. — Agora é só esperar para o próximo passo, ratinha — próximo passo? Esse maníaco ainda pode estar em minha casa? Eu olho em volta apreensiva. — Não precisa me procurar, eu encontro você. Não tenho pressa, apenas saiba que não há lugar onde possa se esconder — ele diz isso e ri, então, desliga e eu ainda fico alguns segundos presa ao telefone sem ter ideia de quem possa ser a pessoa que nutre tanto ódio assim por mim. Os e-mails, correspondências, telefonemas, essas flores mórbidas... Deus, quem será?

De qualquer forma não vou ficar para descobrir. Ele sabe onde moro, entrou aqui! Eu corro para o quarto e pego minhas malas pondo tudo que posso dentro. Ligo para a recepção e falo com Renan para me ajudar a descer com as malas. Peço um táxi. Em pouco tempo embolei tudo que pude em malas e sacolas. Dou uma última olhada enquanto Renan desce com minhas coisas e desço com o resto. O táxi já me espera e eu entro nele como se minha vida dependesse disso.

— Para uma locadora de carros, por favor — digo direto. Não fico aqui nem mais um segundo. Vou para o único lugar que sei que estarei segura.

Capítulo nove

Socorro

Algumas horas depois estou na estrada em um carro alugado e entulhado de malas. Uma fugitiva, mas quem ficaria? Eu já havia mudado de endereço, de e-mail, de emprego... Droga! O emprego. Vou ser demitida, mas estou morrendo de medo e muitas coisas passam em minha mente. “*Se concentre na estrada Meg, estamos quase lá.*” Preciso me esforçar para não ficar lembrando de todas as fotos que recebi por e-mail e dos vídeos. Não sei porque diabos assisti e vi tudo aquilo. Está tarde, escuro, frio e eu estou apenas de jeans e camiseta. Troquei de roupa num impulso idiota, para me sentir confortável tirando os saltos e a roupa formal de trabalho, agora me arrependi de não ter pego um casaco. Não estava pensando direito.

Nunca vim de carro embora a estrada não seja tão complicada, mas assim mesmo penso em como a ideia foi absurda. Estou sozinha em um carro numa estrada escura. O maluco pode estar me seguindo desde que saí de casa! “*Meg, você não pensa mesmo!*” De repente o carro começa a soltar fumaça do capô. Droga, mais essa. Em minutos ele para e eu começo a pensar para onde iria se o maníaco aparecesse aqui. Escuto sua voz em minha mente, aquele tom metálico dizendo: “*Pode fugir, mas não pode se esconder.*” Puxo meu celular e o sinal é péssimo. Ligo para casa da Amanda e na milésima tentativa ouço o click de alguém atendendo o telefone.

— Mamá, estou parada no meio da estrada. Meu carro quebrou, vem me buscar, rápido — a ligação cai e não sei se ela me escutou. Eu espero ansiosa e nada. Os minutos passam como horas e eu tento ligar de novo. Saio do carro para ter um sinal melhor e estou em cima do carro e ligo de novo. — Mamá, se você estiver me ouvindo, eu não estou brincando, estou na estrada, morrendo de medo, vem logo! — Eu não sei o que fazer e entro no carro de

novo morrendo de frio. Nem um casaco, nem um cobertor, droga de fim de mundo que ferve de dia e gela à noite.

Após minutos intermináveis e nada de sinal no celular eu desço e vou olhar o capô do carro. Eu não sei consertar nada, mas o desespero me impele a fazer algo. Estou mexendo em tudo e não tenho ideia do que fazer. Pego em algo que corta meu dedo.

— Merda! — Puxo a mão levando a boca e tem gosto de óleo. — Idiota. Meg, você é uma idiota — não tem ninguém aqui com quem eu possa gritar, então, eu xingo a mim. Uma chuva terrível começa do nada para o nada. Claro, as coisas podem piorar. Ainda mais, porque em meio a esse temporal vejo um carro se aproximando e ele está correndo. Não posso identificar quem é e meu alerta acende como um farol gigantesco. A única coisa que penso é: “*Corra Meg!*” E lá estou eu correndo desesperada, a chuva grossa nubla minha visão. Eu não posso morrer agora, não tão jovem... O carro acelera atrás de mim e me corta, parando a minha frente e eu me choco com ele em um baque surdo, indo de encontro ao chão de costas. Minhas mãos esfolam no asfalto. Alguém desce do carro e é uma figura enorme e assustadora. Eu me encolho e só consigo sentir que é meu fim, vou morrer agora no meio do nada, debaixo de chuva e desgrenhada. Sinto-me em um dos filmes de terror que tanto assisto.

Mãos fortes me erguem do chão e eu penso nelas em volta do meu pescoço apertando-me e tirando todo o meu ar. Eu viro trêmula para ver meu algoz ao mesmo tempo em que ele me envolve num abraço. Abraço? Eu conheço esse cheiro... Eu levanto o rosto devagar e o encaro, então, me agarro a ele como se me segurasse com dentes à minha vida.

— Ogro — minha voz sai com uma nota clara de alívio. A sensação de segurança é avassaladora. Me sinto estranha, mas o medo foi embora assim que notei quem era a pilastra em minha frente.

— Ei? Calma. O que houve com você? — ela está encharcada e tremendo tal qual um animal acuado. Vê-la assim aperta minhas entranhas. O que será que houve com ela? Quando escutei sua voz ao telefone, não consegui pensar em mais nada a não ser chegar até ela. Dona Encrenca, o que fez agora?

— Eu... — não consigo falar, tenho um nó amarrado em minha garganta. Ele começa a tirar o casaco e me enrola nele. Por dentro está quente e seco. Ele abre a porta do carro e me empurra lá dentro e eu apenas sigo os comandos. Estou além do limite aqui. Ele toma o lugar do motorista e só então consigo falar. — Minhas coisas — olho em direção ao carro quebrado e retorno ao homem sentado ao meu lado. Ele me olha esquisito.

— Eu vou buscar — falo sério olhando-a nos olhos. Dou a volta no carro e paro próximo ao dela. Está cheio de coisas dentro, eu as pego e coloco no meu. Entro de novo e sento em meu posto de motorista. Pego uma toalha pequena no porta-luvas e esfrego nos meus cabelos. Ela ainda me olha com enormes olhos azuis expectantes. Seja o que for, ela está apavorada e acho melhor deixar as perguntas para depois. — Peguei tudo. A Amanda não está em casa, viajou com o Liam para uma visita aos pais dele aproveitando a folga — converso outro assunto para ela relaxar, mas está tão tensa e ao ouvir sobre a Amanda sua expressão é de desolamento. Não escolhi o melhor tema.

— Para onde eu vou? — minha voz sai em um tom de desamparo que até eu mesma sinto dó. Deus, desgraça pouca é bobagem. Ele me olha tão fixo e seguro, que eu até... Não, isso não.

— Eu estou com você agora, não se preocupe com isso — eu ligo o aquecedor e pego as mãos dela, ainda treme. Esfrego-as e ponho na direção do ar quente. — Preocupe-se em se aquecer — ela me olha fragilizada. Essa não é a Encrenca que eu conheço. Não gosto nada de vê-la assim e seja lá quem fez isso, acho bom não cruzar meu caminho agora!

— Certo — digo num fio de voz. Ele segura em minhas mãos. Não sei

como consegue ser tão quente com o tempo desabando dessa forma. Ele liga o aquecedor e começa a aquecê-las. Por que ele está sendo tão cuidadoso comigo? *“Porque você parece um pet encharcado?”* Eu vejo minha imagem no retrovisor. Ótimo, agora sou de fato uma coitadinha. Eu me desprendo dele. — Posso fazer sozinha — digo dura.

— Muito bem — ao menos ela começou a reagir. — Vamos sair daqui, de casa eu ligo para alguém buscar o seu carro. O sinal de telefone nessa estrada não é bom — ela não me olha, apenas assente com a cabeça.

— Por que não me leva a um hotel? — de casa? Ele vai me levar para a casa dele? Que se dane, na rua é que não vou ficar.

— Porque o único que tem na cidade é da mãe da Betsy, então... — ele não termina a frase e acelera o carro. Nem precisa, eu e a mãe da Betsy? Não mesmo! Isso seria a terceira guerra mundial com certeza.

Ele dirige o caminho todo em silêncio e são apenas alguns minutos. Ironia do destino, meu salvador é o Ogro. Eu sorrio torto e ele me olha erguendo uma sobrancelha. Não dou explicações. Ele desce e abre a porta do carro para mim.

— Entra, eu levo as malas — ele me dá a chave e eu pego notando que minha mão ainda treme. Que raiva de mim! A chuva agora é uma garoa fina e eu paro na porta aberta esperando por ele. Me aperto em seu casaco enquanto o observo. O cara é enorme mesmo, traz quase tudo em uma só viagem.

— Você veio de mudança definitiva? — ela ainda tem a expressão assustada nos olhos. Apesar disso continua linda. Que idiotice é essa Ed? Não pense nisso! Droga, mesmo com os cabelos ensopados e essa cara de desespero ela pode matar alguém.

— Não é da sua conta — rebato a pergunta dele, chega disso de parecer coitadinha. Nem morta que vou deixar ele saber que fugi que nem um ratinho. Foi assim que o maníaco me chamou, não foi?!

— Muito bem, não quer falar eu não insisto — olá, dona Encrenca! Ela está de volta e prefiro ela assim. Você não prefere nada seu burro, você na verdade prefere que ela não fique aqui. De qualquer forma não posso mandá-la embora não é mesmo? Eu jamais faria isso.

— Ótimo — respondo sucinta e cruzo os braços me agarrando ao casaco dele. Um dia de cada vez Meg, sempre foi assim com você. Por hoje você está viva e a salvo.

...

Entramos na casa do Ogro e tudo é tão arrumadinho, aconchegante e pequeno. Ele sabe que é grande? Tem uma salinha com sofá, TV e estante repleta de livros. O Ogro gosta de ler ou é da esposa morta dele. Na parede oposta tem uma escada para o andar de cima, duas portas pequenas e uma cozinha ao lado. Tem uma bancada, eletrodomésticos e uma mesinha para quatro. Uma cozinha excessivamente arrumada. Ele deve ter TOC.

— Você pode subir e ficar com o quarto, primeira porta à direita — falo enquanto observo que ela está esquadrinhando minha casa. Não tem luxo algum, mas é melhor que a rua. E eu gosto assim.

— Sua casa só tem um quarto? — olho para ele espantada. O terreno, onde a casa está, é grande, não entendo porque a economia de espaço.

— Sim, eu sou um só — corto, não tenho que explicar a ela porque minha casa é pequena. Isso envolve detalhes da minha vida que trazem intimidade. E isso é a última coisa que quero com ela. É mesmo Ed?

— Você sabe que é grande, não? — falo e ele me olha estranho. Eu me arrependeria das entrelinhas que essa pergunta pode ter, se eu não fosse a Meg.

— Sei — a encaro e penso porque o meu tamanho a incomoda tanto. — Mas não sou um gigante. Agora, porque não vai tomar um banho antes que congele — falo e viro em direção a cozinha. Quanto menos falar com ela

melhor.

— Sim, senhor — ele tem razão, Ogro sabido. Estou gelada e tremendo. Pego uma mochila e uma bolsa de mão e subo a escada. Primeira porta à direita, ele disse, então lá vou eu.

Subo para o quarto que ele indicou e minha surpresa é grande. O quarto não é dez estrelas, mas tem uma cama imensa. Eu sorrio para mim. Ao menos isso ele soube escolher. Tudo aqui tem a cara dele, cores neutras, tudo arrumadinho, lençol esticadinho, limpo... Tem o cheiro dele... Pare de pensar bobagem, Meg! O guarda-roupa também é grande. Eu jogo a sacola na cama e entro no banheiro. Tudo branco. Não resisto aquela vontade estranha que temos de abrir os armários em banheiros. Nossa! Tem bastante coisa aqui, inclusive um secador. Rosa?! Será que ele guardou o secador da mulher? Só pode. Pego uma toalha limpa dentro do armário. Tudo aqui é branco, menos o secador...

Me deixo envolver pelo vapor quente que exala do chuveiro e me entrego a um banho longo e relaxante. As feridas em minhas mãos ardem, mas eu não me importo com isso. Tenho mais cicatrizes do que posso contar... Estou segura aqui. Repito isso em minha mente muitas vezes. Por mais que ele não goste de mim ele está me ajudando e afinal, quem enfrentaria essa montanha de músculos? Ninguém me odiaria tanto assim para se arriscar, não?! Eu paro com essas divagações e com o banho. Tudo isso só faz o meu medo aumentar. Saio do box e visto um conjunto de short e blusa de malha pretos. Quase um baby-doll. Não trouxe moletom, não trouxe casaco, na verdade nem sei o que pus na mala. Estou com fome...

Saio do quarto e desço a escada lentamente. Algo me diz que ainda tem mais problemas em minha direção. Eu passo pela sala e quando chego à cozinha eu paro ao ver o incrível Huck loiro de pé, concentrado em algo no fogão. Ele ainda está de calça, mas tirou a camisa. Provavelmente porque

estava encharcada. Por que diabos ele não vestiu outra? “*Porque você estava no quarto dele!*” Eu exalo e torço os lábios. Ele tem um pano de prato no ombro e que ombros! Meg, essa vai ser uma noite beeeeeeeeeeeem longa...

Capítulo dez

Na caverna do Ogro

Ele vira para mim e eu engulo em seco. Por que ele mexe tanto com você, Meg? Você conhece homens, ou melhor, se tem uma coisa que você conhece é HOMEM, droga! Eles são só presas, você os usa e os joga fora quando acaba o prazo. Meg Cobalsk aprendeu isso cedo, não posso confiar em homens... Ele está lá me encarando com um ar engraçado e eu perdi a fala. O que eu poderia dizer?!

— Com fome? — resolvo falar antes que o dia amanheça e estejamos os dois aqui de pé na cozinha, encarando um ao outro como animais em reconhecimento. Ela não tem mais o ar de pânico, mas está me olhando com uma cara estranha.

— Sim, sempre — digo e isso é um fato. Novamente percebo o sentido ambíguo disso, ao menos em minha mente e o Ogro parece sorrir para mim. Ele está... Desconfortável?

— Eu não sei fazer muita coisa, então... — viro pegando os pratos. — Sanduíche é o que temos para hoje — entrego um prato a ela que pega em um gesto mecânico. O outro eu ponho sobre a mesa. — Vou vestir roupas secas — digo e saio em direção ao quarto. É uma cena estranha, eu e a dona Encrenca em minha cozinha, sem brigas ou gritos...

— Ok — que resposta idiota. Eu exalo agora com força, assim que ele sai, e eu estou tensa. Tensa?! Sim Meg, você está. E ainda bem que ele teve a brilhante ideia de ir se vestir. Eu me lembro de quando ele me encontrou na estrada, na chuva... Lembro do abraço...

...

Subo a escada e assim que entro no quarto o cheiro cítrico e doce me envolve. Ótimo, agora o cheiro dela está gravado no meu quarto. Eu tiro as

roupas depressa e pego um conjunto de moletom. Visto e ainda dou uma olhada no banheiro, e ver o shampoo e as outras coisas dela espalhadas por lá me causa uma sensação estranha. É como se a dona Encrenca estivesse marcando território... Eu desço assim que termino de me vestir.

Ela está sentada, de costas para a entrada da cozinha. Um pé em cima da cadeira e a cabeça apoiada no joelho. A outra perna estirada sob a mesa e está brincando com os farelos do pão no prato, passando o dedo. Eu fico imóvel uns segundos, me esforçando em não fazer barulho, apenas observando a cena. A vontade de saber o que aconteceu cresce, mas eu me concentro em uma linha fina, rósea e delicada que marca suas costas, próxima ao ombro esquerdo. Uma cicatriz, eu sei bem, conheço uma quando vejo, e essa é de faca. Aquilo mexe por dentro. Quais segredos ela esconde? Não é da sua conta Ed! Eu espanto esse instinto superprotetor de mim e caminho até a mesa. Ela não parece se assustar.

— Está tão ruim assim? — tento descontraí-la. Ela mal tocou no sanduíche.

— Não, até que para um ogro você sabe fazer sanduíche — sorrio tentando encenar, mas perto dele isso se torna algo cada vez mais difícil, ele me assusta, mas de um jeito esquisito. É como se eu não quisesse ser assim... Droga! Meg, pare de pensar bobagens. Você é o que a vida fez de melhor por você. Pegou o que tinha e sobreviveu. Que se dane o Ogro e seu código de ética. E na verdade eu detesto comer sozinha.

— Sim, isso é algo que eu realmente sei — mas minha voz sai dura com o apelido, então, eu pego dois copos e uma caixa de suco na geladeira. — Suco? — ela sorri e acena que sim e eu deixo isso de ogro pra lá.

Nós comemos em silêncio e então, eu levanto para lavar a louça que não leva mais que uns dois minutos. Depois enxugo a mão e encosto na pia, cruzando os braços. Ela ainda está sentada e me olha de um jeito carregado de expectativa. Parece que ela está esperando que eu a crive de perguntas.

Esse não sou eu, dona Encrenca! Eu sorrio meio sem jeito e começo a me arrepender de ter olhado para ela. Essa roupa é o quê? Mais uma das suas roupas de corrida/de dormir? Minha expressão se fecha e eu desvio o olhar.

— Hora de dormir — digo sério. — Pode pegar o que precisar no guarda-roupa. Mais cobertores, um moletom, aqui é bem frio à noite — dou a indireta bem direta.

— Sério? — eu o encaro confusa. Num instante ele parecia sorrir e lá está aquela carranca de senhor certinho do mundo! Agora vai me pôr hora para dormir.

— Sério — digo e começo a andar em direção à sala.

— Esqueci que aqui é o fim do mundo. Dormiremos com as galinhas — soo sarcástica.

— Se você quiser, o vizinho tem um galinheiro — retruco. É mais fácil lidar com ela assim, irritante e provocante.

— Você é um idiota — falo chateada. A referência à galinha era pela hora. Ogro imbecil!

— O idiota aqui está cansado — falo e passo direto por ela em direção a escada.

— Ei? Aonde pensa que vai? — ele vai para o quarto? Mas pensei que era meu, ao menos essa noite.

— Dormir — digo devagar voltando para olhá-la e já sei o porquê da confusão dela, mas protelo em me explicar.

— Aonde exatamente? — cruzo os braços e me firmo no chão. Ele não vai dormir comigo, vai? Não mesmo!

— No escritório — eu falo por fim. — A porta em frente ao quarto — ela relaxa o semblante e eu não contenho o sorriso. — Onde achou que fosse? — percebo a surpresa em seus olhos. Isso me dá uma sensação boa. Ela sabe que é atraente, mas nem morto que vou deixar ela descobrir que concordamos

nisso. — Nem em seus sonhos, moça!

— Você disse que só tinha um quarto — eu falo e só então percebo o quanto soei tola. Talvez o susto, a chuva e tudo mais tenha fritado meus miolos. — Quer saber, você é um idiota!

— Disse, eu sou um só. O outro quarto eu transformei em escritório, tem um sofá-cama lá — não entro em detalhes do porquê do sofá-cama, ela não precisa saber dessas coisas. — Agora se não se importa, boa noite. E eu vou dormir sozinho — digo encerrando o assunto ou ela me fará falar a noite toda.

— Eu odeio você! — não sei porque, mas o impulso de dizer essas palavras foi mais forte do que eu. Normalmente eu o provocaria com algum comentário atrevido, mas não. Eu soei exatamente como estou, ofendida. Meg, pagando uma de idiota!

— Boa noite para você também, moça — subo a escada, mas ainda a escuto murmurar algo. Não precisa ser muito inteligente para saber que é algo ofensivo para mim.

— Ogro — esse homem parece um bicho rústico. Eu hein?! Como não tem remédio, eu subo para o “*meu*” quarto.

Assim que entro fecho a porta atrás de mim com força e tranco. “*Como se ele viesse me atacar a noite*”. Bobagem Meg! Eu me jogo na cama e me envolvo nas cobertas logo depois de escovar os dentes. É bem confortável e eu puxo um travesseiro para abraçar. Não sou de dormir de conchinha, nem essas coisas melosas. Posso até dormir na mesma cama com alguém, mas eu no meu lado com meus muitos travesseiros... Assim que abraço um, me arrependo. O cheiro dele está em tudo. Como pode ser tão ogro e tão cheiroso?! Inferno. Eu fico envolta nas cobertas e me perco em cochilos entrecortados. Eu desperto pelo que deve ser a milésima vez e sinto-me irritada. Droga de estresse. Sento na cama e ao sair dos cobertores sinto o frio

da madrugada. Além disso, minha garganta está seca. Sempre bebo um copo de água quando deito e um quando levanto.

Jogo as cobertas para o lado e desço da cama. Assim que chego à porta, lembro da oferta do moletom e retorno ao guarda-roupa “*ogresco*”. Tudo arrumadinho, por cores, tamanhos, passados e organizados. Esse homem deve ter transtorno de compulsão. Eu procuro e pego um surrado, mais macio e com uma estampa de exército. Contrasta totalmente com todas as outras peças dele, todas sóbrias, em cores neutras. Eu visto e ele chega ao meio das minhas coxas. Acho que ele nem deve usar mais, está bem velhinho mesmo. Eu vou em direção a escada e no escuro bato na parede.

— Droga! — minhas mãos vão de encontro e isso, com certeza, não é uma parede!

— O que pensa que está fazendo? — essa mulher é um perigo mesmo. Agora vai andar pela casa? Eu acendo a luz. — E esse moletom?

— Ei?! Você disse que eu podia pegar — agora mais essa. Cansei, tudo bem que me ajudou, mas não sou nenhum bichinho acuado.

— Sim, mas não pensei que ia pegar esse — ela pegou o mais velho de todos! Eu a olho nos olhos e dona Encrenca está no modo: briga. Parece realmente com raiva!

— Ah, entendi — falo e então sorrindo divertida e com ar de desdém. — Esse é o de estimação, você dorme cheirando ele — rio abertamente agora.

— Você realmente pensa essas bobagens ou fala de impulso? — ela faz uma cara marota e eu me seguro para não me deixar levar. Ela com certeza gosta desse jogo e vai me engolir vivo. Logo farei bobagem...

— Eu tiro a droga do seu moletom velho — me irrita de vez. Esse homem não cede um milímetro. Começo a puxar quando as mãos dele vão sobre a minha segurando a barra do moletom.

— Não vou ser culpado por você morrer de frio — seguro a roupa no

lugar. Se já é difícil ela com ele, sem ele é pior. Eu aperto minhas mãos sobre as dela. E estamos cara a cara agora.

— Ai, seu Ogro — puxo minhas mãos. Os machucados ainda doem. Ele me fita confuso.

— Ei?! Eu nem apertei tanto assim — agora mais essa. Vai fingir que a machuquei? — Ao contrário do que dizem eu não machuco mulheres — ela olha as mãos.

— Não, só dá palmadas — devolvo num impulso e uma mágoa passa em seus olhos. Ótimo, você melhorou em muito as coisas, Meg! — Ele puxa meus pulsos em direção a ele. — O que você...

— Mas que coisa, moça, por que não me disse que estava machucada? — eu a encaro ela me dá um olhar de pouco amigos. Eu volto a olhar suas mãos. São algumas raladuras e um corte num dedo. — Vem — a puxo pelo pulso escada a baixo.

— Não gosto de ser tratada como uma vaca. Agradeço se parar de me puxar — estaco no meio da escada — Só falta me jogar no ombro de novo!

— Desculpe — a olho constrangido. Eu realmente tenho agido como um ogro. Ótimo, agora concordo com ela?! — Desce comigo, por favor? — ela torce o lábio e faz menção de me seguir. Eu continuo descendo. — Senta que eu volto já — indico o sofá.

— Sim, mestre! — provoco. Ele está de costas, mas sei que um sorriso se esboçou em seu rosto. Não há homem no mundo que não goste de dar ordens.

Pego a caixinha de primeiros socorros e retorno. Ela está sentada com as mãos voltadas de palmas para cima em seu colo. Eu sento de frente para ela e pego suas mãos com cuidado. Nesse momento, meus dedos roçam em suas coxas e isso causa uma reação em mim como se eu fosse um garoto tocando uma mulher pela primeira vez. Mas que droga! Eu já a toquei antes... Percebo que ela se arrepia. Exagerei na delicadeza.

— Isso está feio — eu falo sério. Mesmo com toda essa marra ela é delicada, eu tenho quase o dobro do seu tamanho. Se quisesse poderia parti-la ao meio e mesmo assim ela me enfrenta. O que será que a afugentou?

— Isso não é nada — retruco ele. — Tenho tantas cicatrizes que já perdi as contas — me arrependo assim que falo, porque ele me encara com um ar de curiosidade e algo de irritação.

— São tantas? — eu pergunto e lembro da que vi em suas costas. Ela parece ficar pálida e me arrependo da minha intromissão. Esse deve ser seu calcanhar de Aquiles. No fundo eu sabia que essa agressividade toda não era de graça. — É a terceira vez que te encontro ferida — eu tento mudar os meus pensamentos. Você não é responsável por ela. A dona Encrenca aqui cava os próprios problemas, uma provocadora, Ed!

— Terceira? — foram tantas assim? E mais essa agora, essa mão quente, esse toque delicado... O Ogro, delicado?! Agora é que eu morro de vez!

— Sim. Primeiro o pé, depois os arranhões quando quase arrancou a cabeça da Betsy no aniversário da Amanda, e agora isso — digo passando um antisséptico nos machucados. Foco nas mãos dela.

— Aiaiaiaiai... — Deus, isso arde. Eu me contorço que nem uma criança.

— Calma, já vai passar — eu assopro de leve, embora isso não seja higiênico, mas nunca matou ninguém né?! E alivia, eu sei. — Vou cobrir para que não piore — a olho nos olhos e percebo um ar de gratidão e algo como... Carinho? Droga! Não me olhe assim.

— Isso arde demais — digo sem saber o que mais dizer. Ter esse homem, todo cuidadoso assim na minha frente está me deixando lesada. Você não é assim, Meg, você é quem comanda o jogo! Mas ele tem tanto cuidado, mesmo eu sendo sempre irritante, que é difícil não me sentir agradecida... Eu sinto meu íntimo se aquecer. Merda, não vá por aí garota!!!

— Arde mesmo — sorrio e volto a olhá-la. Ela é tão bonita assim de perto.

Esses cabelos ruivos, os olhos azuis incríveis e essas sardas que dão um toque perfeito... — Acho que já inventaram algo que não arde — é a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Com certeza ainda não chegou aqui — eu digo e a expressão de leveza dele vai embora. De qualquer forma não duraria muito. Eu e o Ogro, num sofá, conversando trivialidades? Não mesmo!

— Acabei — digo sério. Estou pensando muita bobagem. Acabo de enrolar as mãos dela e me afasto. Evito olhá-la nos olhos ou vou fazer besteira. Contenha-se Ed, você tem um cérebro que funciona.

— Obrigada — digo me sentindo estranha quando ele solta as minhas mãos. É como se me sentisse perdida. Não seja idiota, Meg Cobalsk! Me levanto e vejo que ele fica sentado lá com a expressão clara de quem não tem sono algum. — Você não vem? — ele ergue uma sobrancelha.

— Ir com você? — droga. Por que eu disse isso? Eu vejo um brilho divertido em seu olhar.

— Dormir — friso a palavra e ele parece desconfortável.

— Não, vou ficar aqui — digo, porque minha insônia hoje está daquele jeito!

— Insônia? — eu sei como é. Uma velha companheira da “*Meguizinha*” aqui.

— É — confirmo. Ela também não parece ter sono algum. — Eu fico andando pela casa, vejo televisão, essas coisas, mas não adianta muito — o olhar dela tem uma nota de reconhecimento e preocupação.

— Desde quando fica assim, sem dormir? — ele deve passar maus bocados com isso. Um homem desse tamanho tem que dormir muito!

— Desde que a Mel ficou doente — falo e ela me olha triste. Eu também tenho os olhos claros, mas os dela parecem crescer sobre mim. — Mesmo depois de um ano ainda tenho algumas noites assim — mas porque diabos

está se abrindo que nem um livro para ela? Esses olhos! Com certeza ela é uma bruxa.

— Já sei — me levanto num impulso e vou em direção a cozinha.

— Como assim sabe? O que vai fazer? — me reteso no sofá. Minha cabeça se enche de ideias e eu afundo todas elas. Nada de pensar bobagens, xerife.

— Calma aí, Ogro, eu volto já — aceno para ele e pisco.

Ela sorri da entrada da cozinha e pisca para mim e meu corpo já está no limite do controle. O fato de ela se virar de um jeito toda moleca indo para a minha cozinha, evidencia ainda mais essas pernas que me deixam ligado. *“Calma aí amigão, contenha-se!”* Eu escuto o som de louça, armários e fogão. Espero que ela não tenha em mente pôr fogo na casa.

Pouco tempo depois ela retorna com uma xícara fumegante nas mãos. Desse jeito vai acabar se machucando de novo. Eu estreito o olhar e ela senta ao meu lado e estende a xícara para mim.

— Beba tudo — digo contente, porque se tem uma coisa que sei fazer é esses remédios bobos. Chás, pós ressacas, entre outras coisas.

— O que você pôs aqui? — eu a encaro desconfiado e o ar de confiante e alegre dela se torna algo como irritada e impaciente.

— Veneno! — Droga, esse cara é difícil viu?! Meus sorrisos não funcionam com ele. — Sou uma bruxa — falo irônica.

— Então, bebe primeiro — provoco e não sei de onde vem essa de Ed brincação.

— Leite, canela e mel — falo muito séria. — Dizem que ajuda a dormir — falo chateada. O que ele achou que eu ia pôr?

— Ok — eu dou um voto de confiança e cheiro. Parece que ela não mentiu. Eu bebo e é bom. Não está tão quente quanto pensei... — O gosto é bom — ao ouvir isso ela sorri e me parece o primeiro sorriso sincero dela.

Sem encenações e brincadeiras tolas. Eu sorrio de volta num gesto reflexo.

— Eu sei — alargo meu sorriso e fico aqui parada enquanto ele bebe tudo. Ele acaba de beber e eu tomo a xícara da sua mão.

— Não precisa lavar, com as mãos assim...

— Eu não vou lavar — interrompo. — Vou só pôr na pia — coloco e retorno. Ele está puxando o assento do sofá. — O que está fazendo?

— É um sofá-cama. Vou ligar a TV — mostro o controle na minha mão e me acomodo. Ela fica em pé me olhando com uma expressão de dúvida. — Vem — passo a mão no espaço ao meu lado.

— Sério? Não tem medo de pegar uma doença de mim? — falo uma das minhas pérolas para variar.

— Trégua — eu a encaro e ela parece ceder, fazendo uma expressão engraçada entre concordar comigo e me agredir. Finalmente ela senta. Ficamos em silêncio uns minutos e ela mantém a coluna reta, está sentada tão rígida que parece que virou pedra. — Vai dar mal jeito nas costas desse jeito — eu falo e ela me olha.

— Como me achou? — pergunto algo que martelou em minha mente assim que o susto passou.

— Você ligou para mim — falo num tom suave. Não quero discutir com ela e quem sabe ela me conta do que ou de quem está fugindo.

— Não, liguei para Amanda... — eu soo confusa. Tenho certeza que liguei para ela.

— Para o fixo, eu imagino — ela assente e eu sorrio seguro de mim. — É praticamente o mesmo número exceto pelo último dígito — ela faz uma expressão de entendimento e relaxa os ombros.

— Entendo... — penso uns segundos. — Você veio rápido — o encaro e estamos mais perto do que imaginei nesse sofá.

— Você parecia assustada — digo sem perder o contado visual.

— Estava escuro — desconverso e tenho o impulso de ficar mais próxima dele. Eu sinto um frio em minhas extremidades ao mesmo tempo que o meu corpo se aquece por dentro.

— Tem medo do escuro? — noto que ela puxa as pernas para cima do sofá e se acomoda como eu. Ela está com frio? Eu puxo uma manta que sempre deixo próxima ao sofá e vou em sua direção. Ela não recua, sempre me olhando nos olhos. — Isso vai ajudar — envolvo e então desvio os olhos e ligo a TV.

— Filme de terror? — sigo as ações dele e me fixo na tela.

— Eu posso mudar se quiser... — levanto o controle e ela segura minha mão. Nós dois nos afastamos como se tivéssemos levado um choque.

— Não, eu gosto — falo e ele me olha surpreso. Eu puxo minha mão para debaixo do agasalho.

— Então, tá — falo baixo ainda sentindo um formigar na mão. Ed, você parece que tem doze anos de novo!

Ficamos em silêncio e imóveis a não ser por alguns olhares de soslaio. Em pouco tempo ela começa a bocejar e eu sigo o mesmo caminho. Não sei se ela é bruxa, se pôs alguma droga no leite, mas o sono veio para mim. O que antes levaria horas e provavelmente eu veria o dia amanhecer, agora é um sono gostoso e me afundo no sofá. Noto que ela também está aconchegada e parece tão próxima que posso sentir o calor que emana dela. Não pense nisso amigão, apenas durma...

Capítulo onze

Querer nem sempre é poderemos

Eu acordo bastante relaxado. Não me lembro a última vez que dormi assim tão bem. Nem tenho vontade de abrir os olhos, mas um cheiro que está começando a se tornar constante me faz abri-los de imediato. Eu vou em direção ao meu peito esquerdo onde um peso quente está confortavelmente alojado...

— Droga! — Praguejo e ela se aconchega mais a mim. Me arrependo, não quero que ela acorde.

Aproveito o momento para observá-la. Os cabelos ruivos são extremamente cheirosos. Eu os aliso com a mão esquerda, de leve. São macios também. Daqui eu posso ver as sardinhas que enfeitam o rosto dela. Sei que muitas ruivas não gostam das sardas, mas para mim parecem bonitas, pena que ela as esconda com maquiagem. Tudo nela é tão delicado, os contornos do rosto, o nariz, eu me fixo em sua mão. Está sobre meu peito direito e enfaixada, marcas da noite maluca... Deus do céu, ele tem uma perna sobre meus quadris. Inferno! Isso vai despertar mais de mim do que eu desejo. Não acorde, amigão! Eu tento me desvencilhar dela, isso está se tornando constrangedor...

— Hum, você tem um cheiro magnífico! — escuto sua voz rouca de despertar, tem um tom arrastado e manhoso. O que eu faço agora? Não consigo fazer nada a não ser retesar. Ela afunda o nariz em meu peito e começa a se mexer e movimentar a perna.

— Droga — a palavra sai de novo sem que eu a controle e ela ergue a cabeça me encarando. A visão parece nublada e então ela me foca, completamente lúcida.

— Mas que diabos pensa que está fazendo? — eu? Abraçada ao Ogro?

Não, isso não está acontecendo!

— Eu... — o que eu digo? Ela está sentada no sofá, o mais longe possível de mim e me olha com os olhos abertos ao máximo.

— Você o quê? — mas que diabos é isso, Meg? — simplesmente pensou: Ah! Ela está dormindo, eu vou só tirar uma casquinha! — eu falo em uma voz ridícula como se imitasse um homem.

— Ei? Pode parar por aí. — essa eu não vou admitir. — Eu jamais abusaria de uma mulher! — eu falo bastante irritado. — E para começar, foi você que se agarrou a mim no sono. — eu falo me sentando e olhando duro para ela.

— O quê? Nem em seus sonhos, Ogro, eu jamais faria isso — a Meg não dorme agarradinha com ninguém! Nunca. Eu digo isso e fico de pé pondo as mãos na cintura. Ele não vai me convencer de que me joguei nele.

— E quem foi que disse: “*Você tem um cheiro magnífico!*”? — falo fazendo aspas com os dedos. Eu vejo ira passar por seus olhos e também fico de pé.

— Eu não disse isso! — Ergo a cabeça para fitá-lo. Droga de homem enorme!

— Disse sim! — Você disse, dona Encrenca e pena que não gravei.

— Nem morta eu diria isso — não disse. Disse? Eu subo no sofá, para ficar mais a altura dele. Eu sei que é idiotice, mas eu não estou pensando muito aqui!

— Então, acho bom levar você para o necrotério — sério Ed? Que se dane, agora eu fiquei com raiva. Eu não abuso de mulheres, jamais! E o que ela pensa que está fazendo, subindo no sofá?!

— Você é um idiota! — Ai que raiva. Dele, de mim, de tudo isso!

— E você uma dissimulada! — Agora eu vou embarcar na dela e discutir? É Ed, você é um idiota mesmo.

— Odeio você! — Falo com toda raiva que tenho no momento e ele me olha esquisito.

— Acho que essa já perdeu a criatividade de vez! Você é uma provocadora muito fraca — estamos cara a cara e eu posso até contar as sardas dela.

— Quer saber?! — Dou um sorriso sarcástico. Quer provocação, xerife, aguenta! — Eu devo ter dito mesmo — ele faz um semblante de vitorioso. — Afinal, eu estava sonhando com o Benjamin! — algo como mágoa passa nos olhos dele. Ponto pra Meg.

— Pena que você não está com ele agora, não é mesmo?! — Eu não sei de onde vem isso, mas o sentimento de irritação se torna raiva. — Ele não quis socorrer você em mais uma de suas confusões? — ela me olha confusa e com um ar desamparado.

— Eu. Odeio. Você! — Digo isso com toda força que posso e apontando para ele. Nem lembrei do Ben, pensei na Amanda, e nessa cidade de merda, que só o diabo sabe porque me sinto segura aqui! Começo a descer do sofá e dou um encontrão nele. Erro da Meg, eu quase caio e ele me segura. Ficamos tão perto e ele... Vai me beijar? Eu paro contendo minha respiração e ele está tão perto agora que milímetros separam nossos lábios. Ele toca levemente os lábios nos meus, um protótipo de selinho e então se afasta e me segura longe dele como se eu tivesse alguma doença mortal contagiosa. Por um motivo que eu não sei identificar agora, e nem quero, isso me deixa mais irritada do que qualquer outra coisa. A Meg, rejeitada? Nunca! Eu estalo minha mão no rosto dele e no mesmo segundo sinto minha palma arder pelos machucados anteriores.

— Ficou louca? — a encaro e os olhos dela mesclam mágoa e raiva. Você foi longe demais Ed! Ela estava entre meus braços, tão perfeita, macia, quente e... Droga! O que você tem na cabeça? Ela é Encrenca, você sabe.

Ficamos nos olhando com a respiração alterada e eu me arrependo de toda essa cena novelesca. Minha razão finalmente voltou a mim. — Machucou muito?

— O quê? — você me rejeitar? Ele é um idiota mesmo. Eu sei que ele queria me beijar, eu conheço os sinais.

— Sua mão — digo e faço menção de pegá-las.

— Nem pense em tocar me mim — digo dando um passo para trás. Esse homem é maluco e quer me deixar mais doida do que sou. Ele me olha meio perdido e eu dou as costas a ele.

— Aonde vai? — pergunto mais por um impulso, de qualquer forma, que idiotice maior eu posso falar ou fazer que já não aconteceu aqui?

— Tomar banho — respondo porque eu preciso, preciso ter a última palavra nem que seja uma frase boboca. Eu subo a escada pisando firme. Chego ao quarto e bato a porta com força e só então vou ao banheiro. Tiro as ataduras e me jogo debaixo da água. Preciso desse banho, preciso me reestabelecer, preciso que meu cérebro volte a funcionar normalmente. *“Você é a Meg Cobalsk, aprendeu desde cedo a guiar os homens. Não vai ser um xerife de fim de mundo que vai dobrar você, garota!”* Eu digo para mim numa tentativa de me acalmar. A noite de ontem foi estressante, é isso. Eu vou ficar bem.

...

Ela subiu e eu ouvi a porta se chocar com força e o chuveiro ligar logo depois. Ainda estou aqui que nem um parvo sem saber direito o que foi tudo isso. Você ia beijá-la, Ed? Inferno, como eu ia! Eu apoio as mãos nos quadris e olho meus pés. E agora? Agora que você é um homem adulto. Eu ergo a cabeça e esfrego o rosto com as mãos. Um homem adulto e maduro. Eu vou até o escritório e tomo uma ducha de cinco segundos, é mais para molhar a cabeça e refrescar as ideias. Então, ponho o moletom de novo. Ainda tem o

cheiro dela, ótimo! Eu torço os lábios, mas estou sendo adulto aqui, não?! Desço direto pra cozinha e vou fazer as únicas coisas que sei. Bacon e ovos. Faço café e ponho a mesa. Ela ainda não desceu, mas quando começo a comer ela aparece. Calça jeans colada, camiseta e sandálias.

— O que está fazendo? — falo olhando-o cozinhando normalmente como se nada tivesse acontecido.

— Bacon e ovos mexidos — a encaro e ficamos os dois sérios, naquele clima pós discussão. — Aviso que se está em alguma dieta absurda das cores, eu não sei fazer nada além disso para o café da manhã — eu falo e olho para suas mãos, sem as ataduras.

— Sabe mais que eu — falo sem jeito. Ele tem a capacidade de me fazer me arrepender dos meus impulsos. Droga! Ele foi em meu socorro, me deu guarita, me alimentou e até me emprestou um moletom... — E eu não estou de dieta.

— Eu me viro — falo servindo um prato para ela. Ela se senta e dá uma garfada. — Está bom?

— Ótimo — realmente está. Ele pode não saber fazer muitas coisas, mas os ovos mexidos estão melhores que o da Mamá, e que ela não saiba. Ele está me olhando estranho e senta continuando a comer. — Eu não sei fazer nem isso — ele ergue a sobrancelha.

— Sério? — e ela vive de quê? Fast food?

— Sério. A Amanda tentou, mas não conseguiu me ensinar — ele fica alguns segundos me olhando e então levanta. Eu paro com o garfo a caminho da boca.

— Vem — estendo a mão para ela, que me olha surpresa. — Aprender — explico e ela franze o cenho. — Anda, não vai morrer por isso, ou sem saber isso.

— Eu não sei se é uma boa ideia — eu levanto incerta do que estamos

exatamente fazendo aqui. Alguns minutos atrás estávamos nos matando e agora ele vai ser meu professor de culinária?

— Não custa tentar — a puxo e coloco de frente para o fogão. — Fogão, dona Encrenca — faço as apresentações.

— Eu sei o que é um fogão — corto cruzando os braços. Ele não precisa me fazer de idiota.

— Ótimo, ligue — ela faz, então ponho a frigideira sobre o fogo. — Você prefere no azeite, manteiga, óleo comum?

— Manteiga — digo direto e ele parece sorrir. Ele põe a mão sobre a minha e me guia para uma colher pegando um punhado de manteiga.

— Me diga se estiver incômodo — falo e ela assente. A manteiga começa a chiar na panela. — Agora você quebra a casca do ovo — ela me olha como se eu tivesse dito algum absurdo. — Vamos.

— Eu não consigo. Isso vai ser uma meleira, espirrar em tudo. Não vou fazer isso — eu digo me recusando. Ele então se posta atrás de mim e meus músculos enrijecem. Suas mãos vão sobre as minhas, como se eu fosse um fantoche.

— Agora, dona fresquinha...

— Ei? — corto, não gosto do apelido.

— Pare de drama — seguro sobre as mãos dela e a guio, quebrando a casca do ovo e vemos clara e gema caírem sobre a manteiga quente. O cheiro é bom! — Vamos, mexa — falo e ela vira o rosto para me olhar. Ficamos sérios. — Olhos na comida se não quiser queimá-la — corto, já tive o bastante dessa proximidade e desse olhar.

— Ok, senhor chefe de cozinha — digo e continuo a mexer. Logo está pronto e ele desliga o fogão. Eu ponho em um prato e ainda estamos de pé e bem próximos.

— Prove — a olho com expectativa. Eu poderia ficar o dia todo olhando

para ela assim... Não, não poderia não. Não seja estúpido!

— Ok — eu provo e... — Está bom! — Noto a surpresa em minha voz. E sorrio.

— Eu disse, é fácil — sorrio para ela. Uma coisa tão simples.

— Deixe a Amanda saber disso — alargo meu sorriso para ele, mais um sem encenação.

— Vai ver você não queria aprender de fato — brinco e ela me olha sorrindo. Estamos tão perto que só o que preciso fazer é inclinar minha cabeça em sua direção.

— Viemos o mais rápido que pudemos, Ed — essa voz é do Liam? Eu viro para olhá-lo e lá está o Liam e minha amiga, Mamá.

— Mamá! — Digo surpresa e só então noto o olhar dela sobre mim e o Ogro. Droga!

— Meg, vim o mais rápido que pude — ela finalmente vem em minha direção e eu escuto o senhor da cozinha pigarrear e se afastar.

— A minha tropa de salvamento chegou — brinco para quebrar o clima. — Agora é só pegar minhas coisas e eu vou para sua casa.

— O que aconteceu? — Mamá me pergunta séria.

— Na sua casa eu te digo — corto. Nem morta vou dizer isso aqui na frente da plateia.

— Então, tá — a Mamá fala, mas ainda está preocupada, mais até. — Liam, você pega as coisas, amor.

— Claro — o Liam sorri, mas antes de pegar faz um sinal estranho para o Ogro que responde com cara de poucos amigos.

Liam pega tudo e leva para o carro. Retorna com um sorriso travesso nos olhos e eu estou segurando minha mochila. Ele pega.

— Até mais, Ed — o Liam fala para o Ogro.

— Até — o xerife responde sério.

— Obrigada por resgatar minha amiga — a Mamá fala e eu fico desconfortável aqui.

— Não foi nada demais — sério? Porque para mim foram coisas demais. O Liam e Amanda saem na frente como se estivessem querendo correr.

— Então... — começo a falar e ela me olha. — Se cuida — digo por falta de uma ideia melhor do que dizer.

— Você também — respondo e parecemos dois estranhos que querem dizer algo que não sabem o que é.

— Vê se não vai criar caso com as pessoas daqui — digo e sorrio torto. — Fique longe de confusão, dona Encrenca.

— Falou a pessoa que tem um moletom de estimação e um secador de cabelo rosa — falo uma coisa realmente nada a ver. Ele franze a testa e me encara sério.

— Você não se emenda mesmo — eu meneio a cabeça e o Liam buzina. — É a sua deixa.

— Não precisa me expulsar duas vezes — digo isso e me viro indo embora. Um sentimento estranho toma meu peito, onde meu coração deveria estar, assim que me sento e o carro começa a se mover, fico olhando a imagem do Ogro, de pé, se distanciar.

Capítulo doze

Contando só as partes leves

Chegamos a casa da Amanda em pouco tempo. Assim que descemos do carro o Liam começa a retirar minhas malas e guardá-las. Eu fico parada um tempo olhando para o lago e a Mamá me abraça apoiando a cabeça em meu ombro. Exalo com força. Muitas emoções para a “*Meguita*” aqui. Eu sorrio e olho para ela.

— Vai me contar agora? — ela pergunta. — Sei que não foi pouca coisa. Meg Cobalsk não foge assim fácil e eu sei que o Liam não quis me contar, mas parece que o Ed te encontrou perdida e apavorada na chuva — eu olho esses olhos castanhos e sei que ela já sabe que eu estava com medo e precisava fugir antes mesmo de eu ter a ideia.

— Eu estava desempregada, vivendo de migalhas da poupança, o Benjamin me ajudou um pouco — eu e ela ficamos de frente uma para a outra. — Tá bom, ajudou muito — sorrio. — Só que eu cansei, eu estou sentindo necessidade de fazer algo diferente.

— Só isso? Sem mais? — ela me encara inquisidora.

— Só — digo séria e forço para não desviar o olhar. Ela não precisa saber que tem alguém me seguindo, precisa?!

— Então, vai aceitar ser minha secretária? — receber sem trabalhar?

— Só se eu fizer um serviço pelo qual eu receba exatamente o que ele vale — ela fica sisuda.

— Meg...

— Não — eu interrompo. — Só assim, senão não quero.

— Ok — ela diz decepcionada. — Mas não vai manter tudo que você precisa.

— Eu não preciso de muito — falo sorrindo.

— Você pode procurar outro emprego na cidade, como garçoneiro — ela me olha contendo o riso. — Afinal, só seu shampoo custa o preço de um carro — nós duas começamos a sorrir.

— Amanda! — Ela me abraça.

— Você está segura irmã — eu a escuto e meu coração falecido dá a primeira batida de volta à vida. As lembranças do suposto ou suposta seguidora me voltam à mente. Até agora não teve nenhuma ligação, nem cartas, e-mail... Não chequei os e-mails e foi apenas um dia para cartas não?!

— Não há lugar como o lar — brinco.

...

Já tenho uma semana aqui com a Amanda e o Liam, claro um casal que não se desgruda. Estou cansada de ficar em casa sem fazer muita coisa. Eu gosto de curtir, de festas, mas não de ficar abobalhada em casa olhando para o teto. Eu sinto uma vontade incontrolável de sair. Vou enlouquecer se continuar aqui trancada. Já é final de tarde e eu estou cansada de ficar fora da vida noturna. Eu levanto e vou até o escritório e a Amanda está sentada escrevendo, para variar. O Liam está dormindo. A Mamá disse que às vezes ele troca o dia pela noite...

— Vai ficar me vigiando? — a Mamá brinca.

— Me empresta a chave do carro? — ela me olha sorrindo.

— MC, a prisioneira. Pode pegar sua boba — sorrio satisfeita e pego chave.

Calço sandálias, passo um gloss e rímel, estou no fim do mundo mas não sou a mulher zumbi, saio feliz com minha condicional. Pego o carro e em pouco tempo estou na estrada a caminho da cidade. Eu chego logo ao centro e estaciono. Desço pondo as mãos nos bolsos e olho em volta. Ar puro, pessoas fazendo coisas de pessoas que não se preocupam com o mundo além de suas vidinhas. Mães com crianças, velhinhos comprando jornais e revistas, o

restaurante funcionado... Eu respiro longamente o ar e tenho aquela sensação boba de liberdade. Vamos lá Meg, acordar essa cidade. Eu entro no restaurante. Não estou com fome, mas aqui tem gente e é por aí se começa a agitar uma cidade. Eu vejo logo de cara o Marcus. Olá gatinho.

— Oi, ruiva — ele é quem fala primeiro assim que me vê, mas parece envergonhado. Também, depois de tudo que aprontou.

— Oi, gato, sem ressentimentos! — Digo e me sento com ele e os amigos. — Mas você terá que me mostrar o que tem de bom nessa cidade. — ele sorri para mim.

— Vamos ao bar da Rose — ótimo, aqui tem um bar, né?!

— Vamos — todos levantamos e lá vamos nós.

O bar não é muito longe e decidimos ir todos andando. Eu, Marcus, Mike, Joselin e Andy. Não me lembro deles, de tê-los visto, mas enfim, são pessoas que querem diversão. Eu embarco nessa. Logo estamos todos bebendo e rindo. A música é boa e começamos a rir alto. Eu levanto e começo a dançar. Os rapazes me olham, conheço esses olhares, com eles eu sei jogar. Eu puxo a Joselin pela mão. Isso que é provocação, percebo nos olhos deles. Logo estamos envoltas em uma atmosfera de embriaguez, som alto, dança e suor. Eu não me contenho ao ver o balcão e me lembro do filme Show Bar e subo. Começo a dançar e os rapazes assoviam, gritam batem palma. A Joselin se acanha, mas eu continuo a cena.

— “*Vagaba*”! — Ei? Quem gritou isso! Eu paro e procuro na multidão. Betsy!

— O que foi? Inveja! — Provoco.

— De ser uma garota de programa? Vai embora e deixe os homens dessa cidade em paz sua viúva-negra — ela realmente não tem amor à vida.

— O que foi? Não confia em sua capacidade — ela tem os olhos faiscando agora.

— Você é uma “*vadiazinha*” vulgar de rua! — Ela disse as últimas palavras dela.

— Acho bom você se calar se não quiser ter seu pescoço torcido, bruxa — eu falo isso e faço menção de descer.

— Isso é uma ameaça? — ela ainda pergunta.

— Não!

— Ei? — eu volto e dou de cara com o “*montanha*”. Quem chamou ele aqui?

— Nem pense em dar mais um passo — eu digo sério olhando para dona Encrenca.

— Alguém que não caiu em seu feitiço, finalmente um homem com cérebro — essa bruxa é intragável.

— E você, já chega — digo para Betsy... — Já falou demais — então volto minha atenção para a mulher problema aqui. — E você, fora. Já deu seu show, já chega!

— Oi? — quem ele pensa que é?

— Está bêbada? — ele fala como pergunta, mas sei que é uma afirmação.

— Não é da sua conta — digo olhando-o sério e então ele me puxa pelo braço e começa a me levar para fora. Claro que ninguém vai me ajudar aqui e sim, estou bêbada, sem condições de lutar contra. — Me solta, seu Ogro! — Grito.

— Quando você chegar em casa — digo quando estamos fora do bar.

— Eu vou quando eu quiser — respondo odiando a cara de vitória da Betsy.

— Você vai agora e eu vou te levar — ao menos ela durou uma semana sem criar confusão. Deve ser um recorde.

— Eu vou voltar com o Marcus, eu vim com ele — grito e ele me

olha com cara de poucos amigos. Eu claramente o desafiei aqui!

— Você vai... — o celular dela toca e a Encrenca atende.

— Alô! — Minha voz soa péssima. Ótimo, precisa se impor aqui, Meg.

— Oi, ratinha! Te achei — escuto isso e a ligação é interrompida. Eu paro de respirar.

— Ei, moça, não vai desmaiar agora — ela ficou pálida de repente. Eu a encaro e então a seguro porque parece realmente que ela vai cair. A Encrenca olha em volta e parece procurar alguém, então olha para o celular em sua mão como se ele tivesse criado pernas.

— Eu... — Deus, isso é castigo, por que eu caí na esbórnica essa noite? Está atrasado, não? Droga! Eu olho em volta e então encaro o Ogro nos olhos. Sei que ele lê o medo em meus olhos.

— Vem, vou te deixar em casa — digo puxando-a pelo braço. — Onde está o carro? — ela ainda fica meio perdida por uns segundos, então, enfia as mãos nos bolsos e tira a chave, me entrega e aponta para o carro, é o da Amanda. — Muito bem, vamos.

Andamos até o carro. Eu espero ela entrar e coloco o cinto. Quando vou me afastar ela segura minha camisa e me olha direto nos olhos.

— Soldadinho... Está me escoltando? — eu franzo a testa. Dona Encrenca bêbada. Ela me empurra. — Então, eu estou segura... — não sei se é uma piada, ela falou séria demais.

— Isso mesmo, segura de você mesma — devolvo e tomo meu lugar.

Dirijo até a casa da Amanda e ela vai olhando pela janela todo o caminho e assim que chegamos e eu paro o carro ela me olha séria. Não parece tão bêbada, apenas alta. Deve estar acostumada a beber e fazer mais cena do que realmente sentir os efeitos do álcool.

— Por que você me ajuda? — digo séria. Eu sou problema, sei disso. O Benjamin me ajuda porque ele me tem como uma “irmã”, segundo ele. Afinal, sou amiga de sua irmã, mas o Ogro... Por quê?

— Porque você precisa — respondo sério. Nem mesmo eu sei porque.

— Resposta idiota — digo séria e começo a descer quando ele me segura.

— Do que realmente você está fugindo? — eu a encaro e ela parece que vai dizer algo e então seu semblante muda.

— Fique longe coração puro, não vai conseguir nada de bom me ajudando! — eu falo e desço do carro antes que diga mais alguma coisa absurda. Ele fica lá parado e sei que só vai ligar o carro depois que eu passar pela porta. Esse é o tipo de homem que ele é...

Eu entro e fico com a testa encostada na porta observando enquanto ele vai embora e tenho a sensação que eu sou um problema eterno e que vim só para estragar a felicidade da Mamá.

— Meg? — viro ao ouvir a voz de minha amiga.

— Eu estou indo embora amanhã, Mamá — não vou estragar a vida dela.

— Não mesmo — ela me olha séria. — Pensa que eu sou parva. Sei que está me escondendo algo e pode não me contar nunca, mas não vai passar sozinha por seja lá o que for que estiver acontecendo com você.

— Mamá, eu não quero estragar sua felicidade — digo acuada.

— Acha que eu posso ser feliz com você assim? Ainda mais se você for embora, sozinha, sabe Deus para onde — ela agora me fita angustiada.

— Então, eu já estraguei tudo, não vou ficar aqui e estragar mais — digo desviando o olhar.

— O que você fez de tão terrível dessa vez? Arrancou os olhos da Betsy? — ela diz e é inevitável não sorrir.

— Não, antes fosse — falo e me deixo escorregar no chão, encostada na porta. Ela se aproxima e senta em frente a mim.

— Seja o que for, diga, eu aguento — minha amiga, tão forte...

— Eu... Vou ficar bem! — É só o que consigo dizer.

— Bem aqui — ela diz e me puxa. — Levanta, eu não aguento te carregar, a não ser que queira ser arrastada escada acima.

— Precisam de ajuda? — Liam, ótimo. — O Ed ligou que está com seu carro — a Amanda me olha surpresa, mais pelo xerife que pelo carro, eu sei.

— Pode me ajudar a rebocar a Meg? — a Amanda pergunta e eu tento me levantar, mas fico tonta.

— Calma aí, jogo duro — ei?! Ganhei mais um apelido. O Liam apoia meu braço em torno do seu pescoço, mas quando chega perto da escada me ergue no colo.

— Não precisa... — protesto.

— Sem contra-argumentos — ele diz, mas tem um ar mais divertido do que repressor.

Ele me leva até o quarto e me põe na cama me deixando com a Amanda que deita ao meu lado. Eu encaro minha amiga, uma vida feliz, um homem que a ama e eu para estragar tudo...

— Desculpe — eu falo em um fio de voz.

— Por ficar bêbada? — ela sorri.

— Também — digo e ela enlaça os dedos nos meus.

— Me diga o que te incomoda — ela fica séria.

— A falta de coração — eu sorrio amarga.

— Meg — ela fala carinhosa. — Você tem um coração, por isso

que se esconde tanto.

— Eu não quero um trabalho de mentira, não quero caridade... — eu desvio o assunto, se for apenas sobre meus sentimentos eu posso levar isso, desde que seja sobre meu orgulho e não mais.

— Ok, então, amanhã sairemos em busca de um emprego para você — ela diz toda confiante.

— Na cidade? — bufo. — Eles me odeiam, graças a Betsy!

— Vamos resolver isso, agora durma — ela faz um carinho em meus cabelos.

— Só se você for dormir com o Liam — ela me olha engraçado. — Eu já tirei você da cama dele uma vez e além do mais, estou bêbada — sorrio torto e sei que ela entenderá que quero ficar só.

— Muito bem, mas qualquer coisa faça barulho — ela sorri e sorrio de volta.

— Eu quebro o abajur, pode deixar — a Mamá meneia a cabeça e sai do quarto. Só então me afundo em meus próprios pensamentos me deixando levar pela letargia da bebida, amanhã eu penso nos problemas. Antes de me entregar de vez eu desligo o celular.

Capítulo treze

Confronto

Já é quase meio-dia e me lembro que combinei de almoçar com Amanda e o Liam. Apesar de ser uma refeição mais que perfeita, sei também que a presença da dona Encrenca será um problema. Penso em desistir, mas afinal, eu fui convidado faz tempo e também quero saber o porquê da mulher problema ter fugido para nossa cidade de fim de mundo, como diz ela. Termino de me arrumar e ponho perfume. Eu sei, estou indo um pouco longe, mas que se dane. Em poucos minutos estou na casa dos meus amigos e sou recepcionado pela Amanda.

— E, então? Cozinhou bastante, estou com fome — brinco e ela sorri me abraçando. Ela é pequena, na verdade a maioria das mulheres são pequenas para mim. Exceto a Mel, foi a única mulher alta na minha vida além da minha família.

— O suficiente — ela sorri.

— Ei, xerife, já chega, já vai comer da minha comida, solta minha mulher — o Liam brinca, apesar de eu saber que ele é um bocó ciumento.

— Deixa de ser idiota! — Digo retribuindo a rixa.

— Já chega meninos, ou ficarão sem sobremesa — é a vez da Amanda.

— Mamá, eu... — paro assim que vejo o Ogro sentado na cozinha. — O que ele faz aqui?

— Ele é nosso convidado — a Amanda diz muito lógica.

— Oi para você também, moça — digo com um sorriso torto.

— Não fala comigo — fico irritada. Ele está o quê? Me seguindo?

— Ei, Meg, aqui, eu fiz para sua ressaca, não sou tão boa com

isso quanto você, mas... — a Amanda começa a dizer me entregando um copo com uma gororoba verde.

— Nem desconversa — pego o copo. — Por que convidou meu inimigo para nossa casa? — eu falo gesticulando e tomo um gole da gosma fazendo uma careta em seguida.

— Não sabia que tinha declarado guerra a mim — agora estamos em guerra aberta?

— Já disse para não falar comigo — corto, estou irritada, de ressaca, e droga! Eu me olho de cima à baixo. Pijama? Quantas vezes vou aparecer assim na frente dele? Derrotada, fracassada, desgrenhada...

— Então, pare de falar de mim — digo encarando-a. Ela fica engraçada assim despenteada e, com certeza, deve estar com uma ressaca daquelas, mais moral que outra coisa. — Eu entendo que teve uma péssima noite ontem, mas...

— Pare por aí — eu digo pondo o copo na mesa e apontando para ele. — Você não sabe nada, nem de mim, nem da minha noite. Ogro intrometido — ele olha de mim para meu dedo e então ri. Que ódio!

— Meg, quer parar? O Ed é nosso amigo e eu o convidei para almoçar conosco. — a Amanda defendeu ele? Eu a encaro arregalando os olhos.

— Então, ótimo, pode ficar com seu “*amigo*” — friso a última palavra. E vou saindo.

— Aonde vai? — escuto a Amanda perguntar e viro da porta.

— Só vou lá fora um pouco — digo séria. Não vou brigar com a Mamá por causa dele.

— Espero que não vá correr na reserva — provoco, começo a achar divertido essa irritação dela em minha presença, principalmente porque é do tipo que a faz se mostrar sem encenações.

— Não, vou tomar ar puro, aqui fede a Ogro! — Digo para atingi-lo.

— Eu achei que era um cheiro magnífico — assim que termino de falar vejo a expressão dela tornar-se lívida e parece que se pudesse, ela me queimaria com os olhos.

— Eu. Odeio. Você — digo com vontade de arrancar a língua dele. Minhas mãos estão apertadas ao lado do meu corpo em punhos fortemente cerrados.

— Essa é velha, me surpreenda — sorrio e não sei porque estou perpetuando essa discussão tola.

— Grrrrr... — rosnei? Sim, eu rosnei! Ótimo, agora estou competindo com Filho. Eu viro pisando duro e saio em direção ao lago.

— O que foi isso? — encaro a Amanda e ela está de braços cruzados.

— Não pense bobagem! — Digo, mas mantenho um sorriso no rosto.

— Sinceramente?! Não estou pensando nada e nem quero pensar — ela diz sorrindo também e volta às tarefas anteriores. Parece que tudo já está quase pronto.

— Hahahahaha... — escuto a risada exagerada e olho para trás para ver o Liam de pé, mãos apoiadas nos joelhos e completamente entregue a diversão.

— Posso saber a piada? — pergunto estreitando o olhar.

— Você... É um homem-morto... — ele diz entre soluços.

— Mas de que diabos está rindo afinal? — levanto e vou até ele.

— Você e a Meg? Sério? — ele me encara reduzindo a gargalhada a um sorriso cheio de sugestões. — Você vai morrer em dois tempos.

— Não, não vou não — cruzo os braços. — Primeiro, porque eu sou um homem adulto e sei me cuidar e segundo, eu e a dona Encrenca é algo que não existe! — Falo encerrando o assunto.

— Homem morto falando! — Ele diz passando por mim em direção à cozinha. — Precisa de ajuda amor? — escuto sua voz lá dentro e fico irritado com a piada idiota. Eu e a problema? Não mesmo!

Ando até a janela e posso vê-la lá fora andando de um lado a outro. Parece falar sozinha. Maluca! De pijama, descalça e falando só na beira do lago. Eu desvio o olhar e então volto a olhar. Ela é irritante, atrevida, provocante, brigona e... Droga, mesmo assim eu ainda me sinto atraído por ela. Tem razão Liam, eu sou um homem-morto. Volto a olhar para o chão. Perto da porta tem um par de chinelos. Eu pego e vou até lá fora, fazer uma grande besteira, claro!

— Ei Encrenca, por que não calça isso antes que machuque os pés? — eu digo e ela se volta para mim.

— Qual o seu problema? — o encaro revoltada. Ele está me seguindo?

— Meu problema? — fico meio perdido aqui. — Parece que é você quem tem um problema ou vários, está falando sozinha, descalça e de pijama na beira de um lago — digo, mas num tom brando, não estou afim de discussão.

— Sim, você! Fica me seguindo e querendo decidir minha vida! — O encaro determinada a pôr as coisas às claras. — Eu sou problema, mas não seu.

— Desde que você é um problema na minha cidade, se tornou um problema meu — afinal, eu sou o xerife!

— Ótimo, agora você vai querer o quê? Me adotar? — cruzo os braços e ele abaixa a mão com as sandálias que estavam estendidas para mim

até então. — Vai me educar e me ensinar noções de civilidade, ética...

— Chega! — Digo duro, mas sem gritar. Ela me olha espantada. — Eu não vou te educar nem nenhuma dessas outras coisas. Ainda está bêbada? — ela me olha magoada. — Tudo isso que você está fazendo é um desvio para o problema real. Sei que está envolvida em algo sério, eu não sou nenhum garoto, moça e você vai me dizer exatamente o que é.

— Eu não tenho que lhe dizer nada — agora cansei desse cara. — Não é porque você me ajudou umas duas vezes que eu te devo minha vida. Eu não pedi sua ajuda, você fez porque quis — ele exala com força.

— Fiz sim, porque você precisava — friso a última palavra.

— Eu não preciso de nada, sei me virar e se precisasse não seria de sua ajuda — digo e dou um passo à frente em direção a ele.

— Não tinha mais ninguém lá por você — eu cansei de ser paciente. — Ah! Claro, o carinha de quem você corre atrás. — ela estreita o olhar.

— Eu não corro atrás de ninguém! — Do que ele está falando?

— Esqueci, me perdoe — cruzo os braços e rio dela. — Ele tem um helicóptero, não? Então, você não tem como ir atrás a não ser que crie asas — ela abre a boca para falar algo umas três vezes e então começa a andar, mas volta do meio do caminho e se vira para mim completamente vermelha.

— Você não sabe nada de mim, não sabe nada de minha vida! — Eu grito. Ele não tem o direito de falar nem de mim, nem do Ben. — Fique longe de mim e das minhas coisas seu idiota, imbecil, tosco — eu me volto para sair, mas ele segura meu braço e eu o encaro surpresa.

— Não! — O que você está fazendo Ed? Droga, agora eu vou fazer alguma merda e das grandes. Eu a seguro pelo braço e aproximo meu rosto do dela de forma que ela entenda bem o que vou dizer. Então, começo a

falar com um ar duro e num tom baixo. — Você vai me ouvir, vai me responder tudo que eu perguntar e vai parar de usar essa linguagem.

— Nem morta...

— Eu ainda não terminei — digo puxando-a mais perto e ela está tão próxima que posso ver seus poros. — Vai deixar essa atitude autodestrutiva e vai conversar como adulta — ela me olha atônita. — Você tem um problema e o trouxe para sua amiga. O que você quer fazer? Infernizar a vida dela agora que ela está feliz? Destruir tudo que ela construiu até agora? — vejo os olhos dela encherem de lágrimas e um leve tremor passa por ela. Eu sinto isso no ponto em que estamos conectados.

— O Liam sabe que você é o defensor da Amanda? — provoco irritada.

— Não, mas, com certeza, sabe que você só pensa e fala bobagens. Eu gosto da Amanda porque somos amigos, eu a respeito e não me envolvo com a mulher de amigo meu e você deveria saber que a Amanda também não é desse tipo — eu vejo que ela engole em seco. — Mas você não sabe o que é isso. Você apenas passa por cima das pessoas, dos homens na verdade e as mulheres você apenas ignora. Exceto a Amanda. Então, eu acho que você deve gostar um pouco dela — uma lágrima começa a cair e ela seca com força. Eu começo a me arrepender, não quero magoá-la, nem fazê-la chorar, mas ela diz cada coisa. — Você vai entrar e vai se comportar, almoçar e ser educada. Depois sairemos e conversaremos. Seus dias de Encrenca chegaram ao fim — eu a solto e só então percebo o quanto estava fazendo força para não colocá-la sobre os ombros e lhe dar palmadas novamente. — Ei? — eu falo e ela me olha como se esperasse que eu fosse fazer algo além de falar. — Calce — eu entrego as sandálias e ela pega, contrariada.

— Eu. Odeio. Você — digo essas palavras que já se tornaram um hábito. Começo a caminhar duro em direção a casa.

— Me odeie o quanto quiser — digo para as costas dela e ela vira para me olhar com uma expressão de surpresa. — Isso só funciona com as pessoas que se importam com o que você pensa, aqueles bobocas manipulados. Nunca funcionou com seu “*playboyzinho*”. Funcionou? — empurro ao máximo. Ela precisa de alguém que diga a verdade. Apesar disso, a mágoa com que ela me olha me dói mais que o fato de ela dizer me odiar.

— Vai para o inferno! — Grito para ele. Eu estou entre dois fogos. Esse homem é terrível ou louco!

— Eu já estive lá, dona Encrenca — sorrio com desdém, eu já passei por muitas coisas.

— E eu já morei lá! — Falo e entro em casa antes que comece a chorar de verdade. Eu ainda vou me vingar desse grande imbecil, mas por hora estou em desvantagem aqui.

Eu entro em casa no limite da irritação. Quem ele pensa que é para dizer aquelas coisas para mim. Eu definitivamente o odeio. Tenho vontade de gritar, mas sei o que ele está fazendo aqui e bater de frente com ele não deu resultados positivos até agora. Tenho que ter uma estratégia, mas primeiro ao que interessa, minha armadura. Tomo uma ducha, troco de roupa, short e camiseta. Vou até o espelho, ponho minha máscara. Rímel, gloss, lápis, escovo os cabelos e pronto. Meg vai para guerra!

Ela entra em casa e eu ainda fico alguns segundos pensando nas coisas que disse e nas expressões que ela fez. “*Eu já morei lá!*” Essa última frase dela dança em minha mente. Lembro de algo sobre ser órfã e vários lares adotivos. O Liam me disse algo assim. Será que fui longe demais?

...

— Homem morto andando — o Liam começa assim que me vê.

— Ah, por favor — retruco. — Para, eu pago para você ficar calado.

— Do que estão falando? — a Amanda pergunta.

— Nada, o Liam é um imbecil nato — desconverso beliscando uma batata frita na mesa.

— Homem-morto falando, homem-morto comendo, hom...

— Se você continuar com isso o morto será você! — Jogo uma batata nele.

— Serão os dois se começarem a fazer guerra de comida — a Amanda nos corta.

— Já cheguei, podemos comer — entro na cozinha vendo aquela cena de amigos. Não vou mostrar a ele que estou chateada. Dois podem jogar esse jogo, Ogro.

— Vai sair? — a Amanda me pergunta.

— Vamos — digo e a dona Encrenca me olha irritada. — A moça me pediu para mostrar a cidade a ela.

— Sério? — a Amanda parece surpresa. E se senta começando a servir.

— Sim, ela pediu por esse encontro — confirmo e percebo que dona problema tem a língua coçando para me xingar. Não gostou da palavra encontro, eu rio por dentro. A olho com um jeito de não se atreva e ela suspira se controlando. — Vamos ao centro — também me sento como se nada tivesse acontecido. A indiferença parece funcionar bem com ela, o pulso firme também.

— Eu pedi? — pergunto irritada, vou matar esse Ogro, muito lentamente.

— Esqueceu? — a encaro sério, ela não vai fugir. Vou espremê-la até saber do que ela está fugindo.

— Sei, homem-morto dirigindo, homem-morto de guia... — o Liam de novo, vou matar esse sacana. Elas duas olham para ele confusas. Eu

o olho com raiva e ele para de falar.

— Meg, o Ed pode te apresentar as pessoas, quem sabe não arranja o emprego que queria, afinal ele conhece muita... Ai! — Chuto a canela da Amanda por baixo da mesa.

— Só vamos dar umas voltas — desconverso e a Amanda olha de mim para o Ed e depois para o Liam como se compreendesse algo.

— Mulher morta passeando — ela solta essa e o Ogro engasga. Então, Mamá e o Liam começam a rir descontrolados.

— Piada de namorados? — digo sarcástica. — Que fofo — a Mamá vai me contar direitinho que bobagem é essa.

Depois dessa comemos sem muitas conversas e a Mamá e o Liam trocam olhares e riem de vez em quando. É uma situação absurda e eu estou bastante travada aqui, mas não posso revidar agora. Tenho que esperar o momento certo. Ele vai me pagar por cada uma das palavras que me disse. Assim que acabamos de comer a Amanda começa a arrumar tudo, mas o Ogro logo toma a frente. Tão solícito.

— Você cozinhou eu arrumo — é o mínimo que posso fazer pela gentileza. — E você, termine de se aprontar, assim que acabar aqui saímos.

— Mandão! — Solto e todos me olham. — Eu sou uma mulher, Ogro, seja paciente — eu brinco sem muito ânimo, não quero que percebam que tem algo mais estranho do que já tem. Embora ache que eles já deduziram o que quiseram com essa cena.

Eu subo e escovo os dentes, retoco o gloss e dou uma ajeitada no cabelo. Volto da porta e ponho meu perfume. Já sei exatamente o que vou fazer e não importa o tamanho do Ogro de pé lá na cozinha, ele vai cair sem imaginar o que o atingiu. Ou melhor, vai saber sim, Meg Cobalsk.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo quatorze

Encontro?

Eu estou na cozinha arrumado as coisas para agradecer pelo almoço. O Liam enxuga enquanto eu lavo. Ele sorri de vez em quando e eu tenho vontade de afogá-lo na pia. Ouvimos um pigarrear feminino e eu me volto para ver a Amanda de pé, com os braços cruzados olhando para a gente. O Liam faz cara de surpreso.

— Liam, você pode me dar licença para eu ter uma conversa com o Ed? — ela me olha séria.

— O que você tem para falar com ele que é segredo? — lá vem o idiota de novo.

— Vai me dar a sua senha no banco — brinco, mas ele parece contrariado.

— Por favor — ela insiste.

— Ok — ele fala chateado e sai jogando o pano de prato sobre a bancada. Só então ela volta a se fixar em mim.

— Muito bem — ela exala. — Você sabe o que está fazendo?

— Como assim? — eu fico confuso.

— Com a Meg? — opa, isso é... Não, eu não sei. — Por que eu sei que ela parece durona e indiferente a tudo e todos, muitas vezes parece que não se importa com nada mais que um batom e saltos — Amanda meneia a cabeça. — Mas ela já foi quebrada em tantos pedaços que às vezes é difícil saber quais ela está juntando para expor hoje — ela me olha nos olhos e eu vejo claramente uma amiga aqui que daria a vida por dona Encrenca. Eu sei o que é isso, eu e o Liam somos assim.

— Amanda, eu não tenho intenção nenhuma de fazer isso e sei que ela sabe muito bem cuidar de si — eu falo sério, na verdade estou meio

perdido. O que quero mesmo é descobrir em que problema está metida, eu sei que é algo grande e também não quero que ela estrague as coisas para Amanda, porque isso significa estragar para o Liam também.

— Eu só quero que você saiba Ed, se você magoar a Meg eu jamais vou te perdoar — ela diz isso numa clara ameaça e eu me sinto estranho.

— Eu te dou minha palavra que jamais faria isso de propósito — ela então sorri e eu correspondo.

— Pode sair daí Liam — a Amanda fala e um Liam bastante constrangido aparece passando a mão no cabelo.

— Desculpa, eu...

— Eu sei, você é um bobão ciumento — eles se abraçam e eu fico olhando com um sorriso torto. — E você tem razão, temos um homem-morto aqui, de uma forma ou de outra — ela fala e entendo seu ponto.

— Quem morreu dessa vez? — eu entro na cozinha e vejo minha amiga agarrada ao seu amor e o Ogro de pé assistindo a cena com um sorriso boboca.

— Ninguém — falo para o problema que eu vou enfrentar agora. Ela parece ter retocado a maquiagem... — Pronta? — pergunto pondo a última louça sobre o escorredor.

— “*Prontíssima*” — sorrio, ele não sabe o que o espera.

Sáimos sérios e calados. Ele aparenta maquinar algo que, com certeza, eu não gostarei, mas não falo nada e quando chegamos ao carro ele abre a porta. Abriu a porta para mim? Eu o olho, séria, e ele tem aquela expressão de “*isso é o certo a se fazer*”. Deus, esse homem ainda vai dar um nó em minha cabeça. Por mais que tente, não sei qual o jogo dele. Entramos no carro e lá vamos nós ao passeio mais esquisito da história dos seres humanos. O Ogro e a transviada, eu rio. Ele me olha franzindo a testa.

— Nem pergunte — corto. Eu sei quem sou e sei as coisas que faço, as pessoas também. Só que tem uma coisa que só eu sei, o porquê.

— Por hora não vou perguntar — digo, estou dando um tempo para ver por onde começo a conversa. — Vamos tomar sorvete — digo e é a vez dela me olhar com as sobrancelhas levantadas. — Não gosta?

— Claro que gosto, adoro, mas eu achei que você iria me encher com sua curiosidade anômala — eu o encaro analisando. Realmente ele é um caso de estudo para a psiquiatria.

— Não, por agora — sorrio e ela se cala. Nem mais uma provocação. Sei que essa calma é encenação. Ela está só esperando o momento para fazer algo louco e me deixar irritado, mas dessa vez dona Encrenca, me preparei.

Mal chegamos ao centro e meu celular toca. Eu atendo surpreso. Vó Judith ligando, com certeza é algum problema.

— Oi, vó Judith! — Ela não é de fato minha avó, mas é a pessoa mais velha na cidade e todos a chama assim. — A senhora está bem? — vejo dona Encrenca me encarando. Estamos os dois parados dentro do carro, enquanto escuto a vó me dizer que o Flu, seu gato, mais uma vez está preso no sótão. Esse gato dá mais trabalho que criança. — Tudo bem, eu chego aí já.

— Chega aonde? — olho para o Ogro pensando o que será gora.

— Na vó Judith, ela tá com um probleminha, será rápido — não será não, mas não quero cansar a paciência da dona Encrenca. Vó Judith mora uns vinte minutos da cidade, então tem tempo de ida e vinda, mais o gato problema...

Então, lá vamos nós para essa vó dele. Eu fico imaginando, embora saiba que é uma coisa absurda, o Ogro tem vó. Eu dou um sorriso torto e ele me olha de lado, mas depois uma tristeza me invade. O Ogro TEM

vó... E eu? Muito bem, tenho a Amanda, não bem uma vó, mas... Deixa de ser idiota Meg! Me repreendo por estar sentimental, isso não é hora. Alguns minutos depois chegamos lá e uma senhora bem velhinha vestida de robe nos atende na entrada de uma cerca branca. Ela tem uma propriedade afastada do centro. É uma casa encantadora, eu confesso, e o jardim então... Flores maravilhosas.

— Ainda bem que você veio, meu filho. O Flu está preso na passagem do sótão e eu não posso subir lá, então, já sabe né?! — Ela diz numa voz que não caracteriza nada menos que vó. E então, me encara com os olhinhos apertados atrás de óculos grossos. — Essa é sua garota Ed? — opa! Eu?! “*Nananinã*”...

— Eu vou tirá-lo de lá vó e não, essa não é minha garota — mais essa agora. Vó Judith e sua mania de querer me casar de novo. — Vamos entrando — caminho em direção a ela e percebo que se atrapalha com os degraus, mas dona Encrenca é mais rápida que eu e já está lá apoiando a vó Judith.

— Pronto — digo segurando a senhora, ela parece tão frágil, mas tem um olhar sagaz. Dona Judith me encara e sorri. — Eu sou a Meg — digo como se sentisse uma necessidade incrível de que ela me conheça e goste de mim. Meg, você não está normal esses dias...

— A Meg do Ed? — droga, ela não desiste.

— Não, a Meg da Meg — digo e sorrio apontando o dedo para mim.

— Garota esperta — ela brinca e eu, com certeza, já sou fã dela.

— Eu te ajudo — a auxilio a subir os degraus e uma vez lá dentro o Ogro se movimenta como se estivesse em casa. Primeiro passa por uma bancada na sala onde tem potes com doces e biscoitos. Ele pega um biscoito e sai comendo, então retorna com uma escada. Eu e a idosa o seguimos, ainda

estamos de braços dados, mas eu nem me importo. Ele apoia numa parede em um corredor e vejo um pequeno buraco no alto, mais parece uma janelinha. Ele sobe e enfia a cabeça.

— Droga! — Viro num impulso e acabo batendo a cabeça na parede. Gato idiota, acabou de tentar me arranhar. — Dessa vez ele parece chateado, vó! — Digo sorrindo para ela, sei o quanto gosta desse gato.

— Seja paciente, meu filho — ela fala sorrindo para mim de volta.

— Vai ver ele não gosta de Ogro! — Brinco e a senhora me olha.

— Ogro? — ela me encara séria e eu afirmo com um gesto de cabeça.

— Fica quieta, dona Encrenca, tá assustando o gato — eu falo para moça problema, mas não olho para ela. Estou concentrado no gato e em como puxá-lo já que esse espaço, com certeza, não me cabe.

— Então, já tem apelidos carinhosos? — dona Judith, a senhora é mesmo perigosa. Eu penso enquanto olho as costas do Ogro. Ele com certeza não cabe nesse buraco.

— Somos carinhosos — dou corda a senhora, vai ser divertido ver o Ogro desmentindo tudo que eu disser.

— Merda! — Novamente o gato tenta me arranhar, e dessa vez eu bato a cabeça com mais força.

— Olha a boca, Eduard! Vou lavá-la com sabão — a vó fala como se eu ainda tivesse dez anos.

— Desculpa, vó — saio e encaro o espaço estreito. — Eu não estou conseguindo.

— Desce — digo para o Ogro. — Você é enorme, deixa que eu faço — ele me fita com um ar de desafio.

— Sério? — eu a encaro na dúvida de que ela consiga. Ela não é

o tipo de mulher para isso.

— Sério, desce logo, montanha — falo séria e ele desce. — Segura a escada para mim, se me deixar cair arranco sua cabeça — falo dura, mas quero rir.

Eu subo e ele segura a escada para mim. Eu olho pelo buraco e vejo o bichinho assustado em um canto. Gatos, sempre fazendo essas coisas...

— Oi, amiguinho, por que não vem com a Meg? — digo e estendo a mão e ele prontamente arranha meu antebraço. — Ai — puxo num ato reflexo e quase escorrego da escada, mas sinto o Ogro segurar minhas pernas no lugar.

— Eu disse que não ia conseguir — falo para ela antes que Flu a mate. Claro que ele não vai fazer isso, mas essa não é uma tarefa para a senhora não me toque.

— Eu vou conseguir — digo o vou bem firme. — Agora faça seu trabalho e não me deixe cair. Ele segura a escada novamente e eu entro até a cintura no buraco. O gato lembra a mim, tão assustado, tão acuado, e claro, agressivo — Ei, amiguinho, eu não vou machucar você — eu me aproximo dele e ele me olha desconfiado. — Por que não facilita as coisas hein?! — Ele parece entender que não vou machucá-lo e então consigo pegá-lo. Eu volto de costas, abraçada ao gato e vou descendo a escada conforme saio do buraco. — Vou descer, segura essa escada, Ogro — ao invés disso ele me pega, e eu e o Flu somos levados ao chão por braços fortes.

— Pronto, não vai mais cair — digo enquanto a coloco no chão. Ela me encara descabelada e com um arranhão sangrando no braço. Eu a solto. — Está machucada, tem que cuidar disso — passo a mão na nuca e sinto algo molhado. Ao olhar minha mão está vermelha. Droga, machuquei mais do que imaginava.

— Você também, tem que ir ao hospital — fico encarando ele e o Flu ainda lá, em meu colo.

— Você dois sentem na sala, vou pegar o kit de primeiros socorros. Nós velhos sempre temos — vó Judith fala para mim e para dona Encrenca. — Pode soltar o Flu agora, querida — ela sorri e a problema põe o gato no chão no maior cuidado. Então, ela gosta de animais?!

— Tchau, amiguinho — eu ponho a bolinha de pelos no chão e sigo o “*montanha*” para o sofá. Dona Judith traz os remédios e eu passo um antisséptico no braço. Só depois olho para o Ogro. — Senta, você é grande, não dá para fazer seu curativo com você de pé — ele senta e eu examino. — Acho que precisa de ponto.

— Nada de agulhas — falo sério. Não gosto disso de ser espetado. — Pode deixar que eu mesmo...

— Ei, senta — corto o Ogro empurrando seu ombro para que fique no lugar. — Quem diria que um homem desse tamanho tem medo de agulhas?! Pode ficar aí, a Meg aqui entende muito de machucados, você vai sobreviver — digo rindo. — Mas sempre há a chance de seu cérebro ir embora por esse corte — ele me encara sério, com cara de poucos amigos e eu volto ao curativo. Faço um compressivo, para estancar e prendo bem. Poderia dar pontos de fato, mas também pode ficar assim como está. Homens, sempre uns medrosos quando machucados. — Pronto, por hora você vai viver.

— Obrigado, doutora — digo sério, mas quero rir. Ver esse lado da dona Encrenca me deixa... feliz? Essa garota, com certeza, mexe comigo, parece uma cebola. Cada dia descubro uma nova camada escondida e o pior é que eu gosto...

— Agora meninos, eu que agradeço — só então percebo que vó Judith ainda está lá. Ela assistiu à cena toda e tem aquele olhar. Droga, sei

que vou ouvir muito.

— Não foi nada — desconverso. — Vamos? — olho para dona Encrenca.

— Vamos — digo e embora tenha estado aqui só por um tempinho, já sinto saudade. Meg, você está ficando velha! Saudades de algo que nunca teve?! Pior que é... Saudade de uma casa de vó, com potes de biscoitos, jardim e gatos... Saímos direto para o carro, mas do caminho vó Judith me para e me abraça. Eu a olho desconfortável.

— Tenha paciência com meu menino, minha filha — oi? É comigo essa? — ele é um bom homem — eu olho dela para ele que já está abrindo a porta do carro. Sim, bom ele é mesmo. Eu sorrio para ela e a senhora entende isso como um consentimento.

— Sim, senhora.

— Me chame de vó, todos me chamam assim — meu sorriso cresce.

Na estrada de volta ao centro da cidade fico pensando nessas coisas loucas que acontecem com a gente. Uma velhinha, um gato e um jardim, nunca esquecerei a cena. Chegamos de volta ao centro e é quase três da tarde. Estou com fome de novo.

— Agora vamos lanchar — falo e ela me encara surpresa.

— Sério? — esse homem lê pensamento?

— Sério, estou com fome — digo olhando e sorrio de lado. Ela não contém e sorri também.

— Ao menos teremos comida nesse “*encontro*” — brinco e ele fica sério.

— Ainda vai me responder o que quero saber — sou direto, ela que não se engane, terei minhas respostas.

Descemos e compramos milk shakes e uma porção de cookies,

pego também dois sanduíches e dona Encrenca parece ser boa de boca porque não recusa nada. Mal começo a comer e meu celular toca outra vez. Ela me olha erguendo as sobrancelhas enquanto dá uma mordida em seu sanduíche.

— Oi? — eu digo porque já vi quem está ligando. É a Betsy e logo fala do computador dela que prometi olhar. — Desculpe, esqueci que era hoje — mais essa agora. Eu pego os lanches e vou levantando. Dona Encrenca me olha surpresa. — Vem, temos mais um lugar para ir.

— O que você é? O faz tudo da cidade? — digo irônica. Belo encontro, tomara que ele desista de me crivar de perguntas afinal.

— Anda, pegue suas coisas — digo direto e lá estamos nós no carro de novo. Em minutos paramos na frente do hotel da mãe da Betsy.

— Sério? O que vamos...

— Oi, Ed — vejo a bruxa se aproximar do xerife. — Sabia que não me deixaria na mão... — ela me encara séria. — O que ela faz aqui?

— Estamos tendo um encontro — digo séria, mas meus olhos sorriem enquanto os dela faíscam.

— Sério, Ed? — ela o encara e fala em uma voz insuportável. — Pensei que nós sairíamos hoje... — o quê? Ed o pegador? Nem morta que farei parte disso.

— Ótimo, porque estava fazendo caridade. Pode ficar com ele, querida — digo e vou me virando quando ele segura meu braço.

— Você fique bem quietinha aí, sem ciúme bobo — e sorri para mim como se estivesse devolvendo minha provocação. Miserável. — E você, pegue o computador logo, estou com pressa e sem paciência para brincadeiras — vejo então que a bruxa jogou verde e eu caí. Ai que ódio dela.

Eu entro bufando de raiva no hotel e o vejo pegar o notebook do balcão e começar a mexer enquanto a harpia o cerca, toda melosa. Eu vou vomitar. É Ed isso, Ed aquilo, você é tão maravilhoso, inteligente, nossa

como é forte... Que mulherzinha insuportável! “*Está com ciúme Meg?*” Droga!

— Pronto, Betsy, agora nada de ficar fazendo downloads em site estranhos ou vou cobrar da próxima vez — digo sorrindo para Betsy. Ela sempre faz isso numa esperança tola de me arrastar para uma saída a dois. Isso nunca vai acontecer.

Ele brinca e sorri. A Betsy se joga nele num abraço e eu me levanto louca para ir embora. Não vou mais ficar vendo essa ceninha tosca. Caminho até o carro e fico lá esperando. Ele ainda demora um pouco e então entramos no carro.

— Por que essa cara emburrada? Nem demoramos — digo olhando-a de soslaio.

— Ah, claro. Adorei a cena de filme de terror — digo cruzando os braços. — Ai Ed, como você é incrível, ai como você é inteligente, ai como você é forte, seus olhos são tão azuis... — digo tudo em uma voz forçada e esganiçada. Ele sorri se divertindo. — Sério? Vou vomitar!

— Não sabia que era tão ciumenta — provoco. Gostei do fato de ela se incomodar com isso. Afinal, ela não é tão indiferente a mim...

— Não seja mais ridículo do que já é — corto. — Embora odeie você, não desejo a Betsy nem a meu pior inimigo — falo séria olhando pela janela e ele abre a boca para me dizer algo, mas seu telefone toca outra vez. — O que é agora? Explodiram a bomba atômica? — que saco de telefone!

— Alô? Oi, Jame — droga! Mais essa agora. Os Calldwel e os Hollington brigando pela fronteira de novo? Eu olho para dona Encrenca ao meu lado. Será que nunca vou conseguir perguntar o que quero? — temos mais um probleminha para resolver.

— Ótimo, e vamos comer quando mesmo? Desse jeito vai virar jantar! — Digo sarcástica. Ele sorri meio de lado, mas parece incomodado.

— Paciência — digo apenas isso e lá vamos nós para a fronteira das fazendas.

Capítulo quinze

Uma conversa séria, finalmente!

Assim que chegamos avistamos o Jame Calldwel e o Nathan Hollington, dois fazendeiros natos. Filhos da terra. São jovens e fortes, o primeiro é ruivo, mas não como a dona Encrenca, tem um tom mais alaranjado, já o segundo é moreno, cabelo escuro e maior em tamanho. Sei que isso vai ser uma guerra, há anos que as famílias brigam por um pedacinho de terra de centímetros. Eu desço e a dona Encrenca me segue. Assim que nos aproximamos eu escuto a conversa.

— Sua família é de ladrões. Essas terras são nossas...

— Você é um imbecil morto, se repetir isso...

— Epa, ninguém vai morrer hoje — corto a confusão e começo a conversar com eles. São quase duas horas de conversa sem levar a lugar algum.

— Rapazes? — eu entro no meio dessa guerra de testosterona. Já estou de saco cheio e morrendo de fome aqui.

— Oi, gracinha — o moreno fala me olhando com desejo. Ótimo, meio caminho andado.

— Oi, gato, porque não me escutam? Eu tenho uma ideia de como resolver isso — eu falo colocando as mãos nos quadris.

— Sua garota, Ed? — o ruivo pergunta.

— Não, é apenas...

— Sou uma amiga — digo e o Ogro me olha divertido. — Esse pedacinho de terra pelo qual brigam não serve para nada. Vocês não vão plantar nada aí, não passa nem um rio, nem cabe, são centímetros. Por que não dividem ao meio e pronto? — é uma faixa de terra ridícula.

— O que entende de terra moça? — o ruivo me encara com

desdém.

— Muito, trabalhei com J.P. Bronster, o “ás” dos agronegócios — devolvo cheia de mim. Engula essa, caipira tosco.

— Sêrio? — ele me fita surpreso e eu me delicio. O Ogro me olha o tempo todo me analisando.

— Sêrio — confirmo cruzando os braços. — Se prometerem parar com essa palhaçada eu consigo para vocês um encontro com ele na conferência em Las Vegas esse ano — eles me olham agora me levando a sério. Consegui a atenção que queria.

— Sêrio que pode fazer isso? — o moreno se aproxima interessado.

— Com certeza gato, e ainda coloco vocês na mesa com ele no almoço de abertura. — eu sei, a Meg é demais. Bato palmas para mim internamente. Tudo é uma questão de conhecer gente.

— E como vai fazer isso? — ele me testa.

— Com um telefonema — digo segura de mim. — Preciso do telefone de vocês.

— Moça, se isso é uma desculpa para conseguir meu número, saiba que nem precisa. — o moreno fala.

— Espero que não seja enrolação, Ed — o ruivo fala para o Ogro que parece contrariado.

— Confiem em mim, rapazes — digo divertida e pego os telefones. Em alguns minutos consigo falar com o Bronster que me deve um favor, eu o ajudei a salvar seu casamento. Ele é um senhor de pouco mais de cinquenta anos com quem trabalhei na época da faculdade, um estágio que me ensinou muito. Na época ele tinha problemas com a esposa e eu o ajudei a reconquistá-la. Ele me promete dar o que eu pedi e ainda acrescenta acesso à área VIP para os rapazes em todo o evento.

— Garota, você é danada — o ruivo fala e agora sei que ele me respeita, bobão.

— Sua garota tem cérebro, Ed — o moreno diz isso e esquecem completamente a cerca.

— Não esqueçam da cerca rapazes — digo e pisco brincando. Saímos com mais uma tarefa cumprida e vamos para o carro. O Ogro parece irritado. — Agora é você quem está emburrado.

— Não devia ter interferido. — digo irritado. Que favor é esse que esse homem deve a ela?! Só de pensar me irrita.

— Por quê? Eu resolvi tudo não?! — O encaro curiosa. — Apenas com uma ligação para um amigo.

— Um amigo que você deve sei lá o quê?! — Falo irritado.

— Quem é o ciumento agora? — brinco sorrindo.

— Ciumento? Não mesmo, só não sou a favor dessas trocas. Não importa o que seja lá que deu a ele em troca de um favor... — o sorriso dela some na hora que falo essas palavras.

— O que está insinuando? — o encaro furiosa.

— Nada, acho que fui bem claro — assim que digo isso sinto o milk shake ir de encontro ao meu rosto.

— Idiota — falo e desço do carro andando pela estrada.

— Você não fez isso — digo indo em direção a ela e a segurando para que olhe para mim.

— Fiz — grito. — E faria mais, estou cansada de você e de seu falso puritanismo. Se eu fosse um homem não diria isso, iria me parabenizar por sair com várias mulheres. O que acha que essas mulheres fazem antes de te conhecer. Por acaso mulheres virgens brotam toda vez que você quer transar com alguém. A sua mulher era virgem quando a conheceu? — eu vejo o olhar dele escurecer.

— Não fale dela — estou bem perto da dona Encrenca. Rosto com rosto, nossos narizes quase se tocando e ela está com raiva de mim e eu com raiva dela. Raiva por ela ser assim, tão autodestrutiva, por ela se esquivar tanto, por não ceder, por ter saído com outro cara... Espera! Estou com ciúme? Droga mil vezes!

— Falo, porque ela não é uma santa! — Digo no limite da raiva. — Você é tão machista, tão idiota se pensa que as mulheres não têm tanto desejo quantos os homens. Nos julgam vagabundas porque fazemos o mesmo que vocês homens. Quer saber?! Que se dane, eu não devo satisfação da minha vida para você! — Falo e tento me soltar.

— É isso que acha que me irrita? — você não sabe de nada mesmo, dona Encrenca. — Moça, você...

— Não me chame assim! — Grito.

— Já chega! Entra no carro, nós vamos embora! — Digo duro.

— Não vou com você. — corto. Ele me olha sério e então solta meu pulso e passa as mãos pelos cabelos.

— Quer entrar no carro ou quer que te coloque nele? — pergunto sem paciência. Estou irritado, sujo de sorvete e com fome.

— Não se atreveria! — Ele faria isso?

— Não me teste, você acabou de estragar meu banco de couro! — Ela me olha decidindo e então segue para o carro, mas não desmancha a cara de emburrada.

Dirijo todo o caminho irritado com a situação. Tinha certeza que não perderia o controle, mas não consegui. Sou um idiota mesmo. Assim que chego em frente à minha casa, paro e ela se volta para mim com uma questão no olhar.

— Quero ir para casa! — Cruzo os braços como uma criança birrenta.

— Depois que eu tomar banho te levo — digo sério. — E você vai limpar meu carro.

— Eu não sei fazer isso — não vou mesmo. — E a culpa foi sua por ser tão machista.

— Não quero saber de quem é a culpa, tem produto de limpeza embaixo da pia — viro para encará-la de forma brusca e ela recua um passo. Será que ela pensa que eu a machucaria? E por um carro? — limpe — digo, mas a voz sai mais suave dessa vez. Ela me olha contrariada.

— Ogro — falo assim que ele entra em casa deixando a porta aberta. Eu vou logo depois e pego o primeiro produto que acho. Fico olhando a sujeirada e começo a limpar. Droga. Espirrou em todos os cantos... Estou indo para o banco agora quando vejo as partes em que passei o produto adquirirem um tom esbranquiçado. — Droga, agora eu vou morrer...

— Quem vai morrer? — ela vira escondendo o produto nas costas e tapando a visão do estrago com o corpo.

— Oi? — falo com um ar de boba. Ele foi rápido e ainda tem os cabelos molhados. — Ninguém!

— Sai daí — digo para poder ver o que ela fez dessa vez.

— Não — sei que é idiotice minha, uma hora ele vai ver, mas eu sei que vai pirar, então quero protelar...

— Sai logo — a empurro, mas de leve e meu queixo cai. — Você fez isso de propósito? — eu estou incrédulo.

— Claro que não! — Respondo direto, sei que poderia provocá-lo, mas não quero agora. Cansei desse jogo. — Eu disse que não sabia limpar. — eu me defendo e ele me encara e puxa minha mão.

— Deus mulher, você usou um produto cáustico? O que você tem na cabeça? — ela só pode ser doida. — Então, quando diz que me odeia é sério? — a encaro sem saber se fico irritado ou perplexo. Então, noto que o

lábio inferior dela treme... Droga, ela não fez de propósito. Será que ela tem medo de mim? — esquece!

— Eu pago — falo séria. Droga, eu não queria estragar o carro dele, mas também ele me pressiona tanto que acabei fazendo besteira. Eu estou cansada, suada, com fome, irritada...

— Com que grana se está desempregada? — assim que falo me arrependo ao ver seus olhos brilharem marejados.

— Com o dos programas que faço — digo com raiva porque é a única coisa que vem a minha cabeça.

— Não diga isso nunca mais — puxo-a pelo braço para mim e falo encarando-a. — Entendeu? — ela fica com a respiração presa uns segundos.

— Me solta — falo com a voz baixa, não sei exatamente o que sinto... Medo? Mas não dele, mas de como o tempo parece parar toda vez que ele se aproxima assim de mim.

— Ok, desculpa — eu a solto e exalo. — Ainda está com fome? — mudo de assunto. Ela sempre quer briga e quanto mais eu provooco mais ela revida. Tenho que achar outro caminho.

— O que acha? — claro que estou. Droga!

— Vem, vamos comer — digo e sigo para casa, ela espera alguns minutos, e então me segue.

Dentro de casa eu observo o Ogro mexer as coisas em busca de nossa “*comida*”. Ele parece meio perdido e eu acho graça. No final das contas ele é duro, turrão, severo, mas não parece malvado. Não, ele é um dos corações puros. Droga, Meg! Esses são os piores, fazem você querer o que nunca terá, eles não são para você.

— Não tem comida em casa? Tem dois sanduíches velhos no carro, biscoitos e meu milk shake ainda está a salvo... — digo rindo dele.

— Tenho coisas para cachorro quente, mas não sei fazer — eu a olho contrariado. Falei tanto de comida e agora essa...

— Eu sei fazer — digo e ele me olha espantado. — No orfanato as tarefas eram divididas e eu acabei ficando com o cachorro quente de domingo — digo e minha voz vai perdendo volume e eu vou me arrependendo de me expor assim.

— Sêrio? — pergunto por impulso, vê-la se abrir assim aguça minha curiosidade. — Se for bom juro que esqueço o estrago que fez no meu carro — ela sorri sem encenações e eu me sinto um bocó.

— Então, cai fora da cozinha — digo achando divertido. Algo que eu sei fazer e ele não.

— Negativo, vai que decide queimar tudo aqui. — brinco e ela fica séria.

— Eu não estraguei seu carro de propósito — desconverso e vou em direção as coisas que usarei para o cachorro quente.

Logo estamos os dois fazendo o bendito cachorro quente, ele corta os temperos para mim, eu faço um molho e ponho as salsichas cortadas em rodinhas. Ele acha estranho, mas eu digo que fazíamos assim no orfanato, porque rendia mais. Ele me olha com um sorriso doce, tão ele. Eu me sinto desconfortável quando é gentil assim comigo, prefiro quando me repreende. Estou acostumada a ser repreendida... Acabamos de fazer, ele põe a mesa e lá vamos nós comer. Em silêncio por um tempo e então ele começa.

— Então, o orfanato não era tão ruim, era? — pergunto, porque a vontade de saber sobre ela é grande.

— Você ainda vai insistir nisso? — o olho incrédula. — Quer saber quando eu nasci também?

— Vou, comece a falar — sou taxativo. — Só vou te levar depois que falar e sobre seu aniversário, nem pense que vou lhe dar presentes.

— Você é tão irritante — o encaro séria e ele cruza os braços se deixando recostar na cadeira. — Por favor, me mata! — falo enterrando o rosto nas mãos então o sinto pôr as mãos sobre as minhas.

— Ei, olha para mim — digo fazendo-a me olhar novamente. — Eu não sou seu inimigo, quero ajudar — e quero mesmo.

— Por quê? — o que ele quer afinal?

— Porque eu quero... — ela não se convence. — Pelo Liam, pela Amanda...

— Claro, para que a indesejável aqui não seja um estrago na vida alheia, mais do que já fui até hoje — digo desviando o olhar.

— Sério, não quero tripudiar, nem me intrometer, realmente quero saber por que você age assim e quem sabe poder te ajudar — vejo mágoa no olhar dela antes que desvie o rosto. — Eu sei que não tem motivos para confiar em mim, mas pode confiar — quero que ela confie em mim, quero realmente ajudá-la...

— Você realmente quer saber? — engulo em seco, olhando para ele. Ele me parece tão sincero, um príncipe em um cavalo-branco, mas eu já confiei antes... Confiei há muito tempo, quando ainda tinha coração... Mas se ele quer tanto saber, vamos dar um show a ele. Ele responde com um aceno de cabeça e lá vou eu. — Por onde quer que eu comece?

— Pelo começo? — digo, mas num tom suave, para que não pareça ironia.

— Ok, senhor curioso — falo e puxo minha mão da dele, que ainda a mantinha segura. — Eu tinha cinco anos quando meus pais morreram.

— Eu sei... — falo e ela me olha séria, ainda em dúvida do que vai dizer, mas prossegue.

— Não tinha mais ninguém, nem família que me quisesse — digo inspirando fundo. Ele parece se manter passivo e eu continuo. — Em pouco

tempo um casal quis me adotar. Uma bonequinha ruiva, eles diziam. Eu fui levada para casa com eles e alguns meses depois me devolveram — digo contendo a raiva que vem em mim quando lembro o porquê.

— Por quê? — pergunto e ela sorri amarga.

— Sabia que perguntaria, então para ser rápida, o papai gostava de brincar de bonecas e a mamãe descobriu — ele me olha com uma dor expressa e eu olho para minhas mãos. Não quero piedade. — Ela o denunciou, mas se sentia incapaz de cuidar de uma criança, ironia do destino — eu sorrio forçado.

— Eu sinto muito — falo com a uma voz pesada e faço menção de segurar sua mão, mas ela recua. Eu me sento na cadeira em uma outra posição. Me sinto desconfortável. Tenho raiva desse monstro que fez isso a ela, mas tenho mais raiva por não poder apagar isso dela.

— Sei, já ouvi isso antes — digo e cruzo os braços, não quero pena. — Então, em poucos anos fui adotada por uma mulher sem marido. Ela estava me treinando para ser uma rainha — eu sorrio descrente. — Eu era introspectiva, medrosa e desconfiada. Isso não a agradava, ela me pôs em uma escola cara e eu conheci a Amanda. — pigarreio. — Mas ela descobriu que meu QI não era compatível com o dos gênios do Nobel e então achou um meio de devolver o pacote — ele me olha com uma expressão de raiva no olhar. É Ogro, também tive raiva na época. — Então, um outro casal me pegou. No início era tudo ótimo, até que meu irmãozinho começou a ter ciúme e me machucar. As manchas roxas e arranhões foram notados e o conselho tutelar me levou — mordo o canto do lábio. — Então, eu fiquei no lar adotivo por mais um tempo até que outro casal me adotou. Eu tinha por volta de doze anos — engulo em seco e levanto com os braços cruzados eu vou até a janela e olho lá fora e o tempo parece ter fechado como minhas emoções mais escondidas. Esse tempo todo ele não disse nada, apenas me

escuta, mas eu posso ler suas expressões faciais e não quero ver o que vem agora. — Então, eu achei que estava tudo bem até que descobri que esse pai novo também gostava de brincar de bonecas... Eu cheguei da escola, pus um short e uma camiseta e estava na cozinha fazendo um sanduíche quando ele me abraçou por trás. Eu achei estranho, mas na hora não esperava e ele começou a me dizer que mostraria o quanto me amava, e então... — soluço e só aí percebo que lágrimas correm por minha face. O Ogro me puxa pelos ombros me fazendo virar de frente para ele.

— Não precisa dizer mais nada — a olho assim, tão machucada. Sou mesmo um idiota em fazê-la lembrar tudo. Pensei que estava fugindo de algum namorado ou coisa parecida, mas não, ela realmente viveu no inferno...

— Não? — digo olhando-o com raiva. — Você não aguenta ouvir, Ogro? Foi você quem pediu — eu me esquivo dele.

— Ele... — não consigo perguntar. Ela volta a me olhar.

— Não — digo dura. — Eu enfiei a faca de pão nele e liguei para o Ben — eu digo e ele me encara prendendo a respiração e tem um ar de compreensão no olhar. — Eu fiquei vendo ele sangrar e por Deus, eu desejei que ele morresse, mas não aconteceu. Ele foi para o hospital, depois foi preso. Minha ficha foi limpa, mas adoções não aconteceram mais. Eu tinha um histórico de irritabilidade, dificuldade de socialização entre outras coisas — o olho séria. Não vou contar das drogas, do álcool e como eu e a Amanda juntamos nossas dores e rejeições em uma enxurrada de confusões. — Eu não fui feita para ser amada e aceitei isso faz tempo, Meg, a indesejável — digo amarga. — Aonde vai? Me pergunta tudo isso e sai? Não gostou da empolgante vida da Meg? — digo ao vê-lo ir em direção à cozinha, ele vira e me olha, então vem em minha direção.

— Senta no sofá e liga a TV — digo e ela me observa como se eu

fosse um maluco. Lá fora uma chuva fina começa e eu sei que o tempo vai esfriar nesse fim de tarde. — Eu não demoro.

Eu faço como ele diz, estou mais no automático. Dizer tudo isso me fez sentir exposta como um nervo, mas no final segurei bem. Não quero parecer coitadinha, mas pela minha história é inevitável que isso aconteça. Eu sento sentindo a virada do clima. Tiro meus calçados e encolho os pés embaixo de mim e na televisão está passando um filme romântico e triste. Eu mudo de canal, mas acabo voltando. Masoquista, eu? Que se dane... Sinto o cheiro de chocolate e volto para olhar o Ogro de pé ao meu lado. Nem o tinha visto chegar.

— Não é o melhor do mundo, mas a Mel dizia que era melhor que o dela — falo e sorrio de lado. Ela pega a xícara e me sento ao seu lado. — Sei que nada do que eu diga vai fazer diferença para o que passou, mas você pode fazer diferente. E olha o Liam e a Amanda...

— Sei, o amor existe — falo descrente.

— Não acredita? — eu a olho surpreso.

— A Mamá crê, isso é o que importa — eu falo sincera. — Enquanto o Liam fizer ela feliz, tudo bem ela sonhar — eu digo porque por mais que o Liam seja perfeito, eu não consigo confiar de olhos fechados, não mesmo. — Do contrário, arranco a cabeça dele.

— E o irmão dela? — não resisto a perguntar sem me importar com a referência ao Liam, sei que ele ama a Amanda.

— Ele é como eu — corto seca, eu e o Benjamin somos iguais, assim não há erro, é mais seguro. Eu posso gostar dele, porque sei quem ele é de verdade e aceito isso.

— Sinto muito que pense assim — eu digo porque sinto realmente.

— Claro, você conheceu o amor, não? — o olho cética e ponho a

xícara na mesinha. — Você e sua Mel, amor eterno. Isso porque ela morreu antes — assim que falo isso sinto a mágoa saltar nos olhos dele.

— Você não entende porque se fechou para isso, se tornou amarga, dura e vazia — ela engole em seco e eu não sei como mostrar a ela que quem mais perde com isso é ela mesma. — Sei que as coisas que passou foram difíceis, mas...

— Sabe? — eu corto. — Você é um idiota como todos os outros. Sim, pode me julgar, a Meg megera, a bruxa, a viúva-negra, a “*vagaba*”, a indesejável... — prossigo com todos os apelidos que já tive, mas paro quando ele segura meu queixo em sua mão.

— Para — a olho e me sinto em uma confusão de emoções, pena, piedade, raiva, impotência. Eu conheci uma Encrenca divertida, de bem com a vida, cabeça fresca e a cada camada que tiro, vejo uma Encrenca ferida, magoada, sem ilusões, sem crenças e só. Estou perdido entre protegê-la e corrigi-la. — Nunca mais diga essas coisas de si mesma — digo muito sério, mas minha voz não se mostra rude.

— Por que você se importa? — desafio.

— Porque... — ela me olha de forma estranha e mais uma vez estou tão perto que vejo suas sardas uma por uma. Segundos intermináveis se passam e eu não sei explicar. É uma coisa idiota, um sentimento de adolescente, mas eu quero que ela saiba que pode ser diferente, que ela pode conhecer o outro lado da vida, e quero que seja eu quem vai mostrar isso a ela. Toco os lábios dela com os meus, mas dessa vez eu vou além de um gesto leve e ela retribui de forma lenta, um tanto indecisa. Minhas mãos seguem direto para sua cintura puxando-a para mim e então ela se torna mais segura e entrelaça minha nuca, mas se afasta e me olha de forma esquisita. Droga, eu fiz uma merda sem tamanho agora... — Eu sinto muito, eu não deveria... — começo a me desculpar.

— Seu curativo está molhado, é melhor trocar — eu corto as desculpas, ele é um idiota mesmo. Não se beija uma mulher e depois pede desculpa.

— Eu... — então era isso. Droga, dei mancada, achei que ela estava me rejeitando. Ficamos nos encarando numa situação surreal. Ela tem os lábios rosados e a face corada pelo beijo e eu só tenho um pensamento, puxá-la de volta para meus braços. Apesar disso, não quero tornar essa situação mais esquisita ainda.

— Pega as coisas que eu troco o curativo — digo desconversando. Apesar de todas as coisas esquisitas eu quis esse beijo, eu retribuí e ainda quero mais, isso me faz sentir raiva de mim.

Ele sai e volta com o material e eu troco o curativo dele em silêncio. Ainda sentados no sofá eu acabo meu serviço de saúde e forço minha máscara de volta a mim. Não sei o que acontece comigo, mas eu acabei me expondo em excesso aqui, como um nervo sem proteção. Ele sabe demais sobre mim e eu não sei nada dele. Me sinto uma idiota.

Eu a olho e percebo que tem uma postura completamente diferente. Parece desconfortável. Não quero que se sinta assim, quero que possa confiar em mim. Eu a olho de soslaio. Estamos os dois, sentados eretos no sofá como dois estranhos. Fiz uma tremenda confusão aqui. Essa situação é insustentável...

— Me deixa ajudar você — falo segurando-a pelo pulso, ela fica me olhando com aquele ar esquisito.

— Qual é, Ogro? Foi só um beijo, você não roubou minha pureza, não é responsável por mim — digo puxando meu pulso, mas ele não me solta. Eu paro de falar e ele sobe a mão lentamente pelo meu braço até tocar meu rosto de forma suave que eu não consigo separar meus olhos dos dele. Ele me puxa devagar até estar bem perto e então me beija novamente. Dessa

vez é um beijo lento, delicado, carregado de desejo e que vai se intensificando. As sensações se mesclam entre conhecidas e algo novo, não sei explicar o que é, mas não consigo me desvencilhar dele. Normalmente eu estou no controle de situações assim, mas dessa vez me sinto levada e sem querer fugir. Eu me deixo levar e as carícias se intensificam e dessa vez é ele quem se afasta de mim como se estivesse com medo de perder o controle. Controle? Acho que nenhum de nós dois temos quando estamos no mesmo ambiente.

— Isso tá começando a ficar estranho — falo, porque não sei mais o que dizer a ela, que está me fitando com uma expressão confusa. Tenho certeza que estou do mesmo jeito.

— Sim, você beija estranho — eu falo porque piada é uma forma de não se mostrar idiota, como me sinto agora. Me dou conta que pela primeira vez não tenho aquela sensação de estranheza e vazio que sempre me acompanha nesses momentos. Pior, eu quero ficar, quero estar com ele e mais ainda, quero que ele queira isso também. Meg, você está terrivelmente Encrencada.

— Não foi isso que eu quis dizer — sorrio desconfortável. Ela enfia as mãos nos bolsos e desvia o olhar.

— Acho melhor eu ir embora — falo isso porque prefiro ir por minha vontade a ser expulsa. Me levanto e ele me segue e segura minha mão.

— Eu te levo — falo isso contrariado, na verdade queria que ela ficasse, mas isso seria ir longe demais e tenho que admitir para mim, estou com medo do rumo que as coisas podem tomar. Pela primeira vez em minha vida estou bastante perdido aqui... Eu seguro a mão dela como se tivesse que me segurar em algo, ela não se esquivava e vamos assim até o carro.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo dezesseis

Emoções esquecidas

Eu a levo em casa em silêncio. Nenhum dos dois parece ter coragem de falar depois desses dois beijos em meio a uma confusão de histórias e sensações. Não sei o que me deu, sempre fui muito lógico, mas tê-la assim, tão perto e saber de tudo pelo que ela passou e que mesmo assim ainda consegue fazer as coisas parecerem leves em torno dela, me deixaram... Droga, não sei como me sinto, só tenho uma certeza, seja lá o que for, é um sentimento que me puxa para ela: dona Encrenca! Assim que paramos em frente à casa da Amanda ela vai logo abrindo a porta e em um impulso, coisa que está se tornando habitual para mim, eu travo as portas.

— Espera — ela me olha surpresa. — O que eu disse lá em casa, foi sério — eu digo olhando-a nos olhos para que ela note que eu não estou jogando com ela.

— Sei, você é um príncipe preso no corpo de um Ogro por uma bruxa má — eu sorrio amarga e ele fica me encarando como se de repente, eu fosse mudar e me transformar na pessoa que ele espera que eu seja. — Você sempre teve razão, desde o início, eu sou problema, fique longe — eu digo isso e vou abrindo a porta para descer.

— Está me protegendo de você? — falo em um meio sorriso, mas ela não responde... — Não importa, eu posso lidar com isso, se você puder confiar em mim — eu sei que é aí que reside o problema dela. Ela me olha analisando minhas palavras.

— E porque eu faria isso? — o que ele acha? Que vou confiar nele cegamente e logo estaremos casados e cheios de “*ogrinhos*” correndo na varanda de casa? Deus... Meg, fique longe dele.

— Por que dessa vez é real, eu sou real e estou dando minha

palavra de que quero te ajudar, me deixe ser seu amigo — eu digo isso mesmo sabendo que depois daquele beijo eu quero muito mais, embora saiba que não é o que poderei ter dela. E nesse momento me dou conta que ela me contou sobre sua vida, suas atitudes, mas não problema que a trouxe até aqui naquela noite de chuva. — Ainda não me disse porque veio embora tão assustada.

— Você é um policial mesmo, não?! É genético! — Exalo contrariada. Estou cansada, foi uma longa tarde e meus últimos dias não foram mais fáceis. Meg, você precisa de um Spa. Ele ainda me encara esperando uma explicação. — Quer me ajudar, arranje um trabalho “*real*” para mim, como você mesmo fala, um que me permita pagar meu aluguel e deixar a Amanda em paz — falo séria e a expressão dele se torna mais suave. A tensão parece diminuir e ele ainda fica me encarando. Eu sei aonde isso vai levar e preciso fugir disso. — Boa noite, Ogro — sim, noite, porque o sol já está dando seu adeus de hoje.

— Boa noite, Encrenca — falo e passo as mãos no rosto numa tentativa de acordar e pensar de forma sensata. O cheiro dela está em minhas mãos, ótimo... Depois que ela sai do carro eu ainda a observo entrar em casa. Só então ligo o carro e volto para a minha. Muitas coisas para pôr em ordem na minha cabeça.

..

Eu acordo e olho para o lado vazio da cama. Pela primeira em minha vida eu queria ter alguém aqui ao lado, alguém que me fizesse sentir segura, confortável e feliz... Para minha surpresa não é a imagem do Benjamin que vem em minha mente Droga Meg! Tudo isso para você desejar coisas que só irão te frustrar?! Vamos garota, reaja. Eu pulo da cama e tomo um banho revigorante. Visto short jeans e camiseta, calço chinelos e desço para o café. Eu terei uma conversa com a Amanda hoje, contarei porque estou

aqui de verdade e seja o que Deus quiser... Ou posso também ir embora e deixar minha amiga ser feliz, livre do problema chamado Meg.

— Bom dia para a melhor pessoa do mundo — digo abraçando a Amanda. — Onde está seu love? — eu procuro o Liam com os olhos.

— Lá fora, com o Ed — a Amanda fala séria.

— Por quê? — minha curiosidade aguça.

— Algo com os pais do Ed, não sei bem — com os pais dele? Mas o quê, gente?!

— É sério? — olho pelo vidro da janela e os dois parecem sim muito sérios em meio a uma conversa.

— Preocupada com ele, Meg? — Amanda fala atrás de mim, se apoiando em meu ombro para ver também.

— Claro que não! — Droga! Meg dando bandeira. — O que você está fazendo para o nosso café? — desconverso indo em direção à cozinha. A Mamá me segue e não faz perguntas, essa é minha amiga. Apesar de que, sei que ela tem aquele olhar...

— O de sempre, café, pães, frutas...

— E meu chocolate? — pergunto, sendo o mais natural possível e ela abre um sorriso enorme.

— Claro, sua boba — comemos por uns minutos em silêncio e logo escuto a porta abrir, mas seguro o impulso de olhar na direção dela. Ao contrário de mim, a Amanda se volta toda para lá.

— Liam? — a Mamá questiona.

— Oi, amor! — ele vai até ela e a brinda com um selinho, sinto uma pontadinha de inveja. Deus, se está aí me ouvindo, é hora de começar a me ajudar!!!

— E o Ed? — a Mamá fala. É, e o Ogro? Pergunto com os olhos engolindo as palavras.

— Acho que vai resolver tudo — só isso príncipe? Sem detalhes?

— Não vai tomar café conosco? — Amanda insiste.

— Não, estou sem fome — sério? Droga...

Tomamos café em silêncio e o Liam disse que precisa resolver uma coisa com os rapazes e ficamos eu e a Amanda sozinhas. Um silêncio perpétuo paira sobre nós. Eu sei que cara tenho agora e ela olha pra mim séria. Ficamos algum tempo assim, então ela resolve falar.

— Ok, já chega! Desembucha — ela cruza os braços.

— Não sei do que está falando — desvio o olhar.

— Estou falando do “*encontro*” — ela devolve fazendo aspas. — Você chegou muda, nem comeu e foi direto para o quarto. Agora fala ou eu vou ligar para o Ed — meus olhos abrem do tamanho de pratos. — Ah, sim! Eu faria isso sim! — Ela volta a cruzar os braços.

— Sério? Achei que fosse minha amiga! — Também cruzo os braços.

— Nem vem, Margarete Cobalsk, comece a falar! — Droga, estou perdida.

— Não foi um encontro, Amanda Stone — ela estreita o olhar e eu começo a falar. — Ele apenas me levou em sua saga pela cidade.

— Saga? — a Mamá apoia as mãos sob o queixo.

— Sim. Salvamos um gato, consertamos o computador da bruxa e resolvemos uma briga de terras — eu usei nós em todas as ações? Eu fiquei mesmo lesada.

— Então, juntos vocês salvaram o mundo?! — Ela ri e isso me irrita.

— Ei? Ouviu que aquele idiota é amigo da bruxa e a ajudou com o computador? — ela me faz uma cara de desdém. Ótimo! — Não esqueça que por causa dela eu não tenho emprego.

— Tem, comigo — a Mamá faz cara de chateada. — Sei que não gosta de trabalhar para mim, mas...

— Droga, eu adoro! — Vou até ela e a abraço. — Mas eu preciso de algo meu, amiga, sem causar problemas...

— Meg... — ela me segura pelos braços e eu estou com o queixo apoiado em sua cabeça. — ... você nunca será um problema para mim — a aperto ainda mais. — E não se zangue comigo, mas eu acho que você pega pesado com ele.

— O quê? Você está o defendendo? — a solto e fico de cara para ela.

— Não, estou dizendo para você ser a Meg que conheço e não ser ingrata — ai, essa doeu. — Eu sei que dizem muitas coisas sobre você, mas nunca foi mesquinha, nem ingrata, meio doida... — ela suspira e fica de pé me olhando nos olhos. — Eu te amo amiga, quero que seja feliz.

— Tá doida, acha que o Ogro é minha felicidade? — deixo meu queixo cair.

— Não sei, mas ele é um cara legal e sempre te trata bem — sério? Ela não sabe de nada — Sim, ele te trata bem, ele te dá atenção, se preocupa com você.

— Ótimo, perdi minha amiga para o Ogro! — Falo fazendo bico.

— Nunca, não seja tola, nem para o Liam ou Benjamin você me perderia — ela fala com uma dor no olhar, droga! Sempre estrago as coisas.

— Não, amiga, você nunca teria que fazer essa escolha — digo bastante segura. Ninguém vai destruir a felicidade dela de novo. Não posso contar sobre o meu perseguidor agora, talvez nunca... Deus! Eu engulo em seco. — Ok, você venceu!

— Venci o quê? — Mamá me olha com espanto.

— Além de ser sua madrinha preferida no seu casamento dos

sonhos, eu darei uma trégua ao Ogro — eu disse isso mesmo? Acabei de prometer isso?

— Jura? — ela me encara.

— Juro que sua felicidade é a minha, e se você fica feliz eu também fico. — sorrio.

— Meg, não quero te torturar, apenas...

— Nada que faço por ou para você é tortura — alargo meu sorriso.

Depois dessa conversa ficamos mais leves, me sinto mais leve. Fazemos algumas piadas. Arrumamos algumas coisas na casa e no fim da tarde o Liam e a Amanda estão conversando que nem dois bobos apaixonados na sala. Eu fico espreitando por um tempo, embora não saiba do que estão falando. O Liam dá de cara comigo e fui pega espionando. Eu sorrio desconsertada.

— Podíamos adotar a Meg — ele fala sorrindo.

— Sério? — a Mamá devolve. — Eu te amo tanto, amor.

— Ai vocês dois, vou morrer de overdose de glicose aqui. — reviro os olhos.

Sério amor, não precisaremos trocar fraldas, acordar cedo... — o Liam começa.

— Ok, já chega. Sejam bons pais e me emprestem a chave do carro. — eles me olham ao mesmo tempo erguendo as sobrancelhas.

— Onde vai, filhinha? — Liam, vou matar você.

— Agora, chave — estendo a mão e ele joga a chave dele para mim.

— Cuidado com o carro do papai — Mamá soca o ombro dele.

— Você mima demais a nossa pequena — nós três sorrimos.

— Idiotas — brinco antes de sair batendo a porta de leve.

...

Minutos depois estou no centro com uma vontade louca de comer um doce e entro numa lanchonete. As pessoas me olham meio torto, mas uma senhora atrás do balcão sorri pra mim. Eu devolvo, sou educada. Vou até ela.

— Oi, boa tarde. Eu quero muito um doce bem gostoso — preciso. Estou feliz, me sentindo leve e pronta para algo novo.

— Temos esses bolinhos de chocolate recheados com doce de leite... — enquanto ela fala eu recebo uma mensagem. Olho o celular e mais um vídeo nojento está lá. Ele está ficando mais ousado e logo depois uma mensagem de texto avisa que ele tem ideias para mim. Eu gelo e sei que faço cara de nojo quando volto a escutar a mulher. — ... Está tudo bem se não gosta desse, moça, temos outro, mas acho que sua pressão caiu, precisa de algo salgado — ela vem em minha direção, para o meu lado do balcão e me ajuda a sentar em uma mesa e me dá um copo de água gelada. Eu bebo no automático. — O bolinho não foi boa ideia? — ela deve ser doida! Eu estou doida. Preciso fugir, ficar longe da Mamá... — Esse é o preferido do xerife — a menção ao Ogro me traz de volta. Eu a olho focando a vista.

— O xerife? — ela sorri estranho.

— Sim, querida. Se sente melhor? — ela agora tem certeza que sou maluca.

— Eu estou meio doente, só isso. Sinto muito se a assustei — desconverso.

— Tudo bem — ela sorri mais relaxada. — O Eduard sempre me perde para guardar o dele, mas hoje ainda não esteve aqui...

— Quero um, para viagem — digo e não sei se estou fazendo o certo, mas darei a trégua que a Mamá quer e depois partirei e ninguém se sentirá mal por isso.

Pego o bolinho e sigo para a delegacia. Não sei exatamente o que

farei aqui, mas eu não consegui pensar em outro lugar para ir. Ainda vejo as cenas curtas em minha mente. Muito sangue, muita violência... Seria real?

— Boa tarde, moça — um rapaz simpático me cumprimenta e seus olhos vão direto ao bolinho assim que entro.

— Oi. O xerife? — sou direta.

— Saiu, não sei quando volta — ele diz e eu o encaro meio perdida. — Pode falar comigo moça, eu te ajudarei no que precisar — coitado... Eu esboço um sorriso.

— Meg — estendo a mão.

— Evans — ele devolve.

— Era só com ele Evans, mas obrigada — eu vou saindo e então lembro do bolinho. — Pode entregar a ele.

— É o de chocolate com doce de leite? — ele diz sorrindo. — O chefe adora — ele faz um esforço para pegar e só agora noto como ele está atolado em papéis e tudo aqui parece uma loucura. Pastas, documentos, papéis e outras coisas espalhadas. Eles não têm quem arrume isso?

— Me deixa ajudar — pego algumas pastas de sua mão.

— Está uma loucura, já disse que precisamos de alguém que arrume as coisas por aqui, mas... — ele diz frustrado. Arrumar? Não deve ser diferente de um escritório não.

— Eu posso ajudar, se não se importar — ele pondera.

— Tá — ele sorri e eu também. — Não pode ficar pior — não mesmo. — Eu tiro a poeira e você ordena — e lá vamos nós em meio a pastas, arquivos, etiquetas e afins. A recepção está uma zona, mas isso a Meg aqui sabe como pôr em ordem.

Algumas horas depois está quase tudo no lugar e eu estou abaixada na última prateleira da estante tentando puxar um papel enganchado quando alguém puxa meu braço com força.

— Mas que diabos faz aí? — ela definitivamente quer me enlouquecer. Eu tive um dia cheio, meu pai doente, suspeita de câncer... Dona Encrenca, de quatro, no chão da delegacia, usando apenas um arremedo de short!

— Ai! — Eu bato com a cabeça na prateleira de cima. Droga! Eu viro para encará-lo.

— Machucou? — inferno, não queria que ela se machucasse. — Está bem? — faço menção de procurar o machucado.

— Você é um tosco mesmo! — Grito. Ele não sabe ser delicado?! Sim, ele sabe, quando beija... Droga consciência, me esquece. Eu sei que corei agora e desvio dele quando ele vem me tocar como quem procura os danos.

— Ei, não precisa gritar — estou cansado, chateado, me sentindo impotente... — Se veio aqui causar confusão, saiba que já tive a cota de hoje.

— Idiota! — Não sei o que dizer além disso. Desculpa Amanda, eu vou embora. Saio sem dizer mais, ou ouvir seja lá o que ele ia dizer quando abriu a boca.

— Xerife, não precisava exagerar, a moça só estava me ajudando — encaro o Evans defendendo a Encrenca. Mais um idiota que ela engoliu.

— Então, acho que não se importa de eu dar metade de seu salário para ela — digo na direção dele.

— Desde que deixe eu comer o bolinho que ela trouxe para você — ele fala erguendo uma sobrancelha.

— Para mim? — pergunto perdido.

— Sim, ela veio te ver e trouxe o bolinho que mais gosta — ele aponta para a mesa. — Além de arrumar tudo de graça. — droga, ela não veio me encher?!

— Eu pensei...

— Pensou errado, coitada da moça — o Evans fala isso porque não sabe como ela é. Diabos, eu sei e sei o porquê... Ele sai me deixando com a cara no chão.

...

Fui uma idiota mesmo. Achar que por ser um xerife ele poderia me ajudar. Ajudar?! Você não ia fazer a trégua e depois ia embora no “*felizes para sempre*” imaginário da Amanda? Afastar dela os perigos? Eu entro no carro e a lembrança das imagens que vi até hoje, a voz do perseguidor e todo sentimento de solidão e perda voltam. Eu aperto o volante com força contendo as lágrimas e ligo o carro e então escuto algo bater no capô.

— Idiota! Quer se matar? — grito ainda segurando o volante.

— Sai do carro — digo para ela, ainda parado em frente ao carro. Sei que estou sem controle aqui, mas que se dane. Estou cansado, sou humano.

— Vai se ferrar, sai ou eu passo por cima — devolvo. Não vou sair.

— Sai daí agora! — Grito.

— Não, seu tosco, ogro! — Ele caminha para o meu lado da porta e eu a travo. Ele suspira e encosta a testa no vidro e fecha os olhos.

— Por favor, sai — digo num tom mais controlado e assim que escuto o destravar das portas abro meus olhos.

— Já não basta tudo de que me acusam, ainda quer que eu seja acusada de matar o xerife desse fim de mundo? — eu digo ainda nervosa.

— Você veio me ver? — ele me encara e parece cansado.

— O que isso importa? — me mantenho rígida.

— Droga, mulher, me responda uma vez na vida, sem jogos — percebo os olhos dela abrirem-se em espanto. — Veio me ver?

— Sim — digo seca.

— Trouxe um bolinho para mim? — estou parado, na porta da delegacia, de pé para o carro dela, segurando a porta aberta.

— Sim — falo em uma voz mais baixa e leve. O que é isso? Um jogo de palco. Perguntas e respostas? Ele me encara por um tempo e então ergue a mão até meu rosto.

— Se machucou? — eu falo em um tom bem mais controlado. Ela pareceu assustada, não quero que tenha medo de mim. Está tudo uma confusão entre a gente, somos incompatíveis em muitos aspectos, mas eu sei que quando ela precisa de mim e eu estou lá, ela segura minha mão. Não posso perder esse pouco de confiança, por mais que brigemos, que ela resista, sei que quer confiar em mim. Preciso disso agora, de algo com o qual eu possa lidar. Só de pensar em meu pai passando por tudo que a Mel passou...

— Não — torço a boca. — Doeu um pouco, mas...

— Me desculpe, não tive um bom dia — digo olhando-a sério e ela parece amolecer. Isso Encrenca, ceda.

— Esquece, eu já fiz pior com você — sorrio torto. Ele parece mesmo cansado. Apesar disso ainda é incrivelmente lindo. Droga, eu admitindo que o Ogro é lindo? Estou mesmo morta, mas essa cara dele de menino perdido me deixa sem chão.

— Então, tenho crédito? — só de ver esse sorriso meu coração perde alguns quilos.

— Não exagere — brinco. Amanda, você me deve essa! Ele se apoia na porta e meu coração se acelera.

— Eu prometo que não — digo devolvendo o sorriso dela. Mais um sincero, e eu sinto meu final de dia melhorar.

— Xerife? — Evans me chama. — Ainda preciso de ajuda aqui dentro — ótimo. Eu a olho me dando por vencido.

— Ainda quer um emprego? — ela me fita atônita.

— Sério? — ele vai me dar um emprego por causa de um bolinho? Eu quero agarrá-lo agora! Se controle, garota, você não é uma virgem indefesa!

— Sério — eu sorrio, relaxo meus ombros e noto que ela tem algo diferente no olhar.

— Sabe que há a possibilidade de nos matarmos não sabe? — pergunto entre divertida e temerosa. Juntos somos como duas bombas acionadas e sem retorno...

— Vou correr o risco, eu posso com você — eu digo e pisco para ela e parece que ela corou... Dona Encrenca, dona Encrenca, corada, com esses olhos azuis enormes e esses lábios assim, pedindo...

— E eu sei seu ponto fraco — retribuo a brincadeira e um brilho passa por seu olhar.

— Ei chefe, vai contratar a moça mesmo? — Evans pergunta ainda da porta.

— E vou pagá-la com seu salário — o Ogro se diverte.

— Ei, xerife, tenho bocas para alimentar — o policial retruca.

— Cachorros e gatos que pega na rua, tem que parar com isso.

— O que posso fazer? Tenho o coração mole.

— Você é um fofo, Evans! — Sorrio para ele e o Ogro fecha o semblante.

— Já sei que nos daremos bem — Evans sorri para mim e volta ao trabalho.

— Sem flertes no trabalho — corto essa diversão excessiva. — Amanhã, cedo, começamos às sete. Não se atrase ou não terá segunda chance — digo fechando a porta do carro para ela.

— Acho que trarei uns cem bolinhos amanhã — eu provoco meu

“*chefe*” que foi de sorridente a turrão em segundos, depois eu que sou louca! Meu coração ainda bate descontrolado.

— Um caminhão — eu sorrio para ela. Estou fazendo o que proibi? Flertando? Sou um imbecil ciumento... Perto dela eu não tenho controle algum. Começo a me afastar antes que eu faça uma bobagem...

— Ei, chefe? — chamo num impulso quando ele volta a brincar comigo. Ele se aproxima do carro e eu o puxo pela gola da blusa e sua cabeça atravessa a janela do carro no susto. Ficamos cara a cara, sinto minha boca seca, minhas mãos trêmulas e meu coração traidor... Eu tinha mandado você embora! — Você é um cara legal — digo a frase mais idiota da minha vida e o beijo. Dessa vez não é apenas um toque delicado, nem uma provocação lenta e carregada de desejo. É algo mais, algo profundo, um pedido de apoio, uma confirmação de segurança, um impulso frágil que toma meu corpo sedento por um lar... Meus lábios formigam ferozmente enquanto eu toco os dele e sinto que minha audição, olfato, visão e seja mais o que for foram embora. Tudo se resume ao pedaço de pele ao qual estamos unidos...

Ela me puxa pela gola e como não esperava vou num repuxo e logo estou com a cabeça enfiada pela janela e ela vem em minha direção. Vai me beijar e eu estou aqui como um garoto de doze anos, como em todas as vezes que ela se aproxima de mim e sinto a carne macia dela tocar minha boca. Minhas mãos não têm posição, presas à porta do carro, como se qualquer passo meu desfizesse esse momento. Eu fico meio perdido nas emoções intensas. Já fiquei com muitas mulheres, já fui casado, já me apaixonei, mas essa sensação... O Liam tinha razão, sou um homem-morto desde que a dona Encrenca cruzou meu caminho...

— Estamos quites agora — falo assim que me afasto dele. Ele me olha perdido e eu ligo o carro. — Acho bom se afastar, não quero perder meu emprego por passar com o carro em cima dos pés do chefe — sorrio divertida

com o olhar que ele me dá. — Até amanhã, Ogro — ele dá apenas um passo para trás e fica lá parado enquanto arranco o carro.

Eu a vejo se afastar e quando quase não posso mais ver os faróis do carro, sorrio feito um retardado. Eu com certeza perdi a razão de vez. Esfrego a mão nos cabelos e então seguro o queixo com o olhar perdido. Não sei o que estou fazendo aqui, em outra época eu recuaria, mas faz tanto tempo... Quero isso, quero essa confusão que a problema me traz, isso me assusta, mas me faz sentir vivo!

Capítulo dezessete

Eu te mostro

Eu chego em casa atordoada. Não fiz nada do que ia fazer e ainda beijei o Ogro por iniciativa minha. Agora sim estou ferrada de vez! Abro a porta devagar para evitar perguntas e comentários. Assim que entro dou de cara com a Amanda e o Liam na cozinha fazendo algo que cheira muito bem.

— O que fizeram para sua filhinha querida? — brinco para disfarçar.

— Onde nossa filha querida estava? — Liam me olha direto nos olhos e vai daí para minha boca. Sério? Ninguém pode adivinhar que alguém beijou assim, pode?

— Conseguindo um emprego e me livrando dos meus pais amados — devolvo ainda sorrindo.

— Emprego? Onde? Com quem? — a Amanda me criva de questões.

— Bem... — droga Meg, começou, termine. — ... De recepcionista — é isso não?! Secretária? Algo assim.

— Aonde? O único lugar que precisaria, é o hotel da mãe da Betsy e... — o Liam é terrível.

— Não, príncipe, é na... delegacia — eu digo e torço o rosto em um gesto estranho.

— Homem-morto! — Liam ri e só agora entendo que a piada éramos eu e o Ogro.

— Não sei o que está insinuando, mas vou ignorar — eu faço a madura e ele ri ainda mais.

— Mulher-morta! — Ele se atreve!

— Olha aqui seu bobão, sei que pensa como todos, que sou uma maluca sem noção, mas isso é um emprego sério e eu vou mostrar que sei

fazer meu trabalho! — falo fuzilando-o com os olhos e começo a subir a escada.

— Droga, Liam! — Escuto a voz da Amanda e sei que ela deu uma bela cotovelada nele. — Tinha que fazer esses comentários idiotas? A Meg já não está em uma fase boa! — Ela diz dura.

— Amor, desculpa... Eu... Droga, eu não resisti, mas eu não penso que a Meg é maluca — não? — quer dizer... — ele exala com força.

— Se explique, estou esperando! — Posso até imaginar a cara da Mamá com os braços cruzados encarando o príncipe.

— Amor, a Meg é a melhor amiga que você poderia ter, é mais que amiga, irmã, eu sei que ela te ama e só por isso tenho certeza que ela é uma pessoa boa. Só por ela ter salvado você... — a voz dele tá embargada? Deus, até quando estou certa, estou errada! Vou lá agora aliviar a consciência dele, não sou de cristal e não quero a Amanda brigando com ele por minha causa. Começo a descer os degraus... — Eu jamais faria algo para magoá-la, eu só acho que o Ed gosta dela e ela dele, embora não admitam e sei que isso vai gerar um monte de confusões, que para mim parecem engraçadas — eu paro, não vou dar de cara com ele e mostrar que sei que o Ogro gosta de mim. Gosta? Meu coração sai pela boca com essa descarga de adrenalina.

— Arranje um jeito de se redimir ou a Meg vai descontar no Ed. É isso que quer? — eu? Eu faço isso? Inferno, escuto os passos dela e subo os degraus correndo antes que me pegue aqui de curiosa.

Corro para meu quarto e vou direto para o banheiro. Uma chuveirada lava todos os dissabores. Eu saio, visto uma calça e uma camisa de moletom da Amanda. Aqui realmente está esfriando. Me olho no espelho, um gesto habitual e meus olhos ainda têm o ar de travessura. Levo minha mão aos meus lábios, fecho os olhos e relembro a minha loucura... Meg, você sempre esteve no controle, mesmo nos impulsos e agora está perdidinha.

Abro os olhos e dou de cara comigo, bobona, sonhando com um beijo como se fosse o primeiro da minha vida. *“Acorda garota, se apaixonar não está no roteiro. Ele vai embora assim que encher o saco, você aprendeu isso cedo”*. Isso não quer dizer que não possa me divertir um pouco. Me jogo de costas na cama sonhando com coisas que nunca me permiti antes...

...

Acordo cedo, são seis horas ainda e parece que o mundo está diferente. Pulo da cama, porque se ficar me revirando não levanto nunca. Corro para o chuveiro, banho para acordar! Agora a roupa... Algo sóbrio Meg, é uma delegacia. Franzo a testa pensando e resolvo por uma calça social, blusa de seda sem mangas e um blazer. Meus cabelos cresceram um pouco, então faço uma trança curta de lado, passo um rímel, gloss, sapatos scarpins e uma bolsa de lado. Pronta, você vai mostrar que sabe, que estudou e que não é nenhuma maluca sem cérebro. Da escada mesmo eu começo a sentir o cheiro de chocolate. A Mamá está acordada?

— Bom dia! — Liam?

— O que acha que está fazendo? — o encaro séria.

— Um pai não pode ficar ansioso com o emprego da filha? — ele brinca, mas seu olhar tem um ar de insegurança.

— Sério? — eu ergo uma sobrancelha e cruzo os braços.

— Palavra de honra — ele faz um gesto engraçado com os dedos sobre os lábios.

— Espero que tenha feito muitos litros disso aí — aponto o chocolate quente.

— E tem para viagem também — ele me mostra uma garrafa térmica pequena, metálica. — Eu costumo levar quando vou para base.

— Pensou em tudo — sorrio finalmente.

— Perdoado? — ele estende a garrafinha na minha direção.

— Eu perdoei você ontem, quando lembrei que você salvou a minha amiga — ele faz uma cara de surpreso e seu olhar se ilumina. — Enquanto você fizer a Amanda feliz pode me encher, eu aguento — sorrio mais aberto.

— Eu não quero te encher, nunca! Eu gosto de você Meg e te respeito, nunca duvide — ele fala tão sério que fico constrangida. Quantos homens bons no mundo gente!!! — Agora coma, porque acordei cedo e trabalhei muito — eu observo a mesa, cheia de guloseimas. Ele realmente se esforçou.

— Agora sei como a Amanda foi enrolada por você — brinco.

— Ei? — ele diz sorridente e eu como feliz. Pazes feitas agora eu vou enfrentar o Ogro em sua caverna. Força garota, você consegue.

...

Assim que chego noto que ainda faltam uns dez minutos para as sete, mas a delegacia está aberta. Eu entro devagar e lá dentro vejo o Evans absorto em seus trabalhos. O que uma pessoa tanto faz numa delegacia de fim de mundo?

— Bom dia, Evans! — Eu falo abrindo um sorriso.

— Uou, então, essa é você? — ele brinca ao me ver em roupas formais.

— Sim, essa é a Meg pronta para o trabalho — devolvo e me dirijo ao meu posto. Agora, o que exatamente vou fazer?

— Eu gostava da Meg ajudante — ótimo, ele vai flertar comigo?

— Se acostume com essa, serei assim no trabalho — digo reduzindo o sorriso. Posso fazer isso, mostrar que sei trabalhar e bem.

— Mas sempre há uma folga, um fim de semana... — sorrio torto, o Evans não é feio, mas não quero problemas com o xerife. Ei? Eu pensei isso? Ótimo, agora eu tenho esse código de conduta idiota. Não seja burra

Meg, foi apenas um beijo de brincadeira...

— Evans, tire seu carro da minha vaga ou vou demitir você — digo irritado, porque qualquer mínima coisa hoje é capaz de me enlouquecer. O resultado do exame de meu pai sai hoje e sei que vou quebrar se ele estiver com câncer. Depois de tudo que passei com a Mel... Meus olhos vão direto para a moça ruiva de pé, ao lado do Evans, em uma roupa sóbria, cabelos presos e aqueles incríveis olhos azuis expressivos que me prendem me levando para fora da realidade. Eu desço meu olhar até seus lábios e nesse instante eles se abrem levemente como se ela soltasse um suspiro. Deus! O que eu sou? Um idiota. Meu pai quase morrendo e eu pensando bobagens. Fico com raiva de mim. — O que fazem aí parados? Trabalhem! — eu grito e vou para minha sala batendo a porta.

— Péssimo dia para nós hoje! — Evans diz e sai para fazer o que o Ogro mandou.

— Vamos lá Meg, fique longe de problemas — sussurro para mim. Foi estranho vê-lo assim tão irritado. Já o vi zangado antes, mas não com essa raiva gratuita, nem mesmo quando gritava comigo!

Até agora está indo tudo bem. Tenho um emprego, ele não brigou diretamente comigo e nada de mensagens nem vídeos horrendos. O dia vai ser bom e eu vou vencer mais essa etapa. Eu volto para minhas atividades e logo o Evans está de volta e ainda tem um sorriso no rosto. Ele segue para as atividades dele e o Ogro não saiu de sua sala, enfurnado lá dentro como se investigasse o maior crime da história da humanidade. Pensei que faltavam poucas coisas para arrumar, mas na verdade são milhões de papéis que nem sei como eles parecem brotar. Não achava que uma “*delegaciazinha*” tivesse tantas coisas assim. Isso por um lado é bom porque faz meu tempo passar bem rápido e quando vejo é meio-dia e alguém entra na delegacia. Eu levanto a cabeça. Amanda!

— Oi, tenho um crime para reportar — ela diz fingindo seriedade enquanto segura o sorriso.

— Pois não, senhora! — Embarco e noto que ela tem marmitas e só então sinto o cheirinho do tempero da Mamá. — O Liam com o café, você com o almoço, vou virar uma baleia.

— Não se dividir — ela me dá uma piscadela e já sei suas intenções.

— Eu disse que faria trégua, não que daria meu alimento!!! — Finjo a enfezada e ela sorri.

— Eu fiz bastante e trouxe porque não sabia se poderia sair — ela me entrega.

— Obrigada — então ela me dá um beijo estalado na bochecha.

— Bom trabalho — vai embora?

— Aonde vai?

— Encontrar meu noivo que está uma seda depois da mancada — ótimo, Amanda abusando do sentimento de culpa do Liam.

— Pegue leve com o papis — pisco para ela.

A Mamá sai rindo e eu fico com as marmitas e olho em volta me dando conta que só estamos eu e o Ogro. O Evans saiu há alguns minutos para alimentar seus muitos animais que comem duas vezes por dia e trocar a água... Os outros dois policiais da equipe ainda não conheci porque ficam na estrada fazendo rondas, não sei de quê! Muito bem Meg, vamos lá, enfrentar a fera em sua jaula. Pego as marmitas e caminho tensa até a sala dele e peço ao cara lá em cima que me dê forças para não revidar agressões verbais. Eu abro a porta devagar e então respiro fundo criando coragem.

— Oi, chefe — dou um sorriso teatral e ele me olha torto.

— O que faz aqui? — se ela soubesse que fica linda com essa fantasia de secretária!

— Oi, para você também. Vamos almoçar — não dou espaço para discussões e começo a afastar as coisas da mesa e pôr as marmitas, pegar os guardanapos, talheres... A Mamá pensou em tudo.

— E quem disse que estou com fome? — não quero ela aqui me deixando ainda mais confuso. Esse jogo de gato e rato não tem hora agora, preciso pensar no meu pai e em como...

— Vamos ser diretos? — o encaro pondo as mãos nos quadris e ele para de falar. — Está deixando todos nervosos e tensos — ele ergue uma sobrancelha e eu continuo. — Todos têm problemas e uma pessoa sábia uma vez me disse para não descontar nos outros e racionalizar as coisas em vez de ter atitudes destrutivas.

— Te disseram isso? — soou irônico ela sorri constrangida. Dona Encrenca envergonhada? Sei que meu tom de voz é duro... — E você por acaso ouviu?

— Não, sou cabeça dura, mas essa pessoa não desistiu porque é bastante determinada, então um dia eu vou escutar — o olho e sorrio de lado entregando os talheres. — Agora coma, alguém grande como você precisa se nutrir — ele me olha esquisito.

— E você se importa com minha nutrição — digo sério.

— Não, mas você é meu chefe e se morrer eu perco o emprego — ele parece surpreso. — Agora coma.

Comemos em silêncio depois dessa conversa esquisita. Ele me olha de soslaio de vez em quando e eu finjo não perceber. Assim que acaba de comer ele respira fundo e começa a guardar as coisas. Eu também faço o mesmo e me resigno a sair da sala dele, mas antes dou uma última olhada e ele parece querer dizer algo, mas não fala. Eu esboço um sorriso amarelo.

Eu a vejo sair com um ar de receio. Ela veio aqui para me dar comida... Tão estranha dona Encrenca, quando penso que vai me irritar ela

faz algo inesperado. Isso dá uma folga nos meus pensamentos sobre o câncer do meu pai e eu volto para as lembranças de quando a conheci, tão irritante. Depois o encontro na casa do Liam quando quase a algemei, as palmadas, não me orgulho dessa parte, então a briga com a Betsy, a confusão com o irmão da Amanda... Eu já me sentia puxado para ela, mas vê-la de perto, passar uma tarde com ela na qual ela me ajudou com a vó Judith, a forma com tratou a velhinha, como foi com o gato, como resolveu as coisas com os brigões...

Ela sempre tem uma ideia prática, sempre pra frente, positiva, as coisas que o Liam diz que ela faz e fala para a Amanda... Por que ela se mostra tão diferente? Por age de forma tão gentil quando ninguém vê? Eu foco em meu celular em cima da mesa. Nada ainda. As horas se arrastaram e eu ainda aqui esperando alguma notícia do meu pai. Depois de horas intermináveis eu percebo que são quase três e em nenhum momento saí da sala. Só então me dou conta do quanto minhas costas doem. Eu torço o pescoço para os lados e então fecho os olhos jogando a cabeça para trás.

...

Eu continuo em minhas papeladas e aparentemente está tudo em ordem. Vou precisar de alguns artigos de escritório, mas isso é coisa pouca. Eu ergo a cabeça na direção do Ogro. Ele está com um ar tão cansado, parece que sua força, antes tão presente, se foi. Eu tento ter uma ideia, mas não sei o que fazer, eu sei como é perder um pai... Eu lembro do chocolate que o Liam me fez. Pego a garrafa, dois copos e lá vou eu de novo. Assim que estou me aproximando ele faz contato visual através das paredes de vidro é como se eu não pudesse parar de andar em sua direção. Eu entro na sala e ele fica me encarando.

— Hora do lanche — encho os copos e ao entregar a ele sua mão toca na minha. Quente, isso resume seu toque.

— Por que está cuidando tanto de mim? — pergunto porque sei que não tem nada a ver com o emprego. Eu sinto isso. Ele põe o copo na mesa em frente.

— Eu... — o telefone dele toca e ele atende.

— Oi, mãe? — droga, ela está chorando. — Mãe, calma, passa para a Sally. Mãe? Não consigo te entender, calma. Não chora — Deus, o pior! Tinha que ser...

Eu escuto a notícia da minha vida, meu pai, com câncer de próstata e ainda não sabem que estágio. Ele se recusou tanto tempo a fazer os exames... Eu desligo o celular e pareço ter perdido minha capacidade de falar. Meus olhos vão direto para o da Encrenca que está com um olhar de reconhecimento e dor como se soubesse exatamente o que estou sentindo. Me sinto ligado a ela.

Ele tem uma expressão de derrota que nunca pensei ver nele. Sempre tão seguro, firme, decidido, dono do mundo e agora tem esse ar de guerra vencida... Eu sinto a dor dele em mim como se levasse um soco no estômago. Eu tenho o copo de chocolate em minhas mãos, apertado ao ponto dos nós dos meus dedos perderem a cor.

— Pessoal senti o cheiro — o Evans entra sorrindo e quebra a ligação do momento e nesse instante uma ideia passa em minha mente.

— Evans, pode cuidar de tudo aqui? — pergunto enquanto o Ogro ainda se mantém de pé e calado.

— Claro, a não ser que as moscas briguem com as formigas, aí preciso de reforços — ele sorri para mim e eu entrego o meu copo e também lhe dou a garrafa térmica.

— Todo seu — ele me olha engraçado. Eu caminho até o Ogro e pego em sua mão sentindo-o me aquecer de volta e um formigamento como se tivesse câimbras. — Vem — ele me indaga com o olhar. — Anda, não

posso carregar você.

— Aonde vocês vão? — o Evans fala quando começamos a nos mover.

— Resolver um problema — digo saindo sem olhar para ele e com Ogro me seguindo no automático. Chego ao carro e abro a porta do carona, ele entra e ainda não disse uma palavra. Eu tomo a direção e guio até sua casa.

Assim que chegamos e eu paro o carro ele vai logo saindo. Eu desço depressa e o sigo para ver a cena de toda uma vida. Ele entra em casa arrancando a gravata da farda, puxando com força os botões e então para e começa a esfregar o rosto, os cabelos, e como se fosse explodir ele grita, um grito de angústia, de dor e então soca a parede que, com certeza, faz estragos em sua mão. Só então ele se deixa levar pelas emoções de tristeza e cai ajoelhado no chão e eu vejo uma lágrima rolar por seu rosto. Eu me aproximo lentamente. Me abaixo ao seu lado e sento no chão. Minha mão se ergue no ar vacilante e vai até seus cabelos num afago, só então ele parece me notar ao me olhar nos olhos. Ele foca em mim e eu vejo as lágrimas que descem sem controle por seu rosto. Eu enxugo algumas e ele vem com as mãos em direção ao meu rosto e eu noto que também estou chorando. Nesse momento esqueço todas as promessas que me fiz, esqueço tudo que disse que não faria e sinto a morada do meu coração se aquecer como se voltasse para seu lugar, tendo todas suas emoções de volta. Eu o abraço...

Toda a dor que senti quando a Mel morreu diante de mim sem que eu pudesse fazer nada, voltam com essa notícia do meu pai doente. Ao que parece o caso é bem complicado, avançado... Eu não sei o que pensar, o que fazer, fiquei sem chão e em meio a esse abismo que eu caí, apenas uma luz me foi dada. Ela, olhando para mim como se compartilhasse minha dor, como se isso importasse para ela. Ela está no chão, chorando comigo,

abraçada a mim... Eu a puxo num impulso e ela está em meu colo. Eu me afasto um pouco, apenas o suficiente para ver seu rosto, não mais, não quero que ela se afaste. Ela me olha de volta, um olha cheio de cumplicidade, cheio de ternura, um olhar que desejei ver em seu rosto, mas nunca imaginei conseguir. Eu apoio minha testa na dela, nossos narizes roçam um no outro. Eu inalo seu cheiro e sinto sua respiração se tornar superficial. Ela fica tensa e eu me fasto para olhá-la novamente. Sua pupila dilatada denuncia sua excitação. Ela me deseja, mas eu não quero apenas isso, não quero ser mais um dos caras com quem ela transou...

Ele me olha buscando algo que não sei o que é. Meus pensamentos são confusos, sei que não deveria pensar no que estou pensando agora, mas é difícil não querer isso com ele tão perto. Eu o desejo, mas tem algo mais e isso me assusta. Eu sinto tremores passarem como ondas pelo meu corpo e ele não desfaz o contato visual. Devagar ele umedece os lábios ainda com o olhar fixo em mim. Minhas mãos que estavam enlaçadas em seu pescoço vêm lentamente para sua face. Eu me aproximo dele e antes que toque meus lábios aos seus ele beija minha bochecha direita. Eu franzo a testa em surpresa e ele passa os dedos nas rugas de expressão que se formam. Então, beija minha bochecha esquerda, minha testa, acaricia meu nariz com o seu... Seus movimentos são tão suaves...

Eu quero que ela saiba que mesmo quebrado como estou, isso não será apenas uma transa. Eu quero isso, mas quero ela e não caridade, não pena, não piedade pelo que estou passando... Eu volto a encará-la e ela parece insegura. Eu sei que sabe o que está acontecendo aqui, sei que encara isso como um risco, mas quero que ela corra esse risco, por mim. Eu seguro firme seu rosto em minhas mãos e olhando-a nos olhos eu falo:

— Eu quero a Meg, de verdade, sem jogos — ela prende a respiração. — Você entende? — ela meneia a cabeça afirmativamente. Foi a

primeira vez que ela ouviu seu nome em minha boca e isso a pegou de surpresa. Toda a situação é uma surpresa. — Me mostra a Meg?

— Eu... te mostro — minha voz sai vacilante, insegura, e apesar de todos os medos que possa ter eu percebo que o maior é perder esse momento. Mesmo que eu quebre depois, mesmo que ele se dê conta do quanto eu sou errada para ele, eu resolvo me arriscar.

Assim que escuto essas palavras vindas dela eu a ergo do chão, em meu colo e começo a subir a escada. Eu a terei comigo, em minha cama, do meu jeito. Sem fetiches, sem bebidas, sem festas, sem desculpas e principalmente... sem reservas. Ela não diz nada, apenas se agarra a mim como se a qualquer momento eu pudesse soltá-la. Isso não vai acontecer. Eu entro no quarto e devagar a coloco na minha cama. A olho por alguns segundos, os cabelos vermelhos em meu travesseiro, a tensão evidente em seu rosto.

— Sabe quanto tempo sonhei com isso? — ela esboça um sorriso tímido. — E quando você dormiu aquele dia aqui deixando seu cheiro em cada lugar... — eu me aproximo dela e então acaricio seu rosto. Ela respira pesado e sorrio por perceber o esforço que ela faz para manter o controle. Estou feliz porque somos os dois perdidos aqui e pela primeira vez em minha vida eu não me importo de fazer algo sem planejar. — Você me quer, Meg? — sei que é uma pergunta idiota, mas preciso ouvir a resposta.

— Sim... — digo ainda sentindo todo o meu corpo responder ao único ponto em que ele me toca, como se o calor de sua mão se espalhasse por todas as minhas células.

— Sim? — preciso disso, preciso de cada palavra clara.

— Sim, Ed — falo com a voz trêmula, assim como está cada músculo do meu corpo e no segundo seguinte a boca dele desce sobre meus lábios num beijo lento e carregado de desejo que se aprofunda conforme eu

começo a corresponder. Minhas mãos vão para sua nuca prendendo-o junto a mim e a mão livre dele aperta meu quadril no momento em que ele une nossos corpos. Sua língua invade minha boca tocando a minha. O beijo se torna mais intenso, sôfrego, denotando toda a necessidades que nossos corpos e mentes têm. Eu sinto todo o calor do corpo dele sobre o meu, como se fosse entrar em combustão e a única coisa que consigo pensar é em como quero explodir com ele, para ele. Ele é tudo que eu não sou, tudo que eu não sei ser... Eu estou perdida nessas emoções, nessas sensações, em tudo que pensei que nunca viveria porque sempre achei que tinha o controle. Agora sei que controle é uma coisa que não tem espaço aqui...

Capítulo dezoito

Fugir?

Estou parada, ainda com a respiração entrando na normalidade e olhando para o teto. Não sei quanto tempo se passou desde que cheguei aqui, e isso na verdade não importa. Tenho receio de olhar para o lado e ver os olhos dele voltados em minha direção. Eu não conseguiria negar que acabei de passar pela experiência mais intensa da minha vida. Cada beijo, cada toque, cada sentimento é como se fosse o primeiro de toda uma vida e aquela velha dormência do meu peito se foi. Espero a sensação de vazio me brindar, mas, no fundo, eu sei que ela não virá. Me sinto completa, satisfeita, segura e ao mesmo tempo uma onda de pânico toma conta de mim. Medo... Medo de perder, medo pelo que me importo, medo de que tudo não tenha passado de um momento de carência. Eu mostrei mais de mim do que deveria... Me levanto devagar e o pudor, algo até então nunca existente em minha vida me pega de surpresa. Puxo o lençol com a sensação de que fui além dos meus limites, transpus a barreira do sexo e deixei mais de mim exposto, que apenas meu corpo. Eu me cubro e quando vou me levantar sinto o aperto firme em meu pulso.

— Aonde vai? — minha voz sai empastada, pelo sono que consome a gente depois de situações extremas. Ela não vira para me olhar. — Ei? — insisto puxando de leve seu braço.

— Acho melhor eu ir para casa — falo sem olhar apara ele. Um nó se forma em minha garganta e mesmo eu dizendo que vou embora, sinto como se estivesse sendo abandonada.

— Sério? — me sento na cama recostando na cabeceira. — Então, é isso? Você fez uma caridade e agora, depois da boa ação, vai embora... — ela se volta me olhando com traços de mágoa evidentes nos

olhos e algo mais... Medo? — ela desvia o olhar.

— Eu... — puxo meus braços enrolando o lençol em meu corpo.
— Vai ser melhor assim.

— Para quem? — eu pergunto e ela evita me encarar. — Meg, olhe para mim — vejo o esforço que ela faz virando-se para me olhar. — Não faz isso comigo, não agora. — sei que estou jogando pesado, apostando em sua fraqueza, mas preciso que ela fique. Depois penso em como mantê-la ao meu lado sem medo.

— Eu não me relaciono — digo como se falasse que tenho uma doença terminal. Ele parece ponderar, então meneia a cabeça de forma afirmativa desviando o olhar por segundos, mas eu sei que nele está escrita a decepção.

— Eu posso ao menos te pedir uma coisa? — sei que estou arriscando muito, mas tudo aqui é muito complicado.

— O quê? — pedir? O que ele deseja agora?

— Respeito — eu digo e ela parece surpresa. — Não me trate como um homem de uma noite, mesmo que nunca mais me deixe tocá-la — eu digo sério como se só a ideia disso pudesse arrancar uma parte de mim.

— Eu não... — mudo de posição, ficando sentada quase que de frente para ele. — O que você quer exatamente? — a ansiedade pela resposta dele me consome.

— Vem aqui — estendo a mão e embora tenha incerteza em seus olhos ela se aproxima mais de mim ficando comigo na cama. Eu, então, desço do encosto, voltando a deitar e a levando comigo, abraçada. — Apenas fique aqui comigo.

— Eu não durmo abraçada — digo num impulso tolo de manter uma barreira entre nós, quando sei que não há mais nada...

— Dorme, comigo você dorme — sorrio lembrando da primeira

vez que ela dormiu comigo, só dormiu. — Já disse, não sou seus garotos de cristal — sinto ela engolir em seco, ainda tensa. Pego sua mão e ponho sobre meu peito, colocando a minha por cima e acariciando a dela. — Relaxe, lembre-se que você dormiu muito bem assim e ainda achou meu cheiro magnífico — ela me encara.

— Já disseram que você é bastante convencido? — eu o encaro séria, mas quero rir. Eu não durmo, não converso coisas emocionais, eu não... me apaixono!

— O seu cheiro também é incrível — sorrio para ela. — Prometo que não conto seu segredo, apenas quando estiver comigo. Promete uma coisa?

— Prometer o quê? — eu o olho, ansiosa.

— Que será você, sem encenações, sem fingimentos, que você fará e dirá o que tem vontade, que será sincera comigo — eu digo em uma voz suave e faço um afago em seus cabelos vermelhos que eu tanto adoro. — Só te peço respeito, nada mais.

— Respeito, fidelidade... O que vem depois? — eu digo temerosa. Uma relação? Eu nunca, em toda a minha vida, tive uma...

— O que você quiser — digo muito seguro, porque sei que vou aceitar o que ela me der, desde que não minta para mim. — Sem jogos, sem truques, sem farsa.

— As pessoas...

— Não importa, não precisamos dizer o que você não quiser contar — eu interrompo antes que ela vá por esse caminho. Que se danem as pessoas. Ficamos assim abraçados e calados por um tempo, então eu começo a acariciar suas costas e ela retorna a uma respiração normal. Move sua mão em meu peito e eu tenho ânsia por beijá-la, mas não quero interromper seu momento de aceitação.

— Eu nunca fiz isso — digo insegura.

— Eu te mostro como — sorrio olhando para o teto.

— Falou o experiente — minha voz sai com uma nota de acidez.

Estou com ciúme? Eu, a Meg que já teve mais casos que muitos homens, com ciúme do passado do Ogro.

— Conheço um truque ou dois — provoco achando divertido a tão senhora de si perdida em um momento de carinho.

— Não quero saber — sério que vai me provocar. Faço menção de me levantar.

— Ei? Nem pense, você não vai fugir de mim — a seguro firme onde está. — Vamos falar de outra coisa. Do que quer fala?

— Seu pai — sei que é o pior assunto, mas ele sabe tudo de mim, quero entende-lo também...

— Muito bem — exalo com força, mas devo isso a ela. Eu extraí cada memória dela, agora é minha vez. — Ele serviu ao exército — ela me olha curiosa.

— Daí que vem sua ideia fixa de proteger, de certo e errado? — sorrio achando divertido o pai do Ogro ser um soldado.

— Um pouco — rio da diversão dela. — Na verdade ele ficava pouco em casa e como o mais velho eu que ajudava minha mãe. Era sempre uma guerra, uma missão... — ela apoia a cabeça em meu peito e descansa a mão em meu torso. — Sempre que ele e minha mãe se encontravam eu sabia que teria irmãos.

— Não são só você e o Eric? — ele tem mais irmãos?

— Não, tem mais cinco meninas — ela volta a erguer a cabeça surpresa.

— Deus, sua mãe é uma guerreira — digo assombrada, sete filhos é muito.

— Sim, ela é. Você iria gostar dela — ela me dá um sorriso torto e apoia o queixo em meu peito. — Sabe o casaco velhinho que você vestiu?

— Sei, o que você tem ciúme — sorrio lembrando a surpresa dele quando vesti seu casaco mais velho.

— Meu pai me deu quando foi para sua última guerra. Ele voltou bem machucado, achamos que não ia sobreviver — fecho os olhos. — Eu o usava todo dia, o dia todo.

— Ei, Ogro? — eu falo e ele abre os olhos para me observar. — Seu pai é um soldado, não dê a guerra por vencida. Eu imagino que deve ser difícil para você depois do que você passou com sua esposa — eu digo isso e sinto inveja por tudo que ele viveu com ela, pelo amor que ele tem por ela. — Mas pense no lado bom.

— Lado bom? — e tem lado bom em ver quem você ama morrer de câncer.

— Você os conheceu, pode entender que os amava e o que eles representavam para você, além de ter a chance de se despedir — me lembro dos meus pais.

— Eu... — droga, só agora lembro que ela perdeu os pais ainda criança.

— Você tem que estar forte, por ele, por sua mãe, suas cinco irmãs, o Eric... Você tem uma família.

— Me perdoe — ela não tinha ninguém.

— Pelo quê? — o encaro confusa.

— Por querer tudo, por ser um egoísta — digo acariciando seu rosto e vê-la assim, quase apoiada em cima de mim, com as mãos debaixo do queixo, em cima de meu peito... Eu sou mais egoísta ainda, porque a quero também. Não sei como, mas eu preciso tê-la em minha vida.

— Somos todos, alguns apenas não têm sorte — digo e sei que

tenho um sorriso triste no rosto e no instante seguinte, num gesto brusco sinto o Ed me pôr sob ele, mas sem soltar seu peso. — O que está... — ele começa a me fazer cócegas. — Para... Ogro... Doido...

— Chega de coisas tristes — é delicioso ouvir o som da risada dela, a forma como seus olhos se iluminam. Eu paro e ela me olha ainda com os lábios sorrindo e os olhos brilhando. — Dona Encrenca!

— Ogro! — Torço os lábios e aproveito a folga para fugir do aperto dele e fico de pé. Sem nada que tape a minha nudez. Sei que estou corada, um misto de embaraço e excitação. Ele levanta e vem em minha direção me prendendo entre ele, também sem roupa alguma, e a parede fria.

— O que fazer agora? — eu a olho cheio de intensões e o dilatar de suas pupilas evidenciam que ela tem as mesmas ideias em mente.

— Não sei, ler um livro — provoco e ele ergue uma sobrancelha em resposta.

— Livro? Você está presa — digo como quem fala a um bandido e ergo suas mãos sobre sua cabeça, segurando-as aí com apenas uma mão. — Tem o direito de ficar em silêncio ou dizer apenas o que eu quero ouvir.

— Você não se atreveria! — Sorrio sabendo onde isso vai levar, mas não posso resistir a vontade de retrucar.

— Ei, moça? Eu sou o xerife lembra? — pergunto e vou descendo minha boca em direção a sua.

— Eu só vejo um Ogro! — Devolvo.

— Você quem pediu — digo isso com uma nota de malícia e a beijo com vontade. Um beijo voraz, cheio de poder e controle. Ela não resiste e eu adoro essa sensação de que ela me quer tanto quanto eu a quero. Eu a puxo pelas nádegas e ela enlaça as pernas em meus quadris. Retorno à cama com ela assim, agarrada a mim, em um abraço íntimo e novamente nos perdemos um no outro e que se dane o mundo lá fora, os relógios e as

responsabilidades. Agora somos só eu e ela. Eu paro o beijo e a olho nos olhos. — Dona Encrenca, o que farei com você? — ela sorri para mim.

— Eu disse que era problema — digo entre divertida e confusa, mas já cheguei até aqui, não? O que mais posso fazer a não ser viver o momento?

— Meu problema — enfatizo a palavra meu e o sorriso dela se torna maior.

— Seu? — pergunto gostando da sensação de pertencer ao Ogro.

— Meu — falo com um ar de homem das cavernas, afinal, eu sou o “*Ogro*” dela. — Não importa o que, quando, como ou onde, você sempre pode vir a mim. Entendeu? — pergunto segurando firme seu rosto em minhas mãos.

— Tem certeza do que está pedindo? — pergunto sentindo o temor retornar ao meu íntimo.

— Eu estou completamente lúcido — reforço. — Entendeu? Me prometa que não vai fugir de mim — ela faz um gesto de cabeça e isso basta por hora. Não consigo mais esperar para tê-la comigo, para estar com ela, estar nela...

...

Eu acordo com o braço dormente com um peso gostoso sobre ele. A minha Encrenca está apoiada em meu braço como uma menininha. Eu sorrio como um bobo olhando para ela entregue a um sono relaxado. Seu semblante tranquilo me atinge em cheio no coração. Eu olho com cuidado e puxo meu braço lentamente. Ela se ajeita no travesseiro e eu ponho uma mexa de cabelo atrás de sua orelha liberando a visão do seu rosto. Eu me apoio no antebraço e me deleito com a visão dela, deitada em minha cama. Então, eu noto as cicatrizes... Marcas de cigarro? Cortes? Deus! Quem machucaria algo tão perfeito assim? Meu estômago se revira com raiva. Eu

esmagaria cada um que ousou machucá-la, mas não posso. Isso é passado, e agora ela está aqui, na minha cama, dormindo, segura... Isso me consola um pouco e eu sei que poderia olhá-la para sempre. Eu olho o relógio de cabeceira, são quase nove da noite. A Amanda deve ter ligado para ela. Eu levanto e vou para o chuveiro tomar uma ducha e depois preciso pensar em algo para comermos.

...

Eu sinto quando o peso do lado da cama que ele estava se mexe. Sei que estava acordado e me observando, mas fui covarde e não quis abrir os olhos para mostrar que sabia que ele estava espiando. Tudo nele é tão perfeito que não consigo não ter medo. Ele é carinhoso, atencioso, gentil... E nada disso é para conseguir sexo, eu posso ler isso em seus olhos. Ele quer que eu sinta cada coisa, cada detalhe... Quer mostrar que é uma via de mão dupla, quer mais, um mais que eu não sei se sou capaz. Apesar de todos os meus temores meu coração traidor me diz que ele é tudo que preciso e quero agora. Um sorriso idiota aparece em meu rosto e eu trato de escondê-lo quando percebo que ele retornou ao quarto para se vestir. Espero ele sair e então também vou ao chuveiro e só quando retorno noto a roupa em cima da cama. O mesmo moletom que vesti da outra vez, o que seu pai lhe deu. Ele quer mostrar que confia em mim, que me respeita, é seu jeito de pedir espaço e eu pondero. De todas as coisas que já aconteceram em minha vida, ninguém nunca me tratou assim, com respeito...

Desço a escada devagar e ele está lá na sala, de pé, virado para a janela, vestido de moletom também, um cinza que parece agora ser a cor mais incrível do mundo. Eu já estou no fundo do poço mesmo, então me entrego ao momento. Eu caminho até ele em silêncio já que estou descalça e o chão de madeira não me deixa sentir frio nos pés. Eu o abraço por trás e inalo com força o cheiro que só ele tem no mundo todo. Cheiro de casa, de conforto, de

segurança...

— Acordou, dorminhoca? — viro e a abraço. Ela enfia o rosto em meu peito e mais uma vez inala. — Magnífico? — brinco.

— Sim, um tanto convencido também — sorrio para ele.

— Está com fome? — pergunto segurando-a pela nuca.

— Estou, morrendo! — Digo piscando.

— Pedi pizza, espero que não se importe.

— Jamais — nós dois sorrimos e ele me puxa para outro abraço...

— Sabe que as coisas serão diferentes amanhã, não sabe? — pergunto temerosa.

— Diferente como? — a encaro franzindo a testa.

— Na frente das pessoas — falo séria.

— Então, vai me esconder? — sorrio meio torto. — Sabe que sou bem grande, não?

— Sei... — desvio o olhar e me afasto dele.

— Ei? — a puxo de volta para os meus braços. — Sem pressão.

— Sem compromisso — reafirmo. Ele parece pensar em algo e uma sombra passa em seu olhar.

— Meg, se você ficar com outra pessoa eu...

— Vai me ignorar e ter certeza que eu não presto — digo antes que ele termine a frase.

— Não, mas não poderei mais... — faço uma pausa medindo as palavras. — Apenas eu, Meg, mesmo que ninguém saiba... Respeito.

— Isso é compromisso — digo encarando-o séria, embora meu coração dê saltos de felicidade porque ele me quer, só para ele. Sei que é algo bem idiota, ainda mais para alguém como eu, mas nada aqui está dentro dos padrões, dos meus padrões.

— Eu não consigo de outra forma, eu já disse que não sou como

seus garotos descartáveis — digo com um tom seco.

— Quer parar de falar meus garotos, me sinto uma cafetina — falo com uma nota de irritação e dessa vez me afasto de forma brusca.

— Ok, me desculpe, não precisamos brigar — falo passando a mão nos cabelos.

— Você quem começou, eu estou aqui, não estou? — devolvo ofendida. Já saí com muitos caras, mas não ao mesmo tempo. Não sou uma vagabunda. Droga! Na nossa sociedade eu sou, não?! Afinal, faço o mesmo que os homens, mas NÃO sou homem.

— Ei? Vem cá! — A puxo fazendo certa força para trazê-la de volta aos meus braços. — Apenas seja sincera, se não quiser mais estar comigo, me deixe saber primeiro, entendeu? — ela me olha entre ofendida e ponderando.

— Entendi, senhor idoso e monogâmico — digo e ele não ri. — Ok, eu disse que entendi. — ele franze a testa e me aperta.

— Você é meu problema agora e eu vou cuidar de você — eu a beijo, um selinho um pouco demorado.

— Sim, senhor, você agora vai me regular, me controlar, me sufocar... Acho que broxei — vejo a careta que ele faz e começo a rir. Então, ele faz uma cara séria, com um ar de ameaça e eu fecho meu sorriso nesse instante.

— Podemos resolver isso... — digo abrindo um sorriso de canto de boca e nesse instante alguém bate à porta. — A pizza, acho que você vai ter que esperar — pisco e vou até a porta. Atendo o entregador, pago e recebo o nosso jantar. — Nada cinco estrelas como você está acostumada, mas foi o que pude arranjar.

— Posso viver com isso — sorrio para o Ogro. Será que ele não percebe que isso é melhor que qualquer restaurante francês que já fui?!

— Acho melhor você dar sinal de vida à Amanda — falo assim que vejo o número do Liam piscar no identificador de chamadas do meu telefone.

— Droga! — Esqueci da Amanda. Saio que nem doida em busca do meu celular. O que vou dizer? — não diga que estou aqui — grito pelo caminho e só então lembro do carro que deixei lá na delegacia. — Estou perdida.

— O que eu digo? — falo achando engraçado essa confusão dela. Somos dois adolescentes namorando escondido?

— Que eu fui a um happy hour com os novos colegas de trabalho — digo descendo com o celular na mão.

— Sério? — isso vai colar?

— E pareça repressor — assim a Amanda vai acreditar, quando eu chegar em casa conto a verdade, só não quero o Liam no meu pé.

— O Ogro entrando em ação — sorrio pra ela e lá vamos os dois nessa mentira ensaiada que nem sei porque eu aceitei fazer parte.

Capítulo dezenove

Ter tudo

— E agora, Encrenca? — falo olhando para ela, ainda achando engraçada a confusão que está fazendo para se esconder da amiga. Me sento no sofá de frente para a mulher que faz mais bagunça em tempo recorde e abro a caixa da pizza pegando um pedaço.

— Agora, Ogro, eu vou vestir minhas roupas e voltar para casa — olho para ele com um ar travesso. — Não se preocupe, eu não minto para Amanda.

— Só omite — cruzo os braços assumindo uma postura séria pondo o pedaço de pizza de volta.

— Sempre julgando, sempre condenando... — eu meneio a cabeça negativamente e começo andar na direção dele. Assim que paro em sua frente começo a tirar o moletom. — Tão puro, tão correto... — não desfaço o contato visual enquanto subo a barra do moletom.

— O que está fazendo? — minha voz sai rouca porque sei exatamente o que ela está fazendo.

— Devolvendo as roupas que me emprestou — eu jogo nele o moletom e ele me puxa e caio sentada em seu colo. — Ogro! — Falo, mas minha voz está carregada de aprovação.

— Tentando me seduzir? — ela sorri e eu a seguro pela nuca prendendo seus cabelos com força em minha mão, de forma que ela ergue o rosto para me encarar. Ela solta um suspiro.

— Pensei que estava com fome — provoco umedecendo meus lábios.

— Eu disse sem jogos — falo sério. — Está desviando do assunto — ela me olha intrigada. — Muito bem, omite o quanto quiser, mas agora

vista sua blusa e vamos comer, depois eu te levo em casa — digo colocando-a com cuidado, sentada, ao meu lado no sofá. Ela me olha atônita.

— Sério? — não acredito nisso.

— Sério — faço um esforço descomunal aqui, mas eu quero mais e tenho que mostrar agora ou ela vai me pôr no bolso.

— Gay! — Reviro os olhos e levanto do sofá em direção ao quarto, mas ele me puxa pelo pulso.

— Respeito... — digo bem devagar com meu rosto próximo ao dela. — Você prometeu, Meg — falo o nome dela com um tom carregado na voz, ela engole a saliva me olhando com uma expressão pensativa.

— Muito bem, senhor pudico, nunca se o “*homem*” disser não, já entendi o recado. — falo buscando suavizar o clima. Ele quer dessa forma, pois para mim é só outra forma de jogar e a Meg aqui pode aguentar isso, ah, se pode. — Agora me solte para que eu possa deixar de ser uma tentação — sorrio para ele.

— Não demore ou a pizza esfria — ela olha para mim com descrença e sobe a escada atrás das suas roupas.

Ela volta logo e começamos a comer, percebo que mantém a cara amarrada e está comendo rápido.

— Algum problema? — pergunto, mas já sei o que é.

— Além de mim? — devolvo.

— Sabe que você é um problema bem divertido quando quer? — paro de comer e a observo, como se a provocasse.

— Sério? Você não pareceu achar muita graça minutos atrás — digo, ainda séria.

— Meg, eu só quero que você...

— Seja sincera, mas você duvida de mim o tempo todo — eu ponho o pedaço de pizza pela metade, de volta.

— Desculpe — inspiro forte. — É que eu não quero que me veja como um brinquedo.

— Claro, porque eu sou Meg, a devoradora de homens — eu cruzo os braços, e o olho séria... — Quem acha que eu sou? Uma versão feminina desses caras de romances eróticos? — ele franze a testa e então ri. — Ótimo, ria da ridícula aqui — faço menção de levantar.

— Ei? — a puxo de volta e a ponho em meu colo. — Não fale mal de você mesma, você não é ridícula.

— Claro, só você pode falar mal de mim — mantenho minha expressão emburrada.

— Ei? — acaricio seu rosto forçando-a a me olhar. — Desculpe, eu não quis magoar você, apenas...

— Me magoar? — corto. — Não me magoou, eu não me importo, pense o que quiser — digo saindo de seu colo, mas ele me prende em um abraço de urso.

— Não! Sem fugir lembra? — digo quando ela me olha contrariada.

— Você põe muitas regras em algo que não é mais que um caso — digo isso e percebo a bobagem que falei quando os olhos dele expressam ofensa.

— Muito bem — afrouxo o aperto e pondero. — Eu sou puritano demais para você, não?! — Digo isso pensando em todos os caras com quem ela saiu, caras que devem ser divertidos, leves, sem complicações ou exigências...

— Desculpa — falo num fio de voz, não quero estragar tudo, não quero que ele fique triste. Eu vejo sua mão em minha cintura, está inchada. — Você se machucou.

— Não foi nada — a solto por fim, mas ela não sai do meu colo.

— Eu não sou esse monstro todo, sabia? — digo ainda com essa voz que parece precisar de força descomunal para ser ouvida.

— Eu nunca pensei isso, mas eu só não quero ser mais um — digo, sincero olhando essas esferas azuis que me deixam perdido.

— Você? Olha bem no espelho, Ogro, você poderia ser qualquer coisa, menos um, você poderia ser uma galera — rio da piada boba, mas ele não.

— Isso é um elogio? — digo torcendo a boca.

— Tá, sou péssima com isso — pego a mão machucada dele na minha e levo aos meus lábios dando um beijo devagar. — Para sarar — sorrio para ele que finalmente sorri de volta.

— O que eu faço com você, Encrenca? — a encaro assim, com esse jeito desconsertado. Ela realmente não faz por mal. Sempre armada e pronta para revidar...

— Eu não sei fazer essas coisas, eu disse que não converso, não durmo de conchinha...

— Dorme, dormiu comigo — digo aumentando meu sorriso.

— O primeiro — falo e sei que corei. Droga, ele quer me virar do avesso e ver se eu tenho sangue e órgãos como todo mundo. Começo a levantar.

— Não — a seguro firme em meu colo e inalo o cheiro em seu pescoço. — Gostei de saber disso. Então, também sou o primeiro com quem conversa de verdade? — isso é estranho, mas me causa uma excitação boa.

— Sim, sou virgem, ao menos em coisas emocionais — digo desviando o olhar. — Satisfeito?

— Não — falo e ela me olha surpresa. — Só ficarei depois que eu tirar essa sua “*virgindade*” — ela sorri abaixando a cabeça e eu sorrio também. Dou um beijo em seu rosto. — Prometo ser paciente.

— Nossa, estou mais calma agora — quem dera! Meu coração parece que vai sair pela boca. Ficamos nos olhando por uns segundos. — O Ogro e a virgem, isso dava uma bela história — falo e ele ri.

— O Ogro e a Encrenca — retruco.

— Sim, sou Encrenca. Um “*problemão*”. Sabe onde está se metendo? Por que não adianta reclamar depois — falo insegura com o que ele dirá, mas tenho que manter esse ar de brincadeira séria.

— Meu problema, já disse — ela parece relaxar um pouco. — Enquanto for sincera comigo e me quiser por perto, é meu problema — vou em sua direção para beijá-la, mas ela recua. — Sério?

— Sua cota de hoje esgotou — brinco e ele parece pensar.

— Ok, vamos embora, então — deixo passar dessa vez. Sei que ela está tentando se preservar e já pressionei demais. — Agora vamos ou não vou mais deixar você ir.

Logo estamos em busca do seu carro que ficou na delegacia. Ela guia para a estrada e eu sigo logo atrás. Assim que chegamos em frente à minha casa faço sinal para que pare e ela encosta. Eu desço e vou até o carro, ela abaixa o vidro e eu me apoio na porta.

— Então, Encrenca, direto para casa — dou a ordem com um ar de riso e me inclino para beijá-la.

— O que está fazendo? — recuo assim que ele vem em minha direção.

— Como assim? Estou me despedindo — respondo de forma óbvia.

— Não, senhor certinho, você teve sua chance — falo e ele me fita surpreso.

— Retaliação? — sério que vai fazer isso? Ela é dureza mesmo!

— Não, apenas não vejo necessidade disso. Sem jogos lembra,

sem encenações, afinal, não somos um casal. As despedidas são desnecessárias — ele parece chateado com a minha declaração de que no máximo temos um caso. — Agora se afaste para que eu não o machuque — sorrio confiante.

— Muito bem, até amanhã no trabalho — falo isso com um ar de promessa e sei que ela entende, porque me olha com um questionamento no olhar.

— Boa noite, Ogro — me despeço, mas sei que ele não vai deixar isso esquecido. Eu dirijo alguns metros e posso ver que ele está parado lá atrás, me observando com esse jeitão de cowboy de velho oeste, braços cruzados, peito ereto... Droga! Eu dou a ré de forma acelerada e freio bem próxima a ele. Abro a porta e desço. Ele franze a testa e eu o olho, séria. — Mudei de ideia! — Digo e vou em sua direção, com passos cada vez mais apressados e então me joga enlaçando seu pescoço e ele me puxa num abraço e nos beijamos como se fosse nosso último encontro. Esse sentimento é uma coisa louca, eu quero estar com ele, mas não quero admitir para mim. A atração física é incrível, e eu também posso conversar com ele. E mesmo quando me julga eu não me sinto mal, apenas repreendida por alguém que... se importa. Ele se importa comigo!

— Se continuar assim não vou te deixar ir — a beijo de novo e ela se entrega, desse jeito tão ela. Doce, cítrica, macia, quente, perigosa... eu falei olhando-a com desejo evidente e ela me retribui com um ar de quem ganhou a jogada. — Não fique convencida.

— Não estou — me afasto andando de costas sem desfazer o contato visual e sorrindo para ele. — Até amanhã, chefe!

— Se cuide! — Ela vai de verdade dessa vez e eu volto para casa com a sensação de felicidade, embora um sentimento estranho esteja presente.

...

Eu chego em casa e a Amanda me recebe com um ar de curiosidade. Agora eu não tenho saída. Encaro a Mamá de volta. Fui pega!!!

— Oi, estranha — ela me sorri suave.

— Oi — olho em volta. — E o Liam?

— Algo com os rapazes da equipe — ela vem até mim, pega minha mão e me guia para o sofá. — Cospe.

— O quê? — falo tentando um último recurso, mas sei que estou perdida.

— Você não mente para mim, Meg, omite, mas não mente — ela sorri divertida como se isso fosse uma aventura. — Agora fala.

— Amanda...

— Fala, eu sei que não teve happy hour nenhum, você não bebeu, nem teve confusão e eu liguei umas quatro horas para a delegacia e o Evans atendeu — droga, me pegaram.

— Está me monitorando? — faço a ofendida.

— Não, apenas queria saber se podia levar um lanche — ela ergue a sobrancelha me encarando.

— Ok, você venceu, eu não fui a happy hour nenhum — digo exalando todo o ar dos meus pulmões.

— Prossiga — ela estreita o olhar.

— O pai do Ogro está com câncer — ela faz uma cara de desolada.

— O Liam me disse, uma das irmãs do Ed avisou que ele ia precisar de alguém, mas não conseguiam achá-lo — ela faz uma cara de quem sabe todos os segredos do universo.

— Ele estava comigo...

— E... — essa única letra me faz lembrar de tudo e meu coração

bandido, mal acabou de chegar, e não tem controle nenhum sobre suas emoções.

— Nós... — ela abre os olhos ao máximo.

— Vocês, meu Deus! — Ela abre a boca várias vezes e depois fecha levando as mãos aos lábios. Eu enterro a minha cara nas minhas mãos.

— Eu sei, foi uma burrada, mas na hora pareceu o certo — digo com a voz abafada pelas minhas mãos.

— Burrada? Foi a coisa mais certa que você já fez! — Ela está exultante. — Agora poderemos sair juntos, os quatro. Quem sabe um casamento quádruplo.

— Ei, vai devagar aí, cupido — a encaro séria e ela torce o rosto. — Não é assim, Mamá, nós não temos nada, foi só essa vez e ... — ela faz cara de decepção. — Qual é? Você sabe que somos diferentes, ele estava triste e eu...

— Nem vem, não para cima de mim com essa de que você estava com pena — ela segura meu rosto em suas mãos. — Para de ter medo, ele é um dos caras que valem à pena.

— Eu, não devo... — engulo em seco, estou tensa. Sei que tudo foi real, intenso, verdadeiro, que foi mais que sexo, apesar disso... — Sou tão errada, Amanda.

— Não seja idiota, você é certa — ela fala ainda me segurando.

— Ele mesmo diz que eu...

— Ele é um idiota — ela me interrompe. — Um Ogro, como você diz.

— Não entendi, ele é o certo ou o idiota Ogro? — eu a encaro confusa.

— Quer saber? Ele deve estar inseguro e fala coisas...

— Amanda, sério? — inseguro, o “*montanha*”?

— Sim, Meg, ele é um cara sensível, depois da esposa não teve ninguém e... — começo a rir. — O que foi?

— Agora ele é a virgem e eu o Christian Grey? — ela faz uma expressão de desentendida e depois nós duas rimos.

— Sem exageros — a Mamá torce a boca e então me puxa para um abraço. — Que tal deixar rolar? Sem decidir as coisas, sem julgar, apenas deixar acontecer?

— Eu pedi que não contasse a ninguém — falo numa voz sem ânimo.

— Então, é um segredo de vocês — ela ri. — Muito bem, não conto, nem para o Liam.

— Obrigada — respiro aliviada.

— Obrigada nada, agora me fala como foi? — oi? A minha amiga envergonhada quer detalhes?

— Sêrio?

— Siiiiiiiiiiiiim!!!!

— Não dá para descrever. Eu não sei explicar, apenas sinto isso... É tão... — eu falo isso e me afundo no sofá e ela começa a rir que nem boba. Sempre romântica e ficamos as duas com cara de parvas no sofá. Eu revivendo meus momentos e ela imaginando uma fantasia de príncipes e princesas. Essa é a Amanda...

— Meg Cobalsk apaixonada! — Isso foi uma afirmação?

— Nem vem — retruco.

— Mulher-morta falando — ela ri, droga de piada bizarra.

— Awn... — gemo e me contorço.

— Mulher-morta gemendo — agora está gargalhando.

— Eu vou matar é você.

— Vem, vamos comemorar — ela me puxa do sofá. — Um

vinho.

— Não, eu acordo cedo e trabalho amanhã — ei? Eu neguei uma farrinha particular?

— Quem é você e o que fez com minha amiga? — nós duas rimos.

— Acho que estou sofrendo uma mutação — sorrio de volta, mas por dentro estou cheia de inseguranças.

— Então, chocolate quente! — Esse sim eu quero. Saímos as duas em busca de um chocolate quente na cozinha.

Capítulo vinte

Disfarçando...

Eu acordo cedo com aquela sensação de felicidade que só me recordo de ter tido quando era criança. Nem quando a Mel ficou grávida eu me senti assim, afinal, ela estava doente e não sabíamos o quanto ela suportaria. No final, perdi a minha mulher e meu filho. Lembrar da Mel me deixa estranho, eu amei minha mulher e ainda acho que amo. Todo seu carinho, atenção, a forma como ela me apoiava, como pensávamos igual... Era uma combinação perfeita, tão diferente da Encrenca.

Meg... Eu só a chamo assim depois que nós... Ainda é estranho para mim chamá-la pelo nome, acho que não importa quanto tempo passe, sempre será Encrenca para mim. Somos tão diferentes e o pior é que gosto disso. Gosto como ela tumultua as coisas mais simples, como ela faz as coisas sempre tão certas, se tornarem as piores batalhas. Ela me faz lembrar o porquê escolhi trabalhar com computadores, todos os jogos que criei, diversão. Nada pelo dinheiro, não que achasse ruim ganhar uma fortuna para fazer algo divertido, mas, enfim, era mais por prazer. Eu trabalhei também com a polícia depois que me descobriram hackeando arquivos secretos. Foi através desses contatos que acabei como xerife, de volta à minha cidade natal.

Essa felicidade toda e esse momento de loucura me faz sentir um rebelde, mas faz tempo que não me sinto assim, com essa alegria expansiva que não quero deixar ir. Lembro do meu pai. Meu herói, que sempre fez tudo por nós, mesmo com suas longas ausências. O amor de minha mãe por ele. A briga monumental quando o Eric quis se alistar na marinha. Outra briga quando as trigêmeas quiseram virar modelo. Foi uma batalha, ganha pela minha mãe, claro. Dona Hellen deu total liberdade as garotas e meu pai quase enfartou. Emma, Emily e Ella, nomes nada criativos, mas que casaram bem

com o mundo da moda. Modelos trigêmeas, fazem sucesso, mas com sobrenome artístico para preservar a família. Sei que é por causa do meu pai. Adam, um soldado no campo de batalha e um leão em casa, contra o mundo, tentando esconder suas cinco filhas.

A Emma sempre foi meio nerd, mais tímida, preferia livros a noitadas, a Ella era mais madura, decidida e quem controlava o trio, já a Emilly é uma cabeça oca, mas me põe no bolso fácil... Eu levanto da cama e tomo uma chuveirada. Desço para o café ainda pensando em minha família. Sally e Corine, a Sally tem quase a mesma idade que eu e a Corine é mais próxima do Eric, apesar disso, eu e ela sempre tomamos conta dos outros. Ainda tem meus sobrinhos, Bernardo e John, da Corine, e o Tom, da Emily. Os dois primeiros com oito e cinco anos e o Tom, meu anjinho, tem pouco mais de oito meses e veio para me ajudar a superar a perda do meu filho.

Eu lembro de novo da mulher problema, a imagem daqueles olhos azuis enormes me encarando, cheios de coisas para dizer... Ela não tem família e ouvir que eu ao menos pude dizer que amo aos meus, enquanto ela os perdeu antes mesmo de entender esse sentimento, me deixaram envergonhado. Estava sendo egoísta, eu sei. Ponho o café na xícara e tomo um gole longo. Ela tem razão, eu tenho uma família e não posso desistir assim do meu pai. Ele lutou guerras, viajou para o infinito e voltou para nós, não posso deixar que essa doença de merda me tire ele. Ele ainda é forte, eu tenho que lutar por isso.

Encrenca, Encrenca, parece tão doida, tão sem razão, e no final do dia é você quem me ensina, não?! E cada vez que a conheço mais, acho que estou mais perdido. Fico confuso entre curtir esse momento e me preocupar com coisas mais sérias, meu pai. Não posso ter os dois? Essa vida é mesmo um pé no saco. Ponho a xícara na pia e pego meu casaco. Trabalho é sempre bom para espantar essas ideias loucas. Entro no carro direto para a

delegacia. Chego em minutos e assim que passo da porta escuto uma risada bem conhecida. Está relaxada, imagino que seja o Evans contando alguma piada para ela. Vou mandar ele parar de voar em torno dela que nem uma mosca.

— Então, Meg, eu preciso dessa ajuda, você não vai me deixar na mão vai? — Samuel fala. O que ele faz aqui? Ele é neto da vó Judith, de sangue. Será que aconteceu algo com ela?

— Você pode ser bem convincente quando quer — escuto a voz dela, naquele timbre que só ela tem. Droga, está flertando com ele? Sério?

— Sei sim, sou advogado lembra? — ele sorri de lado e eu quero fazer ele engolir a constituição. Sempre nos demos bem, mas, de repente, sinto uma vontade de que ele suma, mas isso não vai acontecer. Ele está lá, exalando charme para a problema, meu problema. Inferno! O dia tinha que começar assim?

— Então, Samuel, veio reportar algum problema? — falo direto olhando para ele e sei que a Encrenca segurou a respiração assim que percebeu minha presença. Pois é, peguei você.

— Qual é xerife, problema é algo que não existe em minha vida — ele diz relaxado e eu dou um sorriso torto olhando para ela.

— Não tem mesmo e espero que continue assim — ela me olha engolindo em seco e sei que entendeu minhas palavras.

— Sei que sim, amigo. Dá cá um abraço — ele me abraça e eu não sei se quero ser amigo dele agora.

— O que faz aqui? — falo, forçando um tom ameno.

— A vó me disse que uma moça linda ajudou ela com o Flu — ele diz se desmanchando em sorrisos para “*meu*” problema. Ela desvia o olhar e cora. Sério? — então, eu vim conhecê-la, achei que o Flu era um problema seu — ele me encara divertido.

— Ultimamente estou cheio deles — digo sério. — Vamos até minha sala e você me conta dessa empresa em que está trabalhando.

— Claro — ele assente e saímos. Eu não volto a olhá-la. Depois teremos uma conversa bem séria. Entramos na sala e ele se senta logo.

— E então, quais as novas? — sento-me relaxado, mas sei que meu olhar diz “*fique longe*”. O Samuel apenas não sabe o porquê.

— Nenhuma em especial, a empresa é grande, tenho dois sócios igualmente importantes e estamos indo bem — ele sorri de lado, confiante. — Quer um emprego? — me olha erguendo uma sobrancelha.

— Sabe que não — digo cruzando os braços.

— Sei, você e sua mania de interior, calma, tédio... — ele sorri expansivo.

— É melhor, a cidade “*grande*” não é para mim — digo sorrindo também.

— Mas achou uma recepcionista no estilo de lá — meu sorriso se fecha.

— Do que está falando? — me endireito na cadeira, ficando tenso.

— Qual é Ed?! A ruiva lá fora, vê-se claramente que ela não foi feita para esse fim de mundo — ele olha de soslaio para Meg através do vidro. — Ela está passando uma temporada, não? — droga! Está interessado?!

— Não sei, você estava conversando com ela quando cheguei. Por que não perguntou? — eu cruzo os braços como se isso fosse me impedir de colocá-lo porta afora.

— Ei, senhor xerife, calma! Somos amigos lembra? — ele diz sorrindo e erguendo as mãos. — Vocês têm algo? — que raio de pergunta é essa.

— Eu respeito meus funcionários — respondo por falta de algo melhor a dizer.

— Ela não é um funcionário. É uma ruiva incrível, com a voz de veludo e um cheiro magnífico — merda! Isso não, falar do cheiro dela é demais.

— Veio aqui para paquerar minha recepcionista? — falo num tom frio e ele estreita o olhar.

— Não, vim porque fiquei curioso. Normalmente você é quem salva o Flu — ele diz como quem não se importa. — Agora quero saber que horas você sai, precisamos beber alguma coisa para você relaxar — sério?

— Não tenho horário de saída — corto. Estou com raiva de um cara que sempre foi legal comigo e com quem nunca tive problemas? Eu sou mesmo um cara morto.

— Então, acho que não se importa se eu convidar a ruiva — ótimo. Digo o quê?

— Você é quem sabe, mas pensei que não queria problemas — eu deixo subentendido.

— Problema? — ele olha de mim para ela. — Acho que vou me arriscar — ele se levanta e eu também. Abro a porta. — Até logo, amigo — ele diz com um sorriso irritante. Parece o dono do mundo, mais um dos caras com quem a Encrenca está acostumada.

Ele anda em direção ao balcão e ela está de cabeça baixa como se não percebesse a aproximação dele. Samuel chega ao balcão, apoia os cotovelos e fica olhando-a como um idiota. Ela põe uma mecha de cabelo atrás da orelha e morde o lábio inferior como se estivesse concentrada no que está fazendo. Eu mereço, agora sim acabei de morrer.

— Então, Meg, posso ligar para você? — ligar? Ele já pegou o número dela?

— Oi? — ela parece se assustar e ergue a cabeça depressa ao mesmo tempo que suas bochechas ganham um tom rosado.

— Eu vou ligar para você, para combinarmos tudo — ele afirma e eu aqui parado observando que nem um idiota.

— Sim — ela deu passe a ele? Quer saber?! Que se dane.

— Então, até logo — ele sorri e sai.

Ela me olha com um ar de dúvida e eu sei que a estou fitando com ira nos olhos. Você pediu por isso Encrença. Eu tentei ser sério com você, ser honesto, mas você não sabe o que é isso, não?! Se quer jogar, não será comigo. Dou as costas e bato a porta. O resto do dia segue assim. Eu a ignoro, falando apenas o essencial. No horário que ela sai, faço questão que não me veja. Vou tratá-la como se fosse invisível. Não darei a chance de achar que eu gosto dela. E eu gosto? Droga, sou um idiota morto.

A semana toda segue assim, na verdade pior. Eu estou cada vez mais ocupado com meu pai e seu tratamento, que ele reluta em aceitar. As minhas irmãs me ligam o tempo todo e quando eu encontro a problema, ou ela está com o Samuel, ou está conversando com ele ao telefone. Sempre sorrindo, sempre feliz, mas quando olha para mim parece que sou um estranho. Como se eu que tivesse feito algo errado. Minha vontade era sacudi-la até arrancar esse sorriso do seu rosto.

...

Eu achei que era maluca, mas o Ogro é bem mais. Sei que o pai dele está doente, mas não vou servir de saco de pancadas para ninguém. Se ele quer ser um idiota, que seja. Eu passei uma semana sob o olhar escrutinador dele, mas hoje é sexta e eu não quero me sentir mal. Conversei com o Evans e acabamos comprando uma cafeteira elétrica para a delegacia. O café do Evans consegue ser pior que o meu. Estamos instalando e graças a Deus nada do grosseirão.

— Então, Meg, agora vamos testar — Evans fala, “*todo sorrisos*”.

— Testar o quê? — escuto uma voz que só ouvia no rádio da delegacia. São os rapazes que fazem patrulhas. Só os via de passagem. Quem falou foi um moreno, alto.

— Oi, Brendan, dê olá para nossa cafeteira — Evans ri apontando a máquina.

— Olá, cafeteira e adeus água de meia suja do Evans — o outro, um negro chamado Mad, diz sorrindo.

— Idiota — Evans diz ficando sério e todos rimos.

— Ok, rapazes, vamos — digo fazendo café para todos e sirvo. — Agora um brinde — e brindamos mesmo, com café. Quem fez foi você, Meg!

Começamos, então, um papo divertido sobre as confusões e loucuras que um policial do interior passa. Eu sento na borda da mesa, segurando meu copo de café e rindo dos rapazes. Algo sobre um galinheiro e um ladrão de milhos. Quem em nome de Deus rouba milhos. As risadas rolam soltas até que escutamos um pigarrear.

— O que acham que estão fazendo? — pergunto e meu olhar se volta para a mulher exalando felicidade, com um enorme sorriso no rosto, um copo na mão e sentada na mesa da copa.

— Bebendo café, chefe — Evans diz como se fosse óbvio e me sorri. Dona Encrenca fecha os lábios e seu olhar adquire um ar de seriedade. Ela desce da mesa e no processo Mad a ajuda, apoiando seu braço. Esse simples toque me lembra que faz uma semana que não ponho minhas mãos sobre ela. Deus! Vou ficar louco aqui...

— De onde veio isso tudo? — pergunto gesticulando para os copos, a cafeteira e tudo mais do conjunto. — Espero que não tenha me

contrariado Evans e comprado uma cafeteira quando disse para não fazer.

— Foi uma doação — eu falo olhando do Evans para o Ogro. Até com uma cafeteira ele implica. — Da Amanda — ele me encara erguendo a sobrancelha. — Ela disse que café ajuda na concentração — eu digo sem desviar o olhar. Não vou me deixar intimidar. — Mas se prefere eu devolvo a ela e você explica sobre as leis que proíbem cafeteiras em delegacias — os rapazes riem.

— Espero que isso não seja um desafio — cruzo os braços olhando-a sério e só então noto que hoje ela está maquiada como nunca vi. Está com um batom vermelho vibrante que chama atenção para sua boca ao mesmo tempo que realça seus olhos. Não que ela precise disso, mas faz me lembrar mais ainda o gosto que esses lábios têm.

— Desafio? — eu também cruzo os braços e ficamos os dois nesse fogo cruzado de olhares.

— Sim, acaso esqueceram quem é o chefe aqui? — eu nem sei mais do que estamos falando. De qualquer forma estou irritado com essa história toda. Primeiro ela parece me odiar, então se entrega para mim da forma mais sublime que eu já conheci, logo depois é “*toda sorrisos*” para o primeiro idiota que aparece. Se não bastasse tudo isso, tem meu pai com câncer e sem querer tratar e cinco vozes femininas que não me saem dos ouvidos.

— Qual o seu problema afinal? — falo percebendo que minha voz tem um tom mais alto. — Se não queria que eu trabalhasse aqui não deveria ter oferecido o trabalho.

— Eu? Do que está falando? — agora eu fiquei realmente perdido.

— Você fala de mim, mas é você quem está jogando — ele é bipolar, só pode. — Quer saber?! Eu me demito — começo a caminhar em

direção ao balcão. Os rapazes não vêm atrás de nós.

— Ei, não me dê as costas assim! — Mas que diabos ela está fazendo? Fugindo?

— Você não me dá ordens, eu me demiti — falo séria e sem olhá-lo. Sei que temos plateia, mas que se dane, cansei desse jogo mental. Ponho o copo de café sobre o balcão e começo a arrumar minhas coisas.

— Não se demitiu não. Eu não aceito — corto duro. Então, vejo que ela pega uma caixa e começa a pôr suas coisas dentro. Nossa! Nem tinha percebido que ela tinha posto tanta coisa. A recepção de fato tem um toque feminino e bem organizado. — O que está fazendo?

— Você é surdo? Me demiti — eu praticamente grito. Estou tensa, a semana toda ouvindo resmungos, indiretas, quando não era ignorada!

— Não demitiu não — tiro algo como um peso de papel que ela pôs na caixa.

— Sim — coloco de volta na caixa o peso de papel que ele pegou.

— Não — tiro o peso de papel que ela pôs na caixa outra vez.

— Eu disse sim — mas que droga! Eu pego o peso de papel.

— Eu disse não — que mulher teimosa. Eu tento pegar o peso de papel de sua mão e acabo por derrubar o copo de café sobre ela.

— Droga, Ogro! — Agora sim conseguiu me irritar. — Sabe quanto custou essa blusa?

— Com certeza um jantar com algum idiota — eu vejo os olhos dela faiscarem.

— Pro inferno você e tudo isso — começo a caminhar sem peso de papel, sem caixa, sem coisa alguma, só preciso sair daqui.

— Ei? — droga! Eu a sigo até a saída e a pego pelo braço. — Não tão rápido.

— O que mais você quer? Já disse que vou embora, acabaram seus problemas, pelo menos no que se refere a mim — meu celular vibra e eu olho. Uma foto de uma mulher ruiva pisca na pequena tela, mas o que me choca é o quanto ela parece comigo e o fato de estar terrivelmente machucada. Uma frase segue abaixo da foto: “*A próxima é você, ratinha*”. Minhas mãos gelam e eu solto o celular.

— Ficou doida? — pego o aparelho do chão e quando a olho de volta ela perdeu toda cor e vida que tinha segundos atrás. Parece tão assustada quando no dia que a encontrei na estrada. Vou olhar o celular e ela o toma.

— Não. É. Problema. Seu. — falo cada palavra com uma força que não sei de onde vem. Ele me dá um olhar estranho e eu estouro de vez. — Você vive dizendo que eu sou a maluca, mas foi você que teve um surto bipolar. Me tratou mal a semana toda, quando não me ignorou e agora acha que tem direitos sobre mim. Se não tinha antes, agora, com certeza, que não — eu falo tudo isso num desabafo que não acalma meu coração. Bandido, voltou ao meu peito só para tornar tudo pior.

— Eu... — ela está chorando? Eu ergo uma mão para enxugar essa lágrima solitária que desce por sua face.

— Não me toque — eu digo rígida, esquivando meu rosto de sua mão.

— Droga, Encrenca, o que você queria? — ela me encara confusa. — Sim, você. Passou a semana toda cheia de flertes com todo homem que passou por essa porta.

— Você é doido mesmo — eu flertando? Logo essa semana que nem notei que haviam outros homens no mundo?! Meg, você é uma idiota. Devia ter saído com um cada dia da semana.

— Não sou não — a encaro começando a ficar confuso. Eu a vi

flertar, ela deu o número dela ao Samuel. — Você deu até seu número ao Samuel e combinaram de sair na minha frente.

— Foi você que disse a ele que não se importaria se nós saíssemos — eu devolvo e o vejo me olhar surpreso. — Sim, ele me disse.

— Mas que inferno! — Passo as mãos pelos cabelos num gesto nervoso. — Você disse que não queria que ninguém soubesse.

— Vai me dizer que estava disfarçando? — sério? Que lindo! Ogro idiota.

— E se estivesse. Você com certeza não fingiu o derretimento pelo Samuel — jogo em cima dela, porque não pode me acusar aqui e me fazer parecer errado.

— Que bom encontrar vocês aqui — nós dois viramos para ver o Samuel vir em nossa direção. — Meg, você vai amar isso — ele diz todo sorridente e a Encrenca esboça um sorriso que sei que custa a sair pelo tanto que ela está irritada.

— Sei que vou — eu digo controlando minha ira e o Samuel vem em minha direção.

— O que acha? — ele me mostra os convites do aniversário da vó Judith. São oitenta e sete anos e ele veio só para arrumar tudo.

— Estão lindos — são azuis bem clarinhos com pequenos girassóis enfeitando o canto inferior direito. — Ficou como você queria.

— Não, ficou como você me ajudou a fazer — ele diz sorrindo e me entrega um. — E esse, amigo, é para você — ele entrega o do Ogro e eu vejo sua expressão cair. Então, aproveito para encará-lo com toda raiva que tenho. — Você tem uma ótima secretária.

— Obrigado — eu digo pensando em toda a discussão de segundos atrás e surpreso por descobrir que era essa a ajuda.

— Agora tenho que ir. Muitos detalhes ainda para a festa —

Samuel sorri para mim e dá um beijo na bochecha da Encrenca e minha mão coça com vontade de socá-lo. Ele sai todo feliz. Ficamos alguns minutos em silêncio.

— Por que não me disse? — eu a encaro, mas agora com uma voz mais calma.

— E você perguntou? — eu devolvo, cruzando os braços.

— Não, não perguntei — eu abaixo a cabeça. — Me desculpe — o que mais posso dizer?

— Eu vou embora — eu digo e viro para sair, mas ele me puxa pelo braço e me envolve num abraço. — O que está fazendo? Vão nos ver.

— Que se danem, só vou soltá-la se prometer ficar — eu falo com uma nota de desespero na voz.

— Ok, agora me larga — droga! Eu olho em volta procurando testemunhas, mas não há ninguém olhando para gente. Meu corpo todo pareceu acender exatamente no instante que ele me tocou, como se eu tivesse ficado dormente esse tempo todo.

— Promete? — eu a encaro erguendo seu rosto em minha mão para que ela me olhe nos olhos.

— Vai continuar sendo um idiota? — devolvo, ainda estou irritada.

— Eu só pedi respeito — me defendo acariciando o rosto dela com os polegares.

— E eu não pedi nada — digo, sentindo meu corpo ceder ao afago em minha face. — Se você já espera que eu vá fazer algo assim, por que então pede minha palavra? — ele franze a testa.

— Eu sei, sou um idiota, eu... — droga! O que pode justificar tudo isso? Eu passo o polegar por seus lábios tirando parte do batom que ela está usando. — Não precisa disso — eu digo e minha voz já tem notas de

desejo presentes. Ela abre levemente a boca e eu desço meu rosto em direção ao dela.

— Não! — Faço um esforço descomunal e desvio do beijo que ele iria me dar. Ele encosta a testa na minha. — Vão nos ver.

— Então, vem comigo — digo sem me afastar dela.

— Com você? Não, vão desconfiar...

— Chega desse disfarce bobo! — Corto.

— Você prometeu — cobro com o medo tomando conta de mim. Medo de que seja algo sério, que ele...

— Então, você vai para minha casa depois daqui — digo voltando a encará-la. Ela parece relutante. — Precisamos conversar.

— Primeiro vou em casa — digo como se isso fosse me fazer fugir. A verdade é que quero estar com ele, quero sentir de novo como se nada estivesse entre nós, como se não existisse o mundo lá fora e eu fosse livre de novo, sem o peso de tudo que me empurra quando olho para ele. Tão puro, sem medos, sem amarras emocionais...

— Se você não chegar lá em casa em no máximo uma hora eu vou te buscar na Amanda — ela me encara espantada. — Sim, eu farei isso, e levarei você nem que seja sobre meus ombros.

— Ogro — falo, mas minha voz agora é bem suave. Ele finalmente sorri e eu devolvo o gesto. Assim que ele me solta eu ando direto para o carro, sem olhar para trás embora saiba que ele está lá de pé me observando. Dirijo rumo à casa da Mamá. Minha vida sempre foi tão leve, livre dessas oscilações emocionais. Deixei essas coisas no passado, onde pus meu coração. Nunca pensei que voltaria tudo assim, tão intenso!

Capítulo vinte e um

Intimidade

Chego em casa com o coração na boca. Nem sei bem o que estou fazendo, mas se a sensação é boa sempre há aquele alarme no fundo. Parece que a qualquer hora tudo vai mudar e o chão vai se abrir aos meus pés. Eu queria não sentir essas coisas, queria estar de volta à capital, no meu trabalhinho, jogando com o Nate e tendo encontros maravilhosos de uma noite apenas. Sem estresse, sem responsabilidade, sem peso...

— Meg? — a voz da Amanda me traz a realidade me fazendo perceber que entrei em casa, mas estou parada de pé, de costas para a porta e com o olhar perdido. — Tudo bem? — eu foco nela e então me lembro do relógio. Olho a hora... Ele não viria aqui, viria? Eu corro para a escada. — Meg? — a Mamá me grita.

— Oi? — respondo no meio do caminho.

— Algum problema? — levo dois segundos para pensar, então volto ao pé da escada e nesse momento o Liam entra em casa.

— Vamos sair para beber algo, já que hoje é sexta — dou aquele olhar, velho conhecido da Mamá. — Os rapazes disseram que hoje é sexta — sorriso torto. — Que precisamos relaxar.

— Isso é uma ótima ideia — o Liam fala. — O Ed vai? — oi? Faço cara de parva.

— Não sei — não tenho nada melhor para responder.

— Nós podíamos ir, amor — ele fala olhando para Amanda e ela abre os olhos ao máximo.

— Nós? — droga! E agora Meg?

— Sim, você precisa relaxar — ele diz sorrindo para ela.

— Está me chamando de estressada, Liam? — a Amanda usa um

tom de ameaça que até eu acho estranho.

— Não amor, mas que com essa coisa toda...

— Coisa? Fale o nome Liam, gravidez! — Epa, confronto à vista. Ela anda em minha direção e então pisca para mim. Ah! Ela está me cobrindo, tentando fazer o Liam mudar de ideia sobre o “*passeio*”. A minha amiga sabe exatamente para onde eu vou!

— Amor, eu já disse, sempre podemos adotar — ele fala e percebo uma tensão na voz do príncipe. Não quero a Mamá brigada com ele por minha causa. — Só não quero que você faça disso uma obsessão. Eu amo você — ele a aperta em um abraço e ela me olha com cara de perdida.

— Claro, amiga, pense em todas as crianças que terão um amor de mãe se mulheres como você as escolherem — ela me olha como seu eu fosse uma dessas crianças, já fui...

— Meg... — eu sei que ela está mesmo estressada com isso de gravidez.

— Vamos sim, relaxar! — Digo mudando completamente os meus planos. Desculpe Ogro, mas a Amanda vem sempre na frente. — E podemos já começar a pensar nas despedidas de solteiros de vocês dois — eu sorrio de forma sincera.

— Não sei se quero você organizando a festa de despedida da Amanda! — O Liam fala com um sorriso torto.

— Ei? Eu sou ótima com festas — eu me defendo.

— Por isso mesmo — ele rebate.

— Esquece, Meg, ignore o meu “*noivo*” ciumento — a Amanda parece relaxar um pouco.

— Então, paizinho e mãezinha, vou me arrumar — digo voltando a subir a escada. Já no quarto ligo para o Evans.

— Oi? Evans? — digo lembrando da cena de hoje entre mim e o

Ogro.

— Meg? Tá tudo bem? — ele pergunta ansioso. — Depois que você saiu ninguém quis perguntar ao chefe que fim levou a discussão — droga! O que eu digo?

— Tá sim, ele é meio idiota e um pouco maluco também — eu exalo me sentindo desconfortável. — De qualquer forma, acho que meu passado dá espaço para ele me perseguir tanto — oi? Estou admitindo que sou um “*problemão*” e que ele está certo?

— Seu passado? — ele faz uma pausa. — Quer saber? Nem me fale — ele então sorri de uma forma engraçada. — Mas não me ligou para dizer que se demitiu mesmo, não? Nem que terei que devolver a cafeteira? — Evans, sempre um bobão! Eu sorrio.

— Não, seu bocó, liguei para saber se não quer beber algo, para relaxar — ele pigarreia.

— Claro — a voz tem uma nota estranha, acho que ele está tenso.

— Muito bom, chama a dupla da patrulha também — eu digo relaxando um pouco por segundos. — O Liam e a Amanda também vão.

— Então, é para chamar o chefe? — e agora?

— Pode ser — eu digo imaginando a reação do Ogro...

...

Chegamos à delegacia e o Evans já está na porta. Assim que descemos do carro o Brendan e o Mad aparecem. Eles cumprimentam o Liam e a Amanda. Nem sinal do Ogro.

— Então, o chefe de vocês sabe dessa festinha? — o Liam brinca e então o Ogro aparece. Ótimo, as coisas sempre podem ficar piores. — Ei, amigo, vamos?

— Não vou a lugar algum que não seja minha casa — ele corta, ríspido e me olha.

— Tudo bem, Ed? — o Liam insiste.

— Depois a gente conversa, Liam — o xerife vira-se de costas e sai.

— Então, pessoal, vamos? — digo voltando a atenção para a diversão.

Chegamos ao bar e a sexta no interior parece animada. O Brendan e o Mad bebem uma mistura esquisita de chá, ainda estão de trabalho até às dez. O Evans pede um chopp e eu, Amanda e Liam vamos de bud. Em pouco tempo estamos rindo das sugestões dos rapazes para as despedidas de solteiro. Claro que eles perceberam que o Liam é ciumento e as ideias vão de gogoboy até coisas bem esquisitas. Eu estou morrendo de rir e já até esqueci o estresse da semana, mas de vez em quando a foto estranha no meu celular volta a minha mente e a imagem do Ogro aparece como um sinal de segurança. *“Droga Meg! Ele não é seu segurança pessoal!”*

— Então, estamos em festa! — O Samuel fala. Eu fico tensa.

— Oi, Samuca, chegou e ainda não foi me ver — o Liam diz levantando e cumprimentando o amigo.

— Estava em uma missão secreta com a ruiva aí — ele diz e pisca para mim. Eu engulo em seco.

— Como? — o Liam franze a testa.

— Ela está me ajudando com a festa da vó Judith — ele sorri. — Aqui — ele estende convites para todos na mesa. — Espero vocês lá, domingo, dezoito horas. — todos pegam os convites e agradecem. — Então, Meg, me cede uma dança? — oi? O Evans me olha com um ar de que estou encrencada e eu tenho a certeza de que ele e os rapazes ouviram mais da discussão do que eu imaginei.

— Eu...

— Ah, vamos. Não arranca pedaço — droga. Eu dou um sorriso

amarelo e lá vou eu. Enquanto passamos para pista escuto umas pessoas conversando e ao ouvir o nome do Ogro, fico em alerta.

“A Betsy disse que de hoje o Ed não passa. Ela preparou tudo para ele, a falsa dificuldade com o computador e claro que ela se vestiu especialmente para isso.”. — oi? Mas que merda é essa? Uma onda de raiva emana de mim e eu sei que posso fazer qualquer coisa pegar fogo agora mesmo. Ei? Estou com ciúme? Mulher-morta!

Eu me jogo na pista com o Samuel. A raiva me consumindo. Então, ele disse que ia para casa, mas não me contou que ia arrumar o computador da bruxa de novo. Ótimo! Que se dane, você nunca foi tão tola, Meg! Eu percebo que o Samuel se empolga e minha visão corre pelo ambiente. Não sei quantas músicas já dançamos, mas ele não parece cansado e eu ainda estou irritada para voltar a uma conversa de mesa agradável. Ele me segura pela cintura e me encara com um ar sério, sei que vem coisa aí. Eu desvio o olhar por uns segundos para dar de cara com o Ogro, no balcão, olhando direto para mim e pela forma como seu maxilar está apertado eu sei que as coisas não estão nada boas...

— Eu estou meio tonta — minto.

— Sério? — Samuel me olha e me segura com mais firmeza.

— Sério — digo me desvencilhando dele e seguindo para a mesa.

O tempo todo sei que o olhar do Ogro está colado em mim. O Samuel, então, volta a pôr a mão na minha cintura enquanto me segue até a mesa.

— Tudo bem? — ele diz quando chegamos à mesa.

— Bem? O que foi, Meg? — a Amanda me encara.

— Ela está um pouco tonta — é o Samuel quem responde e eu percebo o olho do Ogro faiscar indo da mão do Samuel para meu rosto.

— Quer ir embora, amiga? — a Amanda pergunta.

— Eu... Acho que é melhor — digo por fim. Deus! Esse dia não

termina nunca?!

— Então, acho que o Ed pode te levar — oi? A Amanda ficou doida.

— Eu levo ela, Amanda — o Samuel se oferece.

— Não precisa, é direção contrária e o Ed já vai para casa — o Ogro a fita surpreso. Eu não sei o que dizer e todos estão me encarando. Devo estar com a expressão de idiota do século.

— Sim, eu posso fazer isso, se não se importar de parar no caminho para que eu pegue meu jantar — ele diz e sua voz está no limite do controle. Eu sei que ele quer na verdade me jogar no ombro e sair porta afora.

— Sério, Meg, não seria problema nenhum para mim — o Samuel ainda insiste?

— Não, Samuel, vamos aproveitar e conversar sobre o bufê — a Amanda ficou de fazer o bolo e ele olha para ela dando um sorriso meio torto. Obrigada, amiga!

— Então, vamos — o Ogro diz e segue em direção à porta e eu vou logo atrás.

Não conversamos nada o caminho todo. Ele para em um restaurante no caminho e desce, voltando cheio de marmitas. O cheiro é incrível e me lembro que não comi nada além de algumas cervejas e o café mais cedo no trabalho. Desde o almoço que estou sem ingerir nutrientes. A fome aperta e eu começo a me sentir desconfortável. Ele ainda não falou nada comigo. Ótimo, Meg, é você quem terá que dar a partida.

— Então, está com tanta fome assim? — digo esboçando um meio sorriso.

— Não era só para mim — digo curto. Ainda não esqueci o show de dança.

— Então, você vai levar para comer com a Betsy? — devolvo a

acidez dele. Ele me dá um olhar de soslaio.

— O quê? — o que a Betsy tem a ver com a história?

— É, eu sei que você ia consertar o computador dela “*de novo*” — eu cruzo os braços e desvio o olhar.

— Sério? — fico mais chateado ainda se isso é possível. — Está me cobrando algo? Por não me lembro ter sido encontrado pendurado no pescoço da Betsy em meio a uma dança nada amigável — eu falo retornando minha atenção à estrada.

— O quê? — ele está insinuando que eu estava... Droga! — Eu não sei que dança você fez com ela, porque não havia ninguém lá.

— Eu estou dizendo que não fiz nada — digo duro.

— E eu estou dizendo que isso é o que você diz — rebato e sinto a inércia me jogar contra o painel quando ele freia de forma brusca. — Ficou louco? — o olho assustada.

— Já chega! Você está usando uma desculpa absurda para justificar você e o Samuel — eu me viro para encará-la.

— Justificar? Eu não tenho nada para justificar. Nós não temos nada. Você não é nada para mim — eu falo tudo num atropelo de palavras e vejo a mágoa descrever um caminho em seu olhar.

— Então, o que você está me cobrando? — falo sentindo a ira queimar em mim.

— Nada — eu vou abrindo a porta, mas ele trava e me puxa. — Me solta, eu vou embora.

— Não vai não, você começa essa história toda, diz um monte de bobagens e depois foge? Não mesmo — eu a seguro e ela começa a se debater.

— Me solta, seu Ogro! Idiota, imbecil, tosco... — jogo uma enxurrada de xingamentos nele que me puxa pelo rosto, forçando que eu o

olhe nos olhos.

— Está mesmo com ciúme da Betsy? — falo com meu rosto praticamente colado ao dela.

— Não seja burro, eu jamais teria ciúme dela — eu corto lívida, ele não me solta.

— Você tem alguma coisa com Samuel? — pergunto ignorando a resposta dela.

— Tenho, a gente estava indo transar no banheiro quando você chegou — assim que eu falo vejo uma raiva descomunal tingir o rosto dele. Eu recuo ao máximo me encostando na porta.

— Droga, Meg! — Grito, sei que é mentira o que ela falou, mas ouvir isso me faz ir ao inferno e voltar. — Quer falar sério uma vez na vida!

— Falar sério? Que diferença faz o que eu falo para você? Já fez minha personalidade em sua mente, não?! Tudo de ruim que você possa imaginar são as coisas que eu faço e minha palavra não tem nenhuma credibilidade para você. Então pare de me fazer perguntas que sua mente doente já respondeu para você e me deixe em paz — eu cuspo essas palavras nele e consigo abrir a porta do carro e saio correndo. Estamos quase próximos à casa dele e óbvio, não tem ninguém por perto para ver essa cena. Agradeço a Deus por isso, porque não posso me controlar agora.

— Para — eu consigo alcançá-la e seguro seu braço. Ela vira para me encarar e então começa a tentar fugir de novo. Eu a ergo sobre o ombro. — Já chega disso — volto até o carro e a coloco no banco do carona e passo o cinto de segurança. — Não se atreva a sair daí — ela bufa e desvia o olhar de mim.

Eu assumo a posição de motorista e dirijo o mais rápido possível. Parece que se passaram apenas segundos quando chego em casa. Paro e desço. Ela não se mexe. Eu abro a porta do lado dela e ela cruza os braços,

sei que não vai se mexer. Ótimo! Eu tiro o sinto e a pego nos braços. Claro que ela não facilita e se debate o caminho todo. Assim que entro em casa eu fecho a porta e a coloco no chão. Ela vira para sair, eu a seguro e a prendo contra a porta.

— Idiota! Me solta, sabe que sequestro é crime? — droga! Eu não tenho chance alguma em medir forças com ele.

— Para — eu ordeno, mas ela se debate e consegue soltar uma mão. Eu não quero machucá-la, mas ela, com certeza, parece querer arrancar minha cabeça. Ela inicia uma série de golpes desajeitados.

— Bruto, grosso, monstro... — digo todos os nomes que vêm a minha cabeça, descarregando toda minha raiva nele.

— Você fala demais — desço minha boca sobre a dela, estou irritado, estressado, cansado desse dia de merda e não sei de onde vem isso, mas estou excitado também.

O beijo não tem nada de delicado. É rude, intenso e carregado de desejo mesclado com raiva. Ela ainda reluta alguns segundos, enrosca as mãos na minha nuca e puxa meus cabelos com raiva ao mesmo tempo que aperto a boca contra a dela. Forço minha língua em seus lábios, mas ela mantém os dentes fechados. Ela morde minha boca e eu sinto o gosto metálico. Eu me afasto alguns milímetros e a olho, um misto de raiva e excitação estão gravados em seus olhos. Não sou apenas eu, o descontrolado aqui. Aproximo minha testa da dela e corro meu nariz pela lateral do seu rosto sentindo seu aroma. Sua respiração é irregular, ela afrouxa um pouco o puxão em meus cabelos. Sigo em beijos molhados, mas nada delicados em seu pescoço e noto que ela não me puxa mais me afastando. Na verdade ela me mantém mais próximo a ela o possível e escuto ela exalar sem conter a excitação. Eu, então, tomo sua boca novamente, e aproveito a brecha para entrelaçar minha língua na dela. Ela não recua e estamos num beijo sôfrego e

descontrolado como se descarregássemos todas as nossas tensões nesse contato. Eu a puxo pela cintura e ela prende as pernas em torno dos meus quadris. Eu a levo para o sofá, estou sobre ela agora. Em segundos nossas roupas somem e nos entregamos a um torvelinho de emoções e ações.

...

Estou deitado de barriga para cima, esperando os últimos resquícios de descontrole me deixarem. Ela está ao meu lado. De costas para mim e parece ter sua respiração mais calma. O silêncio é absoluto. Me sinto mal pela forma brusca como as coisas aconteceram, mas eu não sei o que aconteceu comigo.

— Meg? — chamo, mas ela nem se mexe. Droga! — Meg, eu sinto muito, eu não queria que as coisas acontecessem assim... — eu vejo o corpo dela tremer de leve e então noto que ela está rindo. Espera, rindo? — ei? Estou aqui pedindo desculpas por ter sido rude e você ri?

— Sério? — falo ainda sem olhar para ele. — Vai me dizer que nunca fez sexo quente depois de uma briga — provoco.

— Já, mas não assim... Eu... — inferno, me embolo em minhas próprias palavras. — Eu não quis forçar nada, eu só... — a risada vira uma gargalhada.

— Não me lembro de ter gritado, ao menos não de dor — dou um olhar travesso para ele e só então o Ogro parece relaxar um pouco. — digo e levanto do sofá ainda sem roupa e viro para encará-lo. Ele está me olhando bastante perdido.

— Então, eu sou um idiota de qualquer forma, não?! — Pergunto um tanto irritado. — Eu só queria que você soubesse que não sou assim, tão...

— Tão puritano, tão pudico... — digo entre risadas. Ele é tão paradoxal. — Agora você vai começar a ficar meloso e vir com aquela história de abraço e etc.

— Meg, é sério, eu não sou...

— Gay? — eu falo cortando esse papo bobo. — Ai meu Deus! Você é a mulher aqui, não?! — Assim que falo isso ele se levanta mostrando o quanto é maior que eu e vem em minha direção com um olhar sério. — Calma aí, Ogro, eu não conto para ninguém o quanto você é delicado na cama — eu começo a rir e ele me joga sobre o ombro. — Ei? O que acha que está fazendo?

— Sendo o Ogro que você tanto gosta — digo entrando no jogo, estão dou um tapa na bunda dela, de leve.

— Ei? — ele me bateu? Estou perdida agora. Ele me leva para cima e me joga na cama. — Opa! É agora que você vai começar com as mordanças e os chicotes? — brinco e ele se deita bem próximo a mim e acaricia o meu rosto.

— Não, eu jamais machucaria você — eu a encaro direto nos olhos e ela parece confusa. — Não sou adepto dessas estripulias, moça — sorrio e ela suaviza a expressão.

— Mas eu machuquei você — levo meus dedos ao seu lábio onde está a marca da minha agressão.

— Eu mereci por ser um grosseirão — digo e beijo de leve seus dedos.

— Grosseirão? — alargo meu sorriso encarando esse homem que é tudo, menos um grosseirão. — De que época você veio, viajante do tempo — ele ri e meneia a cabeça de forma negativa.

— Não sei — eu a beijo, mas dessa vez é um beijo delicado, lento e provocante. Nada da voracidade anterior, mas não menos excitante. Ela cede e se entrega ao momento. Eu me afasto para olhá-la de novo e percebo um ar de receio em seu olhar. — Tudo bem?

— Tudo, desde que você não comece a chorar falando algo

meloso e coisas do tipo — eu digo numa tentativa de brincar.

— Prometo que não choro e nem peço que me ame — falo isso e ela franze a testa. — Relaxe, estamos apenas brincando — eu sei que essas coisas emocionais a deixam deslocada. Eu me deito de costas e a puxo num abraço de lado. — Então, o Samuel e você...

— Sério? — eu me afasto dele. — De novo isso?

— Eu só quero saber — droga, eu preciso.

— Saber o quê? Como foi minha transa com ele? — eu falo irritada.

— Droga, já pedi para não falar assim. Eu sei que você não...

— Sabe? — eu corto.

— Sei — digo sincero me sentando para ficar de frente para ela.

— Então, o que diabos você quer saber? — ele me encara confuso.

— Como ele sabe que seu cheiro é magnífico? — falo com um tom de voz tenso.

— Isso? — Deus, mas que coisa idiota. — Até o Evans sente isso.

— O quê? O Evans andou cheirando você? — mas que merda é essa?

— Não, seu tosco, eu sou uma mulher, sabia? — mas que idiotice. — Meu perfume é marcante, e o cheiro do meu xampu não é nada suave, então... — eu o encaro com uma expressão estupefata.

— Você tem razão... — fico calado alguns segundos. — Então, o Evans disse que você...

— O Evans nada, chega desse papo. Se você não acredita em mim por que me faz fazer promessas? — eu o encaro séria.

— Você tem razão, me desculpe — eu a puxo de volta, mas ela resiste. — Vem logo, Encrenca, ainda não aprendeu que sou mais forte que

você? — digo mais relaxado e ela se joga com força em meu ombro.

— Eu não tenho e nem tive nada com o Samuel — falo deitada no ombro dele. Nossa, ele é realmente quente, não?

— Desculpa, eu só...

— É ciumento, possessivo, controlador... — a lista é longa.

— Ok, já chega — falo apertando-a no meu peito. — Podemos mudar de assunto.

— Sim, querida, do que você quer falar, meu doce? — provoco e ele ri.

— Querida, é? — não sei o que vou fazer com ela. Ou melhor, sei sim. Me viro sobre ela que solta a respiração no susto.

— Querida, docinho, princesa...

— Princesa já é um pouco demais — digo e ponho as mãos dela em volta do meu pescoço.

— Querida e docinho não tem problema? — provoco.

— Quer saber? — eu subo uma mão do seu quadril até a curva do seio e percebo a pupila dela dilatar. — Você tem uma língua muito mal-educada — ela sorri e eu a beijo.

Há muito mais que sexo aqui, embora ela não admita. De qualquer forma ela se explicou para mim sobre o Samuel, então ela se importa, não?! Espero que sim. E lá vamos nós de novo entre pernas e braços. Uma dança só nossa de desejo e cumplicidade. E depois, eu já a puxo novamente para os meus braços. Uma vantagem do tempo frio, ficar assim, juntos.

Meus olhos se mantêm abertos, há muita coisa em minha mente. Eu fito o teto e ela também não diz nada. Sei que não está dormindo pelo leve roçar dos dedos dela em meu peito. Por mais que eu queira discutir com ela, ou consertar os erros que comete, a quero aqui, comigo. Eu não sei como ela

entrou tão fácil na minha vida, mas não imagino o dia de amanhã sem esse sorriso descontraído, sem esse olhar travesso, sem esse cheiro magnífico...

— Se o Samuel falar do seu cheiro de novo, vou arrancar a cabeça dele — digo e depois rio de mim pela idiotice que um homem é capaz de fazer.

— Se você insistir nesse assunto, eu vou arrancar a sua cabeça — devolvo, mas sorrio, porque sei que ele não está vendo meu rosto agora.

— Está defendendo ele? — acaricio seus cabelos.

— Não — quer saber? Agora é sério. Eu ergo minha cabeça para olhá-lo. — Você quer que eu te respeite? — ele ergue as sobrancelhas para mim. — Então, pare de desconfiar até da minha respiração. Eu disse que não era para você, eu não me comprometo, não tenho relacionamentos, enfim... Você insiste nisso, então tem que saber se vai conseguir lidar com isso.

— Não — respondo para ela.

— Não? — o que ele quer dizer com não. Começo a me afastar dele.

— Não, eu não posso lidar com um cara falando do cheiro da minha garota — ela me encara surpresa.

— Sua garota?

— Sim, minha garota, eu sei que não quer admitir. Estamos juntos, mesmo que você não diga a ninguém, então é minha, sim — ela me olha com uma pontada de raiva surgindo no fundo dos olhos. — Nem adianta discutir.

— Foi você quem disse que não tinha problema ele me paquerar — rebato.

— Ok, eu sou um imbecil — falo exalando com força. — Disse, mas era mentira, tá bom?!

— Eu não tenho nada com ele — eu falo ofendida. — Quantas

vezes tenho que repetir?

— Nenhuma vez mais, vem — levanto da cama.

— Para onde? — o que esse doido quer agora.

— Tomar um banho quente e depois vamos comer — digo puxando ela da cama em meu colo.

— Sério que vai me dar banho — sorrio boba. Esse homem vai ser o meu fim.

— Sim, e com meu shampoo e sabonete, quero ver esses idiotas dizerem algo sobre seu cheiro — eu falo como um homem das cavernas.

— Então, vai me dar banho e depois sair atrás de homens para me cheirarem? — provoco.

— Nem sonhando, dona Encrenca — sorrio.

Entramos no chuveiro e ele faz tal como disse. Lava meus cabelos e cada centímetro do meu corpo. A forma como ele me olha faz algo se revolver em meu coração. Tanto carinho, tanto cuidado. Não me lembro de alguém ter feito algo assim por mim. O desejo também é evidente em seu olhar, mas ele parece se controlar. Mais uma vez lá está ele me dizendo que não é apenas sexo. O pior é que eu gosto, essa atitude dele me cativa e também será minha perdição...

Assim que saímos do chuveiro ele me empresta o velho moletom e vai até o banheiro retornando com o secador. Ele vai secar meu cabelo? Deus, vai. Ele faz exatamente isso. Eu sinto um aperto na garganta, estou emocionada e sinto que é demais para mim. Levanto e me afasto dele. Ele desliga o secador.

— Meg? — ela mudou de repente. Não sei o que fiz de errado aqui...

— Tudo bem, eu só... — é muito para mim.

— Ei? — me aproximo afagando seus braços. — Me deixe cuidar

de você.

— Até o momento em que eu fizer algo tão errado, e você sair correndo — eu o encaro tensa.

— Então, não faça, mas se fizer, não minta para mim — eu a olho e vejo medo em seu semblante. Eu a puxo num abraço. — Eu não vou a lugar nenhum, Meg!

— Você diz isso agora — falo sentindo um desespero. Estou me tornando uma bobona mesmo.

— Não — ergo o rosto dela. — Eu prometo — falo tão sério quanto possível.

— Não me prometa isso — digo porque sei que é uma promessa que ele não poderá cumprir.

— Vamos esquecer o futuro por hora? Eu estou aqui com você e não vou a lugar nenhum — eu digo amenizando as coisas.

— Certo — eu falo em um fio de voz e ele beija o topo da minha cabeça. — Eu não quero mais conversar — essas coisas estão me matando.

— Podemos mudar de assunto se quiser, mas ficar muda não faz muito seu estilo — digo sorrindo e ela hesita, mas devolve o gesto.

— Sim, senhor sabichão — digo deixando essa nuvem de seriedade se dissipar.

— Vem, vamos comer e você escolhe o tema da conversa — digo e a puxo pela mão.

Na sala eu a solto e vou até o carro. Pego tudo e ponho para esquentar enquanto ela arruma a mesa. Mesa posta e comida quente começamos a refeição. Em pouco tempo ela inicia a conversa, eu sabia que ela não ficaria em silêncio muito tempo.

— E seu pai? — eu falo num tom suave, sei que é um assunto delicado.

— Teimoso como uma mula — eu digo. — Resistindo ao tratamento.

— Deve ser difícil para ele — não sei muito o que falar.

— É sim, mais difícil ainda são as cinco vozes em minha cabeça, vinte e quatro horas por dia.

— Suas irmãs?

— Sim — eu paro um pouco e a olho. — Desculpe se fui um idiota esses dias, mas as coisas estavam bem tensas.

— Tudo bem — eu olho para ele. — É a sua família, vem em primeiro lugar.

— Não é motivo para eu descontar em você — respondo sincero.

— Não, mas eu aguento, não sou de cristal — sorrio para ele meio sem jeito.

— Não, você é bastante resistente — olho para ela, tão pequena, delicada, mas sobreviveu a tantas coisas.

— Então, suas cinco irmãs te ligam o tempo todo? — mudo o rumo da conversa. Não quero falar de mim.

— Sim, cinco perseguidoras — sorrio lembrando delas. — Assim que acabarmos aqui eu te mostro o álbum de família — digo olhando-a divertido.

— Eu vou adorar.

Acabamos de comer e ele me puxa pela mão. Subimos a escada e entramos no escritório dele. É bem sóbrio, um sofá-cama, uma TV, um Xbox, vários jogos numa prateleira e no canto um computador que mais parece algo da NASA. O que isso é? Um QG?

— Então, é aqui que você planeja dominar o mundo? — eu brinco.

— Eu cursei SI lembra? Eu disse quando arrumei a internet da

Amanda — ela me olha com ar de lembrança. Eu pego o álbum numa prateleira.

— Então, você joga Mundo Perdido? — eu falo uma expressão de surpresa. — Lembro que lançou na minha época de faculdade e tivemos um campeonato.

— Você joga? — fico espantado em saber disso.

— Sim, tinha que prender a atenção dos rapazes de alguma forma — eu brinco e ele me olha sério.

— Pode parar, não quero saber dessas histórias — ela vem em minha direção e me abraça. Eu ponho o álbum sobre a mesa e a abraço de volta.

— Eu gosto mesmo de jogo, seu Ogro ciumento — sorrio e beijo seu queixo, é a única coisa que alcanço. Então, afundo o nariz em seu peito. Estava com saudade desse cheiro. — Magnífico — eu brinco.

— Engraçadinha — eu beijo o topo da cabeça dela. — Então, gosta de jogos.

— Sim, desse em particular. Esse cara é um gênio — me refiro ao criador do jogo.

— Tenho que concordar — se ela soubesse que tenho mais a ver com esse jogo que apenas jogá-lo. — Vem, vamos ver minhas irmãs, o “*clube das cinco*”. Depois talvez eu jogue com você — ela sorri e sentamos ali mesmo no sofá.

— Saiba que eu derrotei vários jogadores experientes. Na fase dezessete, por exemplo, eu fui a primeira a conseguir atravessar o alçapão embaixo do gigante — me gabo.

— Nerd — digo e reviro os olhos.

— Ei? — o empurro com o ombro e então ele abre o álbum e me mostra sua família. Cada foto é mais cativante que outra.

Passamos um bom tempo vendo as fotos de suas irmãs. Ele me diz os nomes e só então descubro que o secador rosa é da Emilly. Essa é mãe do Tom, de apenas oito meses. Ele fala bastante dela. Depois de ouvir várias peripécias e casos de família eu me sinto um pouco parte do mundo dele. Ele tem tantas coisas para compartilhar e eu tenho sede de absorver todas elas. A falta que essas coisas fizeram em minha vida se mostram evidentes agora. Eu suspiro e ele fecha o álbum pondo sobre uma mesa de canto e me puxando num abraço.

— Então, Encrenca, minha família é essa confusão toda — digo afagando as costas dela e ela deita na curva do meu pescoço.

— Uma confusão incrível — eu respondo. — O Eric deveria ser modelo também.

— Ei? Esqueça o Eric — eu estou com ciúme do Eric?

— Nem começa — eu falo dando um tapa de leve no peito dele.

— Desculpa — eu falo numa voz quase inaudível.

— Do jeito que você fala eu pareço uma ninfomaníaca que não faz outra coisa a não ser pensar em como entrar nas calças dos caras — eu digo contrariada.

— Desde que seja um cara e ele seja eu, não me importo com a sua ninfomania — digo sorrindo.

— Ogro tarado — falo e ele me puxa para seu colo.

— Dorme comigo? — pergunto e fico tenso, esperando a resposta.

— Passar a noite aqui? — isso me deixa nervosa. Mas não há outro lugar no mundo em que eu queria estar.

— É, você pode avisar a sua mãe — eu brinco. — Podemos passar a noite toda jogando Mundo Perdido. — faço um ar inocente.

— Sei... — eu sorrio. — Vão desconfiar.

— Mais? — eu pergunto e ela me olha surpresa.

— Você acha que...

— Depois da cena de hoje na delegacia, acho que o único que não desconfia é o Samuel — eu digo olhando-a. — Mas eu me encarrego disso.

— Você prometeu — cobro.

— Do que você tem medo? — a seguro pelo queixo de leve.

— Eu não tenho medo — corto.

— Então, prove. Fique comigo essa noite e que se danem as pessoas e o que elas pensam — ela abre os olhos ao máximo. — Não é você que não se importa com o que pensam?

— Pensei que o Samuel fosse o advogado — brinco.

— Sem falar dele nessa residência — digo fingindo irritação.

— Sim, senhor Ogro ciumento mandão — falo fazendo uma reverência.

— Nossa, quantos apelidos carinhosos — sorrio e a abraço apertado. — É tão difícil dizer meu nome?

— Não, senhor Eduard Prats — brinco.

— Gostei dessa obediência toda, veremos até quando dura.

— Só nos seus sonhos — rimos os dois abraçados nesse mundinho só nosso. É algo tão sólido quando estamos aqui, mas sei que ao mesmo tempo é bem frágil e temo que se abrir isso para o mundo, vai ruir em segundos. Eu suspiro e ele beija minha cabeça, minhas bochechas, minha testa... Se dissolve todo em carinhos.

— Eu posso cuidar de você, sabe? — falo devagar, sem querer causar uma confusão, porque sei que ela, com certeza, rejeitaria qualquer tentativa de proteção. — Você só tem que deixar.

Eu lembro do meu celular, das coisas loucas que vêm acontecendo comigo e um tremor passa por meu corpo. Ele me aperta mais

em seus braços e eu me deixo levar por essa sensação de intimidade, de confiança, de segurança. Tudo nele parece tão sólido, tão firme e certo...

Capítulo vinte e dois

Ceder alguns milímetros...

Acordo relaxada e colada a uma quente parede de músculos. Meu rosto se curva num sorriso monumental. Parece uma bobagem, mas para mim é muita coisa. Eu me sinto aquele cara dos livros de romance. Sim, o cara. Afinal, é sempre ele o mulherengo e que teve todas as mulheres do mundo, mas se apaixona logo pela mocinha inocente e virgem. Epa! Eu disse se apaixona? Disse. Você está muito ferrada, Meg.

Abro os olhos para ver o Ogro deitado do meu lado. Sono pesado esse. O rosto dele parece tão suave. Ele é uma pessoa real, com problemas reais. Todos são na verdade, mas ele eu conheço e sei coisas sobre sua vida que nunca me interessaram com os outros caras. Eu fico vidrada olhando pra ele. Meus lábios esboçam as palavras “*meu Ogro*”. Eu repito o “*meu*”. Será que uma pessoa pode ser de alguém? Meu coração dá sinal de vida acelerando os batimentos, porque justamente agora eu quero que ele seja meu. O medo retorna a mim. Eu me lembro de todas as vezes que quis muito uma coisa e perdi, lembro também da forma como essas decepções podem destruir a gente por dentro... Ele é tão certo, tão... Perfeito... Eu me sinto, pela primeira vez em anos, como se não fosse o suficiente.

— Arquitetando um plano maligno, Encrenca? — minha voz sai rouca e eu falo antes mesmo de abrir os olhos. Assim que abro vejo um olhar angustiado dela para mim. — O que pode ser tão ruim logo cedo?

— Já acorda dando bronca! — Brinco e esboço um sorriso. Ele consegue me ver tão fácil. Pode até não saber o que penso, mas lê meus sentimentos só de me olhar. Isso me assusta mais ainda.

— Planejando me matar enquanto durmo? — brinco mais uma vez e a olho nos olhos. Ela parece pensar no que vai dizer.

— Como você descobriu meu plano maligno? — sorrio também espantando as coisas da minha mente.

— Pode me dizer o que tem nessa cabecinha de fogo? — digo puxando-a para meus braços. Ela não oferece resistência, pela primeira vez.

— Vai por mim, você não quer saber — corto e me agarro a ele. Estou ficando cansada de lutar contra. Se esse vai ser mais um dos poucos segundos de felicidade plena na vida da Meg, eu vou me jogar de cabeça.

— Eu sempre quero saber tudo sobre você — eu falo sabendo que estou me expondo demais com ela, mas não há forma de conhecer seus reais sentimentos se não for mostrando os meus.

— Tudo mesmo? — brinco alisando o peitoral dele. — Cuidado com o que deseja, Ogro — eu digo em advertência.

— Eu desejo que você relaxe — eu beijo a cabeça dela e corro minha mão em uma carícia ao longo da sua coluna.

— Mais? Desse jeito vou dormir para sempre — sorrio.

— Então, é esse o efeito que causo em você? Um sono descomunal? — me faço de ofendido.

— Não — falo séria e percebo que ele retesa um pouco. — Você gosta mesmo de falar de sentimentos, não?! — Ergo a cabeça para encará-lo.

— Sou o último dos românticos — sorrio de lado. Sou um idiota, isso sim. — Fui criado com cinco irmãs lembra?

— Como poderia esquecer — sorrio para ele passo os dedos de leve pelo seu rosto. — Minha donzela — ele me olha surpreso e então começa a me fazer cócegas.

— Donzela, é? — faço cócegas nela até seu limite. Quando os soluços são tantos que ela começa a ter espasmos eu paro e tiro mexas de cabelo do seu rosto. Você criou uma muralha bem resistente — ela fica séria e nós dois sabemos a que muralha me refiro.

— E você é o Ogro/príncipe que vai invadir o castelo, lutar com o dragão e salvar meu coração? — sorrio tentando suavizar a intensidade que essas palavras contêm na verdade.

— Eu sou o Shrek e você a Fiona? — sorrio e a beijo. Um leve tocar de lábios.

— Podemos nos fantasiar assim para o Halloween — faço uma expressão de sagacidade.

— Claro, então prometa que ficará aqui até lá — digo sério e ela me olha prendendo os lábios entre os dentes.

— Você e suas promessas — eu meneio a cabeça. Eu queria ficar aqui para sempre. Opa? Eu pensei e senti isso?

— Desculpe, muita carga emocional para a mulher sem coração — digo e vou me levantando.

— Ed? — o chamo de volta, nem sei direito porquê e ao ouvir seu nome e minha voz ele vira me olhando surpreso.

— Oi? — ela disse meu nome, e dessa vez soou tão doce. Não foi no meio de uma explosão hormonal, não foi um pedido de socorro...

— Eu estou aqui, de verdade — eu sei o peso que essas palavras têm, mas eu preciso que ele saiba. Eu também sou real e não estou jogando com ele. Estou arriscando muito de mim agora, mas a sensação de não ter isso me parece pior do que ter e perder... Ele abre um sorriso lento e alcança seus olhos e eu prendo a respiração.

— Vem — a pego nos braços e jogo sobre o ombro. Ela é tão pequena e isso está se tornando um hábito.

— Nossa! Tão gentil, meu cavaleiro de armadura brilhante! — Brinco com essa mania de me fazer de saco de batatas, mas acho que estou começando a gostar de ser jogada sobre o ombro dele. Daqui parece que o mundo não pode me atingir.

— Não, eu sei o Ogro! — Falo rindo enquanto a levo para o banheiro.

Eu só consigo rir que nem uma idiota. Ele disse “*meu*” e isso é como se o resto não importasse mais. Eu não consigo pensar em mais nada além dele e esse momento. Em segundo estamos na banheira e uma água quente maravilhosa toca nossas peles. Ele me puxa para ficar entre suas pernas e começamos um banho compartilhado bem longo...

...

Estamos tomando café e conversando sobre o jogo. Ontem jogamos muito e eu mostrei a ele a minha “*artimanha*” para passar à fase dezessete. É tão fácil conversar com ele sobre algo comum. Me sinto relaxada, mas o meu telefone vibra e eu me assusto. Ele percebe e eu pego logo o aparelho para fugir de perguntas.

— Oi, Mamá — minha voz tem o alívio evidente.

— Amiga, está viva? — ela ri e eu olho para o Ogro sorrindo também sem jeito.

— Não, o Ogro me comeu — eu falei realmente para ser uma brincadeira simples, mas assim que as palavras saíram percebo o tom ambíguo. Meus olhos se abrem em vergonha e sei que eu corei agora sob o olhar de divertimento dele.

— Meg! — A Mamá ri mais. — Então, vocês estão junto?

— Sim — olho para ele e desvio o olhar.

— Juntos, juntos? — mais que raio de pergunta é essa?

— Amanda, ele está na minha frente, quer falar com ele? — é a vez dele me olhar espantado.

— Não, sua bobona, eu só queria saber se está tudo bem — a voz dela suaviza.

— Sim, estamos vivos, por enquanto — devolvo e sorrio.

— Venham almoçar conosco — ela convida e eu mordo meu lábio inferior. Almoçar tipo casal? Acho que ainda não consigo fazer isso.

— Mamá...

— Sem pressão, Meg, é só um almoço — ela fala me cortando.
— Não demorem, beijo, tchau — ela desligou na minha cara? Ótimo, eu criei um monstro.

— Temos convite para o almoço — olho para ele sem jeito.

— Seus pais querem me conhecer? — falo me aproximando e a envolvo pela cintura.

— Engraçadinho, você! — O abraço de volta.

— Vai me dizer o que te assusta tanto nesse celular? — fico sério de repente. Preciso saber o que pode ser tão ruim em um celular e começo a ter ideias do que realmente a fez vir fugida para cá.

— Eu... — começo a me desvencilhar dele.

— Ei? — puxo seu queixo e o seguro em meus dedos para que ela não desvie o olhar. Quando percebo que tenho toda sua atenção eu começo a falar. — Estamos juntos agora, e quando eu disse que você é problema meu não era uma brincadeira, quando falei que você é minha garota não era apenas para dormir com você...

— Ed, eu não acho que... — ele puxa meu celular. — Ei? Droga, não faz isso.

— Você vai me contar ou terei que descobrir sozinho? — falo segurando o aparelho e olhando para ela.

— Como você pode ser tão... Tão... — mas que diabos. Eu não quero contar isso a ele, não agora, não com esses problemas todos em sua cabeça, sobre seu pai.

— Eu quero ajudar você — eu digo esperando ela me dar o consentimento para que eu olhe o celular. — Confie em mim — eu peço.

— Não é questão de confiança — e não é mesmo... — Devolve meu celular — eu digo estendendo a mão.

— Então, não vai me dizer? — a olho frustrado e ela está vermelha como uma pimenta e completamente tensa.

— Agora não, pode ser? — pergunto numa esperança de que esse clima pesado se dissipe. Estava tudo tão leve, tão tranquilo...

— Isso quer dizer que depois você me contará? — dou uma folga e ela meneia a cabeça afirmativamente. — Eu vou cobrar, Meg! — Afirmo.

— Eu sei, Ed, eu tenho certeza disso — digo sorrindo de lado e ele me puxa e me abraça colando os lábios aos meus enquanto põe o celular em minha mão — Agora vamos trocar de roupa, você pode ir com meu carro para casa da Amanda, eu tenho que passar na delegacia, porque mesmo sendo sábado, eu tenho coisas a fazer lá.

— E como você vai para a delegacia? Andando? — brinco.

— Não, pimentinha — sorrio cheio de certezas e ela me olha erguendo uma sobrancelha.

...

Eu chego a casa da Amanda toda sorridente com a lembrança do Ogro em uma Harley-Davidson e usando jaqueta de couro. Nunca imaginei que ele teria uma moto. Pensei que era um dos nerds, mas ele sempre se mostra um paradoxo. Mais ainda por ter me deixado pegar seu carro depois do que fiz com os bancos de couro. Assim que estaciono noto um carro conhecido na entrada. Droga! O Benjamin... Faz tempo que não pensava nele.

Escuto as risadas lá dentro e caminho devagar, assim que abro a porta vejo o Benji na cozinha com a Amanda e o Liam. Seis mãos cozinhando? Ela me olha e eu faço uma expressão de porque não me contou! Ele também me olha e abre um sorriso enorme e vem em minha direção. Meu

coração dá uma mexida e isso me incomoda. Meg, você tem problemas...

— Oi, cobra! — Ótimo, esse apelido.

— Oi, idiota — devolvo.

— Ei? Quanta hostilidade — ele me abraça e eu o encaro, séria.

— Ok, ainda zangada comigo? Meg você tem que começar a aprender o perdão.

— E você agora é pastor? — o olho séria.

— Nem morto — ele ri e eu não consigo evitar sentir a raiva esvanecer em mim. — Eu vim ver minhas garotas preferidas.

— Porque você tem muitas, certo? — digo provocando e ele me abraça me dando um beijo estalado na bochecha.

— Não seja má, eu fiz uma longa viagem e ainda estou cozinhando para você — ele fala com um ar ofendido.

— Então, se esforce mais — devolvo sorrindo.

— Onde você foi? A Amy disse que saiu cedo? — oi? Eu olho para Mamá e o Liam parece nem estar aqui.

— Trabalhando — falo porque é a única coisa que sai de meus lábios.

— Por isso o carro do seu chefe? — ele me pergunta olhando pela janela.

— É, algum problema? — devolvo começando a me sentir irritada de novo.

— Não, esquentadinha, só fiquei surpreso em saber que você trabalha para aquele troglodita — ele fala soando chateado.

— Benjamin! — É a Amanda quem intervém.

— Desculpe, Liam, sei que é seu amigo — ele fala com o Liam e esse dá um sorriso de desdém. Acho que o príncipe não gosta muito que falem do Ogro. Eu sorrio achando engraçado e notando as semelhanças entre

eles e a Amanda e eu.

— Você está sendo um pé no saco “*Benjibocó*” — brinco. —
Volte para a cozinha e para o meu almoço — digo enquanto subo a escada,
preciso trocar de roupa e oxigenar meu cérebro. Em pouco tempo terei o
Benjamin e o Ogro numa mesma casa, numa mesma mesa... Acho que meu
coração não aguenta!

Capítulo vinte e três

Desejo!

Troco de roupa e desço apressada. As risadas são altas e sei que vêm da Mamá. Assim que chego à sala estão todos sentados rindo e a minha amiga, que agora parece ter perdido a inibição, fazendo caretas e contando algo. Então, me aproximo e percebo que esse algo é mais uma de nossas peripécias. Ótimo, histórias de um passado. Espero que não comece a contar as mancadas.

— Então, qual a piada? — digo sorrindo.

— Você! — O Benjamin fala e me olha engraçado.

— Então, a Amanda é o palhaço, o Liam o príncipe, eu a piada e você o idiota? — olho para ele sarcástica. — Podemos abrir um circo, de horrores!

— Ei? Por que ele é o príncipe? Eu sou muito mais bonito — ele se defende entrando na brincadeira.

— Não mesmo Ben, o meu noivo é muito mais gato que você! — Mamá fala e todos olhamos para ela.

— Minha irmã disse gato? Nossa, vou vomitar ali — bobão.

— Deixa de ser ridículo! — Falo com um largo sorriso no rosto. Escuto o barulho da moto e meu coração dá um salto.

— Eu atendo! — O Liam corre para a porta e eu sei que minha respiração não está sendo suficiente para oxigenar meu cérebro.

— Então, você é toda elogios para mim hoje, não?! — O Benjamin fala e me puxa num abraço começando a me encher de beijos no rosto. — Vamos adoçar você.

— Para, Benjamin! — Tento me desvencilhar, mas ele insiste. Eu gosto e ao mesmo tempo me sinto desconfortável com a situação. Sempre

brincamos assim, embora eu não seja dada a esses arroubos de carinho. De qualquer forma, minha preocupação agora é o homem que acaba de entrar na sala. — Que saco, para! — Falo com uma voz mais de riso que de repreensão, mas ele me faz cócegas e eu começo a rir.

— Parar? Eu nem comecei — ele beija meu pescoço e me abraça apertado caindo comigo em seu colo, no sofá. Eu nem olho para o Ed agora. O que é isso Meg? Você nunca foi assim... Deus! Tantas mudanças em uma pessoa só e até eu vou começar a achar que estou louca.

— Amanda? — apelo. — Uma ajuda aqui!

— Chega, Ben, ela pediu para parar — a Mamá fala, mas eu sinto em sua voz que minha amiga sabe os motivos exatos. — Para, seu chato — a Mamá dá tapas nele, de leve, claro.

— Não até ela dizer que me ama — ele provoca. — Você sabe as regras, venenosa! — Inferno! Se eu não disser o Ben não para. E agora recomeçou com as cócegas.

— Eu te amo, eu te amooooo... — eu falo num desespero. Essa situação não é real, só pode ser sonho! Assim que falo ele me solta e eu dou de cara com o Ed. Tenho certeza que meu rosto está da cor dos meus cabelos agora.

— Desculpem, eu não queria interromper uma reunião familiar — digo sério olhando para a Encrenca no colo desse cara. Definitivamente, eu não gosto dele.

— É, a gente tolera, todo mundo tem um amigo chato e você é o do Liam — merda! “*Benjibocó*” e sua boca grande.

— Eu vou embora, Liam — se ficar mais um segundo nessa sala, com certeza, serei o Ogro que a Meg tanto fala.

— Não vai não, Ed, a casa é minha, eu te convidei — a Amanda fala e eu olho para ela. Não quero causar um problema de família por um

almoço.

— Eu sou seu irmão, Amy, lembra? — Ben fala. — Se ele quer ir, deixa. Eu só estava brincando — Benjamin põe os braços atrás da cabeça assumindo uma postura relaxada.

— Brincando? — olho para ele e pondero bem. Se eu for embora é exatamente o que ele quer, ficar com a MINHA Encrenca. Não vou dar esse prazer a ele. Além do mais, a dúvida de como ela vai se portar com ele está me matando por dentro. — Desculpe eu não perceber, faz muito tempo que não brinco com pessoas da sua idade.

— Minha idade? — Ben ergue uma sobrancelha.

— É. Idade mental, eu diria, para ser preciso — o encaro esperando uma reação dele e cruzo os braços. Dois podem jogar esse jogo e dessa vez eu revidarei antes mesmo de ele sonhar em me bater.

— Então, agora me sinto mais à vontade, a sensação de culpa acabou de me deixar — o Benjamin ri e o Ed faz cara de confuso. — Você me acha um criança e eu te considero um troglodita — droga.

— Já chega, Benjamin, nem parece que foi educado — a Mamá se irrita. Eu percebo o Liam fazer uma cara de poucos amigos, mas ele ainda não se envolveu na conversa.

— Eu só estou deixando claro as coisas por aqui, Amanda — Ben se levanta e encara o Ed. — Se você tocar um dedo que seja na Meg de novo pode ter certeza que não importa de onde você seja, xerife, eu te reduzo a nada — eu tenho que fazer algo, não? O que eu faço.

— Um dedo? — olho para dona Encrenca que até agora não disse nada. — Muito bem, eu não encostarei “*um*” dedo — Eu digo isso e sorrio torto e percebo o sorriso aparecer no rosto do Liam também. O “*garotão*” me olha desconfiado, mas eu deixo pra lá. Mal sabe ele quantos dedo já encostei nela e minha vontade era gritar que ela é minha, mas eu sei que isso faria com

que eu parecesse o idiota. De qualquer forma eu jamais machucaria a Meg, eu não sei o que me deu naquele dia, mas eu não a machuquei. Se tivesse essa intenção não seria com palmadas.

— Pronto, Amy, pode seguir com seu almoço feliz — Ben fala e passa direto pelo Ed. Definitivamente o Ogro tem um autocontrole invejável. Eu solto o ar que até então eu estava prendendo no peito.

Seguimos para mesa e eu tenho a clara visão do Ed vindo sentar ao meu lado quando o Benjamin se coloca nessa posição. Todo mundo olha para os dois esperando uma briga e nada. O Ogro se coloca na cadeira à minha frente e parece não se importar com o Ben. Será que será o dia todo assim? Eu realmente espero que não...

O almoço segue a maior parte em silêncio, com uma piada ou outra do Benjamin, claro. Assim que acabamos, levantamos todos de uma vez com a sensação no ar de que se ficarmos mais, uma guerra nuclear começará. Eu pego meu prato para colocar na pia e o Ed toma de minha mão. Eu me surpreendo e ele então se explica.

— A Amanda cozinha e eu lavo — sorrio para a Encrenca. Ela parece outra pessoa desde que saiu da minha casa. Quase não fala, nem me olha direito. Percebo olhares de soslaio para o senhor playboy...

— Eu também cozinhei, então já que vai lavar devia me agradecer também — o Benjamin com certeza está caçando uma confusão.

— Então, eu lavo também, já que não cozinhei nada — o Ben faz cara de poucos amigos e eu ignoro.

— Você não precisa, ele é o estranho aqui, nada mais justo que ele lave — ótimo. Mais essa agora.

— Está com ciúme, Benjamin? — pergunto pondo as mãos na cintura e sei que tenho um mega sorriso no rosto. De todas as vezes que desejei essa cena, nunca sonhei que seria assim, por louça suja.

— Desse cara? — Ben ri. — Não mesmo.

— Ótimo, então, pare de ser tão chato — digo e pego mais louça pra levar para a pia.

— Eu sei que sou o único que você ama, Meg — inferno. Eu paro no meio do caminho e sei que todos esperam uma resposta minha.

— Que bom que você é tão confiante dos meus sentimentos — sorrio torto e ele me beija na bochecha. É o quê? O milésimo beijo de hoje?

— Sim — é só o que ele diz.

— Nossa, você está cheirando a comida — digo para mudar o rumo da conversa. Pelo canto de olho eu vi como o Ogro está apertando o maxilar...

— O que queria? Eu fiz seu almoço.

— Ei? Nós fizemos — Mamá finalmente entra no assunto. — E o Liam também.

— Claro, mas nem todo mundo tem a sua capacidade de ser eternamente cheirosa, Meg — ele pisca para mim indo em direção à sala. — Vou tomar um banho enquanto você dá uma de doméstica. Na volta tenho uma surpresa para as mulheres da minha vida — ele sai todo confiante e eu vou para a cozinha.

— Você lava e eu enxugo — digo isso para o xerife, mas ele nem me olha. Eu subo no balcão e sento sobre ele. — Então, vamos começar o trabalho em série? — brinco, mas nem uma olhadinha para a boba aqui. — Ei? Vai me ignorar? — ele me passa um prato, depois outro, depois talheres... Segue assim me dando as coisas, mas sem dizer nada. Eu me irrita e jogo uma colher de volta na pia. Ele a lava de novo e me devolve. Ótimo, vai me ignorar mesmo! Eu bato nele com o pano de prato e só então ele me olha. — Ótimo, pensei que tinha ficado surdo.

— Não fiquei — é só o que eu digo, não vou fazer uma cena aqui.

De qualquer forma, já cansei de ser sempre eu a dizer as coisas.

— Droga, quer parar com isso? — puxo ele pela manga da camisa. — Eu não fiz nada e você já mudou de humor de novo!

— Você o ama? — pergunto porque sou um idiota mesmo e não consigo ficar calado.

— O quê? — isso? Como eu saio dessa agora? — O Benjamin é... — ele vira para me encarar e as palavras prendem em minha garganta.

— É... — eu dou dois passos e estou cara a cara com a dona Encrenca. Apoio as mãos no balcão ao lado dos quadris dela e não desvio meu olhar dos dela nem um milímetro.

— Eu não sei o que te dizer... — ele faz aquela cara de quem quer a verdade. — Eu sempre o desejei, toda a minha vida... — vejo a decepção tomar conta de seu rosto e decido que essa não é a melhor hora para falar de coisas tão confusas. — Sério que você quer conversar sobre isso, aqui e agora? — eu não sei o que dizer. Sempre ameí o Ben. Ao menos sempre foi isso que pensei...

— Pensei que ia lavar os pratos! — Droga! O Benjamin.

— E eu que você ia tomar banho — o Ed recua um pouco, mas continua me olhando.

— Posso saber o que é tão importante entre vocês? — o Ben cruza os braços e se apoia na geladeira.

— Não, porque não é da sua conta — digo descendo do balcão. — Quer saber? Eu sempre fiquei feliz em te ver, mas hoje definitivamente não é uma dessas vezes — ele me encara espantado. — Eu estou de saco cheio desse joguinho. Você já fez a sua cena e já entendemos seu recado. Agora para de ficar remoendo coisas do passado.

— Ei? Eu estou de defendendo aqui, sua ingrata — ele fala com um meio sorriso, mas parece surpreso com minha reação e o Ogro assiste

tudo com aquele olhar de quem ainda não disse tudo que tem para dizer.

— Eu não pedi sua defesa — eu olho dele para o Ogro. — Não pedi nada a ninguém, então porque não faz algo útil como enxugar os pratos — eu jogo o pano nele. — E vê se me erra! — Saio me livrando da confusão que o Benjamin causa em mim e do olhar escrutinador do Ogro, pelo menos por enquanto.

— Então, eu vou ter que enxugar? — o playboy fala assim que a Encrenca sai da cozinha nos deixando sozinhos.

— Se sabe cozinhar, não será problema enxugar uma louça — ele me olha com um ar de riso. — Mas eu posso fazer tudo sozinho se a princesa estiver cansada — eu falo isso com ar de brincadeira, mas por dentro eu sinto todo o peso do mundo.

— Eu sabia que você tinha senso de humor — ele me encara e então começa a enxugar. — Por que deu emprego para a Meg? — ótimo, agora essa.

— Por que ela precisava — sou curto.

— Vocês não parecem os melhores amigos — jura?

— E vocês parecem namorados — esse é o ponto, nem tudo que parece é.

— E se formos algo assim? — o quê? Eu o encaro sério e acho que acabei de cair em uma pegadinha. — Relaxa, eu e a Meg é algo complicado.

— Ela é complicada — solto.

— É sim, eu sei bem — ele para com um prato na mão. — Só para você saber, ela não é uma pessoa sozinha, por mais que goste de parecer. Ela tem a mim — tem é? Estou tendo ideias ótimas de como fazer você sumir.

— Não percebi ela pedir sua ajuda — eu corto e continuo com o

último prato.

— Não precisa, por ela e pela Amanda eu vou ao inferno e volto — ele fala tão seguro que começo a sentir mais do que rejeição em relação a ele. Um sentimento de perda me invade. Ed, você é um homem-morto e não tem uma chance se quer contra esse cara. Ele parece ser tudo que ela sempre quis não?! Rico, bonito, playboy...

— É bom saber — digo por falta de coisa melhor.

— Posso saber por que exatamente você deu palmadas nela? — mais essa agora?

— Pergunte a ela — digo encerrando o meu trabalho e saindo.

— Ei? — ele me chama e eu o olho. — Só estou fazendo a minha função de irmão mais velho — irmão? Sei!

Eu meneio a cabeça e vou em direção a sala. Chega desse papo com esse garotão. Medir forças com ele é algo ridículo e eu já tive minha cota de atitudes ridículas por um longo tempo. Ela bem que me avisou, não?! Eu devia ter cuidado com o que desejo, porque quanto mais eu vejo da vida dela, mais isso me põe louco.

...

Estamos todos na sala conversando. O Liam e o Ed bebem uma cerveja e o Benjamin subiu para pegar algumas coisas. Imagino que coisas são essas. Depois da conversa na cozinha o Ogro nem me olha e o Ben parece bem confortável. Se arrependimento matasse eu estaria roxa agora, devia ter ficado na cozinha e escutado toda a conversa.

— Voltei, amores — ele sorri e mostra uma caixinha na direção da Mamá. — Amy, esse é para você — ela sorri e abre tirando de dentro um colar com um pingente. É lindo, delicado, a cara da Mamá.

— Ben, é lindo — ela sorri para a pedrinha rosa.

— Diamante rosa, sua cara — ele sorri e então se volta para mim.

Eu percebo tudo pelo canto de olho, porque minha atenção está voltada o tempo todo para o Ogro conversando com o príncipe. Parece que o Liam diz algo engraçado e ao ver o sorriso do Ogro, parece que levou uma eternidade até vê-lo assim de novo. — Meg? — o Ben me chama e eu o olho.

— Pra você — eu abro e é meu perfume favorito. — Espero que me perdoe agora — ele alarga o sorriso.

— Nossa, a Amanda ganha diamante e eu um perfume? — brinco, é o hábito.

— Ora, mas que ingrata — Ben ri. — É um perfume quase tão caro quanto os diamantes, você sabe bem.

— Eu sei — sorrio e o abraço. — Obrigada.

— Não foi nada, qualquer coisa para você — ele sorri e eu não consigo evitar a sensação que me invade ao perceber a diferença do sorriso dele e do Ogro, o olhar, o toque, o cheiro... Deus! São tão diferentes, mas o Ben é o ... Ben!

— Pai? — o Ed atende o telefone. — Droga, não faça isso. Pai? — ele faz uma pausa como se escutasse algo e então passa as mãos nos cabelos. — Sally, onde ele está? Entregue o celular a ele — o vejo apertar o punho livre. — Droga, Sally, faça ele atender agora! — Ele ainda ouve algo mais e então desliga o aparelho e se volta para encarar nossos rostos de parvos. — Eu tenho que ir.

— Já vai tarde! — O Benjamin fala sorrindo. O Ed dá alguns passos até a porta e se volta para o Benjamin, parece que vai dizer algo, mas faz um gesto de negação com a cabeça e sai.

— Você é um idiota! — Digo para o Ben.

— Ei? O que eu fiz dessa vez? — ele me encara surpreso. — O cara é um idiota que bateu em você, seja lá por qual motivo foi e vocês o tratam como um rei! — Sério?

— Não importa o que aconteceu. As coisas aconteceram porque tinham que ser — eu falo quase gritando. — Eu já apanhei muito da vida, Benjamin, tenho todas as cicatrizes para provar isso e se eu digo que aquilo não foi nada, isso deveria valer de alguma forma para você — eu me levanto e jogo o perfume no sofá ao lado dele. — Quer saber? Eu cresci, não sou mais a menina assustada que você socorria sempre. Pare de fingir que se importa se você nem ao menos consegue me escutar — eu saio da sala deixando um Benjamin atônito.

— Meg? — ainda o escuto gritar atrás de mim, mas eu subo e bato a porta com força.

Todo mundo acha que pode decidir minha vida, que pode pensar por mim, que pode resolver meus problemas. E se eu não quiser? Droga! Eu não sei o que quero agora. Eu sempre soube, eu sempre desejei as mesmas coisas: festas, curtição, nada de responsabilidade e o ... Benjamin... Agora eu me sinto perdida por completo. Minha cabeça pensa uma coisa, mas meu maldito coração deseja algo oposto. Tudo que eu queria agora era voltar alguns anos atrás, em que eu era só uma garota sonhando com um príncipe encantado. Apesar disso, minha mente segue direto para o Ogro e sua família. Meg, quem é você agora?

Capítulo vinte e quatro

Me ensina?

Eu passo boa parte do fim da tarde no quarto e só então desço para ver o mundo fora da minha caverna. A Amanda está na varanda com o Liam e o Ben está sentado no sofá. Eu olho direto para ele e ele me encara de volta. Não sei quando foi que comecei a me sentir assim perto dele. Sempre ansiei por um sorriso, um olhar, ainda sinto meu coração saltar, só de ouvir o nome dele, mas falta um pedaço. Uma parte do quebra-cabeças que eu não posso resolver.

— Muito zangada comigo ainda? — ele fala me estendendo a mão e eu sento ao lado dele. Isso sempre foi natural para mim, ele me dá a mão e eu me agarro como uma tábua de salvação.

— Um pouco, você foi um idiota — digo sentada perto dele. Braços colados e mãos dadas.

— Sempre sou, não?! É minha marca registrada, ser um idiota — ele sorri desconfortável, sei que ele não gosta de me magoar. Ele não é má pessoa — Eu não sabia que o pai dele está doente.

— Claro, você atropela as pessoas — falo isso e olho para ele de soslaio.

— Olha quem fala! — Nós dois rimos, porque quem sou eu para falar mesmo!

— Pois é, não sou ninguém e justamente por isso sei como é ser você — digo e ele me olha surpreso.

— Essa doeu. Quer que eu deite no chão para você pisar em mim? — olho para ele alguns segundos, então sorrio.

— Não, vai estragar meus sapatos — ele me puxa num abraço. Um cheiro amadeirado e refinado enche meus pulmões.

— Eu amo você, sabe disso, não sabe? — escuto isso e meu estômago gela.

— Sei, como quem ama um pet — digo, parada onde estou, sem recuar, nem devolver o abraço.

— Meg, já passamos por tanta coisa — ele fala com uma voz cansada. — Um dia você vai me entender. Só quero que saiba que faço qualquer coisa por você.

— Qualquer coisa, menos...

— Meg? — ele me chama e eu o olho nos olhos.

— Você não quer isso realmente, é só uma birra...

— Sem essa de psicólogo, Ben — ele para de falar e torce os lábios.

— Muito bem, só não me odeie — olho para ele. Eu gosto dele, me sinto bem com ele, mas agora, as coisas estão diferentes...

— Me empresta a chave do carro? — ele me fita surpreso.

— Não vai destruir meu carro para se vingar, vai? — pronto, voltei a ser a maluca.

— Não, hoje não — ele sorri e me passa a chave.

— Seja lá o que for fazer, tenha cuidado — ainda me dá uma olhada esquisita. De qualquer forma, nem eu sei direito o que vou fazer.

— Eu sempre tenho — eu sorrio travessa.

...

Alguns minutos depois estou na porta do Ogro. Eu bato e ninguém me atende. Eu pego o celular e ligo pra ele. Eu sinto que tenho que fazer algo, não sei bem o que, mas ficar em casa remoendo as coisas não é de mim. Para o bem ou para o mal, estou cansada desse empurra-empurra de emoções desconexas... A quem eu quero enganar? Estou morrendo de medo de perder o pouco que tenho com o grandão, mas não consigo deixar o

Benjamin ir. Viro para ir embora e ele atende o telefone nesse momento.

— Oi? — falo insegura.

— Algum problema? — ele diz e noto uma certa frieza em sua voz.

— Não, só queria saber se seu pai está bem — terreno neutro.

— Não precisa se preocupar com isso — ótimo, ele não vai facilitar.

— Eu passei em sua casa, mas... — escuto a porta abrir e meu coração para. Eu viro para olhá-lo e tenho certeza agora que essa conversa seria melhor ao telefone. Meg, a covarde! — Oi! — Dou um sorriso amarelo.

— Você ainda está aqui — falo encarando a mulher na minha porta. Estamos em um clima estranho. — Entra — eu dou passagem.

— Você está bem? — pergunto numa voz fina, que quase não sai enquanto entro e ficamos os dois de pé, um de frente para o outro no meio da sala.

— O doente é meu pai — assim que falo, sinto que fui ríspido demais e me arrependo. Eu solto o ar de vez. — Ele não quer fazer o tratamento.

— Queria poder ajudar — não sei mais o que dizer.

— Não há nada que você possa fazer — falo e me sento. Ela leva uns segundos e senta também, ao meu lado. — Não tem nenhuma novidade, é apenas isso, ele não quer fazer o tratamento e não estamos conseguindo convencê-lo — ela segura minha mão e eu a encaro. Sinto que ela parece querer recuar, mas em momentos ela muda sua expressão de vacilante, para determinada.

— Deve haver um jeito — digo segurando a mão dele. Eu perdi meus pais, os dois e mesmo sendo pequena na época, é como se tivessem arrancado um pedaço de mim.

— Pode ser — digo e puxo minha mão passo no rosto num gesto de desconforto. — Bom, se era só isso... — falo e vou me levantando.

— Tá me pondo pra fora? Porque se está, não entendi o motivo de me mandar entrar — ele me olha surpreso. — Poderia ter me despachado da porta ou nem ter atendido — eu também me levanto.

— Sério? Vai virar isso contra mim depois de tudo? — essa é boa! Eu ouço todas as tolices do “*amor*” dela, ainda tenho esse “*problemão*” em mãos e vou sair de bandido na história toda.

— Virar? Mas eu só...

— Eu não estou com cabeça para isso agora, eu sei que sempre fui muito paciente, mas... — eu começo a desconversar e caminho em direção a porta.

— Ei? Eu vim para saber como você está — digo indignada.

— Eu já tenho problemas demais — corto essa conversa, porque já atingi meu limite.

— Eu sempre disse que era um problema e você dizia que seria seu. Homens, são todos príncipes, até encararem a realidade — digo sarcástica.

— Você ser um problema eu tolero, Meg — digo parando no caminho e olhando-a sério.

— Então, senhor do universo, o que você não pode tolerar? — cruzo os braços olhando-o séria também.

— Eu preciso mesmo dizer? — meneio a cabeça. — Você disse que o ama e você já tinha me dito isso outras vezes. Eu fui um idiota em insistir, não é? Foi tudo um jogo desde o início. Você estava só se divertindo com um bobão aqui até ele vir e estalar os dedos para você! Volta para casa, aproveita, seu príncipe encantado te espera — eu jogo essas palavras em cima dela e recebo um olhar ferido de volta. Ela parece ansiar por algo para dizer,

mas as palavras não saem. Eu já estou em pânico esperando. Quero que ela grite, que revide de alguma forma, que diga que é tudo uma grande bobagem, mas ela não fala. — Vai. Agora — digo e abro a porta.

— Mas que droga, eu nem sei o que é amar — solto isso num impulso. Ele está me mandando embora? De manhã tudo parecia tão em sintonia e agora isso? Meu coração acelera loucamente e eu não quero sair, não quero passar por essa porta. Deus! Eu nem sei o que vim fazer aqui, mas tudo em que acreditei até agora, parece um borrão em minha mente.

— Então, você fala por falar. É isso? — digo e a mágoa em minha voz é evidente. — Sempre um jogo.

— Me diz você — o encaro de forma dura e ele solta a porta. — Afinal, é doutor em sentimentos e amor, não?! Você ama a sua mulher até hoje — ele franze a testa ao olhar para mim. — O que mesmo você está me cobrando agora?

— Meg...

— Não! — Interrompo irritada. Estou cansada de ser acuada, cobrada, exigida! — Você fala um monte de coisas boas na teoria, mas você não gosta de mim, você gosta daquilo que quer que eu seja. Você tem um ideal em mente e quer que eu me encaixe nele!

— Então, você acha que amar é aceitar a pessoa do jeito que ela é? — a encaro incrédulo.

— Claro! É apoiar quem ela é. Se você quer mudar a pessoa, você não ama, você quer um sonho seu se materializando — isso é óbvio não? Tem em qualquer livro de romance idiota.

— Então, se a pessoa que você ama tem atitudes destrutivas você apoia? Se ela quer pular de uma ponte, cortar os pulsos, dar um tiro na testa... Você apoia? Porque é isso que ela quer? Deixar uma pessoa fazer o que quer, Meg, não é amor! Rir dos erros dela, parabenizar por suas loucuras... Isso não

é amor! — falo tudo e noto minha respiração irregular. Eu estou dizendo exatamente o que com isso?

— E controlar a pessoa é amar? — ele quer me mudar por que gosta de mim? Me am... Não seja idiota Meg, ninguém ama ninguém assim tão rápido!

— Cuidar, Meg! Quem ama cuida! Quem ama incentiva melhoras! Quem ama apoia o crescimento do outro. Ri com o outro e para o outro. Quem ama não desiste, não assiste de longe — droga! Eu gosto de tantas coisas nela que ela nem faz ideia, mas só o que ela guarda são as críticas, ela só vê as partes negativas...

— Lindo, todo esse discurso — reviro os olhos.

— Ainda não acabei — falo um pouco mais alto e ela volta a me olhar. Eu bato a porta.

— Então, prossiga — não vou me intimidar aqui.

— Quem ama julga, quem ama ofende, quem ama erra. Isso mesmo, quem ama, Meg, enfrenta, arrisca, se joga. Não fica de camarote esperando só as partes seguras da vida, aquelas em que você sabe os próximos passos. Amar é andar no escuro tendo como guia a pessoa ao seu lado. Mesmo sabendo que os dois podem cair, quem ama sabe que não importa a queda, o outro não vai largar sua mão — eu falo tudo isso e noto os olhos dela encherem de lágrimas. Diabos, não quero que ela chore, por mais que esteja ferido, por mais que odeie o fato de ela gostar tanto daquele mauricinho, eu não quero que ela sofra...

— A única pessoa que não soltou minha mão foi a Amanda — minha voz é um sussurro. Todas essas coisas que ele diz, parecem tão certas agora, mas eu não tenho referência, mesmo porque meus pais morreram, eu fiquei só...

— E o Benjamin? — pergunto apostando todas as minhas fichas

aqui e o nome dele tem um gosto amargo para mim.

— Eu estou tão confusa! Ele sempre me ajudou quando tive problemas, ele sempre esteve lá para cobrir minhas mancadas, me tirar de confusão, sempre que precisei ele foi até mim, ele sempre foi tudo que eu quis por anos, mas... — eu sempre amei o Ben. É amor, não é?!

— Mas? — meus olhos se abrem ao máximo, como se pudesse captar algo mais. Eu pareço uma droga de masoquista, pedindo para que ela crave de vez uma faca em meu peito. — Mas o que, Meg? Mas ele não te quer, então você fica com o step aqui? Eu não quero ser o tapa buraco! — Essa última frase sai mais alta do que planejei. Eu pedi para ela não jogar comigo, eu...

— Eu não sei o que é o amor e tenho medo de descobrir — eu grito de volta, uma reação ao destempero dele. Me lembro de todos os momentos que vivi com o Ogro. Foram pequenos, simples, sem luxo, sem grandes aventuras, mas estão gravados em mim, são tão reais... Cada detalhe, cada sorriso, cada palavra compartilhada, olhar, gesto... Com ele é como se meu coração voltasse para casa. E apesar de não saber de amor, eu tenho uma única certeza agora, não quero perder isso. Nem pelo Ben? Minha respiração fica irregular e eu sinto lágrimas quentes descenderem pelo meu rosto. — Me ensina?

— Ninguém ensina, Meg. A cada pessoa na sua vida, você descobre uma forma nova, uma característica a mais — eu contendo o impulso de enxugar uma lágrima dela. Não quero dar o primeiro passo, quero que ela venha para mim, sozinha, ao menos essa vez.

— Isso desmente tudo que você falou antes. Pode ser que eu ame mesmo o Benjamin, do meu jeito — falo isso me sentindo sem chão. Eu pedi por ele e ele me responde assim?! O que ele quer de mim, afinal?

— Só você pode saber isso — minha voz sai carregada de

decepção, de forma que parece palpável.

— E como vou ter certeza? — um temor que nunca senti antes toma conta de mim. Sinto meu corpo tremer por dentro.

— Se você o ama tanto, por que veio aqui? Por que veio me explicar algo que você nem sabe o que é? — a encaro fazendo um esforço extremo para não abraçá-la e dizer que aceito qualquer coisa que quiser me dar. Não posso me contentar com migalhas, eu não.

— Eu não sei — ele me pediu sinceridade e isso é o mais sincera que posso ser.

— Não existe certeza no amor, Meg! A única certeza é que quando você ama, você se arrisca, se expõe... Eu sei que sou um completo idiota, absurdamente tolerante Meg. Não pense que não percebo as pessoas esperando reações diretas de mim, desejando que eu leve as coisas a ferro e fogo... Mas isso eu não quero para minha vida — ela me olha com ar de abandono e eu desvio o olhar. Se ficar assim, de frente para ela mais um segundo, mandarei ao inferno meu orgulho.

— Eu falei que você desistiria ao primeiro sinal de vacilo meu — minhas pernas estão completamente fracas agora. Faço um esforço para não me dobrar sobre elas. Eu nunca me senti assim antes. Ele disse que quem ama se arrisca. Está pedindo que eu o ame? Que eu me arrisque?

— Eu não estou desistindo de nada, estou pedindo que você se decida — eu falo voltando a encará-la e ela tem uma expressão de choque.

— Você me pede demais — digo derrotada. — Eu irei te decepcionar sempre.

— Eu só peço o que eu acho que mereço. Eu não sou um garoto, eu não vivo aventuras. Eu quero você, já disse várias vezes. Mas eu não posso, se você não quiser — engulo em seco. — Decepcionar faz parte, o pior é nem tentar — pus meu coração nas mãos dela agora.

— Eu não sei se posso fazer isso — e se eu não conseguir? A última coisa que quero é magoá-lo. Ver essa dor no rosto dele tão diferente da forma como ele me olhou horas atrás... Droga, ele está me dizendo com todas as letras que está tentando? Esse homem, na minha frente, tão diferente de todos os caras com quem cruzei na vida, está dizendo que gosta de mim mesmo?

— Tudo que eu quero é que você tente e seja sempre sincera — falo forçando um tom mais ameno ao ver o desespero claro em seu rosto. Eu não posso forçá-la a ficar comigo.

— Eu nunca fui amada, Ed. Por um homem. Todos nos quais eu confiei, nos que eu acreditei...

— Eu não sou esses caras do seu passado — corto esse raciocínio danoso.

— Você quer que eu vá embora. Eu entendo, eu vou e também peço demissão — eu digo isso sentindo que perdi essa. Eu sabia que não duraria, só não imaginei que sentiria como se todos os meus órgãos fossem arrancados de mim, literalmente.

— Inferno, Meg! Você não vê?! — que se dane o orgulho. Ela é tão cega assim? — quando eu pedi respeito eu queria sua sinceridade. Eu quero que você escolha, que escolha a mim.

— Eu, tenho medo... — confesso o segredo da minha alma e me sinto tão exposta que nem mesmo estando nua, em plena praça pública teria a sensação que tenho agora. — Tenho medo de me machucar, Ed, tenho medo de que não tenha mais nada de mim quando você resolver partir. Você não entende? Estou protegendo o resto que sobrou, com tudo que já vivi — ele me olha com um ar de compreensão. Acabei de dar a ele todas as armas para me quebrar ao meio.

— Me dê uma chance. Um voto de confiança! — Agora estou

implorando? Homem-morto. — Você não vai nem tentar? Prefere supor que eu vou correr a qualquer momento e viver sonhando com o Benjamin? — sei que há uma nota ácida em minha voz e o medo é claro no olhar dela, mas eu preciso que entenda. Preciso que veja que eu também estou me arriscando aqui. Droga! Não sou de ferro — O que veio fazer aqui, afinal? — quero que ela tente, por Deus, como quero isso mais do que já quis qualquer coisa.

— Confiança? — olho para ele e minha mente vai em direção ao meu celular e tudo que venho escondendo esse tempo todo. — Aqui — eu entrego o celular a ele. — Eu confio em você — meu coração bate confirmando minhas palavras, eu confio sim. Apesar disso, o medo de que ele vire as costas para mim apenas cresce e eu sinto que vou cair no chão, sem sentindo, a qualquer segundo.

Capítulo vinte e cinco

Um segredo revelado

Eu pego o celular da mão dela e olho para o aparelho por alguns segundos. Volto a olhar para ela que ainda está lá, de pé, me fitando como se fosse desmaiar a qualquer momento e eu oscilo entre querer saber ou não o que tem nesse pequeno aparelho. Eu fecho minhas mãos em volta dele e só então a puxo para mim num abraço e sinto que ela praticamente se joga em meus braços. Escuto os soluços dela e sinto seu corpo tremer.

— Shhh.. Ei? — acaricio suas costas. — Não chora não. — isso é o mesmo que dizer chore, porque os soluços aumentam e ela crava as unhas em minhas costas sobre a blusa. Eu seguro o rosto dela forçando-a a me encarar. — Dona Encrenca? — digo num tom suave e ela me encara, o rosto encharcado.

— Me desculpe!

— Pelo quê? — pergunto numa tentativa de iniciar uma conversa.

— Por te magoar. — falo com uma voz estrangulada. — Eu nunca quis ferir seus sentimentos, eu só... Droga, eu falei que não sirvo para você! — Eu digo me sentindo tão deslocada emocionalmente, mas tão certa entre os braços dele.

— E eu já disse que você fala muita bobagem? — sorrio para ela e ela torce o lábio de lado. — Agora vamos encarar o bicho papão nesse celular? — ela faz que sim com a cabeça.

— Também tem no e-mail — eu falo forçando uma voz normal. Em alguns dias passei de uma pessoa sem responsabilidades para alguém cheia de densidade emocional. Ou eu surto de vez, ou vou ganhar um Oscar!

Subimos a escada para que o Ogro possa ver todos os meus últimos segredos. Assim que chegamos ao escritório ele liga o computador e

me dá espaço. Enquanto abro o e-mail ele olha meu celular. Vejo o maxilar dele se contrair ao observar as imagens. Ele se volta para o computador e no meio de um vídeo ele fecha a janela do e-mail.

— Já chega! — Passo a mão no rosto. Que espécie de doente faz isso? — meu Deus, Meg! Por que não me contou tudo isso assim que chegou aqui? — ela me olha desamparada.

— Eu... Não sei — me levanto e ando pelo escritório. — Não queria ser um problema maior do que sou — fico de costas para ele. — Isso já tem alguns meses, pensei que poderia levar tudo, mas, então, comecei a receber correspondências, ligações, eram tantas coisas...

— A Amanda sabe? — ela faz que não com a cabeça. — E o irmão dela? — vejo que faz uma careta.

— Não — cruzo meus braços em torno de mim e dou a volta para olhá-lo. — Ao contrário do que pensam eu não gosto de me fazer de coitadinha. Já sou adulta e sempre cuidei de mim — digo taxativa.

— Baixa a guarda, Meg, isso é sério! — Ela me olha irritada.

— A Amanda já tem problemas demais, lembra? Você mesmo me disse isso diversas vezes — eu devolvo.

— Eu estava sendo um idiota, julgando você — só agora entendo todo o comportamento ambíguo dela. — Se eu soubesse disso, eu...

— Ia ter pena da coitadinha aqui e não teria gritado nem apontado o dedo para mim.

— Não, eu teria dito as mesmas coisas, mas de uma forma diferente, ajudaria você — eu falo de forma sincera.

— Claro, você é um anjo — soo amarga e desvio o olhar.

— Meg? — chamo por sua atenção. — Tem ideia de quem faria essas coisas?

— Não — me afundo no sofá. — O Nate, do meu antigo trabalho

estava no meu pé, mas não faria algo assim.

— Tem certeza? — me aproximo e sento ao seu lado.

— Ele não teria a capacidade de me mandar flores negras, ainda mais de pô-las em meu apartamento — eu falo isso apertando as mãos.

— Então, foi por isso que você veio para cá daquela forma? Alguém invadiu seu apartamento? — seguro as mãos dela nas minhas ao perceber a forma como ela aperta uma na outra como se fosse arrancá-las.

— Eu... Não pensei direito — eu falo sentindo o calor das mãos dele sobre as minhas e só agora percebo o quanto estou fria.

— Pensou sim, qualquer pessoa em sua situação faria isso, Meg — falo e ela me olha. — Qualquer um teria medo.

— Como você faz isso hein?! — O encaro séria.

— Isso o quê? — agora eu me perdi um pouco nessa linha de raciocínio.

— Me vira do avesso, me expõe, me lê... Eu tenho mais medo disso que de umas rosas idiotas — falo e a expressão de surpresa dele me faz sentir tola. Eu acabei de dizer que ele é meu ponto fraco? Meg, você definitivamente não sabe mais jogar!

— Não tenha medo de mim — a puxo para o meu colo e ela se molda a ele sem resistir. — Apenas confie, Meg, eu não sou seu inimigo — ela deita a cabeça na linha do meu pescoço e eu beijo seus cabelos e a envolvo em meus braços.

— Eu sempre estrago tudo, não é?! — Falo sentindo as lágrimas voltarem.

— Não, você sempre ilumina tudo — falo isso e sinto que ela começou a chorar de novo.

— Você só está me consolando — falo entre lágrimas e fungadas.

— Não, eu estou sendo sincero — acaricio suas costas. — Você

tem o dom de tornar as coisas mais estranhas e confusas em algo leve, divertido e fácil — ela ergue a cabeça para me olhar. — Seu sorriso, sua voz, até as bobagens que fala...

— Então, você gosta das bobagens que eu falo? — digo passando a mão no rosto, mas ele substitui minhas mãos pela dele e limpa minhas lágrimas.

— Eu gosto de muitas coisas em você, até mesmo da sua capacidade de causar problemas. — digo sorrindo.

— E eu gosto da forma como você reclama comigo, mas nunca parece estar com raiva, a forma como você me repreende parece que se importa comigo...

— E você tem dúvidas disso? — beijo a testa dela.

— Tenho medo de acreditar e depois ser tudo uma fantasia da minha cabeça — digo procurando o olhar dele e então, ele desce os lábios sobre os meus num beijo cheio de ternura.

— Salgado! — Me afasto dela e falo sorrindo. — Nós vamos resolver isso, Meg. Eu tenho meios para rastrear essa pessoa — paro me lembrando de amigos a quem posso pedir um ou dois favores. — Não vai ser fácil rastrear o IP, mas eu vou achar essa pessoa e ela vai se arrepender de ter brincado com isso — falo assim mais para suavizar o clima, mas percebi que esses e-mails, mensagens e vídeos não são um simples jogo. Alguém tem muita raiva dela e o sentimento só parece crescer, como uma obsessão.

— Mesmo que você não descubra, mesmo que...

— Ei? Nada de pensamentos negativos! — Falo e a beijo de novo, dessa vez de forma mais intensa e ela corresponde sofregamente. — Você é a dona Encrenca, lembra? Quem se mete com você é quem leva a pior — ela esboça um sorriso triste.

— Não, você se meteu comigo e até agora está tendo muitas

vantagens — eu tento entrar nesse clima de confiança dele, mas rever todas as fotos e vídeos e ver como a moça das imagens parece comigo, me fez reviver meu medo. Tem alguém lá fora me esperando, alguém que, com certeza, não me quer bem!

— Nem vem, eu não sou aproveitador — digo sorrindo.

— Você já tem tantos problemas — suspiro cansada.

— Eu posso lidar com mais um ou dois — eu a abraço e acaricio seu braço. — Precisamos falar com a Amanda, o Liam...

— Não! — Me desespero. — Agora que as coisas vão bem para Amanda, eu não posso...

— Meg, isso é importante para a proteção de vocês — corto o raciocínio dela.

— Tem certeza? — estou em dúvida. Agora eu sei que tudo isso é uma tremenda confusão e das grandes.

— Sim, mas vamos com calma — digo fazendo um afago em seu rosto. — Vamos primeiro esperar uma resposta dos meus contatos — falo colocando-a de volta no sofá.

— Aonde vai? — meu coração dá um salto.

— Dar uns telefonemas — sorrio para tranquilizá-la e ela parece relaxar um pouco. Eu saio para fazer as ligações.

E pensar que momentos atrás pensei que ela estava apenas jogando comigo. Agora, mais racional começo a perceber que ela deve gostar de mim, ao menos de alguma forma. Afinal, ela veio para mim, não?! Se explicar, se desculpar, seja lá o que for. Ela confiou em mim para contar tudo o que não contou para o playboy. E se for tudo porque sou xerife?! Droga, não pode ser por isso, senão ela já teria contado antes. Não deixe o ciúme te consumir, Ed, ela está aqui. Se mostrando tão frágil, por dentro, isso deve valer de algo. Dê um voto de confiança a ela.

Espanto esses pensamentos e faço as ligações necessárias. Tudo demora um pouco. Casos assim são delicados, ainda mais quando se pede favores e sigilo. Eu sei que pode ser difícil, mas eu vou encontrar esse canalha. Eu acabo de fazer planos e traçar linha a seguir, então volto para o escritório e a encontro encolhida no sofá. Tão forte e tão frágil. Eu a pego no colo e ela fala algo desconexo. Pegou no sono tão rápido. Levo minha Encrenca para o quarto e a ponho na cama. Ela se mexe e abre os olhos embaçados.

— O carro do Benjamin — falo me lembrando que vim no carro do Ben.

— O quê? — esse cara não some?

— Eu vim com o carro dele — digo numa voz empastada pelo cansaço. Muita tensão emocional e o sono me pegou em cheio.

— Eu resolvo isso — digo isso e ela hesita por uns segundos, mas, então, ela se vira de lado e se aconchega aos lençóis.

Ligo para as patrulhas e em minutos eles estão em minha porta. Um deles leva o carro do engomadinho e eu retorno para a cama e deito abraçando a minha garota vermelha. Ela vira me abraçando e apoiando a cabeça no meu ombro.

— Eu adoro você — escuto a voz dela, sonolenta e pesada. Não sei se está dormindo, se está desperta... De qualquer forma ouvir isso faz meu coração parar. Fico sem ação por um tempo, não quero fazer nada que quebre esse momento. Eu sinto a respiração dela pesada. Ela está dormindo. Um sorriso bobo se forma em meu rosto.

...

Eu acordo com uma sensação de ressaca terrível e me dou conta onde estou. Eu me sento no susto e procuro meu celular. Droga! Eu dormi aqui e o carro do Benjamin? Ele vai me engolir viva, deve estar me

procurando. Eu mexo as cobertas.

— Ei? Acordou “*adrenalizada*”? — digo sorrindo vendo os cabelos dela revoltos e a cara de confusa.

— Eu dormi aqui! — Digo com um ar de boba.

— Dormiu — falo lógico.

— Droga! — Começo a levantar e calçar as sandálias.

— Calma, Flash — eu brinco. — Não é o fim do mundo. Depois de toda aquela conversa você acabou capotando, não quis te acordar.

— Você não entende, o carro do... — ele me olha intrigado.

— Do playboy? — digo com um ar de vitória.

— Do Benjamin — falo por fim e ele tem aquele jeito de quem fez algo bom.

— Eu devolvi ontem — ela abre os olhos ao máximo.

— Você o quê? — droga, agora é que terei muitas coisas para explicar. — Ele sabe que estou aqui? — falo tapando a boca com as mãos.

— Isso é um problema? — me levanto também, pondo as mãos nos quadris. Hora da decisão, Encrenca. Ou está comigo, ou corre para o garotão.

— Quer saber?! Que se dane — falo isso cansada desse pingue-pongue emocional. Jogo as sandálias no chão com força e vou até o banheiro. — Quero uma roupa, senhor eu resolvo tudo, limpa e rápido — falo sem olhar para ele e sei que está sorrindo.

— Sim, senhora! — Então, ela fica. Ponto para o Ogro, nada para o príncipe.

...

Depois de toda aquela confusão emocional eu ainda tenho que enfrentar a Mamá e o aniversário da vó Judith hoje. De manhã eu achei que ia começar tudo de novo por causa do carro do Benjamin, mas então eu larguei

de mão. Cansei dessa guerra ioiô. Se minha vida será sempre essa loucura, ainda mais com um maluco me seguindo, eu vou aproveitar, as partes boas, claro. O Ogro fez um café perfeito para mim e depois me deixou em casa. Mesmo sendo domingo o xerife trabalha, mas falou que vai passar na festinha da vó Judith.

Chego em casa e dou de cara com dois pares de olhos escrutinadores. O Liam é o único que finge não me ver, mas suspeito que o Ed deve ter contado tudo que ele quisesse saber. Sei que chegará a hora de contar toda a minha confusão para a Mamá, mas eu quero protelar só um pouco mais.

— Então, aonde estava? — é o Benjamin quem fala.

— Por aí — eu sorrio.

— Trabalhando? — ele sorri irônico.

— Não é da sua conta — rebato.

— Depois, Ben! — Mamá o corta séria e ele a olha surpreso. — Vem Meg, agora, conversa séria! — Hã?!

Ela me arrasta e entramos no quarto dela. A Amanda me põe sentada na cama e me olha nos olhos.

— O que está acontecendo? Agora você tem que me dizer tudo porque já cansei de ficar esperando. Você veio fugida, você tem essa coisa com o Ed que acha que ninguém sabe, você... — ela para e me encara. — Meg? — Mamá quase grita.

— Eu não sei mais de nada, Mamá — me jogo na cama. — Eu vim fugida sim, admito, eu vou te contar tudo, mas hoje não, pelo menos não agora.

— Olha para mim, Meg — eu abro os olhos.

— Mamá... — gemo.

— E o Ed? — droga! E o Ed?

— Ele...

— E o Ben?

— Amanda! Assim meu cérebro “*buga*”! — Ela cruza os braços como uma tia repressora.

— Sêrio, Meg? — a Amanda me olha com uma cara de que eu sou uma completa idiota. — Você sempre foi tão sagaz, sempre dando dicas, conselhos, se livrando de tudo e resolvendo tudo... Não consegue ver a verdade em sua cara?

— Como assim verdade, Mamá? Eu realmente não sei do que está falando — sei?

— Meg, quando foi que você se importou com alguém? De verdade?

— Eu me importo com você.

— Não sua louca, se importou com um cara! Com o que ele pensa, ou vai pensar sobre você, suas ações, se vai ofender, se vai deixá-lo feliz, se ele vai achar que você é fútil, tola ou sei lá mais o quê? — ela me fita com o ar de lógica fantástica. — Pois então, pense nisso. Eu sei que você tem medo, quem não teria. Olha quanto você perdeu sem nem mesmo alcançar. Você passou por maus bocados, Meg, emocional e fisicamente e nem por isso se fez de vítima.

— Isso é ruim? Eu deveria me fazer de sofrida? — minha cabeça dá um nó.

— Não, sua parva, o que eu quero dizer que você empurrou tudo isso para longe. Dessa forma você se protegeu, se preservou, mas também deixou de sentir as coisas mais intensas da vida, como o amor — meus ombros se curvam. — Você sempre correu atrás do Ben, mas você o ama mesmo? Como um homem? Você se imagina sendo sua mulher, tendo filhos, casando, se imagina acordando ao lado dele todos os dias de sua vida? — eu

fecho os olhos apertado e a imagem do Benjamin não aparece em minha mente agora. — Eu sei que as pessoas falam de amor como se fosse atração física, química perfeita, mas é mais, Meg, muito mais. Alguém com quem você passa horas, mesmo que em silêncio e não se sente entediada.

— Todo mundo resolveu me dar aulas sobre amor? — sorrio embaraçada.

— Não, eu só quero ajudar você como você me ajudou.

— A sua química com o Liam é perfeita.

— E a sua com o Ed? — mordo o lábio e não respondo. — Ah Meg, por favor, você tem experiência suficiente para falar disso.

— Claro, Meg a vagaba! — Ela me olha feio.

— Ei? Sabe que não quis dizer isso.

— Sei sim, amiga, desculpe, eu apenas.

— Está com tanto medo que está mentindo para si mesma. Você pode até não amá-lo, mas gosta tanto dele a ponto de se importar — ela me segura pelas mãos. — Meg, você dormiu com ele, não uma, mas várias vezes.

— Amanda, eu já dormi com um monte de caras — muitos mesmo!

— Não se faça de burra, você dormiu de dormir, acordou, tomou café, conversou, tomou banho... Quantas regras da Meg você quebrou por ele?

— Infinitas — admito por fim.

— Você não sabe se expressar emocionalmente através de palavras, mas para tudo que você viveu, esses atos, mesmo que sutis são grandes batalhas — estou sendo analisada de novo. Acho que ela fez algum pacto com o Ogro.

— Como você ficou tão incrivelmente inteligente? — nós duas sorrimos.

— Muitos anos de terapia, aprendi fazendo.

— Eu tenho medo de perder, Amanda, é tão intenso, eu não sou o bastante para ele. Ele viveu tantas coisas, ele sabe o que quer, ele conhece esse mundo... Esse mundo onde você vê as pessoas sabe? É tão assustador!

— Não, você não tem medo de nada. Você é a MC, aquela que vai lá e pega o que é dela — ela sorri. — Então, pare com essa confusão, essa cena de se fazer de desentendida, de ter dúvida e vá!

— E se ele não quiser ser meu? — realmente tenho medo disso?

— Que cabecinha dura você tem em Meg?! — Ela suspira, mas então faz um ar de vencida. — Se ele não quiser que se dane, ele não merece você.

— Sério?

— Sério! Só porque ele é o senhor da ética, não quer dizer que seja melhor que você. Quem mais no mundo arriscou a vida pela da Amiga? Quem atrasou estudos? Quem se doou como você fez por mim, pela Liz? É fácil ser bom quando você não tem que dar sangue e ossos.

— Ele também sofreu, Mamá, com a mulher, o filho...

— E você não teve pais, foi abusada, torturada, humilhada...

— Ele talvez perca o pai...

— E você diz que não gosta dele tanto assim!

— O quê?

— Defendendo desse jeito — ela ri. — Eu sei que ele sofreu e é uma pessoa boa, mas ele teve a vida toda uma estrutura, uma família enorme e que o ama, vários amigos... Pense, só por um segundo, ele seria assim se não tivesse tudo isso?

— Não importa o que ele seria, Mamá, importa o que ele é!

— Então, você é a pessoa mais incrível que conheço, porque com tudo isso que passou, nunca magoou ninguém, nem tripudiou, nem machucou

— ela segura meu rosto em suas mãos. — Os caras com quem você saiu eram maiores de idade, vacinados e sabiam que não era um pedido de casamento, mas sim uma noite de...

— Sexo quente... — completo esboçando um sorriso.

— Isso. Você nunca mentiu, Meg, nunca enganou...

— Eu sou uma boa pessoa!

— É sim, é uma pessoa maravilhosa e se aquele bocó não ver isso eu vou bater nele com o taco de beisebol.

— Eu já fiz isso e bocó é seu irmão.

— Ele é um descerebrado, não conta.

Rimos juntas e ela me abraça.

Capítulo vinte e seis

Vó Judith tem uma festa

É quase hora da festa, preciso me apressar porque ainda arrumarei a vó Judith. Uma desculpa do Samuel de que vai sair para jantar com ela... Eu e Amanda estamos nos arrumando. A dúvida cruel é escolher o vestido. Parece bobagem, dentre tantas coisas que passamos, mas uma mulher que está para ir a uma festa sempre se preocupa com a roupa.

— Então, Mamá, qual o seu eleito? — ela me olha e depois volta para a pilha espalhada sobre a cama.

— Não sei, Meg...

— Verde! — Nós duas olhamos para a porta e damos de cara com o Benjamin.

— Verde? — Mamá pergunta e vemos o Liam aparecer na porta.

— Sim, de vestido eu entendo! — Todos olhamos para o Ben.

— Entende é? — Liam pergunta com um ar divertido.

— Ei? Não pense bobagens — Ben sorri. — Eu já tirei muitos.

— Nossa, que incrível! — Mamá revira os olhos.

— Você é um idiota mesmo, Benjamin — falo olhando-o com desdém, mas um sorriso se forma em meus lábios.

— Amy, verde resalta os seus olhos castanhos e faz o seu cabelo parecer mais brilhante. — ele me ignora e segue com sua aula de moda.

— Isso é meio gay, não é? — brinco.

— Eu? Gay? — o Benjamin ri e se apoia no contramarco da porta. Lindo e mortal.

— O que você acha, Liam? — a Mamá pergunta com cara de confusa.

— Nem olha para mim amor, qualquer cor que você vestir eu

acho linda — o Liam, sendo um babão.

— Sério, amor? — a Mamá retribui melosa.

— Ah! Por favor, vocês dois — eu corto. — Azul ou vermelho?
— viro para minha amiga, ao menos o meu ela saberá dizer.

— Vermelho, cobrinha, é a sua cor! — Ben fala me encarando.

— Cai fora, Ben! — Digo e viro de costas. — E você também Liam, dê espaço às moças aqui — eu digo indo em direção ao banheiro. Me arrumo rápido, o Samuel disse que viria me buscar para continuarmos com a farsa para a vó Judith. A prática com a maquiagem me ajuda na agilidade.

Escolho o azul. Ele é mais sóbrio e não me deixa com cara de caçadora. É um tecido nobre, um decote razoável e uma saia com um leve rodado que a depender da forma como ando expõe minhas curvas sem ser vulgar. Eu lembro do Ogro e penso se ele vai gostar. Termino a “*make*” e desço apressada a escada para dar de cara com o Benjamin em beca completa. Minha garganta seca. Uau!

— Oi? — ele diz e me dá aquele sorriso torto. Droga!

— Oi? O que acha que está fazendo? — pergunto porque não lembro de ele ter sido convidado.

— Indo a uma reunião em outro Estado — faço cara de confusa.
— Vou daqui até a cidade vizinha onde tem aeroporto e um avião particular — ele sorri confiante.

— Tá, eu vou para festa — pego meu celular para avisar ao Samuel que estou pronta.

— Eu te deixo lá — sério? Não mesmo.

— Não precisa, o Samuel vem me pegar — desconverso.

— Deixa de bobagem, Meg! — Ficamos nos encarando. — E você ficou linda, azul é sua cor — é para rir com essa?

— Você tinha dito vermelho — cruzo os braços.

— Se dissesse azul você não vestiria — ele diz e anda até mim.
— Aqui, perfume! — Ele estende o vidro que me deu, que eu havia rejeitado.
— E dessa vez não devolve.

— Vai me levar tipo chofer? — pego o vidro.

— Eu te levo nas costas se você parar de me apedrejar — ele sorri, mas não mostra os dentes.

— Tão dramático! — Reviro os olhos. — Ok, você venceu, estou sem tempo — sigo com ele e dou as coordenadas. Assim que entramos no carro meu celular toca. Droga! Eu levo dois segundos para perceber que não é o maluco perseguidor, mas o Ogro. — Alô — digo sem jeito.

— Oi, Encrenca, está ocupada?

— Não, estou indo para a casa da vó Judith — explico.

— E o gavião do Samuel foi te pegar? — e agora Meg? Se você falar que não tem que explicar quem está te levando e se mentir também não será nada bom... Pro inferno!

— Não, o Benjamin está me levando — ele suspira do outro lado da linha e não diz nada. — Você vai? — prossigo com a conversa.

— Você me quer por lá? — sério? Quando ele vai acreditar em mim? “*Quando você deixar o muro...*”

— A vó Judith adoraria — brinco.

— Só ela? — ele devolve.

— E um monte de mulheres, nem sei se vai conseguir me achar — provoco um pouco mais.

— Isso é bem provável — o quê? Ele está revidando?

— Pois acho bom você abrir bem os olhos, eu sou a garota de azul — digo e sorrio erguendo o rosto para dar de cara com o Benjamin. — Até mais tarde — digo e ele me responde, só então desligamos.

— Quem era? — agora vem o interrogatório.

— Um maníaco tarado — falo erguendo as sobrancelhas.

— Sei — ele fala e não insiste na conversa.

Chegamos e damos de cara com o Samuel esperando na porta. Ele parece tenso e eu sorrio. O Benjamin também desce do carro e nesse momento a vó Judith aparece na porta.

— Não sabia que era uma festa de debutante e tinha príncipe — a vó Judith está velha, mas não está cega hein?! — Você que vai dançar a valsa comigo?

— Adoraria — o Benjamin embarca.

— Não, vó, esse é só o amigo da Meg, ele deu uma carona para ela — Você não me ligou, já estava indo buscá-la — Samuel diz vindo em minha direção e me cumprimenta.

— Estava atrasada, ele ofereceu carona e eu aceitei — eu explico.
— Esse é o Benjamin, vó Judith — eu apresento.

— Parece um príncipe — ela sorri. — Você escolhe bem suas companhias, Meg — eu agora corei, sério mesmo!

— Vó, por favor — o Samuel tenta me salva.

— Vamos, você tem que me rejuvenescer cem anos minha filha — ela diz pegando meu braço. — Essas invenções do Samuel. Falei que podíamos fazer algo aqui mesmo... — seguimos para a casa e eu olho por cima do ombro esboçando um obrigado ao Ben. Ele sorri para mim.

Eu deixo ele e o Samuel e vou arrumar a vó Judith. Ela está com um conjunto lilás de blusa e saia. Muito bonito. Seguimos para o quarto e eu arrumo seu cabelo e faço uma maquiagem equivalente com idade e ocasião. Percebo que ela foi muito bonita quando jovem.

...

São quase oito da noite e a festa está incrível. Todos elogiam a decoração e eu penso em como tudo foi feito às pressas. Enquanto eu

arrumava a vó Judith os meninos da delegacia e os rapazes das fazendas, todos loucos pela vó, me ajudaram. As esposas e namoradas também. Não sei como mobilizei esse mutirão! Eu que jurava que todos me odiavam... De qualquer forma acho que foi pela vó Judith. Eu corro o olhar no ambiente. Num canto está o Liam e a Amanda em uma conversa bem carinhosa. Todos parecem sorrir e se divertir. Eu procuro um homem alto, loiro e com um sorriso confiante... Dou de cara com o Samuel que me sorri de lado, eu aceno de cabeça e viro para a vó que está ao meu lado agora. — Querida, pode ir até o meu quarto e pegar para mim a minha bolsa?

— Claro — sorrio e entro na casa rumo ao quarto.

Eu demoro um pouco até localizar a bolsa sobre a cabeceira e sinto um arrepio com a impressão de ser observada. Eu paro alguns segundos e um odor conhecido invade minhas narinas relaxando meus sentidos. Eu viro lentamente e lá está o Ogro. Hoje está mais para príncipe. Arrumado, de gravata...

— Então, essa é a garota de azul? — sorrio da surpresa dela. Vejo que seus olhos brilham ao olhar para mim. Sim, dona Encrenca, eu sei me arrumar.

— Sim, sou eu — minha voz sai meio trêmula. Pelo susto, por ser ele e claro, por ele estar irresistivelmente lindo. Sinto todos os meus músculos tensos, mas de desejo.

— Então, o que faz aqui? — caminho devagar até ela. Eu a observei lá embaixo, alguns minutos antes de me fazer presente na festa. Precisava conversar com o Liam, ajustar algumas coisas e esse tempo todo eu mantive os olhos nela. A forma como se movia, como todos viravam o pescoço quando ela passava. Minha Encrenca, encantadora nesse vestido azul...

— A bolsa da vó Judith — ergo a bolsa mostrando e ele agora

está tão perto que pode ouvir o quanto meu coração bate acelerado. Ele me olha como um predador a um animal. — O que está fazendo? — digo com a respiração entrecortada.

— Dizendo oi — desço minha boca em direção a dela num beijo que desejei desde que a vi sorrindo lá fora.

— Não! — Digo num impulso ao ouvir um barulho de passos. Nessa confusão derrubo a bolsa que ele se abaixa para pegar. Ele não levanta logo e ainda agachado no chão, com a bolsa na mão, olha para cima. Nossos olhos se encontram.

— Com medo? — pergunto num tom cheio de promessas e minha voz sai rouca. O desejo define a atmosfera do quarto. Sei que ela está nervosa por tudo que me disse, com medo, mas nesse momento só quero que ela esqueça. Quero que por um instante ela não sinta o peso da situação.

— Alguém pode nos ver, levante — ordeno, mas ele me dá um olhar que faz minha pele queimar como se estivesse em meio a chamas.

— Não ainda — digo isso e ponho a bolsa na borda da cama. Só então seguro os tornozelos dela nas mãos e subo-as até chegar aos seus quadris. Ela prende a respiração, mas não me manda parar. Eu seguro as laterais de sua calcinha e a puxo lentamente por suas pernas. Ela engole em seco e não deixa de me olhar nem por um segundo. Quando eu chego aos pés ela abre os olhos ao máximo.

— Não! — Não acredito nisso. — Não faz isso — ouvimos o barulho de passos de novo e nós dois viramos em direção à porta.

— Acho bom levantar os pés a não ser que queira uma situação bastante constrangedora, porque não vou parar agora — ela me olha entre medo e excitação, mas obedece tirando um pé de cada vez.

— Não acredito que você vai fazer isso! — E não acredito mesmo. Ele me olha com um ar cínico. Quem é você e o que fez com meu

Ogro certinho? — devolve, Ed! — Digo sentindo um misto de medo e desejo em proporções iguais.

— Não — sorrio, porque sei o efeito que estou causando aqui. Eu também sei brincar, dona Encrenca. — Você vai pensar em mim a cada passo, cada respirada, cada sorriso... — eu me aproximo até meus lábios tocarem de leve sua orelha enquanto ponho a calcinha dela em meu bolso. — Eu estarei em sua mente por toda a noite, o tempo todo, Meg — finalizo com um beijo leve em seu pescoço e a sinto arrepiada.

— Achou? — droga! Nós dois nos viramos para a porta para encontrarmos a vó Judith.

— Sim... Achamos... Eu... — droga, estou gaguejando enquanto ele está de pé, bastante relaxado.

— Você demorou querida, achei que não tinha encontrado — ela vem até a cama e retira uma medicação de dentro. — Tenho que tomar antes que passe do horário.

— Você me paga! — Rosno para ele depois que a vó sai do quarto.

— Com juro — sorrio e saio, deixando-a com um ar perdido. Agora tenho ligações para fazer e coisas para confirmar. A confusão em que ela está metida parece mais séria do que eu imaginava. Preciso preparar tudo antes de contar, não quero que mais nada a machuque. Eu prometi que ia protegê-la.

Assim que ele sai, eu cedo ao impulso das minhas pernas e sento. Deus, esse homem, com certeza, vai me virar do avesso. Um sorriso bobo se forma em meus lábios. Eu gosto dele! Gosto do senhor certinho, gosto do Ogro, e como gosto desse cara sedutor que eu encontrei há alguns segundos...

...

Eu saio do quarto com a sensação que estou vivo. Eu sempre me

senti bem comigo, sempre levei minha vida do meu jeito. Mas parece que havia um longo tempo que eu estava adormecido, que estava sem um motivo. Sinto como se ela tivesse chegado em minha vida e me dado motivos... Ela me contesta, me enfrenta, me agride, mas ela me movimenta, me aquece, me acorda... Eu nunca tive esse sentimento antes, com a Mel era tudo tão calmo, tão suave, mas com a Meg é sempre tão intenso e suave, tão água e fogo que eu não sei como pude viver tanto tempo sem isso...

Desço e pego o celular para uma nova ligação e assim que estou em meio a uma conversa e algumas descobertas a garota de azul reaparece na festa. Constrangida? Minha Encrenca? Eu sorrio, mas volto a concentrar toda atenção no telefonema. Algum tempo depois volto para olhá-la e isso não me agrada. Ela está dançando com o Marcus? Inferno! O pior que não para por aí, ela dança também com o Evans, com o... Quem é aquele cara? Droga! Ah, não! Isso já é demais. Ela agora vai dançar com o Samuel?

— Ei, xerife? — a Betsy! Ótimo! — Dança comigo? — ela parece meio alta, e isso me dá um motivo para me aproximar. Ainda mais agora que eu vejo as mãos do Samuel na linha do quadril da MINHA garota de azul.

— Por que não? — sorrio, mais de nervoso que de feliz e sigo para a pista de dança.

...

Estou me sentindo nua. Mas que diabos ele tinha em mente com essa ideia de “roubar” minha calcinha?! Eu ando meio desconcertada, mas depois me deixo levar pela sensação gostosa de coisa errada. Ele quer jogar? Sou professora nesses jogos! Eu desço para encontrar as pessoas e logo tenho pedidos de dança. Claro, por que não? Em meio a uma das danças eu noto o homem em questão de pé me olhando como um gavião. Sorrio provocante, afinal, foi ele quem roubou minha roupa íntima. Começo a passar de mão em

mão com elogios pela festa e pedidos de que faça a festa do filho de um, sobrinho de outro, namorada, noiva, mãe... A lista é grande e estou sendo tratada como uma artista. Eu sorrio e lá estou eu com o Samuel.

— Eu não tenho direito a dançar com a fada que fez essa festa acontecer? — droga! O Ogro não vai gostar, mas como posso negar.

— Claro — digo com um sorriso amarelo, mas então noto o Ogro com a Betsy e eles vêm de mãos dadas em direção à pista de dança. Sério?

O Samuel começa e eu embarco nos passos. Ele desce a mão para os meus quadris e me lembro que falta algo sob o vestido. Eu olho para a bruxa pendurada no Ogro e começo a sentir raiva. Ela afunda a cabeça no pescoço dele e isso já é demais.

— Ei, querido, não vai dançar com sua vó? — ótimo, vó Judith me salva, mas quem tira o Ogro dessa bruxa. Não posso fazer uma cena.

— Mas e a Meg, vó? — viro-me.

— Eu danço com a Meg. — Liam?

— Oi, príncipe — falo desconfiada. O que está havendo aqui?

— Oi — ele diz e eu viro e dou de cara com a Amanda dançando com o Ed. Onde eu estou mesmo? Porque esse definitivamente não é o planeta Terra.

— Que tal trocarmos, xerife? — o Liam fala direto para o Ogro e ele sorri de volta.

— Claro — digo isso e puxo a Encrenca para mim que oferece uma leve resistência. Ela fica rígida em meus braços. — Então, tudo bem dançar com todos os homens da festa, mas não comigo? — sussurro.

— Por que não? Eu sou a Meg, lembra? Vou com todos — droga, estou espumando de raiva aqui. Ainda sinto o cheiro da bruxa nele.

— Ei? Não fale assim — repreendo e paramos de dançar ficando cara a cara. Só então noto que ela está com muita raiva. Droga! A Betsy. —

Nem me olha assim, foi você que estava dançando colada ao Samuel e ele ainda tinha as mãos em...

— Pro inferno as mãos do Samuel — corto e ele me olha assustado. — Foi você que causou tudo isso! — digo irritada. Ele então me puxa e retorna a dança. Eu acompanho a contragosto.

— Então, não sentiu nada quando ele tocou aqui? — ponho a mão em suas costas e ela parece estremecer, mas não responde. — E aqui? — desço a mão até seu quadril e passo o polegar no lugar que deveria ter uma borda de calcinha embaixo. Ela apoia a testa em meu peito e suspira.

— Quer me enlouquecer? Porque se for, está conseguindo — eu ergo o rosto para encará-lo. Estou irritada, e com esse gesto eu senti o perfume da bruxa nele. — Eu cansei disso — paro de dançar de novo. — Me tira daqui.

— Sério? — me surpreendo, embora fosse esse o efeito que queria.

— Sério, me tira agora, ou não respondo por mim — ele esboça um sorriso, e me puxa pela mão. Sei que tem alguns olhares furtivos em nossa direção, mas agora essa é minha última preocupação.

Seguimos para o carro e lá dentro, já a caminho da casa dele eu começo a racionalizar as coisas. Eu exalo com força espantando esses pensamentos enquanto o Ogro dirige como um louco. Assim que chegamos, descemos do carro às pressas. Ele me puxa em seus braços e eu arranco os botões da blusa dele num puxão enquanto forço o blazer para fora dos braços dele. É uma loucura de mãos e braços e nós entramos em casa quase caindo.

— Se soubesse que teria esse efeito, teria feito isso antes — digo sorrindo quando ela se afasta dos meus lábios para desafivelar meu cinto num desespero que chega a ser divertido.

— Feche a boca! — Eu falo rígida. — Estou tentando tirar o

cheiro daquela harpia de você! — ele me olha surpreso.

— Estou cheirando a Betsy? — acho que disse a coisa errada. Ela se afasta de mim e apoia as mãos na bancada da cozinha. — Meg?

— Se você disser esse nome de novo hoje eu arranco seus olhos — digo isso segurando-o pelo queixo, é apenas o que alcanço. Ele sorri.

— Sim, senhora — digo me sentindo divertido com essa crise de ciúmes dela. — Agora chega de conversa — eu a puxo e a jogo sobre os ombros, ela solta um suspiro de surpresa. Eu ponho a mão sob seu vestido e acaricio sua nádega. — Acho que esqueceu algo, moça — a coloco na cama.

— Você é um idiota completo — ela me enlaça pela cintura com as pernas e eu estou sobre ela.

— Seu idiota? — provoco.

— Meu! — Digo numa reivindicação absurda. Eu, a Meg, querendo ter alguém para mim? Estou mesmo ficando louca... Ele então cola a boca na minha num beijo sôfrego e desesperado...

Capítulo vinte e sete

Família

Acordo com uma sensação de cansaço por todos os meus músculos. A noite de ontem foi bastante puxada... Um sorriso se forma em meus lábios e eu abro os olhos. Sorrir de verdade está se tornando algo fácil em minha vida, principalmente nos momentos que passo com ele. O Ogro está dormindo, de bruços. Não fui eu a única nocauteada aqui! Droga! Ele tem as marcas da noite de ontem em suas costas. Espero que ele fique de camisa por um longo tempo, porque sinceramente não sei como vai explicar isso. De repente uma ideia se forma em minha mente e eu saio da cama devagar. Pego meu moletom predileto, digo meu porquê de tanto que já usei ele tem as formas do meu corpo, gravadas! Desço a escada e vou direto para a cozinha. Vou preparar o café da manhã... Ao menos vou tentar.

Procuro tudo na cozinha tentando evitar barulhos que possam acordar o grandão. Estou no meu trabalho difícilimo de fritar ovos e bacon. Ele sempre faz isso para mim, então deve gostar muito. Lembro das vezes que ele fez algo para eu comer, outro sorriso bobo se forma em meu rosto. Eu arrumo a mesa, ponho pão, corto umas frutas e faço chocolate quente, café eu definitivamente não sei fazer, sempre tem gosto de água suja. Sorrio para mim mesma pondo as mãos na cintura e dou uma boa olhada. Fiz um bom trabalho aqui...

— Então, agora você também arruma mesas de café da manhã?
— falo porque não aguento mais fingir que não estou aqui. Desci quando comecei a sentir o cheiro de comida, mas a minha garota estava tão concentrada que nem me notou.

— Ei? É feio espionar as pessoas — falo numa falsa repressão olhando para ele que está sem camisa. — Há quanto tempo está aí? — digo

olhando para o cara de quase dois metros e que tem um coração proporcional.

— O suficiente para saber que não foi tão estragada! — Brinco e ela fica séria. Me aproximo e a puxo para meus braços. Olho nos olhos dela. — Foi uma brincadeira, sorria — ela torce os lábios.

— Eu sei — fico alguns segundos séria. Uma sensação de que as coisas boas duram pouco me invade e eu tento expulsá-la dizendo para mim que é só um medo bobo. — Não tem camisas em seu guarda-roupa?

— Tem, um monte — beijo seu nariz e ela sorri. Consegui aliviar um pouco a tensão com a brincadeira de ontem, mas hoje tenho que conversar sério com ela. — Podemos comer? — mas primeiro vou aproveitar esse momento, afinal, não é todo dia que uma mulher como a Meg faz café da manhã para um cara como eu...

— Podemos sim, Ogro — digo aumentando o sorriso e nos sentamos.

Comemos felizes, não é um manjar, mas dá para o gasto. A impressão de família, aconchego e lar pairam sobre nós. Parece que sempre estive aqui com ele. É tudo tão fácil e tão difícil ao mesmo tempo que não sei explicar. Decidi apenas aceitar e viver já que esse é meu lema: aproveitar as partes boas enquanto elas existirem. Apesar disso dou algumas olhadas de soslaio para porta pensando o porquê do mundo lá fora ser tão diferente daqui...

Após o café o Ogro decide pôr uma camisa e eu preciso ir pra casa. Não posso ficar por aí com o vestido da festa de ontem. Eu subo, tomo um banho e arrumo o que dá, com o que tenho. Assim que desço ele está sentado no sofá com o notebook na mão, mas fecha quando me vê.

— Então? Visitando sites pornô? — falo olhando dele para o note.

— Você e essa língua terrível — desconverso. Ainda não sei como dizer a ela que a busca pelo perseguidor está se revelando um labirinto. O cara parece ser bom no que faz, com um programa que muda o IP com frequência, rastrear ele não é algo fácil.

— Ontem você não reclamou da minha língua — provoco e ele me puxa pela mão. Caio sentada em seu colo.

— Não, não reclamei — a abraço apertado, mais pela minha sensação de impotência diante de uma ameaça que não sei qual é, ou melhor quem é!

— Então, o que foi aquele joguinho ontem? — pergunto buscando o olhar do Ogro.

— Não gostou? — sou eu quem disfarça agora.

— Gostei, muito, mas confesso que não esperava — digo surpresa.

— Por quê? — devolvo, curioso.

— O senhor certinho, ético e pudico virando um ladrão de calcinha! Estranho — faço uma cara de quem está analisando tudo. — Quem lhe deu a ideia?

— Ei? Me dê um pouco de crédito aqui! — Faço o ofendido.

— Desculpa, mas nem em um milhão de anos eu esperaria isso de você — digo sorrindo e ele me aperta e beija meu pescoço.

— Ainda vou te surpreender muito — digo fazendo um caminho de beijos do ombro dela até o rosto.

— Sei... Promessas... Promessas...

— Não me desafie, moça! — A beijo com vontade e ela estremece em meus braços.

— Não me chame de moça — digo assim que os lábios dele abandonam os meus. — Prefiro Encrenca — ele ergue as sobrancelhas para

mim. Me dou conta que ele pode me chamar do que for, não me importo, desde que me chame.

— Você poderia ficar aqui — digo com uma sensação de que as coisas estão tão boas como se isso fosse um prelúdio de um desastre.

— E vestiria o quê? — o olho divertida.

— Nada — provoco e ela sorri e dessa vez me beija como se sentisse o mesmo temor que eu...

— Nada disso, vida normal e eu não sou ninguém sem minhas roupas — meu coração bate perdido e tenho que admitir para mim, eu dormi com ele, depois fizemos sexo e dormimos várias vezes, tomei café com ele, fiz café para ele, tive crises de ciúme, contei meus traumas, meus problemas, é Meg... Você foi fígada!

...

O Ogro me deixou em casa, mas disse que precisávamos conversar sobre coisas sérias. Eu sei bem o que ele quis dizer. Conversar sobre o perseguidor... Fico de passar lá mais tarde e entro em casa e eu penso em como minha vida deu uma guinada de cento e oitenta graus. Em um momento eu sou uma pessoa sem compromissos e responsabilidades além do meu emprego e da minha amiga amada Amanda e então tudo muda e eu estou em um interior, sou secretária do xerife, ganho um salário diminuto, tenho um rolo com o chefe e estou... Feliz! O sorriso bobo, meu amigo inseparável se desenha em meu rosto.

— Oi, fugitiva! — É a Mamá. Eu olho para ela.

— Oi, amiga — minha voz sai suave.

— Então, vai me contar os detalhes? — ela diz sorrindo e vem em minha direção. Estou sentada na cama em meu quarto. Assim que cheguei tomei um banho e vesti uma calça e um moletom. Não tem o mesmo efeito que o do Ogro, mas é o que tenho.

— Detalhes? — faço a boba enquanto ela senta ao meu lado na cama.

— Sim, sobre ontem — ela diz se expectante.

— Você que tem que me contar — ela me olha surpresa. — Então, você dança com alguém além do Liam? — brinco.

— Meg! Eu estava ajudando você — ela finge a ofendida. — E saiba que a ideia foi do Liam.

— Sei — sorrio e nós duas nos jogamos na cama ficando deitadas e olhando para o teto.

— Desembucha — ela fala a palavra cantando.

— Ele roubou minha calcinha — digo sem olhar para ela e sinto quando ela senta de vez na cama.

— Oi? — olho para minha amiga que está estupefata.

— Sério. Seríssimo. “*Seriozão*”...

— Chega, Meg! — Ela me interrompe. — Eu entendi que ele fez isso, mas eu não consigo acreditar que ele fez isso.

— Tem que se decidir, Mamá — começo a rir.

— Gente — ela deita de novo. — Ele fez isso lá na festa.

— Sim.

— E você?

— Fiquei sem calcinha.

— Eu não sei o que pensar.

— Eu gosto dele Amanda — logo me surpreendendo comigo mesma por admitir isso em voz alta.

— Eu sei — sabe?

— Sabe?

— Sim — ficamos de frente uma para outra e vejo que minha amiga também tem um sorriso bobo. — Eu soube pela forma como você olha

para ele.

— Ótimo, agora sou a boba apaixonada.

— Está admitindo gostar, paixão... Que mais, Meg? — ela zomba de mim.

— Ei? Mais nada — corto aumentando o sorriso.

— Ele também gosta de você.

— E você sabe disso porque o Liam te disse...

— Não, eu sei porque ele chegou na festa e ficou longos minutos só observando você de longe — sério? Por que ele faria isso? — foi um longo tempo mesmo. Ele parado, de pé, todo arrumado e te olhando, de um jeito embasbacado... Sabe, Meg?! — Ela para de falar.

— O que amiga, não para agora...

— Ele gosta de você — só isso? Pensei que ia me contar um segredo.

— Sei, até... — meu semblante muda, eu sei disso porque pensamentos estranhos passam em minha mente. Eu lembro do cara me perseguindo, lembro que os problemas me acompanham e que todas as pessoas que ousam se aproximar de mim sempre sofrem tragédias...

— Até nada — ela diz se levantando e me puxa pela mão. — Vem. Vamos comer algo ou beber algo, sei lá...

— Ainda é de manhã sua maluca — digo pensando nesse beber...

— Então, beberemos leite e brindaremos à primeira paixão real da Meg — me levanto.

— Pode parar! — Ela sorri e me abraça e descemos assim para a cozinha numa atmosfera de leveza.

...

Estou em casa fazendo contatos e pensando em como burlar esse sistema. Sinto que estou um pouco enferrujado e esse, com certeza, não é um

cara qualquer brincando com o computador. Ele definitivamente sabe o que está fazendo... Eu exalo e esfrego as mãos no rosto. São quase duas da tarde e nada da Meg de volta. Não fui à delegacia hoje e acho que nem ela. Tirei esse dia para fazer esse “*trabalho*” em casa e cada vez mais eu me frustro num labirinto na internet. Umas batidas na porta puxam minha atenção e eu atendo.

— O que está fazendo aqui? — dou de cara com a Emilly, e ela tem o Tom no colo.

— Ótima recepção — ela diz sarcástica empurrando o bebê em meu colo. — Eu vim porque todas estamos vindo para cá.

— O quê? — as cinco? — oi, garotão — abraço o pequeno que também tenta me envolver com seus bracinhos.

— Ti E. — a vizinha aquece meu coração.

— Isso mesmo. Estamos vindo, as cinco — ela caminha direto para o sofá e se joga nele. — Na verdade, as seis porque a mamãe vem também, com o papai.

— Quer explicar logo isso, Emilly?! — Que loucura é essa? E como convenceram o papai.

— Não tem o que explicar. Precisamos de uma reunião de família e em família — ela diz muito lógica. — E, então, ela será aqui. Reservamos quartos com a minha amiga — está se referindo a Betsy. Ótimo, mais essa agora.

— E que horas chegam? — olho para o pequeno Tom em meus braços e lembro que poderia ser meu filho.

— Cada uma em seu tempo — ela sorri para mim. — Você deveria se preocupar com o teor da conversa...

— Que seria? — digo indo em direção ao sofá, mas sem tirar os olhos do pequerrucho.

— O papai, sua doença e seus medicamentos, ou melhor, sua resistência em tomar as medicações — ela fala e apoia a cabeça em meu ombro quando sento ao seu lado.

— Mamã — Tom afaga o rosto da Emilly.

— Temos um “*problemão*”, então?! — Digo acariciando as costas do pequeno e ponho ele sentado em uma das minhas pernas. Ele, então, se apoia em meu peito e boceja.

— Você tem que convencê-lo, Ed — eu sinto uma nota de temor na voz da Emilly. Envolvero ela pelo ombro com a mão livre e ficamos os três assim. Tenho certeza que o único com pensamentos leves é o Tom.

...

Está uma loucura aqui. Não sei o que fazer com tantas pessoas ao mesmo tempo em casa e sendo ela tão pequena. Chegaram de comboio, uma atrás da outra e o papai e a mamãe acabaram de chegar. As gêmeas engataram uma conversa sussurrada que está me matando. A Sally não sai do telefone e a Corine engatou uma discussão com o Bernardo e o John. Sobrou para mim e para o Tom a tarefa de fazer algo para comer. Eu olho de soslaio para minha mãe e meu pai, que parecem estar sem se falar. Eu estou com o Tom no braço, ouvindo uma linguagem ininteligível e tentando fazer um suco, com a mão extra, quando escuto a porta.

— Alguém atende! — Grito. Deve ser o Eric. Escuto a porta ser aberta e ouço as vozes.

— Oi — a voz da Emilly. — Quem é você? — não é o Eric? — Ed! — Ela me grita. — Tem uma ruiva sexy procurando você — sinto o sarcasmo na voz e sei que isso não vai prestar.

— Já vou! — Largar as coisas na cozinha e vou para sala ainda com o Tom no colo. A Meg está de pé com uma expressão de surpresa. — Oi — digo sério, mas queria puxá-la num abraço apertado.

— Oi, desculpe, não sabia que estava ocupado — falo sem jeito. A irmã dele me olha com um ar de ameaça. É uma das trigêmeas, só não sei qual.

— Não vai nos apresentar, Ed? — a Emilly fala e sei que ela está provocando.

— Essa é a Meg, minha secretária — assim que falo isso percebo uma expressão de decepção no rosto da Meg. O que eu diria? Essa é a mulher com quem estou saindo e que não quer assumir nada. — E essa é Emilly, minha irmã... Uma das... — eu termino as apresentações.

— Ah! Você é a Meg?! — A Emilly diz com desdém.

— Sou — me limito a um monossílabo. Que garota azeda!

— A Betsy falou muito sobre você — ótimo, mais essa.

— Engraçado, ela não falou nada sobre você — devolvo.

— Eu mesma posso falar por mim — a Emilly retruca e sinto que se eu não fizer nada teremos uma confusão daquelas.

— Já chega — eu corto. — Pega o Tom e termina o suco — entrego o garoto para ela.

— O Ed tem visita — é a Ella, ótimo.

— Quem é? — agora a Sally.

— Querem parar? — a Encrenca parece desesperada aqui.

— Você está sujo — a Emma... Por que elas não veem todas de uma vez?!

— Eu vou me trocar e já desço, Meg — começo a tirar a blusa ali mesmo.

— O que está fazendo? — quase grito ao ver que ele vai tirar a blusa e só consigo pensar nas marcas de unhas em suas costas.

— Eu... — todo mundo está olhando para nós dois. Só então me lembro que tenho as pistas das minhas atividades de ontem à noite, bem em

minhas costas. — Já volto — desconverso e subo.

— Então, são amigos? — é a Ella. Eu consigo diferenciar pelas roupas. Prestei atenção quando o Ed me apresentou.

— Ou ele é apenas seu chefe? — essa eu não preciso ver as roupas, o tom da voz é claro para mim. É a Emilly.

— Eles podem ser as duas coisas — Emma. Me sinto em uma realidade alternativa.

— Deem o fora e parem de aporrinhar a amiga do irmão de vocês — é a Sally quem fala. E está me ajudando?!

— Ele é seu irmão também — a Emilly me olha com desprezo. — E eu só estou protegendo nosso irmão — de mim?

— Ele é grande para se proteger sozinho, Ly. Por que não cuida do Tom?

— Sally, se você ouvisse o que a Betsy falou sobre ela. — estou aqui, mas elas agem como se eu fosse invisível.

— O que a Betsy disse, Emilly? — entro na sala e observo as quatro em torno da Encrenca. O que é isso? Bullying?

— Muitas coisas nada boas...

— Quais coisa? — insisto.

— Tudo bem, Ed, eu não me importo com o que a Betsy fala — tento cortar a conversa.

— Mas eu me importo, ela é minha melhor amiga — a Emilly de novo.

— A Betsy é uma tola — essa foi a Emma? Pensei que o Ed havia dito que ela era fechada e tímida... Ela está tomando meu partido?

— Tola? Ela é minha amiga e não mentiria para mim — a Emilly afirma.

— Então, diga as verdades que ela contou se são tão reais assim...

— cruzo os braços e encaro minha irmã; A situação não poderia ser pior.

— Que a sua “*amiguinha*” aí é uma vadiazinha caçadora de homens — meu queixo cai e eu noto o maxilar do Ed apertar. Ele se aproxima da irmã e a segura pelo braço.

— Nunca mais repita isso ouviu?! — Mas que diabos de vida é essa que não alivia nunca.

— Ed, solta ela — a Sally intervém.

— Não, Sally, só quando ela pedir desculpas pelo comportamento estúpido dela — não vou admitir que ela aja dessa forma.

— Eu sou sua irmã e você vai defender uma qualquer em vez de ficar do meu lado? — a Emilly me olha com raiva evidente.

— Não é porque você é minha irmã que pode sair por aí dizendo que bem quer e entende. Não na minha casa e não para os meus amigos — sou duro e ela puxa o braço se desvencilhando de mim.

— Que se dane sua casa e seus amigos — ela grita e eu faço menção de segurá-la de novo.

— O que está acontecendo aqui? — meu pai desce com a minha mãe. Ótimo. — Não vim aqui para ver vocês se pegando que nem cães de briga.

— Culpa dessa mulherzinha que seu filho está dando “*uns pegas*” — a Emilly fala essas palavras com tanta repulsa que eu tenho vontade de dar umas palmadas nela.

— Pede desculpas agora! — Grito.

— Não!

— Já chega os dois! Eu sou o pai aqui, vocês têm que me obedecer.

— Isso tudo é culpa sua. Se o Ed não estivesse carente por causa da sua doença, a mesma da Mel, ele não se envolveria com a primeira que

aparecesse na frente dele — Emilly vocifera em direção ao papai.

— Quer saber? Fora! — Grito em direção a ela, que me olha assustada.

— Quê?

— Você ouviu. Se não vai se comportar na minha casa, como deve, é melhor você ir.

— Ed? — ouço uma voz suave que me acompanhou por toda a vida.

— Não, mãe. Já chega de pensar que pode fazer o que quiser e como quiser. Isso termina hoje.

— Eu sou sua irmã e você está me expulsando? — a Emilly me encara estupefata.

— Não, estou te disciplinando.

— Você não é meu pai.

— Não e logo você não terá nenhum — me arrependo assim que as palavras saem de minha boca.

— Eduard Prats! — A voz de minha mãe soa mais firme e eu olho todos a minha volta. A Encrenca está lá parada, fincada no chão com uma expressão de perda. Inferno de dia! E pensar que começou tão bem...

— Querem saber?! Cansei! Sou sempre eu o controlado, o racional, o compreensivo. Já chega! Eu não sou de ferro — cuspo tudo que vim socando dentro de mim todo esse tempo e vejo o Eric entrar nesse momento. — A Sally vive atrás de vocês e não tem vida própria. A Corine vive para os filhos e o marido e mesmo aqui onde está ela? Lá em cima tentando convencer os filhos a tomarem banho. A Emma se fecha em seu mundo como se não fosse da família. Ella só pensa em trabalho e a Emilly não sabe o que fazer da vida, mudando de namorado o tempo todo ou voltando com o pai do Tom... — eu faço uma pausa para respirar, mas

ninguém emite um som sequer. — E você, pai? — o encaro e sinto que minha garganta trava. — Depois de tudo que passamos agora vai morrer por birra? — ele não me responde. Todos permanecem em silêncio. — Se quer morrer, ótimo. Eu não posso impedir. Mas me faça um favor, morra longe de mim — abro a porta e saio sem me dar ao trabalho de fechá-la atrás de mim...

Eu fico olhando o Ogro sair depois do surto e meus olhos passeiam pela sala. Todos parecem destruídos, com exceção da Emma e da Sally. A mãe do grandão tem lágrimas na face. O pai dele dá a volta e sobe a escada.

— Aonde vai, Adam? — dona Hellen chama.

— Não sou mais bem-vindo aqui — Deus! Que confusão.

— Isso é culpa dessa...

— Já chega, Emilly! Não está satisfeita? — a voz dura parece vir de outra pessoa.

— Mãe! — Ela revida, mas não continua com as acusações e sobe a escada.

— Eu sinto muito — é tudo que sai de meus lábios.

— Não sinta, a Emilly é uma bocó. Quando está com medo ou chateada acha alguém e desconta.

— Emma, não fale de sua irmã.

— Mas é a verdade. Ninguém pensou um segundo no Ed nisso tudo — a garota descrita como tímida e distante desata a falar. — Somos todos egoístas. Eu me escondo em meus livros, o Eric no trabalho, a Corine na família, a Sally se consola seguindo vocês e a Ella com a Emilly em eventos. Ninguém se lembra que pouco mais de um ano o Ed perdeu a esposa e o filho de uma vez só? Ele tem razão, não é de ferro — ela se levanta pegando um livro em cima da bancada.

— Aonde vai? Vai embora também? — o Eric diz algo

finalmente.

— Não, vou esperar meu irmão voltar e pedir desculpas.

— Ele nunca falou assim com seu pai antes, Eric — o doutor me olha ressentido. Ótimo! Mais um que acha que eu criei a bomba atômica.

Eu, Sally e Eric ficamos na sala enquanto dona Hellen segue para a cozinha para fazer um chá. Eu observo essa família, tão grande e que me foi descrita cheia de amor pelo Ed. Agora ela está desmoronando e estou no centro disso tudo. Mesmo quando não quero, estrago tudo. Eu viro e vou até a porta.

— Fugindo? — Eric fala.

— Não. Resolvendo as coisas — não prolongo a atenção a ele. Vou para fora e lá está o Ogro sentado num tronco. As mãos no rosto. Eu me aproximo por trás e começo a fazer uma massagem nele. Ele apoia as mãos nas minhas.

— Só piorei tudo, não foi? — exalo com força. — Desculpa pela Emily.

— Ela está com medo — digo sincera.

— Medo? — volto para encarar a mulher ruiva de pé diante de mim.

— Sim, medo. Como você e seus irmãos e irmãs — sorrio. — Perder um pai não é fácil — eu digo com um pesar na voz.

— Desculpa, Meg — falo puxando-a para meu colo. Pensei que ela resistiria, mas ela se deixa levar.

— Não tem o que desculpar — digo afagando seus cabelos. Sei que podem nos ver assim, mas não me importo. Ele é mais importante agora que qualquer bloqueio que eu tenha. — Sabe que ele pode... Mesmo fazendo o tratamento... — deixo no ar e ele entende, me dá um olhar de pânico, mas não fala. — Não seria melhor ele passar esse momento com o apoio da

família, em harmonia?

— Sei — olho para ela. Uma mulher que eu julguei tanto e agora se mostra para mim tão madura. Apesar de jovem ela já viveu muitas coisas e se tem alguém que pode falar de perdas, esse alguém é a Meg. Minha Meg!

— Então... Ele está com medo, acuado, impotente. Esse é o mesmo homem que você me descreveu como um herói que lutou guerras e construiu essa família linda. Não pressione de forma agressiva, porque ele está em um momento de fragilidade e, isso só o fará revidar da mesma forma — ele me olha em um misto de espanto e admiração e meu coração se aquece. — Só precisa saber que o ama e que vai apoiá-lo... Por que não entra lá e pede desculpas. Diga a ele como se sente. — eu envolvo o rosto dele nas mãos. — Pelo menos saberá que fez tudo o que podia — ele me abraça apertado.

— Onde você andou esse tempo todo? — eu pergunto sentindo meu coração disparar. Agora, com ela assim, em meu colo, cuidando de mim, tão carinhosa e entregue, o medo de perdê-la se torna evidente. Passa um filme em minha mente de tudo que vivi antes dela, com ela e não consigo ver o *“sem ela”*.

— Por aí... — sorrio. — Então? Vamos? — me levanto e ofereço a mão para o gigante à minha frente.

— Vamos — aceito a mão que ela me oferece e caminho para casa pensando no que direi ao meu velho. Relembro tudo que ele me ensinou, tudo que representa para mim, meu pai, meu herói, meu amigo...

...

Subi a escada de mãos dadas com a Meg. O pessoal na sala não disse nada, mas me deram um olhar estranho. Estou parado na frente do quarto e sei que meu pai está lá. Ela aperta minha mão na dela, me dando forças. Eu a olho e então solto sua mão e entro. Sozinho.

— Oi — digo, mas para chamar sua atenção.

— Já estou arrumando as malas — não está, mas ele me diz isso porque precisa revidar de alguma forma.

— Não precisa — falo enquanto sento na borda da cama. Ele permanece de pé, diante da janela.

— Não? — ele fala sem me olhar.

— Eu te amo, pai e não quero te perder — solto de uma vez e ele me olha surpreso. — Desculpe se fui um idiota lá embaixo, mas eu não suporto a ideia de ver você assim, sem nem ao menos tentar — ele engole em seco. Sei que está segurando as lágrimas. — Se não quer por você, se acha que não vale a pena... Faça pelo amor que tem pela mamãe... Por todas as vezes que ela esperou você retornar da guerra... — me levanto e caminho até ele, agora vendo lágrimas teimosas que escorrem pelo seu rosto. Meu pai ainda se mantém rígido, sem dizer uma palavra. — Faça pelas meninas, pelo Eric, por mim — nesse momento ele me aperta num abraço inesperado.

— Me perdoe, filho — eu escuto as palavras carregadas de meu pai.

— Não tem o que perdoar, pai. Somos uma família e eu estou aqui por você como você esteve por mim — eu me afasto para olhá-lo. — Diga que vai tentar.

— Eu vou — meu pai dá dois tapinhas em meu rosto e sorri. Meu coração sente um alívio imensurável.

— Eu te amo, pai.

— Eu te amo, filho.

Ainda conversamos um pouco. Conto para ele sobre a Meg. Mesmo sendo um segredo, afinal, sei que meu pai não diria nada. Eu precisava dessa conversa, precisava falar com alguém que me entenderia. Depois do que vivi com a Mel e toda a minha história que só ele conhece...

...

Desço a escada e tem cinco mulheres sentadas no sofá e um homem. Eric, mamãe, Sally, Corine, Emma e Ella. O Bernardo e o John estão sentados no chão com alguns brinquedos. Nem sinal de Emilly e Tom. Depois resolverei isso, mas ela ainda terá que pedir desculpas para a Meg.

— Mãe, o pai pediu que você suba com água para os remédios — falo com um sorriso no rosto.

— Deus! — Minha mãe fica de pé num pulo e as garotas abrem sorrisos. — Obrigada, filho — ela me abraça apertado.

— Agradeça a Meg — procuro a Encrenca e não a vejo. — Onde ela está?

— Lá fora, ao telefone — é o Eric quem responde.

Eu sigo em busca da mulher que virou minha vida do avesso e mesmo com todas as suas loucuras ainda consegue me fazer ver os pontos que em toda minha “*maturidade*” eu não enxergo. Ela está de pé, apoiada na pilastra de entrada da casa. De costas para a porta.

— Problemas? — pergunto e a abraço por trás. Ela apoia a cabeça em meu peito.

— Além do fato que sua família me odeia? — digo com um aperto no peito. Pela primeira vez na vida me importo com um homem dessa forma. Me importo com o que a família dele pensa de mim...

— Não odeiam não — a aperto em meu braços e beijo o topo de sua cabeça. — A Emilly não é fácil.

— Percebi assim que ela disse ser amiga da Betsy — viro para ele e inalo o cheiro em seu peito.

— Esqueça as duas por hora — ergo o queixo dela e deposito um beijo suave em seus lábios.

— Assim eu posso até esquecer — sorrio e ele afaga minhas costas.

— Ei, casal? Quer dizer, amigos! — É a Sally. Eu sorrio virando para ela e a Meg meio que se esconde em meu peito. — O Liam ligou, está fazendo uma fogueira para lembrar os velhos tempos e a deusa da noiva dele tem comida para todos nós. — ela sorri e vai entrando em casa, mas retorna e nos olha. — Eu não conto o “*segredo*” de vocês, mas têm que aprender a disfarçar melhor — nós três rimos.

Capítulo vinte e oito

Festa de interior

Não achamos a Emilly, então arrumamos tudo, inclusive o Tom e saímos para a casa do Liam. Ela tem carro e celular. Quando resolver aparecer, dará um jeito de nos encontrar. A Meg disse que ela lembra o Benjamin. Não gostei da menção a ele, mas a descrição que fez, tenho que dar o braço a torcer, é parecida mesmo.

O Liam fez uma fogueira monumental, digna de filme. Claro que com ajuda. Assim que chegamos pudemos ver os rapazes da corporação e suas garotas. Alguns solteiros também vieram. Espero que não olhem para a Meg. Nem sinal do Samuel e isso me deixa mais relaxado. Sigo com os rapazes na tarefa de pôr uma mesa da casa do Liam aqui fora e também algumas cadeiras. Em pouco tempo a Meg e a Amanda seguida pelas minhas irmãs arrumaram tudo, puseram até um tapete e almofadas. Eu vejo a minha garota vermelha coordenando tudo e só agora entendo como ela arrumou a festa da vó Judith, tão bem.

— Agora, vamos ao que interessa, a comida da Amanda — o Antony quase grita.

— Antony! — Liam repreende. É engraçado ver meu amigo todo bobo com a noiva, como se ela sequer notasse o Tony. De onde estou vejo as garotas comendo e conversando e parece um tema bom, porque sorriem.

Estou sentado em uma cadeira com uma cerveja na mão observando tudo. O Liam se aproxima de mim e senta ao meu lado e olha na mesma direção que eu.

— De vigia? Sabe que elas cresceram, não sabe? — ele ironiza.

— Sei... — meu olhar está focado em uma delas, a ruiva.

— Cara, você está tão morto — Liam é um bobão.

— Na verdade, acho que nunca estive tão vivo — eu respondo sem desviar minha atenção da minha garota.

— Então, você admite? — agora mais essa! Eu dou risada e olho para o meu amigo bobão.

— O quê? — tomo um gole da cerveja.

— Que você está perdido pela ruiva ali — ele aponta com a cerveja dele.

— Ei? Seja discreto! — Abaixo a mão dele.

— O quê? Agora temos doze anos? — ele começa a rir como o idiota que é.

— Sabe que deve ser?! — Ele me olha ficando sério de repente. — Me sinto assim perto dela.

— Sei como é — ele diz e olha na direção da Amanda. E eu esperando alguma piada infantil! — Sei exatamente como é amigo.

— Algum conselho? — brinco.

— Diga para ela como se sente — ele diz e olha para os próprios pés. — Ela já disse o que sente por você?

— Não, se está me perguntando se ela disse se me ama, não disse — eu tomo outro gole e ele também bebe.

— O que você acha? — dois homens barbados conversando que nem duas adolescentes apaixonadas. Eu mereço!

— Nada, não acho nada e nem quero achar — cruzo os braços. — Quero que ela goste de mim tanto quanto gosto dela.

— O que não é pouco.

— Dou muita bandeira? — olho para ele.

— Quer mesmo saber? — ele me olha erguendo a sobrancelha.

— Sou um idiota morto e quer saber?! Estou feliz por isso — sorrio e ele também. — Devo ter batido a cabeça com força.

— Bem-vindo ao clube dos idiotas mortos — nós brindamos e bebemos, voltando a observar as mulheres que mudaram os caminhos de nossas vidas tranquilas e monótonas.

...

— Nossa, sua amiga cozinha mesmo, hein?! — A Corine fala sorrindo para mim. Essa não me odeia. Eu estou contabilizando.

— Sim, sabe mesmo — sorrio de volta.

Estou sentada comendo horrores. Os acontecimentos do dia despertaram meu apetite e ver as comidas da Mamá assim só me fazem ter mais fome. A Sally está me acompanhando e a Corine também. Elas comem normalmente, ao contrário da Emma que não tira os olhos do livro e da Ella que está numa conversa longa com a Mamá.

— Então, fez o par perfeito porque o foguinho também cozinha — a Sally diz pegando um bolinho.

— Foguinho? — a olho surpresa.

— O Liam — ela cai na gargalhada. — Veja só — ela vira na direção dos rapazes. — Ei foguinho, achou alguém para dividir o avental? — o Liam a olha irritado.

— Não enche, salgada — todos riem.

— Caso de amor antigo — Corine solta e nós olhamos para ela.

— Não desse tipo, gente, de amigos. Amor de amigos — ela tenta emendar e fica vermelha.

— Acho bom! — Devolvo.

— Nem se preocupe, eu jamais teria algo com o foguinho — Sally ri relaxada. Sou mais o Mad. — sério? O patrulha?

— Deixa o Mad fora disso Sal, sabe que o Ed arrancaria os olhos dele — a Corine corta e eu sorrio. Adorei elas duas.

— Muito bem, muito bem — Sally senta e põe os pés em uma

cadeira. Ela tem um jeitão militar que acho engraçado e acabo imaginando ela e o Mad. — Ei, alien? — ela joga um marshmallow na Emma. — Comer, vem, livros não enchem barriga — Emma a olha e pega o marshmallow do chão e come, voltando ao livro. — Ótimo, vou ter que alimentá-la que nem cachorro — nós rimos de novo e vemos a Amanda e a Ella vindo em nossa direção.

— Então, a mamãe está com o senhor caquinha sujando o quarto da Amanda — ela fala se referindo ao Tom e suas fraldas.

— Eu não me importo — a Mamá sorri.

— Porque não é você quem está trocando as fraldas... — elas se sentam conosco e a Ella me olha. — Então, você é a melhor amiga da Amanda? — faço que sim com a cabeça porque estou com a boca cheia. — Foi assim que você conheceu o Ed?

Todos os olhos se voltam para mim. De súbito sinto vontade de contar tudo para elas, mas o medo bobo ainda está em mim. Meu celular acende e eu vejo a mensagem: *“As coisas boas da vida não são para você, ratinha”*. Eu forço para engolir tudo que tenho na boca.

— Meg? — a Mamá põe uma mão em meu antebraço.

— Eu já volto — ponho o prato de lado e saio. Preciso de espaço agora. Caminho até a beirada do lago.

...

De onde estou noto o semblante dela mudar quando olhou o celular. Ela agora está de pé na beira do lago. Eu fiquei de olho o tempo todo com receio de que minhas irmãs seguissem o exemplo da Emilly, mas ela parecia feliz até a droga daquele telefone acender. Caminho até ela.

— Já enjoou delas tão rápido? — brinco para mudar o clima.

— Não seja bobo, elas são ótimas — digo evitando o olhar dele. Não quero estragar esse momento feliz com meu problema.

— Ei? — ergo o queixo dela guiando para que me encare. — Eu vi quando olhou para o celular — ela torce o lábio.

— Não foi nada — queria na verdade fugir daqui, mas não sozinha. Queria fugir com ele, para os braços dele.

— Meg, seus problemas são meus também. Quando vai aceitar isso? — digo e ela me olha com medo. — Eu vou cuidar de você — digo sério.

— Não quero que cuide de mim! — Falo um pouco alto. — Droga, Ed... — reduzo meu tom de voz. — Não quero ser cuidada, nem protegida, nem...

— Amada? — falo e os olhos que tanto adoro me fitam enormes.

— Sem essa de me consolar... — corto e faço menção de sair e ele me puxa de vez em direção ao seu peito.

— Do que você tem medo? Porque eu não vou embora. Me deixe te amar, Meg — falo porque é isso que quero. Quero viver isso ao máximo que posso porque sei que por mais que deseje a eternidade, algumas coisas acabam antes que esperemos e a conversa com o Liam só me fez perceber o que já tinha dentro de mim. Não me imagino sem ela, noventa por cento dos meus pensamentos são para ela e se isso não é gostar, não é querer, não é amar... Eu com certeza estou doente.

— Por que você tem que ser assim? — ele está dizendo que me ama? Droga! Ele não disse, não é?! Disse que quer me amar... Eu vou ficar maluca de vez.

— Assim como? — afasto uma mecha de cabelo do seu rosto e a mantenho presa a mim.

— Tão romântico! — Digo em tom de brincadeira, mas queria dizer perfeito, lindo, incrível, magnífico, apaixonante...

— Ok, dona Encrenca, vou parar de ser meloso. Agora sem

rodeios, me diga o que tinha no celular — não vou pressionar mais porque sei que com ela é um passo de cada vez. Pelo menos ela não está fugindo do meu toque, mesmo em frente desse povo todo.

— Só uma mensagem boba. Sem fotos, nem vídeos — mostro para ele.

— Eu vou achar esse miserável e ele vai se arrepender de ter aprendido a usar internet e qualquer recurso parecido — digo isso em um tom mórbido e ela estremece. Eu a aperto em meus braços e ela devolve o abraço. Só então voltamos para o grupo que parecia muito ocupado em outras coisas quando tenho certeza que segundos atrás estavam nos observando. Apesar disso sei que ninguém ousará fazer qualquer comentário.

A noite chega bem animada e logo percebo que a Meg fez amizade com a Sally e a Corine. Agradeço por isso e minha mãe vem até mim e me abraça. Eu olho para a mulher que me deu a vida e que manteve essa família unida. Eu amo tanto essa mulher e a admiro também.

— Então, ela é o motivo da mudança na sua voz ao telefone? — dona Hellen me fita curiosa.

— Então, minha voz mudou? — a olho sorrindo.

— Sim — ela faz uma pausa. — De muito triste para radiante — nós dois sorrimos e eu beijo sua testa. — Se ela é o motivo saiba que tem todo meu apoio. A Mel iria querer ver você feliz — imagino que sim. A Mel tinha um coração livre de rancor.

— Obrigado, mãe.

— Não agradeça filho, é isso que as mães fazem.

— Ei, pessoal, tivemos uma ideia — a Ella vem gritando e nesse momento vejo o carro da Emilly chegar. Espero que não venha causar confusão. — Estivemos conversando e lembramos de uma tradição antiga da cidade. A festa da rainha do interior que tem uns cinco anos que não acontece

— todos aplaudem e riem. — Pois, então, temos aqui a Meg que me contaram que ela sabe organizar eventos como ninguém e a Amanda que cozinha perfeitamente bem.

— Duas pessoas não fazem uma festa, Ella — Joane grita.

— Eu sei, por isso que teremos que nos organizar e ajudar — todos ficam olhando-a sérios. — Vamos lá gente, uma tradição de nossa infância e adolescência além de ser uma festa. Coisa que essa cidade não sabe mais o que é — finalmente todos concordam e lá vamos nós numa turnê da loucura com minhas irmãs, a Meg e a Amanda no comando. Eu procuro a dona Encrenca com os olhos, mas não vejo.

...

— Você é bom, forte, inteligente, amado... — falo debruçada no bercinho enquanto observo o pequeno Tom dormir relaxado depois que troquei sua fralda. Subi para ver se a mãe do Ed precisava de algo e para lhe dar uma folguinha já que a Corine tem que manter os dela sob rédeas curtas. A Sally não para de comer e a Emma de ler... Eu sorrio para o pequeno e lembro do Ed com ele no colo.

— Então, você não é tão má — viro para encarar a Emily.

— Eu estava pondo ele para dormir — digo num impulso como se precisasse me explicar.

— Eu ouvi o que disse a ele — ela cruza os braços. — Alguém que trata bem uma criança mesmo quando ninguém vê não é tão má assim — que garota doida.

— Eu jamais machucaria uma criança — respondo dura, mas sem alterar a voz. Não quero acordar o anjinho.

— Mesmo sendo filho da bruxa aqui?! — Ela diz surpresa.

— Eu vou descer. Agora que chegou pode ficar com seu filho — corto e vou passando por ela, mas ela segura meu braço.

— Já ouviu que quem beija o filho, adoça a mãe? — ela me olha esquisito. — Olha Meg, a Betsy é minha amiga e ela me disse coisas sobre você que eu não gostei de ouvir.

— Deveria ter tapado os ouvidos — puxo o braço.

— Me deixa terminar — a encaro curiosa. — Apesar disso tudo que ela me disse eu tenho que confessar que o Ed ultimamente parecia muito feliz — cruzo os braços e fico olhando-a séria. — Ele não costuma se envolver com pessoas assim, talvez seja a carência, mas seja o que for, eu amo meu irmão e se você magoá-lo de alguma forma eu vou fazer você desejar não ter nascido — ela termina rígida.

— Já desejei isso uma ou duas vezes na vida — a encaro devolvendo o olhar. — E não tenho medo de você. Seu irmão é adulto e sabe o que está fazendo — ela me olha surpresa. Ela pensou que eu recuaria com medo. — E quanto a sua amiga, não tenho nada a ver com ela. Se te contar o que sei dela, com certeza não serão coisas boas. De qualquer forma ela não sabe nada de mim, não me conhece e nem sabe da minha vida. Ela é tola, amarga, malvada e cruel e sinto por você ter uma amiga assim. Só que isso não me faz ser igual a ela — digo isso e continuo saindo do quarto, ela me dá um olhar estranho. — E eu jamais machucaria uma criança porque a mãe dela é mimada — vejo suas sobrancelhas se erguerem, mas não espero uma resposta. Não perguntei nada mesmo. Eu não sou mentirosa, muito menos dissimulada. Se terei que lidar com uma garotinha que está acostumada a ter o mundo no bolso ela saberá quem é a Meg. Isso me faz lembrar o Ben e o Ed. Agora entendo como o Ed se sente com o Ben na cola dele...

Desço a escada para dar de cara com o Eric. Só me faltava essa. Eu começo a desviar, mas ele para em meu caminho. Eu o encaro com raiva. Minha cota de hoje acabou. Não tenho saco para birras de família.

— Sai da minha frente — digo dura.

— Trégua? — hã? — eu quero pedir desculpas pelas indiretas que te dei nas vezes que nos encontramos.

— Qual a pegadinha? — cruzo os braços.

— Nenhuma. Eu sei que foi você que mediou as pazes entre meu pai e o Ed. Além disso, por sua causa meu pai aderiu a medicação — ele sorri.

— Foi o Ed quem o convenceu — corto ainda em dúvida sobre essa conversa.

— Sério, Meg, quero trégua — ele diz parecendo sincero. — Sei que soei como um idiota esses dias, mas não era minha intenção. Eu estava sendo tolo.

— Nisso nós concordamos — finalmente sorrio.

— Então, o Ed chegou primeiro em você? — me surpreendo com a mudança de assunto. — Eu devia saber que não tinha chance. Toda aquela raiva infundada...

— Não sei do que está falando — digo desconfortável.

— Então, vocês não têm nada?! — Ele sorri largo. — Quer dizer que se eu te chamar para sair qualquer hora você aceitaria?

— Não — digo tão rápido que até eu me surpreendo. — Quer dizer...

— Que eu tenho uma chance? — ele interrompe.

— Não, sem chance — sorrio achando graça da situação.

— Entendo — ele abaixa a cabeça e quando volta a me olhar tem um ar divertido. — Cara de sorte esse meu irmão. A Mel, agora você... — eu fico roxa. Acho que ele está me comparando a Mel e me sinto esquisita com isso.

— Somos muito diferentes — digo torcendo os lábios.

— São sim — ele sorri como se soubesse um segredo valioso. —

Trégua? — ele me estende a mão que eu levo uns segundos para aceitar. — Se resolver mudar de ideia e aceitar meu irmão, saiba que eu não irei me opor.

— Me lembrarei de pedir sua permissão — nós dois rimos ainda de mãos dadas.

...

As coisas foram bem agitadas, mas as meninas ajudaram bastante. Até a Emily participou, embora não tenhamos conversado depois do diálogo sobre magoar o Ed. Ela me dá uns olhares estranhos que não sei se é me analisando ou me vigiando. De qualquer forma, formamos todas um time incrível e nem parece, mas já passaram quinze dias e a festa é o assunto da cidade. O dia se aproxima, amanhã estaremos na festa da rainha do interior. Tem uma votação para quem será essa rainha e teoricamente não podemos concorrer, mas insistiram pra Amanda participar como representante dos bombeiros. Ela morreu de vergonha, mas acabou aceitando por livre e espontânea pressão.

Estamos terminando os ajustes nas roupas. Ela usará um vestido tal qual rainha. Achei lindo e bem fantasioso. A Mamá merece isso depois de tudo que viveu. Ela terá seu dia de princesa e eu terei fogos e diversão. Sorrio fazendo as últimas anotações. Eu e o Ed engatamos algo meio sério. Tipo, todo mundo sabe, mas ninguém comenta. Não na nossa frente. Por isso eu me esforço em chegar no trabalho no horário, não quero dar motivos para me agredirem gratuitamente. As mensagens e e-mails deram um tempo e começo a pensar que não voltarão. Ao menos espero por isso.

...

Acordei empolgada, trabalhei, peguei os vestidos na costureira, olhei os últimos detalhes do local da festa, infernizei os rapazes que

desfilarão com o carro de bombeiro, peguei a roupa do Liam também e o Ed estará fardado, claro. Hoje é o grande dia. Os pais do Ed ainda estão na cidade e disseram que vão terminar o mês aqui assim como suas irmãs. A mãe dele me trata tão bem que sinto medo de fazer uma burrada. Apesar disso tenho a estranha sensação de que ela me perdoaria. Eu sorrio sozinha. Ela tem o mesmo olhar do Ed, ou ele tem o olhar dela. Um jeito de quem repreende, mas é com... Amor. Essa palavra tem me rondando tanto ultimamente e parece que quanto mais eu tento correr, mais ela vem para mim.

— Cheguei, amores! — Entro em casa cheia de sacolas e a Mamá vem em minha direção.

— Roubou as roupas das outras pessoas? — Amanda bobona.

— Não, sua tolinha, eu peguei umas coisinhas a mais e a roupa do seu amado porque sei que ele nem se lembra — ela sorri pegando a sacola.

— Tudo ok para hoje à noite? — a minha amiga nervosa com seu dia de rainha.

— Sim. Teremos fogos lindos e não se preocupe porque eu comprei os jurados e você ganhará.

— Maluca! — Nós duas rimos e subimos para começar a arrumação feminina. Afinal, é fim de tarde e ainda teremos que fazer cabelo, maquiagem, conferir pela milésima vez os ajustes da festa além da Mamá ir supervisionar o bufê.

A Mamá termina primeiro de se arrumar. Teima em deixar a maquiagem suave. Bem, não vou discutir isso com ela, mesmo porque já vai se expor demais sendo candidata a rainha do interior. Eu sorrio toda vez que lembro o tema da festa. Quem diria que nós duas estaríamos assim? Comemorando uma festa na “*roça*”?! Termino meu look com um toque de perfume e desço.

— Uau! — Escuto o espanto da minha amiga.

— Gostou? — dou uma voltinha.

— Amei!

— Eu também, estão lindas e agora vamos — o Liam fala e coitado, deve ter ficado mais de uma hora nos esperando.

— Vamos, príncipe!

...

Estou ansioso esperando pela minha garota e assim que vejo o carro do Liam meu coração dá um salto. A minha Meg desce com um vestido dourado, longo e tem os cabelos presos. Ela se volta para pegar algo no carro e vejo que o vestido tem um decote generoso nas costas. Eu engulo em seco. Ela é linda e está linda. A forma como se move, como sorri e esse cabelo vermelho que eu adoro... Tudo nela é perfeito. Nesse instante os olhos dela batem nos meus e eu não consigo me mover. Ela brilha e se destaca no meio de tudo. Ela é a minha luz no fim do túnel e me dou conta do quanto estava no escuro antes de ela chegar. Agora eu entendo o que falam de encontro de almas. Ela caminha em minha direção e tenho que manter o maxilar no lugar.

— Oi, xerife! — Digo sorrindo por perceber que ele está sem palavras. Essa era a intenção. Me aproximo dele e acaricio o peito dele com uma mão. Ele toca meu rosto e desce os lábios dele em direção aos meus. Eu desvio e me aproximo de sua orelha. Tarefa impossível se eu não tivesse com salto e ele nessa posição. Eu sussurro em seu ouvido. — E dessa vez não tem calcinha alguma — escuto ele expirar.

— Meg! — A Mamá me grita e eu me afasto dele, dou um sorriso daqueles ao ver a forma como os olhos dele escureceram de desejo. Sigo o caminho até a minha amiga e sei que o Ogro tem os olhos colados em mim...

Ela segue naquele passo só dela e eu continuo como um babão olhando a minha garota dominar o mundo. Eu abaixo a cabeça e rio sozinho.

Retorno para a festa e está tudo perfeito. A Encrenca sabe mesmo como fazer uma festa. As comidas também estão ótimas, a Amanda e o clube das cinco capricharam. Não posso atribuir crédito à dona Encrenca porque sei como ela é na cozinha... É quase meia-noite quando me dou conta de que as coisas hoje foram boas. Meu pai parece animado com minha mãe. Faz um bom tempo que eu não os assistia assim. Até dançaram. Olho em volta e não vejo a Meg.

— Ei, homem-morto, a sua garota foi ligar o gerador — o Liam se aproxima. — Está na hora do desfile no carro de bombeiro e então teremos um discurso ou dois e aí os fogos.

— Ótimo — digo satisfeito. Até agora tudo dando certo. — E você? Com medo que roubem sua rainha? — provoco.

— Nem vem, já não basta a equipe, você também?! — Ele entufa.

Eu começo a rir mas paro no minuto seguinte quando vejo as luzes se apagarem por completo e escuto uma confusão de vozes vindas da direção dos geradores. Droga! Estava perfeito demais. Eu e o Liam corremos para lá.

— Foi você, eu vi! Você fez de propósito — a Betsy está gritando e uma aglomeração de pessoas começa a se formar. Chego para ver a Meg e a Betsy no centro da roda.

— Você é louca? Eu não estragaria uma festa que ajudei a arrumar — ela diz isso, mas há muitas pessoas olhando-a com descrença.

— Você é assim, a cidade toda sabe — Betsy continua. — Sempre quer causar, chamar a atenção. Não pôde ser rainha e sabotou a própria amiga.

— Sua... — seguro a Encrenca no ar.

— Já chega! — Ordeno e todos me olham.

— Finalmente, xerife. Agora só resta saber se você vai puni-la como é devido ou vai passar a mão na cabeça dela — encaro a Betsy, mas

não solto a Encrenca, porque sei que ela arrancaria a cabeça da sua inimiga aqui.

— Ei, Betsy, vai com calma aí. Muita calma mesmo. Até agora só ouvi suas acusações e não sei do que se tratam. Além disso, você acaba de insinuar que sou corrupto se entendi bem. É isso mesmo? — ela perde a cor e me olha nervosa.

— Não, Ed, eu só... — ela gagueja. — Ela estava aqui sozinha e queimou o gerador que já foi checado hoje, então, quem mais seria? — todos parecem crer que a Meg fez isso e eu olho para ela que me devolve o gesto com certo ar de desespero.

— Então, você acaba de dizer que a acusou sem provas — afirmo duro. A Meg parou de querer se soltar e está muda. Reação estranha, esperava que ela gritasse agressões para a Betsy.

— Não, eu disse que foi ela. Você não ouviu? — a Betsy grita se descontrolando.

— Não, você disse que ela estava sozinha — corto.

— Pessoal, conseguimos ligar o outro gerador — Antony aparece ofegando. — As luzes voltaram.

— Muito bem, circulando todos — falo alto.

— Ela sai impune? — a Betsy não desiste e as pessoas fazem coro com ela.

— Já chega, a luz voltou. Retornem a festa e eu averiguarei. O culpado será pego.

— Espero que sim — a Betsy hoje está pior que nunca.

— E falso testemunho é crime também, espero que saibam disso antes de levantar hipóteses — eu retruco e ela sai. Assim que ficamos a sós, Meg me olha séria.

— Eu vou embora — sabia que uma hora tudo daria errado.

— Ei? Você arrumou tudo. Se existe essa festa eles devem a você — ela me olha com a decepção gravada em seu semblante.

— Eu vou embora — começo a andar me afastando dele.

— Eu te levo — a acompanho e vamos no meu carro para a casa da Amanda. Ela não fala nada no caminho. Rosto virado para a janela, alternando entre um suspiro e outro. Assim que chegamos ela desce logo e tira as sandálias indo em direção a casa, com elas na mão.

— Meg? — ela não se vira. — Meg? — apresso o passo e seguro seu pulso e só então ela me olha com lágrimas nos olhos. — Você não dançou comigo — ela me encara franzindo a testa e eu a puxo e começamos uma dança lenta, sem música. Ela pisa, a ponta dos pés, nos meus. Sem salto fica difícil para ela me acompanhar. Sinto o aroma que ela exala e minha garota se aconchega a mim apoiando a cabeça em meu peito. Ficamos assim um tempo e então ela se afasta para me olhar.

— Eu serei sempre a errada, não é? — olho para ele, embora saiba que eu mesmo causei essa desconfiança gratuita.

— Meg, não é assim...

— Não fui eu, Ed! — Corto e me desvencilho dele.

— Droga, Meg! — Falo e a puxo pelo braço. — Vem! — Que se dane todo mundo.

— O que está fazendo? — o encaro surpresa, mas a minha reação é segui-lo.

— Te levando a um lugar.

— Não vou voltar lá, eles me odeiam.

— Que se danem todos eles — a coloco no carro e dirijo até um lugar onde dá para ver a festa a distância.

— O que é tudo isso, Ed? — viro para olhá-lo.

— Observe — assim que falo um show de fogos enfeita o céu e

ela abre os lábios em espanto e então sorri.

— É lindo! Nossa! Não imaginei que ficaria tão perfeito — digo e sinto por não poder ter visto de perto. — Pena que não pude estar lá, ver a Amanda... Eu não estraguei o gerador Ed, não fui eu, juro — lembro de quando estava lá e não parecia que eu estava só. Será que foi a monstra da Betsy?

— Não precisa jurar. Você gosta de plateia, não faria algo assim escondido — digo olhando-a nos olhos.

— Isso foi um elogio? — pergunto irônica. Ótimo, pelo apoio moral esse que eu recebi.

— Ei? — a seguro pelo queixo. — Eu sei que não foi você — então eu a beijo e ela pula em meu colo. De frente para mim, uma perna de cada lado. Eu afasto meus lábios dos dela. — Eu sei, porque eu conheço você e eu... Amo você. — ela me fita surpresa. — Do jeito que você é, mas isso não quer dizer que não vá ficar de olho. — ela começa a esboçar um sorriso, mas parece ter a língua presa. — Namora comigo? — estou pedindo ela em namoro? Estou sim, mas e daí?! Acabei de assinar minha sentença de morte ao me declarar...

— Quer namorar uma delinquente? — digo sabendo que deveria dizer algo mais. Estou em choque com o “*amo você*”. Ele me ama? Meu coração bate tão rápido que parece querer quebrar meu esterno.

— Eu sou o xerife, não me subestime, posso te pôr na linha — ela me dá um beijo carregado de paixão. — Ei, me responda, moça — ela ri ao máximo.

— Eu ainda estou sem calcinha — o olho com um ar divertido. Ele confiar em mim teve um efeito maravilhoso para minha alma partida, mas ele dizer que me ama, nossa! Se eu cair dessa vez sei que não terá como juntar os pedaços, porque por Deus como quero que isso seja real.

— Não foi isso que perguntei — tento ficar sério e não pensar nela sem roupa íntima, sentada desse jeito em meu colo, mas meu corpo tem vida própria.

— Namorados fazem sexo no carro? — sei que é uma pergunta idiota, mas eu gosto de ver a cara dele cada vez que falo uma bobagem assim.

— Está querendo me matar? — brinco e ela apoia as mãos na minha nuca. Eu aperto sua cintura e colo minha testa na sua. — Namorados podem fazer o que você quiser fazer, desde que diga sim — sinto sua respiração quando ela exala tensa.

— Sim! — Minha voz sai um sussurro, mas eu sei que ele me ouviu pela forma como me beija, desesperado, voraz. Depois disso somos um embolado de mãos e bocas e o mundo lá fora não existe. Não há Emilly, não há Betsy, não há e-mails, mensagens... Só eu e meu Ogro, dentro de um carro, sob um show de fogos que parece não acabar mais.

Capítulo vinte e nove

E quando parece que tudo vai bem...

Acordo com uma sensação de leveza e ansiedade. Pisco algumas vezes e olho para o teto. As palavras “*Ele me ama e me pediu em namoro.*” piscam em neon na minha mente. Não quero levantar, não quero trabalhar, quero apenas continuar nessa sensação de torpor. É como se o tempo tivesse parado e eu fico revivendo a cena final da noite de ontem. Só faltou dormirmos juntos, mas com a família dele rondando o tempo todo sei que não me sentiria bem em acordar e dar de cara com alguém. Por exemplo, a Emily.

Apesar de toda essa moleza emocional eu me forço para fora da cama. Tomo uma ducha e me arrumo descendo com um sorriso tatuado em meus lábios. Assim que chego na cozinha encontro uma Amanda cantarolante e um Liam sorrindo igual ou mais que eu. Ele cozinha e ela põe a mesa. Tão cedo? Eu me apoio na bancada observando a cena de casal e sou invisível aqui.

— Bom dia! — Digo bem alto e eles me encaram surpresos. — Isso tudo é por que vocês me amam ou temos formigas nas camas? — eles sorriem um para o outro e o Liam se aproxima da Mamá, enlaçando ela pela cintura.

— Temos uma data — ele fala exalando felicidade.

— Data? — franzo a testa e levo alguns segundos observando as caras bobas na minha frente. — Ai meu Deus! — Levanto e começo a pular como uma criança em um parque infantil. — Data! — Grito e abraço os dois, então, me afasto. — Quando? — estou exultante aqui. Finalmente uma data e logo uma festa e peço a Deus, de toda minha alma que venham filhos.

— Para ontem — o Liam provoca.

— Amor! — Mamá sorri. — Daqui a dois meses.

— O quê? Ficou doida? — me exaspero. — Isso não dá nem para o vestido.

— Meg, eu quero algo simples — sério? — uma cerimônia íntima, só família e alguns amigos. Aqui mesmo, à beira do lago.

— Pensando por esse lado será algo romântico — dou o braço a torcer. — A cara de vocês — eles sorriem e nos sentamos para o café.

— E como madrinha de honra, será você a arrumar tudo — engasgo.

— O quê?! Não, nem vem, não posso com essa responsabilidade toda!!!!

— Ah, pode sim — a Amanda é taxativa.

— Contamos com sua agilidade e bom gosto — o Liam completa e não posso me negar.

— E eu contarei com quem? Porque vou precisar de ajuda e muita — começo a rir nervosa. Estou um misto de excitação e temor.

— Com a Danna — a Amanda fala. Ótimo, duas mulheres para arrumar tudo.

— E as irmãs do Ed — o príncipe fala e eu faço uma careta lembrando da Emilly. — A Corine e a salgada — ele e a Sally têm apelidos carinhosos... Devo me lembrar de perguntar ao Ed sobre isso.

— Ok, tenho até umas ideias para algo temático — me lembro que em alguns dias será Halloween... O Ed de Ogro, eu de Fiona...

— Ei? Meg? Terra fazendo contato — a Mamá estala os dedos em frente ao meu rosto. — Nem vá por aí. Algo simples — sorrio.

— Certo. Flores do campo, toalhas brancas, talheres dourados... — ela meneia a cabeça e eu ponho um pedaço de pão na boca. Alguém bate à porta e todos fazemos menção de levantar, mas deixamos o Liam ir.

— Bom dia! — O Ed. Meu coração salta. Eu fico sem saber o que

fazer ou dizer. Virei uma adolescente de filme da tarde.

— Bom dia, Ed. Junte-se a nós no café da manhã — a Mamá fala e ele se senta ao meu lado.

— Bom dia, Meg! — Olho para ela, que olha para o prato. Agora ela tem vergonha de mim?

— Bom dia — eu falo me segurando para não encará-lo. Sei que o Liam e a Mamá estão de olhos em mim. Sinto minhas bochechas queimarem.

— Alguma coisa sobre o gerador? — é o Liam quem me salva por hora.

— Estava faltando uma peça — falo e olho para a Encrenca.

— Mas eu fui verificar com os rapazes ontem ainda e estava tudo certo — viro para ele surpresa. O Ed me devolve o olhar erguendo as sobrancelhas como quem diz oi.

— Foi o que eles me disseram — ela volta a desviar o olhar. Qual o problema agora? — e também acreditam em você — ela me olha de novo. — E espero que não duvidem mesmo, porque ninguém duvida da minha garota na minha frente — provoco e ela engasga. — Calma aí, moça, não vai morrer engasgada. Não agora que parou de me enrolar.

— Ed! — Quase grito e vejo o Liam com um ar de eu sabia e a Amanda com o queixo no chão. — Droga! — Bebo um pouco de água e olho o Ogro nos olhos. — Não sabe manter a boca fechada?

— Nem vem, você disse sim — falo, mas não estou chateado. Ela está da cor do cabelo.

— Então, não ia me contar, Meg? — a Mamá faz a ofendida.

— Claro, mas ainda estava processando a bomba que jogou em mim agora há pouco — ela faz cara de confusa. — Casamento, data, dama de honra...

— Ah! Sei... — ela estreita o olhar. — Vou deixar passar só porque estou muito feliz.

— Estamos! — O Liam e o Ed fazem coro.

— Sem fugas, dona Encrenca — a puxo meio de lado e beijo seu rosto. O Liam e a Amanda riem do apelido.

Acabamos o café e eu pego uma carona com meu “*namorado*”. Dentro do carro eu dou algumas olhadas de soslaio para ele, que parece me ignorar. Quando estamos quase na delegacia ele fala.

— Anda, põe pra fora antes que essa cabecinha linda dê um curto — a olho de canto esperando alguma ideia mirabolante surgir dali.

— Vai contar para todo mundo? — não consigo evitar a pergunta, porque mesmo sabendo que todos já devem imaginar, eu ainda me sinto insegura com a situação.

— Que eu sou seu primeiro namorado? — disfarço.

— Ed! É sério — *entufô*. Meg, a medrosa!

— Do que você tem medo exatamente? — paro o carro na minha vaga e viro para olhá-la.

— Não sei — minha voz sai num sussurro e eu abaixo o olhar.

— Não tem o que temer — ergo o rosto dela devagar. — Você é a namorada do xerife — ao ouvir isso ela abre um sorriso magnífico.

— Convencido — falo e colo meus lábios aos dele. — Então, vou ter regalias? — devolvo a diversão.

— Nem sonhando!

— Então, qual a graça nisso tudo? — ele desce do carro e abre a porta do carona para mim.

— Você terá carona todos os dias! — A puxo em meus braços. Poderia passar o dia todo com ela assim, colada em mim.

— Nossa, quantas vantagens incríveis — reviro os olhos.

— Não seja mal-agradecida — a guio para dentro, de mãos dadas e ela não retruca. Percebo os olhares sobre nós, mas não importa. Ela é minha, ela disse sim e isso me faz o homem mais idiotamente feliz do mundo.

...

Após uma manhã chata de nenhuma atividade importante eu estou levando a Meg para almoçar comigo, em casa. Ela está tensa e eu acho graça. Imagino como deve ser isso para ela... Primeiro namoro sério. Assim que chegamos eu desço do carro, mas ela não sai. Só noto quando chego na porta e ela ainda está lá no carro, sentada, estática.

— Ei? Desça, já chegamos — olho com um sorriso divertido.

— Você está gostando de me torturar não é? — cruzo os braços, é o único movimento que consigo fazer.

— Não, sua boba — abro a porta e me agacho ao seu lado. Ela me olha e esfrega as mãos. Eu as seguro nas minhas. — Nossa! Você tá gelada, pimentinha — ela me olha entre rir e me bater com o apelido. Mais um para a coleção. — Não fique assim, você já conhece eles e sabe que gostam de você.

— Podemos fazer isso outro dia — tento uma última vez.

— Meg! Sai desse carro logo ou eu vou te levar no ombro e aí sim teremos uma bela cena — falo tentando ficar sério.

— Tá bom, Ogro! Eu já entendi — levanto. Endireito a coluna e ergo a cabeça. Se vou para a batalha vou firme.

— Relaxe, são pessoas que você já conhece — digo para ela antes de entrar em casa.

— Vocês demoraram — minha mãe é quem fala e vem em nossa direção enxugando as mãos em um avental. — Oi, querida — ela abraça a dona Encrenca que de tão rígida parece que vai partir ao meio. — Tudo bem?

— minha mãe se afasta um pouco e encara a Meg.

— Sim — me limito a uma palavra e não sei descrever o quanto eu me senti bem com esse abraço. Abraço de mãe.

— Então, venha, querida, me ajude aqui enquanto o Ed lava as mãos.

— Ajudar? Isso não é uma boa ideia mãe! — Provoco e recebo uma cotovelada. — Ai! — A puxo à força e dou um beijo estalado nela. Saio em direção ao banheiro, mas antes dou uma boa olhada na minha garota, literalmente vermelha agora.

— Não ligue para ele querida, está te provocando — a dona Hellen fala para mim e eu exalo. Seguimos para a cozinha. — Sabe? Faz tempo que não o via assim, brincalhão, com esse ar de menino. Faz muito tempo...

— Espero que isso seja uma coisa boa — digo me sentindo feliz por ser o motivo dessa mudança.

— É sim, meu anjo — eu? Anjo? Me derreto toda. Ela é muito gentil.

Em pouco tempo estamos engatadas em uma conversa sobre o que gostamos de comer, histórias de família e coisas da infância do Ed. Ela me conta seus pratos preferidos e afirma que vai me fazer aprender todos eles. Eu cozinhando para um cara... Assim que acabamos de aprontar tudo o Ed aparece e suponho que ele sumiu de propósito. Ele vem acompanhado do pai e noto um movimento na entrada da casa. Lá estão as cinco, mais os pequenos, seguidas pelo Eric e um rapaz.

— Oi, família! — é a Corine quem cumprimenta. — Meg? — ela parece surpresa. — Que bom que está aqui, assim posso te falar das flores para a Amanda — ela é uma das que se dispôs a me ajudar com o casamento relâmpago da Mamá. — Além de apresentar o pai dos meus pimpolhos. Gael,

essa é Meg e Meg, esse é Gael — ela faz as apresentações.

— Oi, Meg — ele me estende a mão que aceito prontamente. É um homem bonito e tem cara de tranquilo, contrastando com a Corine que parece sempre tensa.

— Apresenta direito, Ine — é a Sally quem entra na conversa. — Gael, essa é a garota do Ed — todos me encaram e eu desejo muito ser invisível agora.

— O mistério é como ele conseguiu enrolá-la para aceitá-lo, Gael — o pai do Ed fala e todos riem.

— Pai! — O Ed faz cara de zangado. — Eu sou seu filho, lembre-se disso. O mais querido.

Com esse comentário uma guerra de egos começa. Quem é o preferido, o mais amado... E por aí vai. Eu me divirto vendo tudo isso e quase me sinto em família... Depois do almoço não consigo negar uma partida de videogame com os pequenos. A Emilly sempre me observando de canto de olho. Eu tento ignorar e quando dou por mim já é quase fim de tarde.

— Muito bem, chega de aporrinhar a Meg. Ainda temos que nos organizar, tirar as malas do carro. Fazer um novo mercado — a Corine interrompe a brincadeira aparecendo na porta.

— Ah, mãe. A tia Meg é tão legal. Deixa mais um pouco — é o Bernardo quem fala e ouvir meu nome junto da palavra tia me faz perder a fala.

— Quem disse que ela gosta de ficar de babá? — ela me olha sorrindo. — E você pediu a ela para chamá-la de tia?

— Eu não me importo — me apresso em responder por ele.

— Viu? Ela não se importa — ele dá um sorriso confiante e tem um jeito de Ed.

— Depois, agora venham a ajudar a mamãe — ela me olha

sorrindo. — Cuidado ou eles te põem no bolso — nós saímos juntos da “*sala de jogos*” e descemos para dar de cara com um monte de malas na sala.

— Vocês já vão embora? — pergunto surpresa.

— Não, estamos abandonando o hotel — é a Sally quem fala.

— Por quê? — eles não vão caber todos aqui.

— Porque o papai não curte mentirosos — a Emma fala e a Emilly faz uma careta.

— A mamãe não aceitou bem a acusação da Betsy contra você, sem provas — a Sally me sussurra. E agora eu quero gritar sacudindo pompons. Eles estão me apoiando? Estão me defendendo? Eu me sinto mesmo em família agora, apesar da Emilly, mas toda família tem o indesejado.

— Eu disse que ninguém fala mal da minha garota — O Ed diz e me beija. Deus! Ele tem que fazer isso assim? Na frente de todos.

— Ed, pare já com isso. Seus sobrinhos e mãe estão aqui — o pai dele repreende.

— E as irmãs pai — a Sally completa e todos riem.

— Não quero causar problemas para vocês — digo constrangida.

— Já causou — a Emilly fala e todos se voltam para ela.

— Não era minha intenção — falo, mas assumo uma posição defensiva.

— Nunca é — ela diz e vem em minha direção. Eu me preparo para farpas, mas ela estende a mão para mim. — Desculpe pelo outro dia — ouvi isso mesmo?

— Não precisa...

— Precisa sim. Eu adoro a Betsy, temos muitas histórias juntas, mas o Ed tem razão. Não posso acatar tudo que ela diz, só porque diz — agora estou chocada. Não esperava essa. — Vamos, pegue minha mão e

façamos uma trégua, não me deixe com cara de idiota.

— Foi o que você foi, agindo assim — a Emma retruca.

— Calada, Em, eu sei que você me ama — ela brinca e Emma sorri. Apesar das farpas elas são bem unidas. Sei disso pelas descrições do Ed e pelo tom de voz, mesmo quando estão criticando umas às outras. — Meg? — então, ergo minha mão segurando a dela, que me puxa para um abraço menos esperado ainda. — Mantenho o que disse sobre o Ed — ela sussurra em meu ouvido e eu sorrio da situação. Essa é a Emilly.

— Agora chega dessa melosidade. Ainda temos que organizar quem dorme aonde, como... — a Ella corta o clima.

— Não se preocupem, usaremos a casa do foguinho — a Sally sorri.

— Sério? — a Ella pergunta.

— Sério. Ele vive na casa da namorada e lá tem pelo menos uns três quartos. Gêmeas em um. Eu e meu clã em outro. Pai e mãe no terceiro e a Sally na sala — a Corine explica.

— Não precisam se amontoar. A Sally pode ficar lá em casa — o Eric intervém.

— E a Emilly e o Tom aqui — o Ed completa.

— Desde que a Meg não se oponha — a Emilly provoca.

— Jamais, eu adoro o Tom — devolvo e todos riem.

O resto dos dias seguem em um turbilhão de emoções e atividades. Escolher vestidos, sapatos, bolo, flores, fazer convites, decoração, mesas... Um casamento, por mais simples que seja consome demais uma pessoa. Apesar disso, meu namoro de primeira viagem está tão bem que me dá forças para qualquer outra coisa. Além de ser o casamento da Mamá, minha Mamá. Eu ligo o computador para uma última olhada no convite que chegou hoje à tarde e um e-mail pisca. Eu abro prontamente, pensando se

algo sobre o casamento, talvez sobre as bebidas que o Benjamin vai dar de presente.

Para minha completa infelicidade é um e-mail do perseguidor maluco. A minha alegria se esvai e meus lábios se fecham. Ele manda esse e-mail com mais uma afirmação de que a felicidade não é para mim. Alguns minutos depois manda outro, e outro, e outro e assim por diante. Eu me irrita e fecho o notebook com força. Tenho vontade de jogá-lo contra a parede e meu celular pisca.

“Conte os segundos, ratinha, as horas estão passando rápido e logo, logo eu vou te mostrar o que é o inferno!”

Essas palavras piscam em minha frente e eu sinto minha garganta secar. Nesse instante recebo um alerta de foto e quando abro não consigo crer no que vejo. Fotos do Ed, dormindo. E são recentes. Como em nome de Deus ele conseguiu isso?! Levo as mãos à boca num gesto impotente e desesperado. O medo toma conta de meu coração e mais uma mensagem invade a tela do meu celular.

“Você prefere passar suas últimas horas com ele ou deixá-lo viver? Pense bem e decida sozinha. Se mostrar para alguém ratinha, não vera outra vez os olhos azuis do xerife!”

Merda, mil vezes merda! Ele sabe do Ed, sabe que é xerife, sabe de tudo. Ele me seguiu e está me vigiando esse tempo todo! É claro que sabe, Meg. Você trocou celular, e-mail, endereço e ele te achou todas as vezes. E pensar que aqui nesse fim de mundo ele iria me seguir... Que tipo de doente faz isso? O que eu posso ter feito de tão grave assim para ter alguém com tamanho ódio por mim? Essas questões encham minha mente e lágrimas quentes descem pelo meu rosto. Não posso contar ao Ed, não posso dizer a ninguém, não posso pôr em risco a vida das pessoas que amo.

— Oi? — ergo a cabeça assustada dando de cara com o Ed que

me olha preocupado.

— Meg? — olho para a Encrenca em lágrimas e isso aperta meu coração. Eu ando até ela. — Por que está chorando? — droga! E agora Meg? Pense rápido.

— Me emocionei com as coisas do casamento e relembrando tudo pelo que a Mamá passou — digo num impulso e ele parece duvidar por uns segundos, mas seu semblante suaviza e ele me aperta num abraço reconfortante.

— Não fique assim — acaricio suas costas. — Vim buscar você para jantar — a olho sorrindo e ela parece meio perdida. Sei que devem ser lembranças terríveis. O Liam me disse que era algo barra pesada, mas não entrou em detalhes.

— Acho melhor não, Ed. Amanhã será um longo dia — a decepção no olhar dele corta meu coração, mas não posso arriscar. Tem um maluco lá fora de olho em mim, de olho no meu Ogro e se para não perder ele eu tenho que perdê-lo. Assim será. Não vou ter mais uma morte perseguindo meus dias. Eu não suportaria. Isso não.

— Tem certeza? — ainda insisto, mas acho que ela precisa de espaço.

— Tenho — digo e ele me beija. Algo rápido, porque me esquivo com receio que de alguma forma, alguém esteja nos observando. E sensação de ser vigiada cresce à minha volta.

Capítulo trinta

Sacrifício

Chega o grande dia e tudo parece perfeito. A Mamá está linda e o Liam nem se fala. Uma tensão só. Eu sorrio para minha amiga que emana felicidade, mas em meu coração há um peso enorme. Tenho evitado Ed o máximo esses dias. Preciso fazer algo, e já sei o que é, mas precisava esperar o casamento. Assim que a Amanda seguir para lua de mel vou partir. Não serei um problema na vida de ninguém. Não mais. Além disso, tenho que fazer algo para o Ed me esquecer... Não! Tenho que fazer algo que o faça me odiar, assim será melhor...

— Ei? Eu que vou casar e você que está morrendo de medo? — a Mamá me abraça.

— Não é medo — devolvo o abraço. — É ansiedade — disfarço.

— Sei — ela me aperta mais. — Eu te amo, Meg — olho nos olhos da minha amiga, minha irmã, e não consigo me despedir.

— Também te amo — ela acaricia meu rosto e eu seguro sua mão. — Agora chega ou vamos chorar e borrar tudo — alguém bate à porta e me salva desse momento de tensão emocional.

— Amy? — é o Ben. — Alguém quer falar com você — ele tem um timbre tenso e abre mais a porta e então, damos de cara com o pai da Amanda.

— Amanda? — ele fala olhando para a filha e tem uma expressão tensa.

— Pai? — ficamos, eu e o Ben, parados observando a cena. Faz anos que não se falam.

— Podemos conversar? — ele diz vacilante.

— Não tenho nada a dizer — ela fala com mágoa na voz.

— Pode ao menos me ouvir? — ele pergunta e sinto um temor que nunca pensei ouvir na voz desse homem. — Sei que sou a última pessoa com direito de pedir algo a você. Na verdade, sem direito algum...

— Por favor, Amy — o Benji implora.

— Diga, mas seja breve, meu noivo me espera — ela tenta parecer firme, mas eu conheço a Mamá e quando faço menção de sair ela segura minha mão. Sinto o tremor que toma conta dela passar por mim. — Você fica, Meg — fico. Se ela quer eu fico.

— Eu vim implorar seu perdão — ele diz.

— Depois de tudo? — ela parece chocada.

— Sim, depois de tudo — ele se aproxima, ela dá um passo atrás e ele para. — Eu fui tolo cego pelo ciúme, Amanda.

— E eu paguei por isso — ela soa enfática, mas sinto seus tremores aumentares.

— Quando te vi naquele hospital, por minha causa, porque eu abandonei você... — ele começa a chorar.

— Você só foi lá porque soube do nosso sangue — ela fala, fazendo força para ficar de pé.

— Não! Eu fui pela sua mãe. Porque mesmo acreditando que ela me traiu eu a amava, eu a amo... — ele vacila e um soluço corrompe sua sobriedade. O Ben o apoia.

— Pai? — Ben o segura e Amanda faz menção de ir até ele.

— Me deixe continuar, Ben — ele encara a Amanda e então se ajoelha. — Sou um miserável que não mereço você, nem seu irmão ou sua mãe. Estava cego, Amanda. Queria ferir como fui ferido e acabei magoando a coisa mais preciosa que já tive na vida — ele faz uma pausa para respirar. —

Minha família — agora o homem que sempre vi como um rei se entrega a soluções intermináveis e desmorona.

— Pai! — Ben o apoia como pode e a Amanda ajoelha-se ao lado dele me puxando junto. — É o coração dele, Amy — Ben coloca um comprimido na boca do pai.

— Não, Benjamin, eu te proíbi — ele ainda encontra forças.

— Chega dessas tolices, se você morrer não vai adiantar em nada o perdão da Amanda.

— Morrer? — a voz dela sai fraca.

— Sim, ele está com o coração fraco — Ben a encara. — No início da carreira ele teve contato com muito químicos devido às idas a campo em busca das pedras preciosas — Benjamin apoia o pai contra o peito.

— Não quero que me perdoe por pena — ele fala em um esforço.

— Sempre tão orgulhoso, pai — Amanda fala e sinto sua voz suavizar. Ela segura a mão dele. — O que me aconteceu não foi culpa de uma só pessoa, pai.

— Amanda eu...

— Não, pai — ela interrompe. — Você quer que eu o perdoe? Eu perdoo por ter me magoado. Por não estar lá quando precisei. Por, mesmo sabendo que eu era sua filha, me ignorar esse tempo todo — ela tem o rosto lavado de lágrimas.

— Você é como sua mãe — ele diz isso com pesar. — Tem um coração enorme e eu juro que enquanto eu viver farei tudo ao meu alcance para que consiga ter um filho — a Amanda olha surpresa para o Benjamin.

— Eu sei, Amy, mas ele é nosso pai, eu tinha que falar sobre você para ele — ela assente um tanto contrariada.

— Pai, se quer me dar algo em compensação seja um avô diferente de como você foi como pai — ele a encara esperançoso. — Não

quero seu dinheiro e saiba que talvez eu adote uma criança.

— Não importa. Eu irei amá-la por ser sua seja como for. Você me deixará participar da vida dela?

— Sim, mas se mantenha vivo até lá — ele vem em direção a Amanda e ela o acolhe num abraço tímido e então, eles se seguram como se não fossem mais se separar.

— Perdão, minha filha, perdão — ele ainda chora. Na verdade todos choramos. Para minha surpresa ele segura minha mão e eu olho da Amanda para ele — Obrigada por ser o anjo na vida da minha filha, Meg. Eu sei que você a salvou... — eu não tenho como responder isso.

— Vem, pai — o Benjamin o ajuda a se levantar. — Vamos nos recompor. A Amy te perdoou — ele diz tentando diminuir a carga emocional aqui.

Nos levantamos e começamos a nos arrumar quando alguém bate à porta.

— Amanda acho bom você sair daí ou o Liam vem te buscar — é o Ed. Eu abro a porta. — O que houve? — ele me beija e isso me quebra mais ainda. Depois de todas essas emoções eu ainda tenho que passar por isso. Deus! Não vou aguentar.

— Reunião de família — me afasto e ele vê o pai da Mamá.

— Desculpem, mas o Liam está incontrolável — fico curioso com a cena.

— Estou descendo, Ed, só vou me retocar.

E assim acontece. O pai da Amanda fica de molho em casa enquanto seguimos para a cerimônia. Consideramos muita emoção ele ainda entrar com ela e a minha amiga escolhe entrar com o filho. Isso parece uma loucura teatral, mas no final tudo tem o toque das nossas vidas. Cada coisa nessa cerimônia tem um significado, um porquê... A Danna entra com o Ben,

irmão com irmã. Eu entro com o Ed, amiga com amigo. As pessoas assistem emocionadas e fico o tempo todo dividida entre essa felicidade sem medidas e a minha despedida desse mundo que tanto amo. Em tão pouco tempo fui permitida conhecer tantas formas de amor, para perdê-las. É como se tudo fosse para que eu descobrisse que ainda não tinha perdido o suficiente...

— Meg? — a Mamá me chama assim que acaba de dar um milhão de abraços.

— Oi — eu olho para ela que me abraça.

— Tenho que me despedir do meu pai, o Ben disse que ele tem que ir — ela fala entre triste e pesarosa.

— Você está bem? — eu indago.

— Não sei. Esperei por esse pedido dele a vida toda — ela olha para o nada, meio perdida. — E no final sinto que a ausência dele me magoou mais do que tudo que me aconteceu, porque nunca o culpei pelo o que o Fabrício me fez. Isso é culpa só do Fabrício, e minha por me envolver com ele — observo minha amiga e vejo o quanto ela cresceu. Isso me enche de orgulho e me dá forças para partir, porque sei que ela não é mais tão dependente assim...

— E você o perdoou pela ausência? — a encaro curiosa.

— Acho que sim, mas, na verdade, sinto que essas coisas levam tempo — ela faz uma pausa. — Na verdade eu perdoei, Meg. Sim, eu fiz. Só que a confiança, a intimidade e todas as outras coisas só virão com o tempo — ela tem razão e eu a abraço num gesto de despedida, porque logo serei eu que causarei ausência... Não queria perder a confiança dela, nem a intimidade, mas vidas dependem disso.

...

Fiquei esses dias todos tentando entender, mas agora eu vou ser direto. Ela não me explicou o porquê de me repelir vezes seguidas. Tudo

parecia ir tão bem e agora essa. Ela fugiu de mim o tempo inteiro, deixei passar por causa do casamento, mas agora que meus amigos disseram sim e é só festa ela terá que me dizer.

— Ei, amigão? — o Liam me interrompe em meu intento.

— Oi, casado — brinco. Meu amigo está tão feliz.

— Qual o problema, xerife? — ele me conhece.

— Não sei — desvio o olhar observando as pessoas felizes à minha volta e nem sinal da minha garota. — A Meg.

— Brigaram? — o Liam me encara surpreso.

— Pior que não — a vejo passar em direção à casa. — Vou resolver isso, amigo — ele sorri para mim, sem jeito. Vou em direção à casa. Não aguento mais esse jogo de cão e gato. Vou pô-la contra a parede e saberei tudo. Pego duas bebidas e saio em busca da Meg.

...

Vi o Ed em meu encalço e não tenho mais o que pôr entre nós. Entro em casa e sigo para a varanda dos fundos. O Ben está lá olhando o lago depois de ter verificado o pai, que partiu com o motorista assim que se despediu da Mamá. Observo o homem que sempre achei que era para mim e agora tudo parece tão distante...

— Pensando em dar um mergulho no lago? — brinco e me apoio do lado dele.

— Nem que me paguem — ele se vira para mim e tem uma expressão perdida, como se estivesse pensando em algo que mexe demais com suas emoções.

— O que foi? Triste porque a irmãzinha casou? — provoco e ele mantém o olhar perdido. O que há com o príncipe.

— Você está estranha — eu? Mas é ele quem está com esse ar de perdido.

— Estou? — desvio o olhar. Ele me conhece mais do que eu

gostaria.

— Deve ser o troglodita que você escolheu para namorar — ele é quem muda de tema e de certa forma tem razão.

— Ben... — vejo o Ogro vir na nossa direção e ele acabou de passar pela porta da sala. Sei que em segundos ele estará aqui e uma ideia absurda parece ser minha única opção. Meu coração parece contrair sobre si mesmo.

— Ok, não falo do seu “*namorado*” — ele ironiza.

— Se eu pedir algo você faz sem questionar? — ele me olha surpreso.

— Meg? — ele me encara sério.

— Sem perguntas. Você disse que faria tudo por mim — cobro.

— Eu faço — ele diz numa segurança inabalável.

— Me beija — me joga sobre ele sem esperar resposta e fecho os olhos para não ver a reação do Ed.

Entrego-me a esse beijo que sempre esperei a vida toda. Jogo mesmo. Vou com tudo e por mais voraz que seja o desejo de senti-lo, eu não sinto. Ainda insisto mais alguns segundos e nada. A sensação de vazio que sempre vinha após uma transa casual, vem agora com tudo e eu me fasto do Benjamin com a mesma ferocidade com que me atraquei a ele. O Benji me fita confuso, meio perdido e então noto uma figura de pé, nos observando. Deus... Não... Nunca imaginei que me sentiria assim por magoar alguém. O Ed está de pé nos olhando. Ele está sério, com as mãos soltas ao lado do corpo e no chão tem dois copos com algum líquido derramado. Os copos partidos... Meus olhos se voltam para o rosto dele e eu vejo uma lágrima solitária. Ele está chorando? Nesse momento o Benjamin se volta para ver o que prende minha atenção e o Ed já está de costas, partindo. Eu perdi o único homem vivo que realmente gostou de mim além de todas as merdas que eu

poderia fazer ou ser. Eu o perdi. Perdi porque por mais que ele seja compreensivo, maduro, atencioso e tudo mais de bom que ele é, ele não vai poder perdoar. E mesmo sabendo que o objetivo era esse, que ele me odiasse, nada fica mais fácil. Sinto um buraco se abrir em meu peito e agora além do coração que achei que não tinha, minha alma se foi...

— Meg? Meg? — escuto a voz do Benjamin de forma insistente e então me volto para ele.

— Oi — digo assim que fazemos contato visual e eu vejo um olhar estranho dele para mim. Derrota? Perda? Tristeza?

— Quando? — ele me pergunta e eu faço uma cara confusa. — Quando você deixou de me querer? Quando eu deixei de ser seu príncipe? Quando você deixou de me amar?

— São muitos quando... — fico séria. A dor dentro de mim é devastadora e só então eu entendo. — Eu não sabia o que eu sei agora, Benji. Não sabia o que é amar — eu termino porque não consigo mais. Preciso de espaço, então o deixo lá, com um ar de perdido e caminho em direção a casa da Amanda. Preciso do quarto que ela deixou pra mim, preciso do colo dela, preciso da única pessoa que realmente me entende, mais até que eu mesma. Só que agora ela não tem tempo pra mim.

Capítulo trinta e um

Alma doente

Saio sem me despedir do Liam. Nem olho para trás. A sensação de que todo o chão sob meus pés se desfez me faz andar sem sentido. Entro no carro e acelero o máximo que posso. Toda dor dentro de mim só parece crescer. Sei que sempre falei sobre os caras com quem ela saía, sempre tive receio da relação dela com o playboy, mas não esperava isso. Não depois que disse que a amava, não quando ela me disse sim... Inferno! Soco o volante e paro no meio da estrada. Distribuo mais socos e grito ao máximo, até sentir minha garganta sangrar. Por que, Meg? Por que você foi tão leviana assim comigo? Lágrimas correm pelo meu rosto. Um misto de decepção e raiva. Só então, me dou conta que por mais que dissesse duvidar dela, no fundo eu acreditei que ela jamais faria algo assim. Enxugo meu rosto com força e ligo o carro. Preciso chegar em casa. Preciso... Não sei o que preciso, mas a única coisa que queria agora era explodir.

Chego em casa e estou vazio por dentro. Ela veio e me levou tudo. Não sobrou nada. Eu e minha mania idiota de acreditar... Olho o computador e penso se aquele perseguidor não foi um jogo dela também. Afinal, tudo para ela era um jogo. Solto as chaves sobre a mesa e deito no sofá... Mas ela parecia tão real, os sentimentos, as expressões... Como pode alguém mentir tanto assim? Desgraçada, deveria ser atriz!

— Ed? — me sento no susto e dou de cara com a Emily.

— O que faz aqui? — soo ríspido.

— Desculpe — ela ignora o meu tom e senta ao meu lado. —

Voltei mais cedo por causa do Tom — ela afaga meu cabelo e eu me esquivo

porque isso me lembra a Encrenca. Merda! — O que houve? — advinha!

— Nada, eu estou bem, Em — ela segura minha mão e eu olho em sua direção.

— Sério? — Em me encara descrente. — Diz logo o que aquela... — eu a olho repressor e ela não termina. Eu sei que não devo defendê-la, mas não quero ouvir o que já sei.

— Não estamos mais juntos, pode ficar feliz — me levanto e ela me abraça pelas costas.

— Acha mesmo que sou tão cruel a ponto de ficar feliz com sua infelicidade? — eu seguro as mãos dela no centro do meu peito.

— Não... Desculpe, eu...

— Irmão! — Ela dá vários beijos em minhas costas. — Eu sei muito sobre corações partidos e um como o seu jamais deveria ser ferido.

— E o seu deve? — eu exalo com desdém.

— O meu só pode ser machucado por uma pessoa — ela fala saudosa e sei que se refere ao pai do Tom.

— Somos uma bela dupla, não?! — Me viro para encarar minha irmã. — Desculpe ter sido rude.

— Tudo bem, eu faço o mesmo — ela força um sorriso. — Foi tão mal assim?

— Ela beijou outro cara na minha frente — falo sentindo meu orgulho ir pelo ralo.

— Vaca! — A Emy grita.

— Ei, boca suja!

— Desculpa maninho, mas, é isso que ela é — a conversa termina aqui. Não tenho contra-argumentos.

...

Acordo com uma sensação terrível como se tivesse bebido tudo e

tomo consciência de que a facada que levei ontem foi real. O inferno está dentro de mim agora e o pior é que tenho lembranças dela em cada canto do meu quarto. Levanto-me e me entrego a uma chuva fria. Ainda tenho trabalho a fazer. Desço e encontro a Emy e o Tom na cozinha.

— Aonde vai tão cedo.

— Trabalhar.

— Sério, Ed? No domingo? — ela me encara como se eu tivesse ficado louco. — Aquela diaba fritou seus neurônios. Você sempre foi tão inteligente... — ela desvia os olhos de mim para limpar a boca do Tom que está todo animado com sua papinha...

Ninguém da família aparece o dia todo e eu me sinto sufocar com o peso de ficar em casa. Cada canto que olho vejo a Meg, seu sorriso, seu cheiro...

...

Estou em casa sozinha. A Amanda já foi com o Liam para uma curta lua de mel. O Benjamin foi ainda ontem por causa dos negócios, mas não para de me ligar. Eu desliguei o celular. Não quero ouvir a voz dele, nem me explicar sobre nada. Principalmente não quero receber mais e-mails, nem mensagens, nem nada. Desejo morrer. Não faço nada certo, mas o que é o certo? Me levanto que nem um zumbi e sei que já é final de tarde. Passei o dia todo na cama, não comi, não bebi, estou com um mau hálito terrível e sorrio de escárnio. Queria ver alguém dizer como eu cheiro bem, agora.

Levanto devagar com a sensação de cabeça oca. Preciso sair, preciso me mexer ou vou morrer nessa cama e a Amanda vai encontrar meu corpo quando chegar. Vou para o banheiro e entro no chuveiro, de cabeça. Assim que acabo um banho que não conforta em nada meus pecados volto ao quarto. Faço as malas e desço com tudo. Droga! Não tenho carro. Eu tenho mais uma ideia brilhante. Vou com o carro da Amanda até a capital para que

não me vejam fugir de ônibus e então mando o Benjamin devolver. Droga! Vou ter que falar com o Benjamin?! É Meg, não tem caminho fácil para você. Viveu seu sonho o quanto ele durou, agora acorde!

Ligo o carro e tomo a estrada. As lágrimas coçam meus olhos, mas eu resisto com o fio de força que me sobra. Em poucos minutos estou na cidade e olho tudo à minha volta. Desacelero e olho cada detalhe guardando em minha mente e no meu coração. Passo em frente à delegacia e a imagem do Ogro vêm à minha frente. Ele não é mais meu... Continuo guiando e não contenho mais a emoção. Minhas mãos tremem. Paro o carro e quando ergo o olhar, vejo que estou em frente a um estúdio de tatuagens... Mais uma ideia idiota me toma. Saio do carro e entro para marcar em mim, algo que nunca poderei esquecer...

Enquanto a agulha marca minha pele, não consigo conter uma lágrima grossa que desce por minha face. Quem diria que eu, que nunca me importei com nada além da Amanda, estaria assim por um homem. O homem da minha vida foi quem mais eu magoei. Lembro da dor em seu rosto e a tatuagem termina. Desço da cadeira do tatuador e pago pela marca que vou levar comigo, seja lá para onde eu for. Entro no carro e não seguro mais. Choro convulsivamente e minha vontade é de correr até ele e pedir perdão. Arrastar-me no chão se preciso, só para ter os braços dele em torno de mim novamente. Sentir o cheiro dele mais uma vez, mesmo que eu jamais vá esquecer esse aroma! Num impulso tolo eu ligo o celular de novo, numa esperança vã que ele tenha me ligado.

“O inferno chegou e você tem mais um dia! Ou menos... Acha mesmo que vai conseguir fugir? Eu esperei muito por esse momento, ratinha e agora você é quem espera por mim!”

A primeira mensagem que pisca em minha frente é essa droga!

— Desgraçado! Maníaco! Miserável! — Começo a gritar feito

uma louca dentro do carro.

— Meg? — paro quase sem fôlego pelo ataque de agora a pouco e olho pela janela. Evans! — Meg, abaixa esse vidro — eu obedeco no automático e ele me encara. — Droga, o que aconteceu? — ele tem um olhar de piedade e não me importo que sintam pena de mim agora. Na verdade, a única coisa que me importa nesse momento é o homem que quebrei o coração...

— Tudo, Evans — digo com a voz distante.

— Chega para lá — eu o encaro sem reação. — Anda, Meg, banco do carona, vou levar você para casa.

— Mas eu...

— Sem mais, você não tem condição de dirigir — ele me empurra e não me oponho. O maluco que me persegue tem razão, não tenho para onde fugir.

O Evans guia para a casa da Amanda. Ele ainda me pergunta mil vezes se ficarei bem e só então vejo um dos patrulhas que aparece para buscá-lo. Quando foi que ele pediu carona?! E me espera entrar e trancar a porta. Acho isso bobagem... Uma porta não parará esse maluco... Eu volto para a sala, ligo o som e me sento no sofá, então, uma bola quente e peluda se joga sobre mim.

— Oi, “*pelucinha*”, você ainda me ama, não é? — afago o cachorro. Ele não sabe como eu sou má. Eu me abraço a ele e o puxo para o sofá comigo num bolo, me enrolando em torno do bichinho. Last Kiss da Taylor Swift toca e eu aumento o volume me deixando levar.

Never thought we'd have a last kiss

Nunca pensei que teríamos um último beijo

Never imagined we'd end like this

Nunca imaginei que ia terminar assim

Your name, forever the name on my lips
Seu nome para sempre em meus lábios

...

Vi o carro da Amanda passar pela rua. Estou na lanchonete com a Em. Ela insistiu tanto que não tive como me opor ou ficaria louco. Todos estão aqui, para piorar o clima. Sei que perceberam que tenho um problema, mas ninguém pergunta e, com certeza, tem dedo da Em nisso tudo. Eu sigo o carro com os olhos. Solto o ar com força e pego minhas chaves. Não vou mais ficar aqui olhando o tempo. Amanhã é outro dia e eu terei que trabalhar. Meu coração salta com a ideia de ver a Encrenca, mas minha cabeça me diz que ela não vai aparecer.

Eu levanto vou até a rua. Preciso respirar, mas sei que não importa aonde vá, isso não será uma tarefa fácil. Fico de pé na calçada olhando na direção em que o carro foi e tudo que eu queria era voltar no tempo.

— Tudo bem, filho? — minha mãe me chama pondo a mão em meu braço.

— Tudo mãe — eu forço um sorriso.

— Tem certeza, filho? Sua cara diz o contrário — Solto o ar dos meus pulmões. — É tão ruim assim?

— Sim, mãe — eu não posso mentir para ela.

— A Meg? — ela me dá um olhar compreensivo.

— Sempre — eu digo com pesar.

— Eu sabia que ela tinha virado você ao contrário — eu franzo o cenho olhando-a. — O que foi tão ruim assim?

— Mãe! — Eu não quero dizer.

— Você já pensou se essa coisa ruim que ela fez, é maior que

todas as coisas boas que vocês viveram? — com certeza que é. Digo para mim mesmo e ela parece ler minha mente. — É imperdoável então? — abaixo a cabeça e olho para o chão. — Então, filho, ainda não era amor — encaro minha mãe surpreso.

— O quê? — não entendo aonde ela quer chegar.

— Querido, sua expressão é de angústia. Isso só tem dois motivos. Ou você não sabe porque ela fez o que fez, ou sabe e não consegue entender — realmente não estou ouvindo isso.

— Como entender ela beijar outro cara na minha frente mãe? — solto indignado.

— Então, é isso? — ela sorri como se soubesse os segredos do Universo.

— Acha pouco? — acho que estou em outro planeta. Minha mãe está concordando com esse absurdo?

— Não, querido, sei que isso magoa, sei bem o quanto isso magoa. — sabe? Ela fala de um jeito e não gosto dos rumos dessa conversa. — Mas e você? Sabe por que ela fez isso?

— Sei, ela não me ama! — Sou taxativo.

— Não seja tão duro — minha mãe tem uma voz firme, mas ela fala como se estivesse me consolando.

— Eu não quero mais conversar sobre isso mãe — corto. Falar me faz lembrar tudo. Como se eu pudesse esquecer!

— Tudo bem querido, mas eu só queria que soubesse. Às vezes, só às vezes, vale à pena perdoar... — ela diz isso e me deixa cheio de caraminholas na cabeça. Eu não tenho que perdoar, eu não quero! Cansei de ser o bonzinho, de ser compreensivo, de ser maduro! Aonde isso me levou? Fui feito de idiota, e o pior, eu sabia que isso aconteceria.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo trinta e dois

Vidas em risco

Acordo pior do que ontem e me olho no espelho. Sei que se continuar assim só vou me afundar mais, então lavo o rosto, escovo os dentes e começo a comer algo. A comida me revira o estômago. Não termino, jogo o sanduíche no prato e então escuto a droga do celular mais uma vez. Ele não para de tocar e eu o procuro feito louca quando sinto que o som vem de fora da casa. Eu o deixei lá fora? Saio descalça, vestida em um dos moletons depressivos da Amanda e o “*incômodo*” está sobre um dos bancos da varanda. Franzo a testa sem recordação alguma de tê-lo deixado aqui. Assim que estendo a mão para pegar sinto uma picada no pescoço. Levo a mão ao lugar, mas, ela não me obedece. Todo meu corpo parece formigar e perco o controle das minhas pernas indo para o chão de encontro à escuridão completa.

...

Chego ao trabalho com um aperto no peito. Parece que tem algo errado. Claro que tem. A Meg na minha vida! Droga sei que ainda carregarei isso comigo por muito tempo. Entro sem cumprimentar ninguém e o Evans me lança um olhar esquisito. Que se dane o Evans e todo mundo. Vou direto para minha sala porque hoje não estou para socializações. Sento na minha cadeira e ligo o computador. Checo e-mail e alguns papéis da próxima conferência de xerifes que será na capital. Nunca vou para essas drogas. Levanto a cabeça por uns segundos e lá está o Evans me encarando como se eu fosse um criminoso. Que inferno! O que será agora?

— Qual o problema? — grito daqui mesmo.

— Nenhum xerife — ele diz azedo.

— Então, para de me olhar com essa cara feia — devolvo duro.

— É a única que tenho — ele retribui e desvia o olhar.

— Ótimo. Mais essa agora — falo mais para mim, num tom grave e baixo.

Depois disso ele segue me evitando, mas ainda percebo a tromba que ele mantém. O dia se arrasta e quando acho que não terminará meu celular toca. É a dona Hellen me chamando para o almoço, mas não tenho fome. Ergo a cabeça e o Evans continua fazendo o trabalho dele e me dando olhadas estranhas a cada minuto. Isso realmente não vai continuar. Eu vou sair antes que dê uns socos nele sem razão.

— Você a demitiu? — viro quando já estou na porta.

— O quê? — então é isso? Ele pensa que eu demiti a Encrenca e tomou partido dela? Perfeito!

— Perguntei se demitiu a Meg — ele diz me encarando sério.

— Não — respondo irritado.

— Ela estava muito mal ontem e hoje ela não apareceu — mal? Ela está mal? E eu? Ela faz aquela idiotice e está mal? Com certeza o motivo não sou eu. O playboy deve tê-la chutado.

— E o que eu tenho com isso? — falo com raiva. Mas saber que ela está mal me incomoda. Mal como? Inferno! Eu sou um imbecil mesmo.

— Você é o namorado dela — agora está me cobrando?

— Isso não é da sua conta, Evans! — Grito em sua direção. — Vá fazer o seu trabalho! — Ele bate com um bolo de papéis na bancada e vira as costas para mim indo em direção aos fundos da delegacia. Agora ela tem um defensor. Meu telefone toca e eu atendo no automático. Deve ser uma das garotas ou a mamãe. — Já estou a caminho!

— Tão rápido? — essa voz não é da minha família. — Não sabia

que lia mentes — ele ri do outro lado da linha.

— Quem é? — digo irritado.

— Benjamin — mas que merda é essa agora?

— O que você quer? — eu digo entre os dentes.

— Quero notícias — como assim? — a Amanda e o Liam iam pegar uma carona no meu avião particular... — ele tem um helicóptero e um avião? Exibido.

— Ligue para eles — eu corto.

— Foi o que fiz, mas não atendem. Um atraso de alguns minutos eu entendo, mas eles estão atrasados horas. Pensei que era alguma coisa de noivos, mas também não consigo falar com a Meg — e consegue ligar para mim? Como conseguiu meu número? — acho que tem algo errado.

— Como assim? — minha mente começa a trabalhar finalmente.

— Assim como lhe disse — irônico ele.

— Está querendo me dizer que estão sumidos? — falo isso e vejo o Evans sair da delegacia correndo com um papel na mão. — Espera — falo para o idiota do outro lado da linha.

— Chefe, isso acabou de chegar de um amigo seu — ele me estende um fax e assim que olho o papel minha cabeça dá um giro.

— Droga! Isso não!

— O que foi? — ele pergunta do outro lado da linha.

— Isso não é nada bom — e seguro o papel com força. — Chame os rapazes, Evans, imediatamente — o Evans volta como um louco para dentro da delegacia.

— Quer me dizer logo que diabos está acontecendo? — ele grita.

— Se controle, playboy! — Devolvo. — Quando foi à última vez que falou com a Amanda ou a Meg?

— No casamento, por quê? Diz logo tudo de uma vez! — A voz

dele tem uma nota de desespero.

— Porque elas estão com problemas — eu penso no Liam que estava com a Amanda e então volto para o papel na minha mão. Uma ficha completa do desgraçado que persegue a Meg. Miserável, vou pôr minhas mãos em você e juro por Deus! Ninguém vai poder me impedir.

— Estou indo para aí agora — o playboy fala e desliga o telefone. Eu não me importo com o que diabos ele vá fazer. Tenho que resolver isso agora. Não importa se ela me enganou e me traiu. Ela não mentiu sobre isso e só de me lembrar de suas lágrimas, do olhar de desespero e das cicatrizes... Deus! Eu odeio essa mulher por ter me arrancado o coração, mas não admito que ninguém toque nela. Sou mesmo um homem-morto.

...

Sinto minhas forças retornarem ao meu corpo lentamente. Embaixo de mim o chão duro. Meus pulsos doem e abro os olhos lentamente para perceber que estou sentada no chão, amarada de costas para alguém. A pessoa está imóvel e todo o peso apoiado em mim. Olho em volta tentando me situar e vejo outra pessoa num canto. Foco ao máximo que posso, minha visão está embaçada e sei que fui drogada. Só depois de uns segundos de observação reconheço o Liam. Amarrado e amordaçado. Merda! Meu coração dispara e eu respiro como um animal acuado. A pessoa atrás de mim geme. Amanda! Eu quero gritar, mas também estou amordaçada. Fomos pegos pelo desgraçado e eu achando que estava protegendo meus amigos. Dou mais uma olhada no lugar. Aquele maluco dos infernos não está aqui agora. Estou suada, com uma dor de cabeça monumental, mas não posso me entregar agora. A Mamá não merece isso, não merece todo esse lixo que eu trouxe para vida dela, logo agora que estava tendo seu *“happy ending”*. Respiro fundo e tento cuspir o pano embolado em minha boca. Esforço-me ao máximo. Nossas vidas dependem disso. Assim que consigo começo a falar

com ela enquanto penso em algum plano. Preciso acreditar que vou conseguir um plano, qualquer coisa...

— Mamá? — chamo e minha voz sai esquisita. — Você está machucada? — digo com a voz firme, mas suave.

— Sim, Meg, e você? — a voz dela soa mais firme que a minha. Sempre preocupada comigo...

— Estou bem e saiba que vou te tirar dessa — tento parecer segura.

— Meg, não faça nada que possa te machucar, eu não quero...

— Eu sei o que você quer. Uma vida feliz. E terá nem que para isso eu tenha que morrer aqui — as palavras saem tão certas que até eu começo a acreditar que sou capaz de nos tirar daqui

— Droga, Meg, não fale de morrer — a sinto tremer amarrada a mim.

— Você vai sair daqui, reencontrar o Liam e ter filhos. Você vai ser feliz, eu prometo — olho na direção do bombeiro. Ele não se mexe. Com certeza também foi drogado.

— Meg, eu não serei feliz sem você. E filho, é uma escolha de Deus eu não ter.

— Você terá, nem que eu seja sua barriga de aluguel — digo e sinto-a sorrir. Ela riu?

— Você faria mesmo isso — a afirmação da minha amiga me inspira confiança. — Eu olho por todos os lados. Aqui tem um monte de equipamentos. Esse miserável levou tempo em planejar tudo.

— Será a primeira coisa que faremos assim que sairmos daqui — eu procuro por algo afiado que eu possa usar para nos livrar das amarras. Não consigo ver direito, mas sei que logo o efeito da droga vai passar por completo porque já sinto todo o meu corpo. Rezo para que o bandido não

tenha voltado ainda.

— Então, você tem que viver — ela fala num tom de súplica.

— Então, eu viverei, por você! — Esse é o juramento da minha vida. Eu viverei até que ela esteja a salvo.

...

Entro na delegacia e todo meu corpo emana tensão e raiva. Vou direto para o telefone e falo com meu amigo que enviou o fax. Ele me diz que está me mandando um rastreamento aéreo por e-mail e colo meus olhos no computador. Em pouco tempo aparece uma imagem na tela, como um mapa. Estreito o olhar porque conheço o lugar. Inferno! Ele está aqui na cidade. Esteve aqui esse tempo todo e eu fui um policial de merda em não encontrá-lo antes. Soco a mesa com força e releio as descrições do cara. Ele é um gênio da informática, preso anos atrás por algo taxado como confidencial. Quem diabos é esse homem e por que a Meg?

Traço os planos de busca e dou as ordens aos homens, assim que acabamos de munir armas e pôr coletes, vejo o Benjamin entrar na delegacia como um maluco. Ele vem em minha direção, com a raiva estampada na face, mas também há um temor ali. Apesar de todo ódio que nutro por ele tenho que admitir que me solidarizo. É a irmã dele lá fora, ela e a Meg, que não sei bem o que é para ele.

— Acharam elas? — ele vem direto para mim.

— Estamos indo agora.

— Quero saber tudo — ele mal me deixar falar.

— Você é um civil. Fique aqui e não atrapalhe — sou rígido.

— Nem que você me prenda! — Ele grita.

— Chefe é a área sobre a reserva, já pedi o suporte aéreo, mas vai demorar — merda de burocracia!

— Meu helicóptero está aqui, podem usá-lo — ele me encara

triunfante.

— Que se dane! — Eu rosno. — Vamos, peça ao seu piloto para sobrevoar a reserva. Tem uma casa para caça lá. Acredito que é onde que estão.

— Quem é esse cara? — ele me questiona e penso se ele não o conhece. Alguém assim deve ter uma história com a Meg.

— Aqui — estendo o papel com a foto do bandido e alguns detalhes.

— Esse cara? Não pode ser! — Ele o conhece!

...

Conseguimos ficar de pé e caminhamos em direção ao Liam. Nos abaixamos juntas, Amanda confere se ele está respirando e graças a Deus está vivo, mas tem uma algema prendendo as mãos. Tem mais marcas de picadas que nós. Deve ter levado uma dose cavalgar. Amanda o chama e ele faz um ruído estranho, também está retornando dos efeitos da droga.

— Ora, ora, ratinhas! — Escuto uma voz que nunca esqueceria em toda a minha vida e sinto todo o meu corpo tremer por dentro. Viro-me para olhá-lo e desejo que seja um sonho. — Então, estão com esperanças ainda? — ele ri de escárnio e eu não consigo falar. Ele vem até a gente e nos ergue pelos cabelos nos arrastando de volta para a posição em que nos deixou e nos joga no chão. — Pois podem desistir. Eu levei meses montando isso aqui, ratinhas. Quando você arruinou minha vida eu jurei que você pagaria, mas antes eu vou fazer você implorar para morrer e depois vou matar você lentamente — engulo em seco. Eu vou morrer? Aqui? — e esse idiota aí não vai poder te ajudar.

— Deixe-a ir — imploro quando vejo ele começar a nos soltar.

— Deixar? — ele solta uma gargalhada. — Você é tão tola. Eu vou torturá-la, matá-la e você vai assistir. Só então, eu irei até você e farei o

mesmo.

— Faça o que quiser comigo, mas deixe-a ir — sinto a impotência bater forte em mim.

— Vou fazer. Vou fazer o que eu quiser com as duas — vejo o olhar maquiavélico dele e sei que não posso apelar em mais nada. Ele não tem razão, é um louco.

Vejo que vai em direção a uma mesa e pega uma faca. Ele me separa da Amanda e me arrasta para uma cadeira. Debato-me com força e ele me soca. A dor é terrível, mas aguento firme. Não posso desmaiar agora. Ele me prende em uma cadeira e então vai até a Amanda e a puxa do chão.

— Então, você é a preciosa amiga? — ele diz com o rosto colado ao dela, mas ela não responde.

— Solta ela, eu fiz o que você pediu, eu me afastei dele, me afastei de todos... — me desespero.

— Você é tão burra — ele sorri. — Acha mesmo que vou poupar aquele policialzinho? Depois que acabar com ela, vou atrás dele. E você também o verá morrer, na sua frente, com a certeza de que tudo que acontecerá a ele é culpa sua — não! Isso não. O Ed vai morrer? Não pode ser. Ele não.

— Desgraçado, miserável, monstro...

— Isso, ratinha! Essa é você, revide, pare de suplicar — ele ri alto e eu me contorço na cadeira tentando me soltar.

Nesse momento as coisas acontecem muito rápido. Escuto um som de hélices batendo. Um helicóptero? Minha atenção se volta para a janela e de supetão percebo o Liam se lançar sobre o cara. Os dois caem estatelados no chão em uma briga desleal. O Liam ainda parece torpe, mas não tem mais as algemas. Não imagino como ele conseguiu isso, e minha

atenção vai para Amanda. Ela caiu e está se arrastando no chão. Só então percebo o que ela vai fazer. Está em busca da faca que ele deixou cair.

Conseguimos nos soltar a tempo de ver Liam ser nocauteado e cair batendo a cabeça em uma bancada. O nosso algoz vem em nossa direção e a porta se abre num estouro. Ele aponta uma arma para gente e nos usa como escudo. Vejo um rosto ficar nítido diante de mim. O homem em pé na porta que acabou de ser arrombada e, a ele se juntam mais dois conhecidos. O sequestrador atira na direção deles que recuam, mas o Ed não. Meu coração gela. Deus, não deixe que ele morra.

— Solte-as! — Ele grita.

— Nem em um milhão de anos — apesar de dizer isso ele não pode segurar duas mulheres e uma arma e, nesse instante ele joga Amanda com força contra a parede. Ela bate o rosto e cai de costas. Vejo o sangue em seu rosto e começo a me debater.

— Me larga! Assassino! — As lágrimas descem por meu rosto sem controle.

— Eu nem comecei ainda — ele aponta a arma na direção do Ed e sinto o aperto sobre mim afrouxar. Em milésimos de segundos a ideia de que o Ed morrerá, ali, na minha frente, me odiando me invade e sei que não tenho mais nada a perder. Desejo ter enfiado a faca mais fundo nesse desgraçado, mas eu não consegui na época... Jogo-me na direção do Ogro e sinto algo queimar em meu pescoço, vindo de trás. O líquido quente escorre por ele e caio nos braços do Ogro. Escuto tiros, vários, como um pente de arma sendo descarregado por completo.

— Meg! Não! — Escuto o Ogro como se ele estivesse a quilômetros de mim.

— Desculpe — é a única palavra que sai dos meus lábios, trêmula e quase inaudível.

— Não fale. Não diga nada — ele faz pressão em meu pescoço, minhas vistas começam a escurecer lentamente e tento focar seu rosto. Sinto seus olhos sobre mim e quero guardar essa imagem seja lá o que vá acontecer agora. Meu rosto esboça um sorriso de satisfação por esse último momento em seus braços, enquanto sinto que ele me ergue do chão. Escuto vozes e o som das hélices parece vir em câmera lenta para mim.

Capítulo trinta e três

Entre feridos e caídos...

Corro com a Encrenca em meu colo na direção do carro mais próximo de onde estamos, mas assim que chego próximo ao lago noto o helicóptero do playboy descendo onde há espaço. Escuto-o gritar algo atrás de mim. Ele vem o caminho todo correndo comigo, trazendo a Amanda nos braços.

— Desce, Jo, rápido! — As palavras dele ecoam. — Ache espaço, acho um jeito, eu te pago para isso droga! — não sabia que ele paga para resgates.

— Aqui, senhor! — Há duas pessoas dentro da aeronave e suponho que o piloto é o Jo. Espera, é uma mulher. Ela consegue descer finalmente e um cara aparece na porta sinalizando. — Aqui, senhor, mas só há espaço para três pessoas além de nós — nesse momento percebo que quem sobra sou eu. O homem pega a Meg nos braços, que já está quase sem cor. O Benjamin entra com a Amanda agarrada a ele.

— Deixe-me saber para onde vão — falo em tom de súplica.

— Claro — ele responde. — Pra cima Jo, pra cima como se o mundo fosse acabar — são as últimas palavras que escuto antes de subirem e eu ficar cercado de viaturas e homens da polícia.

— Ed? — ouço a voz de Liam me gritar e isso faz meu dia melhorar dez por cento. Meu amigo está acordado. Sigo em sua direção. — A Amanda?

— O irmão a levou. Assim que souber o hospital nós iremos para lá. Agora venha. Você não pode...

— Não posso o quê? — ele me encara desesperado. — Ela é

minha mulher, Ed, eu preciso estar com ela — eu abraço meu amigo, porque sei exatamente como ele se sente.

— Calma, meu amigo. Vai ficar tudo bem, você vai ver. Vamos — dou as últimas coordenadas para a equipe e não quero saber se sou xerife ou não. Eu vou atrás desse helicóptero. Entro no carro seguido pelo Liam e pegamos a estrada. Eu dirijo e ele liga para o irmão da esposa para descobrir nosso destino.

...

Sinto minhas mãos presas e o torpor se apodera de mim novamente. Eu entro em pânico e tento me levantar desesperada.

— Amanda! — Um grito abafado sai da minha garganta e sinto mãos me envolverem.

— Calma. Shhh... — reconheço a voz de Ben e me agarro a ele. — Você está segura agora.

— Amanda? — falo novamente e essa voz não parece a minha.

— Está bem, só quebrou o nariz — só? Sinto minhas forças se esvaírem de vez e me entrego aos soluços e lágrimas. — Ela virá aqui assim que souber que está acordada.

— Ele me achou Ben... Ele quase... — me afasto dele. — E o Ed?

— Está chegando com o Liam — ele diz sério.

— Devia tê-lo matado quando tive a chance. Ele nutriu esse ódio por mim todo esse tempo... — não consigo conter as lágrimas e ele as enxuga como pode.

— Sinto muito, cobrinha — pela primeira vez gosto de ouvir esse apelido. — Eu não podia supor nada disso.

— Não foi sua culpa — eu olho para ele. — Ele morreu?

— Sim — ele diz rígido. — O Ed cuidou dele — ele falou Ed? Nossa! Quantas coisas podem acontecer em menos de vinte e quatro horas.

— Ele está bem mesmo? — preciso ouvir que sim.

— Está. Agora descanse — ele me empurra de volta a cama, mas o abraço de novo.

— Não! Eu vou ficar sentada. — ele me encara com o ar de quem acha graça.

— Teimosa! — Ele sorri. — Sabe, Meg, eu preciso falar com você — agora ele me olha estranho. Qual o problema dessa vez? — Sobre aquele beijo — droga!

— Ben...

— Me deixe falar — eu fico estática escutando. — Ele nunca deveria ter ocorrido. Sou um imbecil e me senti como se tivesse... Senti-me um imbecil, estava com as emoções mexidas. Meu pai, o casamento da Amanda, eu perdi um filho, Meg — opa, essa eu não sabia.

— Filho? — ele desvia o olhar.

— Uma garota com quem saía fez um aborto — que monstro. — Eu sei que parece bobagem... Droga! — Ele esfrega as mãos no rosto. — Meg, eu te amo! Muito! Mas não assim — eu começo a rir e me engasgo. — Ei?! — Ele afaga minhas costas. — Me acha um palhaço, não?

— Não, quer dizer, sim. Mas só a parte do playboy sem coração que agora está parecendo um mariquinhas todo emotivo — ele me lança um olhar zangado. — Mas eu também te amo — ele me olha vacilante. — Como irmão! — Vejo suas sobrancelhas arquearem. — Finalmente entendi isso.

— Mas, então, porque você me beijou? — ele me encara curioso. — Parecia tão segura.

— O.. — não consigo dizer o nome dele. — Aquele imbecil me mandou fotos do Ed e disse que se não me afastasse ele seria o próximo da lista.

— Então, você teve essa ideia brilhante? — ele me repreende. —

Você é muito burra.

— Ei? Eu quase morri. Por favor, me trate com educação e carinho — ele me aperta nos braços.

— Eu sei e quase morri junto quando vi você daquele jeito — fecho os olhos nesse abraço... De irmão! Como é bom entender e aceitar isso. É como se os buracos no meu coração começassem a ser preenchidos.

— Meg? — nós dois viramos para a porta. Damos de cara com uma Amanda com um curativo enorme na cara.

— Ela insistiu em vir — a enfermeira ao lado dela fala. — Mas a senhora não pode receber visitas. O que o senhor faz aqui?

— Elas são minhas irmãs, me dê um tempo — o Benjamin retruca.

— Têm cinco minutos — ela vai saindo, mas retorna. — E largue ela, desça da cama — ela diz isso e sai. Sorrio vendo Benjamin descendo da ponta da minha cama.

— Você está horrível — digo para a garota de pé, junto à porta. Ela parece ter medo de andar. — Anda, se mexa logo daí, eu estou bem veja.

— Sua voz está esquisita — ela fala indecisa então corre em minha direção. — Obrigada, eu te amo tanto, Meg.

— Eu também te amo.

— Quantas vidas vocês têm? — o Ben pergunta sorrindo para nós duas.

— Eu tenho três — a Amanda fala e nós a encaramos.

— Eu, você e o Ben? — eu provoco. — Esqueceu o Liam.

— Então, tenho seis — ela começa a sorrir largo.

— Acho que bateu a cara com muita força.

— Eu estou grávida, Meg! — Ela não contém mais o sorriso e acaba fazendo uma careta de dor por ter forçado o rosto.

— O quê? — eu não contenho o grito que mais parece um chiado rouco.

— Sim — ela agora ri e chora ao mesmo tempo. — Dois!

— Meu Deus! Meu Deus! — Não consigo dizer mais nada. — Grávida! — Falo nessa voz esquisita e ela afirma com a cabeça, freneticamente.

— Não preciso mais da barriga de aluguel — diz com lágrimas nos olhos.

— Deus existe! — Falo com um calor envolvendo meu coração e uma sensação de paz, certeza e segurança que nunca senti na vida. Deus existe e olhou para minha amiga!

— Seus cinco minutos acabaram — a enfermeira general. — Saíam os dois da cama. Ela não deveria falar — eles descem da cama, zangados dando um olhar mortal para a mulher de branco, mas ela os ignora.

— Ai, Jesus! Preciso contar ao Liam — ela sorri radiante e vai em direção à porta, mas volta e me olha. — Eu volto e fique longe de confusão — fico olhando minha amiga sair. O Ben beija minha testa

— Assim que o Ed chegar ele virá te ver. Eu dou um jeito de ele conseguir entrar — o Ben tá ajudando o Ed comigo? Olho surpresa para ele que sorri. Então, eu me sinto estranha. Sei que tudo acabou bem, mas foi tudo por minha causa. Quantas coisas assim eu ainda posso atrair? Não quero vê-lo. Estou com medo, um medo que nunca pensei sentir antes... Medo de decepcionar, mais...

— Não — ele me olha de lado. — Melhor não, eu falo com ele quando sair do hospital — o Ben parece duvidar. — Por favor!

— Vou tentar mantê-lo longe. Espero que saiba o que está fazendo, nada de planos mirabolantes — ele faz cara de desagrado e segue a Mamá, então, eu me deito. Em minha mente passa toda a nossa história até

aqui e me sinto orgulhosa pela Amanda. Nem parece que passou por um segundo trauma. Agora ela está tão forte, tão bem... O amor tem o poder de mudar as pessoas, para melhor.

...

Chegamos ao hospital e o Liam vai de encontro a Amanda que se desespera ao saber que ele não passou por exames detalhados. Ela o tateia buscando algo e ele a olha como quem vê um fantasma. Então, a aperta nos braços e escuto ela dizer: *Vamos ter bebês!* Ela falou no plural?! Falou sim! Estou feliz pelo meu amigo e nem posso descrever a expressão que ele tem no rosto. Agora parece que Deus resolveu olhar para o nosso lado e a família do meu amigo cresce. Eles estão tão colados que nem ar passa por eles. Choram abraçados e meus pensamentos vão para a dona Encrenca. Meu coração de aperta no peito. Vejo o Liam sair com a Amanda, para fazer os exames que não fez.

— Onde está a Meg? — pergunto ao playboy.

— Descansando, ela está bem — ele diz sério.

— Quando posso vê-la? — odeio ter que perguntar isso para ele.

— Ela não quer te ver — ele fala isso, mas parece contrariado.

— Que se dane o que ela quer! — Estouro com raiva e passo direto por ele. Empurro a porta do quarto e a vejo sentar na cama no susto.

— Como você...

— Me dê algum crédito, sou um xerife. Acha que não consigo entrar num hospital? — ela me olha e parece com medo.

— Já vi que consegue — sinto minha garganta arder. Ficamos nos encarando, os dois com a respiração alterada

— Você está bem? — ele pergunta cortando a tensão.

— Estou viva — digo me sentindo desconfortável. Ele me olha dividido entre as mágoas que causei e seu senso de proteção. Meu Ogro, tão

duro por fora, mas com um coração de príncipe por dentro.

— Estou vendo — ficamos nos olhando que nem estranhos e tudo que eu queria era abraçá-la.

— Obrigada por nos achar — resolvo mudar os rumos da conversa.

— Era meu trabalho — digo e dou alguns passos me aproximando da cama. — Você está bem mesmo?

— Fora de risco — digo observando-o se aproximar e louca para me jogar em seu colo e pedir que me leve embora. Não posso fazer isso, sou um problema. Só atraio tragédia e não desejo isso para ele. Sou errada de tantas formas... Ele faz menção de chegar mais perto e meu coração salta. — Assim que tiver alta volto para a capital com o Ben — o rosto dele cai. Droga, Meg! Mais uma mancada. Seja firme, você está fazendo isso por ele. O Ed merece uma mulher que use vestido florido e faça panquecas. Digo para mim mesma, mas não me convenço.

— Entendo — falo dando um passo para trás. — Espero que seja feliz, dona Encrenca — o apelido sai contra a minha vontade e vejo os olhos dela encherem de lágrimas. Com certeza não por mim, mas por sua tensão, por tudo que passou, ainda está fragilizada... Dou as costas para ela e saio apertando o maxilar quase quebrando meus dentes.

Fico observando-o partir com uma guerra interna. Minha cabeça diz que é o certo a se fazer, mas meu coração diz que não. Ele quer que eu desça da cama e saia correndo atrás dele. Mas não posso, não posso destruir a vida dele com meu estigma. Aonde eu vou a destruição se faz presente. Eu sempre estrago tudo. E pela primeira vez na vida, em relação a um homem, abro mão dos meus desejos em troca da felicidade dele. Todo o sentimento que tenho por ele toma meu corpo como agulhadas e só então percebo o quanto gosto dele. Eu o amo muito e constatar isso só torna mais difícil

PERIGOSAS

deixar que ele vá.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo trinta e quatro

Meg, burra ou nem tanto assim

Desde que saí do hospital não vi mais o Ed. Toda vez que lembro dele, meu coração fica apertadinho. Apesar disso, digo para mim que fiz o certo. Ele merece algo melhor que uma garota burra que só faz confusão. Estou na casa do Ben. Ele não me deixou ficar sozinha e na verdade eu também não queria. A Amanda vem me ver hoje e vamos comprar coisas para o bebê no shopping. Isso me dá um pouco mais de ânimo. A felicidade da minha amiga me faz continuar caminhando, mas ainda há um buraco enorme em meu coração que nunca será fechado.

Fico sentada pensando em como tudo aconteceu até agora. Minha mente diz que fiz o certo, mas meu coração protesta. Eu fugi e isso me dói profundamente. Ficar longe da cidade e de tudo que construí lá. Na verdade, o laço entre mim e Amanda, que sempre foi imensurável, se tornou maior ainda se isso é possível. Ter que viver sem ela todos esses dias, por mais que me ligue e venha me visitar, me fazem morrer aos poucos cada dia. Fora que o Liam fica prestes a pôr um ovo quando ela tem que viajar e ele não pode vir. E quando ele vem, sempre me olha de um jeito esquisito. Aquele olhar de confiei em você! Acho que ele deve estar tomando as dores do Ed... O Ed! Deus, isso dói.

O Ben se esforça muito por me fazer sorrir. Ele é de fato um irmãozão, meio idiota, mas cada um tem o irmão que merece. Só falta me pôr em um castelo e ir buscar pedaços do céu para mim. Pego o celular e disco os números da minha amiga, ela atende em duas chamadas e meia.

— Oi, cabeça dura — a voz da Mamá faz minha garganta fechar. Estou tão sentimental hoje. Meg, a lesada.

— Oi, Mamá — falo com esforço.

— Meg, quanto tempo mais vai continuar com esse suicídio emocional? — ela começa.

— Amanda...

— Nada de Amanda! Eu te dei espaço, te dei tempo, te dei atenção... Fico que nem uma louca de cidade em cidade e você não enxerga? — ela bufa. — Não vou ter essa conversa por telefone. Eu chego aí em breve e espero que você saia dessa letargia e reaja. A Meg que eu conheço não perde uma guerra.

— A Meg que você conheceu, morreu — falo fúnebre. Eu sei, drama, drama, drama...

— Pois ressuscite-a. Eu estou chegando e quero encontrá-la — ela fala dura e eu penso onde está a Mamá que EU conheço.

— Perda de tempo — falo relutante. — Até logo, Mamá.

— Meg? — ela me chama em uma voz ansiosa.

— Oi?

— Eu te amo, apesar da sua burrice monstruosa — ela ri. Basta isso, apesar dos insultos, para meu dia ter um pouco mais de cor.

— Eu também te amo, sua chata — devolvo e desligamos.

Fico pensando nas palavras dela e em todas as outras que encheram meus ouvidos desde que fui embora. E olha que a Mamá é mais de escrever do que de falar. Estou sendo burra? Não, estou sendo forte. Eu fiz isso por ele. Ele merece mais do que o caos chamado Meg. Me irrita com esse meu humor hoje. Carente, descompensada, desequilibrada... Espera! Isso sempre fui. Suspiro longamente.

— Querida! Cheguei! — O Ben e sua mania de achar que é engraçado. — Saia da toca, eu trouxe almoço. Aquele chinês que você adora — corro até ele cheia de fome.

— Leu meus pensamentos! — Sorrio e abro a marmita. Assim

que o cheiro de legumes e shoyo invadem minhas narinas tenho uma reação completamente absurda. Ânsia? — merda! — Corro para o banheiro e o Ben me segue.

— Meg? Meg, o que foi? — ele entra a tempo de me ver despejar todos os meus órgãos dentro do vaso. — Você está grávida? — estou?

— Não, eu não posso, eu... — minha cabeça funciona a mil. — Devo estar intoxicada.

— Meg? — ele se abaixa para me ajudar e então eu levanto com o apoio dele. — Você come até pedra e nunca se intoxicou — isso é uma verdade. — Já faz algum tempo que você anda estranha. Quando foi a última vez que você menstruou?

— O quê? Não é da sua conta! — Eu o olho em fúria. — Sai daqui! — Tento me desvencilhar e ele me segura firme.

— Viu?! Você tá mais maluca que o normal — ele me puxa contra seu peito. — Deixa de ser boba, Meg, eu te conheço desde sempre e sei o que é um ciclo menstrual. Você nunca foi de reclamar de cólica, nem atrasos... — eu fico em silêncio, com a respiração suspensa. Será? — eu vou levar você para fazer o exame, mas agora mesmo vou pedir um teste de farmácia.

— Um não! Vários — olho para ele com uma cara de maluca. Sei bem disso porque o rosto dele se contrai em uma careta esquisita.

— Muito bem, quantos você quiser! — Ele sorri.

Ele pede vários e então me vejo minutos depois rodeada daqueles infernais aparelhinhos, todos gritando para mim um “*sim*” enorme. E agora, Meg? O que você vai fazer? Grávida! Você, mãe? Eu começo a chorar de forma escandalosa. Controle não é meu nome agora e o Ben invade o banheiro com uma cara de assustado.

— O que foi? — ele me vê sentada no chão com todos esses

testes à minha volta. — Se soubesse que ia querer tantos para dar uma de louca não teria pedido — ainda sou a errada? Olho para ele com raiva. — Vem, cobrinha. — ele me tira do chão e me leva até o quarto me colocando na cama.

— Eu não posso ser mãe, Ben! — Digo olhando para o nada.

— Por que não? — ele segura as minhas mãos e eu o encaro.

— Que tipo de mãe eu seria? Sou toda errada — aperto as mãos dele como se fosse a única coisa que pudesse segurar.

— Não, burra sim, mas errada não — o olho franzindo a testa.

— Burra! — Repito a palavra que tem me perseguido nesses últimos dias.

— Meg, você tem que contar para o pai.

— Não, isso não — levanto e começo a andar pelo quarto.

— Como não, Meg? Ele é o pai! — Ele diz rígido e eu paro e o encaro de frente.

— Eu não quero que ele fique comigo pelo filho — grito.

— Meg, eu entendi o que você fez, o beijo e tudo mais. Isso não quer dizer que concorde e aceite — ele começa o sermão naquela voz irritante que só ele tem.

— E quem é você para aceitar ou concordar com alguma coisa? — estou em pânico com essa conversa.

— Eu, a única pessoa que ainda te escuta— ele devolve. — Você fez uma burrada enorme com aquele beijo e eu me arrependo de ter estado num momento tão idiota que embarquei naquilo. Só Deus sabe disso! — Ele diz em uma voz sentida que me surpreende. — Agora está fazendo outra burrada maior em perder o único homem que você amou e pior! Ele também te ama, sua burra.

— Vai se ferrar, Benjamin! — Grito. — O que você sabe do

amor? Você só entende dos seus diamantes — falo desesperada. Quase morri, perdi o Ed, vou ter um filho e ainda tenho que ouvir lição de moral do Benjamin. Saio andando em direção a outro quarto e bato a porta com força, mesmo ouvindo os passos dele atrás de mim.

— Nem pense em fugir, Meg, eu estou falando sério! Se você não falar com ele, eu falo — ele tenta abrir a porta, mas eu tranquei.

— Vai embora, Benjamin — vocifero e ele bate com força na porta.

— Sai daí, Meg! — Ele soca a porta de novo. — Inferno!

— Sai daqui, eu não vou abrir! — Devolvo. — A vida é minha, eu faço o que quiser com ela.

— Uma vida de burra, cheia de burradas! — Ele soca a porta seguidas vezes. — Sai, eu vou contar ao Ed, vou dizer tudo.

— Não se mete, a vida é minha, a merda é minha e a burrada é minha! — Digo chorando com a voz embargada. Isso é pela gravidez ou fiquei maluca de vez?

— Não! Agora tem uma criança aí, droga! — Ele para de socar a porta e escuto sua respiração pesada. — Agora eu entendo as palmadas que ele te deu.

— Não se atreva! — Fico encarando a porta.

— Uma hora você vai sair do quarto — ele diz e escuto os passos se distanciando.

Eu me envolvo na cama e tudo que tem na minha cabeça me faz sentir como se fosse explodir. Eu sou burra, burra, nem deveria ter nascido. Acabo pegando no sono. Acordo com batidas na porta e me arrasto meio perdida no tempo.

— A Amy acabou de chegar. Assim vocês podem conversar melhor e quem sabe ela põe juízo na sua cabeça. Você tem que contar ao pai,

Meg.

— Meg? — escuto a voz da minha amiga. Abro a porta. — Tudo bem? — ela está radiante. Uma mãezona linda.

— Eu estou grávida — digo triste.

— Meg? E você diz isso assim? — volto para cama e me afundo nela. — Margarete Cobalsky saia já dessa cama e tome um banho e se arrume — a olho espantada. — Isso mesmo. Nem pense que vai se prostrar desse jeito. Cadê a Meg que eu conheço? Cheia de coragem? — a voz dela suaviza.

— Morreu — digo escondendo o rosto de novo.

— Eu disse que ela estava péssima — o Ben, idiota linguarudo.

— Não está não. Te dou cinco minutos, Meg. Espero na sala e saia já dessa cama — ela sai do quarto e eu olho para a porta dando de cara com o Ben.

— Ela tem ficado mandona a cada dia. Acho que são os bebês — ele sorri e eu não consigo evitar sorrir também. Ainda estou com raiva dele. — Vem, cobrinha, banho, roupa limpa, shopping e as compras são por minha conta.

— Não faria isso se fosse você, Ben — a Amanda grita do corredor e todos rimos.

...

Em pouco tempo estamos no shopping e passamos as três horas seguintes comprando tudo que achamos. A Amanda parece uma mãe louca que terá dez filhos e eu acho engraçado. Já eu, estou morrendo de medo de ser mãe e de todas as implicações que vem junto. Eu serei uma boa mãe?

— Meus pés estão me matando e preciso comer — a Mamá para de repente e olha para mim e para o Ben.

— Sério? — Ben retruca cheio de sacolas. — Finalmente — é aí que seguimos para a praça de alimentação que está uma confusão.

— Aqui, fiquem aqui nessa mesa que eu vou pegar os pedidos das madames — nós duas sorrimos.

— Eu quero torta de chocolate — a Amanda fala toda feliz. — E suco de laranja. Meg?

— O mesmo — falo e quando ele vai saindo eu grito. — E algo salgado — ele afirma com a cabeça e vai em busca dos nossos lanches.

— Meg, não vê o milagre aqui? — ela me encara séria.

— Mamá...

— Não, apenas me escute — ela suspira e continua. — Quem, mais do que eu, para falar de medos? Eu vivi cinco anos com culpa, temor, traumas e quantas coisas ruins você quiser pensar. Minha vida quase toda foi uma tragédia. Desde a suspeita de meu pai contra minha mãe, até o Fabrício e tudo que veio com isso — engulo as lágrimas que tentam sair e ela aperta minhas mãos sobre a mesa. — Então, Deus nos deu um caminho Meg e você sabe que eu ia fugir dele. Do Liam! Mas você estava lá e me ajudou. Me mostrou que eu podia ser feliz de novo e agora olha só. Eu, casada com um homem maravilhoso e como se não bastasse, o 1% se tornou possível, em dobro. Eu terei gêmeos, Meg — ela aperta minha mão e então arrasta a cadeira ficando ao meu lado e me abraçando apertado. Beija meu rosto com força. — O felizes para sempre existe para nós, minha irmã. Pode não ser perfeito como em contos de fadas, vindo tão fácil, mas se nós tivermos força para agarrá-lo, ele permanece — segura meu rosto entre as mãos e sinto minha amiga tremer pela emoção do momento. Sei que estou em prantos e tremo junto. — E isso nós somos, Meg, sobrevivemos a muita coisa, então não fuja do amor!

— Ai meu Deus! Estão chorando de novo? — o Ben volta com os lanches. — Se continuarem assim, nessa montanha russa, precisaremos de apoio psicológico frequente.

— Idiota! — Falamos as duas entre lágrimas e sorrisos. Todas as palavras da Mamá estão dando voltas em minha mente. Ela não continua a conversa na frente do Ben e ele não pergunta.

Quando terminamos o lanche já é noite. Foi tanta conversa jogada fora e trivial, tudo para me fazer relaxar, que eu pensei que íamos reviver cada peripécia das nossas vidas por minuto vivido. Depois de deixar a Mamá na rodoviária seguimos para casa. Me orgulho da minha amiga tão independente. Eu não digo uma palavra no caminho de volta e o Benjamin também não puxa assunto. Ainda estou chateada com as coisas que ele me disse, mais ainda por serem verdade. A conversa com a minha amiga enche minha mente.

Chegamos em casa e eu sigo para a sala. Passar esse tempo no shopping me deixou exausta. Quem era eu?! O Benjamin beija minha cabeça, segue para o quarto e eu me deixo levar pelas lembranças deitada no sofá. Nesse sofá, o que vem em minha cabeça é a vez que dormi com o Ed, só dormi! Não prego o olho um segundo sequer. Vejo o Sol nascer. Essa noite foi péssima e todo meu corpo dói. Eu olho a estante do Ben e lá tem as miniaturas de todas as aeronaves que ele já teve. Ricos e suas posses... Espera! E se... Corro em direção ao quarto do Ben e me jogo na sua cama ao seu lado.

— Ben? — ele geme e eu o chacoalho. — Ben?

— Já está de bem comigo de novo? — a voz dele soa rouca.

— Eu tive uma ideia — ele coça os olhos e abre-os finalmente.

— Ideia? Sei, nem quero escutar — bato na barriga dele.

— Anda, eu preciso de você e da Jo — ele senta.

— Jo? Isso quer dizer do helicóptero? — ele finalmente levanta e está de cueca. — Ela está de folga.

— Você pilota e veste uma roupa.

— Você deu sorte que não estou nu! — Ele brinca. — Pilotar para onde, maluca?

— Ah! Nem vem, já te aceitei como irmão! — Ele ri. — Para a toca do Ogro.

— Oi?

— Eu vou atrás do Ed.

— Agora?

— Sim — paro olhando para ele e meu tórax se esforça em manter meu coração aqui dentro. — Está comigo nessa? — meu sorriso parece ser maior que meu rosto.

— Sempre sua doida — ele sorri para mim. — Desculpa ter gritado com você e as coisas que eu disse — o abraço apertado e beijo seu rosto com força.

— Esqueça, você estava certo em tudo. Sou burra — nós dois rimos.

— Vou tomar banho — ele segue para o chuveiro.

— Não, sem banho. Agora, Ben! Já esperei demais e aquela bruxa da Betsy está lá. Não tenho mais tempo para perder.

— Deus! Se soubesse que você e a Amanda grávidas ficariam mais anormais eu teria me mudado para o Japão — ele ri e vai até o guarda-roupa.

— Para de falar ou você vai pilotar aquela joça de cueca — digo sobre o ombro enquanto saio do quarto dele.

— Ok, senhora!

Enquanto ele se veste eu corro para escovar os dentes. Pego minha bolsa e o arrasto para o terraço. Vantagens de ser rico: ter um helicóptero na sua cobertura! Em pouco tempo estamos a caminho da cidade do Ogro. À caminho do meu destino. Rezo que dessa vez esteja fazendo algo

oposto à burrada.

...

Faz algumas semanas que não sei sobre a Encrenca. Apesar disso as coisas ainda doem. Eu olho para a papelada na minha mesa. O relatório final de toda a confusão que a cidade foi palco. Logo estou viajando para a bendita conferência que minhas irmãs e mãe me convenceram dizendo que isso me faria espairecer. Como espairecer, se isso tudo está dentro de mim e não nos lugares para onde vou? Mudar de ambiente não muda nada. Olho os papéis mais uma vez. Neles tem todos os e-mails, mensagens, vídeos, fotos... Tudo que a Meg recebeu do seu padrasto doente. Não me dou ao trabalho de olhar cada um, isso não importa mais. Ele está morto e não vai mais incomodá-la. Em momento algum me arrependo de cada bala que cravei nele. Mesmo assim, minha dor não diminuiu nem um pouco.

Levanto pegando minhas chaves e sigo para o carro. A estrada é meu caminho agora. Eu rumo a capital, vou participar de um encontro patético de xerifes de diversas cidades contando seus feitos “*brilhantes*”. Um encontro desnecessário, com certeza será o inferno na terra. Nada disso me importa. Nada disso tem minha atenção. Eu dirijo em direção a esse circo, porque preciso parecer que estou bem para minha família. Meu pai está bem melhor com o tratamento. A Emilly voltou com o pai do Tom e decidiram se casar, tudo parece entrar nos eixos. Não posso ser a pedra no sapato de ninguém. Nem quero isso.

— Chefe? — Evans, para varia.

— O que foi agora?

— Veja isso — pego as folhas nas mãos dele. Assim que olho o papel vejo fotos minhas, dormindo.

— Ele mandou isso para a Meg... — ele faz uma pausa. — Dias antes de vocês... Brigarem — franzo a testa. Por que ele mandaria fotos

minhas?

— Quero as mensagens do celular dela, Evans — ele sorri e me estende mais papéis. — Agora virou detetive foi?

— Eu sou um policial, chefe, não esqueça disso — e é mesmo, parece que mais do que o idiota aqui. O quanto um sentimento pode nublar a razão de um homem?! Penso que muito e observo as mensagens e as datas, vendo então as ameaças. Droga, ela não fez isso!

— Meg! — Grito amassando os papéis. Não acredito que ela fez isso. Escuto um barulho de helicóptero e olho para cima.

...

Capítulo trinta e cinco

Caça ao Ogro

Benjamin começa a descer no meio da cidade e penso que Deus está me ajudando aqui, para minha surpresa e felicidade, eu o acho. O Ed está na porta da delegacia.

— Meg, não dá para descer muito — ele fala olhando para baixo.
— Teremos que procurar outro lugar para pousar — vejo a aglomeração de pessoas e é verdade. Aqui no centro é apertado e as hélices podem bater em algo.

— Não, você abaixa mais e eu desço pela escada. — digo indo para a parte de trás.

— Tá surtada?! — Ele me encara como se eu estivesse beijando uma granada. — Você não vai descer por essa escada.

— Vou sim, a não ser que tenha paraquedas — falo ajeitando a escada e ele sobe mais o helicóptero.

— Não mesmo, enlouqueceu de vez. Se pular de paraquedas daqui você vai é se enrolar nas hélices e morrer — o tom dele é grave.

— Então, desço pela escada e abaixa logo essa joça ou vou pular sem nada — me irrita. Não cheguei aqui para desistir, mas claro que não vou me matar. Eu vejo o Ogro lá embaixo. Tão perto e tão longe.

— Meg! Você tem um bebê aí — o encaro e respiro fundo.

— Ben, eu desci por essa escada diversas vezes — faço cara de segura.

— Era diferente — ele não se rende, droga!

— Por que antes eu podia morrer? — ele meneia a cabeça.

— Olha para mim — seguro o rosto dele. — Eu faço isso desde que você começou a pilotar, eu não vou cair. Confia em mim — ele não cede.

— Todas as vezes que fiz merda eu disse que ia fazer, mas agora estou dizendo que não farei bobagem. Eu consigo.

— Meg, eu não sei...

— Confie em mim, Ben, uma vezinha só — suplico. — Você desce o máximo que puder e eu vou pela escada. Se perceber que não dá, eu volto, juro. E eu uso o cabo de segurança — digo já passando o cinto em volta de mim e afivelando cabo.

— E só soltará quando puser os pés no chão? — ele me observa tenso.

— Sim — começo a arrumar a escada.

— Espera! — Ele grita e eu o olho surpresa. — Use as luvas e só quando eu avisar.

— Sim, capitão! — Sorrio. — Eu te amo, Ben.

— Eu devo estar dormindo ainda! — Ele fala nervoso. — Não caia cobrinha e talvez eu sinta o mesmo por você — ele pisca para mim e começo a descer.

...

Eu vejo a movimentação e logo tenho certeza de quem está nesse helicóptero. Os cabelos vermelhos sob o Sol são inconfundíveis. Ela é maluca mesmo ou está tentando se matar.

— O que está fazendo? Volta já para esse helicóptero! — Grito e ela me olha.

— Ed? — grito de volta e dou um aceno que me faz balançar na escada. *Você é a Meg Cobalsk, seja firme.* Tenho que pensar em algo para dizer, em um pedido de desculpa. Não! De perdão... Conforme vou descendo minha atenção é toda do homem loiro de quase dois metros, parado, bem abaixo de mim.

— Volta para dentro agora, Meg! — Grito o mais alto que

consigo. Estou desesperado aqui e definitivamente não consigo entender essa mulher. Ela quer o quê? Se matar? E quem diabos está pilotando essa droga?

— Espera, eu já vou descer — são minutos de descida em que um filme passa em minha cabeça. Todas as loucuras que vivi. A cada momento mais perto do Ogro, flashes piscam em minha mente. A morte de meus pais, os padrastos pedófilos, as mães desequilibradas, o vai e vem do orfanato, ficha suja... Eu vejo o rosto dele se definindo e o medo me invade por um instante. E se o outro maluco também estiver nutrindo um ódio irracional por mim e vier me matar? Eu, meu bebê, o Ed, a Amanda, os filhos dela? Deus, são tantos... Tantas pessoas em minha vida e com quem eu me importo que só de pensar eu já sinto as lágrimas em meu rosto. Eu foco no semblante dele, barba por fazer e esses olhos incríveis. Droga, Meg! Você se tornou uma cachoeira ultimamente, só sabe chorar e chorar. A simples ideia de que o serzinho aqui dentro tenha esse olhar me faz começar a tremer. Eu preciso disso tudo em minha vida, eu preciso desse sentimento que só agora sou capaz de entender. Não vou deixar maluco nenhum destruir minha família. Eu vou conseguir encontrar meu lugar nesse mundo. Meus olhos encontram os do Ed e os dele focam nos meus. Eu achei o meu lugar no mundo. Não vou desistir agora. Ele está tão lindo. Mesmo lá embaixo parece tão grande. Os cabelos parecem ter crescido bastante e são tão perfeitos.

— Inferno, Meg! Você quer se matar? — caminho e seguro a ponta da escada. Temos uma plateia enorme e se ela queria um show está conseguindo.

— Eduard Prats! — Grito com um sorriso bobo no rosto e estou quase lá. Amo esse olhar. — Me perdoa? — ainda estou gritando e ele me encara confuso. Estou tão perto do chão agora. Ele me envolve pelas pernas. Sinto que estou segura e solto o cinto de segurança. Ele me sustenta. — Me perdoa. De todas as burradas que fiz, e não foram poucas, a única de que me

arrependo é ter magoado você. Me perdoa, por favor! — Ele fica me encarando. Continuo falando. — Eu fui burra, idiota e tudo mais de ruim. Eu achei que estava fazendo o certo, mas o meu certo é tão errado... Eu sou tão errada de várias formas... — ele não diz nada e me puxa da escada e comigo sobre os ombros segue para a delegacia. Eu começo a me desesperar. — Por favor, Ed, diz que me perdoa, diga alguma coisa. Ai, droga! — Começo a ter ânsias. — Me põe no chão, agora! — Grito e ele me põe no chão e apoia as mãos no quadril olhando os próprios pés. Ele exala tenso.

— Isso é um pedido de desculpas ou você estava tentando se matar? — volto a olhá-la irritado. É aí que noto que ela está pálida. Vai vomitar?

— Você ouviu o que eu disse? — ele é surdo ou o quê? Tento respirar pelo nariz, para controlar os enjoos.

— Ouvi e se tem uma coisa que não admito... — seguro minha respiração. Meu coração está martelando em mim pelo susto de ela possivelmente ter caído. Ela é louca!

— É traição, eu sei... — interrompo, decepcionada. Eu sabia que ele não perdoaria algo assim, mas eu achei que poderia ser diferente. — Ed, eu... — droga, não posso vomitar agora! Ponho a mão nos joelhos e fecho os olhos me controlando.

— Ei? O que foi? — fico preocupado com essa mudança e ela está tão pálida

— Nada, eu estou um pouco enjoada — ele me olha esquisito.

— Se não fizesse essa loucura toda não estaria assim — repreendo. — Que ideia foi essa?

— Eu precisava falar com você e não podia esperar mais. Eu... — olho para ele procurando algum sinal do perdão que tanto almejo, mas ele tem aquela cara de paisagem de quando o conheci. Ed, no modo xerife

impenetrável. Droga! Vai ser mais difícil do que imaginei.

— Por que você o beijou? — a encaro sério. Ela me traiu e eu quase sei o porquê, mas meu orgulho pede que eu escute dela.

— Para te proteger. O... — não digo o nome, ainda não consigo. — Aquele desgraçado te ameaçou e eu não sabia o que fazer — me sinto um pouco tonta de novo e volto a pôr as mãos nos joelhos para me apoiar e respirar.

— Senta, antes que você caia — ela tem medo de altura? — começo a ficar bastante preocupado com esse mal-estar.

— Eu estou bem, não é nada é só o b... — engulo as letras da palavra antes que termine de falar. Ele precisa me perdoar antes. Eu sou tão torta que nem pedir desculpas eu acerto.

— Me proteger beijando aquele imbecil? — cruzo os braços tentando acompanhar essa lógica terrível.

— Eu precisava manter você longe — olho para ele e ver essa mágoa gravada faz as lágrimas descenderem com mais vontade. — Precisava que você me odiasse.

— Odiar você? Que raios de coisa tem nessa sua cabeça mulher? — falo exasperado. — Era para você precisar do meu apoio, da minha ajuda e você faz isso? — não consigo engolir isso. Inferno! Não chore, não agora. Eu vejo o corpo dela tremer e seguro minhas mãos longe dela com todas as forças que tenho. Foram dois longos meses sem essa voz, sem esses olhos, sem esses cabelos em meus travesseiros, sem esse cheiro... Eu devia querer que ela fosse para o espaço, mas sou um idiota morto, como diz o Liam, e com ela assim, na minha frente, a única coisa que quero, é puxá-la em meus braços.

— Merda — falo olhando. — Eu disse a você que eu...

— Para de falar — corto e ela me olha surpresa. — Eu já ouvi

isso, e soa como “*Eu te avisei!*” — Ela parece derrotada, com uma expressão de angústia e algo dentro de mim diz que deveria ficar feliz com isso, afinal ela me fez ir ao inferno com essa loucura toda. Apesar disso, eu não consigo, me sinto mal por ela está se sentindo assim diante de mim. — Meg, por que você tem que ser sempre tão difícil? — tenho vontade de rir dessa situação toda. — Bastava você falar comigo, confiar em mim!

— Eu confio em você, Ed, não confiava era no perseguidor! — Falo numa voz cansada. Ele não vai me perdoar. — Não conseguia imaginar qualquer coisa de ruim vindo para você. Eu beijei o Ben enquanto você me olhava. Isso afastaria você de mim, mas não pense que foi fácil para mim... — enxugo minhas lágrimas mesmo sabendo que elas não vão parar de cair. — Depois eu iria embora daqui, enquanto a Amanda estivesse de lua de mel e levaria para longe todos os meus problemas.

— Você ia fugir? — só então me dou conta do plano absurdo dela. E não foi fácil beijar o engomadinho? Não foi o que pareceu.

— Ia — confesso como uma criminosa. Abaixo o olhar e observo minhas mãos. — Mas acabei parando no meio do caminho e o Evans me encontrou e me trouxe em casa. Então, fui pega e ele tinha sequestrado a Amanda e o Liam também. Ele falou que viria atrás de você mesmo eu tendo feito o que ele pediu — ergo a cabeça e ele tem aquele olhar de alguém que está assistindo a um filme de ficção científica. — Eu entendo que não consiga me perdoar. Eu sou uma droga, quem ia querer alguém assim? — penso no meu bebê.

— Ele disse que me pegaria? — a olho sem saber o que dizer. O cara era um gênio da informática e gastou anos da vida naquele plano nefasto. Ele é o monstro e ainda assim ela sente e acredita que tudo é culpa dela. Encrenca! Tão machucada, quebrada. A Amanda não mentiu quando disse que ela estava em pedaços. Droga, eu me sinto tão mal. Ela beijou o

cara, mas e daí?! Ei? Eu pensei isso mesmo? Deus! Eu amo essa mulher e minha mãe tem razão. Tem coisas que a gente pode perdoar, não?! — Eu queria que tivesse confiado em mim, Meg.

— Eu também, mas faço tudo errado — digo com uma voz que soa distante. Não tenho mais forças e sinto que estou perdendo aqui. Desvio o olhar.

— Você tomou um tiro por mim, Meg! — falo, lembrando daquela cena e sinto minha garganta contrair. Ela volta os olhos para mim.

— Tomei — eu afirmo. — E tomaria quantos mais fossem preciso.

— Por quê? — lá no fundo eu sei a resposta e me sinto um manipulador barato, mas as coisas com ela são sempre assim, não?! Como extrair minério...

— Por que eu te amo — falo ficando de pé num impulso de restos de forças e ele me encara embasbacado. Eu desato a falar. — E eu não sei como fazer para consertar as coisas, mas eu faço o que você quiser. Eu fiz essa merda toda, mas eu juro que achei que estava fazendo o certo e depois eu fugi para não trazer mais problemas para você, mas eu não consigo ficar longe porque eu te amo. E eu faço tudo para consertar as coisas, se você me disser que tem conserto e que você não me odeia. Não precisa me amar de novo, só diga que me aceita e eu vou gastar cada um dos meus dias para fazer valer a pena. Eu cuido da casa, visto um vestido de flores e faço panquecas, uso avental... — falei tudo de uma vez só e nem mesmo sei o que disse. Eu paro para respirar forçando para longe uma onda de ânsia. — Eu te amo... Não é o mesmo sentimento que você descreveu para mim, porque eu sou egoísta e quero você, apesar de todas as implicações e o risco que trago para sua vida, mas... — eu fico tonta e me apoio na cadeira.

— O que eu faço com você? — ouvi tudo que ela disse, ela me

ama e isso me deixou sem chão. Ela acha que me traz risco? Meu Deus, dona Encrenca, tão confusa, tão perdida... — Meg, você está se sentindo mal? — não consigo tirar minha atenção da forma como ela perdeu a cor... E como ela pode pensar que eu poderia deixar de amá-la? Como eu poderia? É por isso que senti ódio com o que ela fez, porque eu a amo tanto e ela nem imagina.

— Não! — Retruco irritada. — Eu te digo tudo isso e você me faz essas perguntas idiotas — o encaro e ele faz menção de falar algo. — Não, eu já sei, você está com a Betsy, não é? — esse pensamento me corta bem ao meio.

— O quê? — agora eu me perdi de vez.

— Eu só fiz o que todos esperavam de mim. Assim você se decepcionaria e ficaria longe — falo olhando-o e essa expectativa está me matando. Por que ele não diz logo que me odeia e quer que eu vá embora? — você já esperava isso, não? Você esperava que eu o traísse — estou com raiva agora. Estou pedindo, implorando e ele só me faz rodar e rodar na minha própria culpa.

— Então, você não só diz bobagens, mas também pensa?! — Falo num impulso e o rosto dela se contrai. Eu também sou burro. Deixei tão claro que não confiava nela e ela usou isso para fazer essa confusão absurda. Tenho vontade de matar o playboy agora, com minhas mãos.

— Eu sei, sou burra. O Ben diz isso o tempo todo — vejo o semblante dele se tornar carregado. — Desculpa, eu...

— Meg?

— Oi?

— Pare de falar e escute só um pouquinho — ela aperta os lábios entre os dentes como para prender a voz. — O que eu não admito é você tentar se matar desse jeito — ela abre os olhos do tamanho de pratos. — Eu sei de tudo, eu vi os e-mails e fotos.

— Você sabe? — ele me olha sorrindo sarcástico e isso me irrita.

— Sei — falo confiante e achando graça da reação dela, de mim e de toda essa confusão que ela conseguiu montar. — Mas você continuou com ele — minhas palavras saem amargas.

— Não — interrompo. — Foi só um beijo, eu juro. Somos como irmãos. Eu entendi isso e ele também.

— Quando?

— Quando comecei a te amar — ela fica me encarando e eu não aguento mais. Puxo ela em meus braços e seus olhos abrem ao máximo.

— Você me ama, Meg? De verdade? Ou é mais uma daquelas vezes que diz isso só por dizer? — a mágoa é evidente em seus olhos.

— Você me ensinou o que é isso, Ed. Me ensinou a amar — ele me encara ainda na dúvida. — Mas eu não aprendi direito, porque sou egoísta e não consigo ficar longe de você — ele começa a rir e meu coração sente que eu não estou tão perdida assim. Ele tem os braços em mim e não saiu correndo. Eu ainda tenho chance. — Eu voltei para aprender mais.

— Agora eu sou seu professor? — começo a rir finalmente.

— Você vai me dar mais uma chance? — digo tensa.

— Desde que não decida pular de helicópteros, nem se jogar na frente de balas e muito menos beijar idiotas ricos — ela começa a rir, aquele sorriso que faz o meu dia e eu a abraço apertado. Ela afunda o nariz em meu peito.

— E a Betsy? — pergunto contra o peito dele e esse cheiro magnífico espanta um pouco o enjoo.

— Sério? — ergo o rosto dela e a encaro.

— Sério — sou taxativa. Se ele disser que tiveram algo eu vou agora mesmo esfregar a cara daquela bruxa no asfalto.

— Nunca teria nada com ela — afirmo seguro e ela sorri. — E

para você saber, foi ela quem tirou a peça do gerador.

— Ela tem que ser presa — adoraria isso.

— Ela está prestando serviços à comunidade — sorrio sentindo-a em meus braços. Meu coração bate tão acelerado quanto o dela e sinto esse compasso louco bem no meio de nós, onde nossos corpos estão colados. Ela me puxa pela nuca e me beija. Um beijo cheio de saudade, carregado de paixão e tesão.

— Eu te amo!!!! — As palavras saem bem do fundo da minha alma e eu grito a plenos pulmões. — Eu te amo, Ogro!!! — Grito isso com os braços no pescoço dele. Quero que o mundo saiba que eu amo esse homem, mais que a mim mesma.

— Meg? Você está bem? — escuto o Ben e sinto o Ed retesar em meus braços. — Nunca deveria ter deixado você fazer isso nesse estado.

— Que estado? Está doente? — encaro a Encrenca e ela parece corar. O que foi agora?

— Estou grávida! — Ela fala e meu coração para de bater.

— O quê?! — Grito. — Quando descobriu?

— Ontem! — Falo desesperada. Será que ele pensa que não é dele? Droga!

— Calma aí, troglodita, o filho é seu! — O Benjamin tem o *time* perfeito para essas piadas ridículas?! Meu pensamento leva o tempo exato de eu ver o Ogro ir para cima dele e socar o Ben em cheio no meio da cara. Eu levo as mãos à boca espantada. — Mas que mer... — o Ben mal se contém em pé.

— Eu sei que é meu! — Digo descarregando toda a fúria que contive durante esses dias. Ele cambaleia e eu o soco de novo no mesmo lugar antes que consiga se esquivar. O playboy cai de pernas para cima. — E essa foi por beijar minha mulher e deixar ela descer por uma escada de

helicóptero carregando meu filho.

— Chega! — Grito ou o Ed vai matá-lo bem aqui.

— Eu já acabei — falo olhando para o idiota no chão. — Eu que falo para você agora, garotão. Se encostar um dedo nela de novo, vou arrancar todas as pontas que têm no seu corpo — ele franze o cenho e esquiva quando me abaixo para olhá-lo de perto. — Que bom que entendeu!

— Você, vem comigo — puxo a Encrenca pela mão e ela não resiste.

Minha garota vermelha, de volta para mim e nada vai ficar entre nós. Ainda quero saber todos os detalhes desses últimos dois meses, sobre ela, a gravidez... Eu vou ser pai! Fico tão confuso que não sei se grito de felicidade ou dou palmadas nela de novo por fugir e me esconder isso. Mas não vou fazer isso, eu vou amá-la. Vou amá-la de uma forma que fará com que ela nunca mais fuja de mim. E se fugir, não vou ficar sentado remoendo nada, vou caçá-la nem que seja no inferno. Um sorriso convencido se desenha em meu rosto enquanto sigo para o carro com a mão da Meg presa na minha e ao sair da delegacia, a plateia ainda está aqui esperando. Entramos no carro, juntos, sob um coro de palmas.

Capítulo trinta e seis

Tudo

Eu chego em casa e paro o carro de vez. Desço apressado e abro a porta do carona. Ela ainda está um pouco pálida e eu a pego no colo. A Meg me dá um sorriso torto, sem jeito. Carrego ela para dentro e a coloco com cuidado no sofá. Sento em frente a ela, sobre a mesa de centro.

— Você está bem? — pergunto suave.

— Estou — digo me sentindo desconsertada. Sei que temos muito o que conversar, mas o que quero agora não são palavras.

— Então, tem um bebê aí?! — Falo e sei que soo como um idiota, mas depois de tudo que já fiz e passei com ela, isso não é nada.

— Sim, um Ogrinho. — falo sorrindo e olho para ele com a língua presa nos dentes.

— Sei... Ou uma Encrenquinha — sorrio também.

— Talvez — aperto minhas mãos uma na outra.

— Meg? — seguro as mãos dela e quando noto que me olha tendo toda a atenção presa em mim eu continuo. — Sabe que precisamos mais que um pedido de desculpas para fazer isso dar certo, não?! — Ela fica tensa. Eu também estou, mas quero isso, quero de verdade. Quero ela comigo e que saiba que pode confiar em mim. Seguro as mãos dela.

— Sei — olho para nossas mãos e sentir esse toque depois de tanto tempo, nossa, parece que foi uma eternidade e também parece que foi ontem. — Ed... — começo voltando a olhá-lo. — Eu falei sério quando disse que te amo — noto a respiração dele ficar difícil. Ele está nervoso? — eu sei que faço um monte de trapalhadas, mas eu tenho medo.

— Medo? De mim? — falo surpreso e ela desprende uma das mãos e acaricia meu rosto.

— Não. De você não — penso nas palavras, mas não sei se existem, para explicar o que sinto. — O que eu sinto por você, eu nunca senti antes — ele apoia o rosto em minha mão. — É um sentimento tão forte, tão profundo... Tenho medo de estragar tudo, tenho medo o tempo todo e por isso escolhi o caminho mais fácil. Sei que fui covarde — começo a chorar de novo. — Droga! Será que todas as vezes eu tenho que chorar desse jeito?! Meg, a fracote — ele senta ao meu lado e me puxa em seu colo.

— Você não é fraca — a aperto em meu colo e ela afunda o rosto na linha do meu pescoço. Esse é o lugar dela, em meus braços. — Mas não tem que ter medo — ergo seu queixo para que me olhe. — Confie em mim, eu estou com você!

— Ed, eu vou ser mãe — falo isso e meu coração salta.

— E foi por isso que você veio até mim? — pergunto porque essa dúvida surge agora. Ela veio até mim por causa da criança.

— Você ainda não acredita que eu te amo, não é? — o olho ferida. Ele nunca vai acreditar em mim... — Quando você vai confiar em mim? — devolvo o pedido dele.

— Somos dois tolos — falo por fim. — Desculpe, você tem razão. Eu peço confiança, mas sempre questiono você.

— Quem não questionaria? — falo amarga.

— Ei? — a beijo, suave, um encostar de lábios, longo, mas é apenas um ponto de contato. — Por que não esquecemos o passado?

— Como eu poderia? — envolvo minhas mãos em torno do pescoço dele. — São tantas coisas. Eu sei que não sirvo para você, mas não há outro lugar que eu queira estar — ele me aperta.

— Então, fique comigo — digo ansioso pela resposta. — Me deixe ajudar você a vencer seus medos, Meg, vamos fazer isso juntos, eu confio em você e você em mim. Escreveremos nossa história, um novo

começo, meio e fim...

— E se eu fizer uma nova burrada? — digo e sinto todo o meu corpo tremer quando ele acaricia minhas costas sobre a blusa.

— A gente conserta — falo e beijo a testa dela, ela me encara. — Mas antes de qualquer coisa, você vai me dizer que “*plano*” você pretende pôr em prática — ela tem uma expressão confusa, entre sorrir e chorar. — Você não está mais sozinha, eu estou aqui por você e você estará por mim. Será assim, Meg. Você consegue?

— Não quero ser uma mala nas suas costas.

— Dona Encrenca! Você me ama?

— Sim, muito! — reviro os olhos. — Vai me fazer repetir isso até ficar muda, não?! — Ele sorri e eu começo a relaxar um pouco.

— Só algumas vezes — beijo a bochecha direita dela. — Se você me ama e eu te amo... — beijo a outra bochecha. — Você tem que confiar em mim e eu em você — beijo sua testa e nariz.

— Mas e se...

— E se nada! — corto e beijo seus lábios, começa lento, mas logo se torna profundo e apaixonado. Me afasto um pouco e ela tem o desejo evidente no rosto. Isso me faz sentir mais vivo ainda. Como desejei isso de volta. — Apenas não me esconda nada, o resto a gente resolve quando acontecer — coloco uma mecha de cabelo de volta no lugar.

— Como você consegue ser tão... — não termino a frase, apenas colo meus lábios de volta nos dele num beijo desesperado. Deus! Obrigada por me dar esse homem assim... Eu me afasto e nossas respirações estão alteradas. Unimos nossas testas. — Perfeito!

— Não sou não — digo abrindo os olhos e levantando do sofá com ela no colo. — Porque enquanto você está aqui abrindo seu coração para mim eu só penso em uma coisa... — vejo o sorriso travesso que se forma em

seus lábios.

— Uma coisa? Eu estou pensando em várias — falo e ele ri me levando para o quarto em seu colo.

O Ed me põe na cama e eu o observo, tensa, pura expectativa. Ele acaricia minha face e então começa a desabotoar a própria camisa. Ele faz isso devagar e eu mordo meu lábio inferior observando o meu Ogro tirar a roupa para mim. Ele tira a blusa e joga longe, eu sorrio. Ele devolve o gesto, mas é um sorriso provocante, torto... Ele tira a calça e eu não consigo desviar os olhos dele. Completamente sem roupa ele volta para a cama e corre um dedo desde minha têmpora esquerda até a linha entre meus seios. Com o dedo pardo, sua boca cobre a minha num beijo provocante, molhado e carregado de tensão sexual. Mas não apenas sexo, é como se estivéssemos ligando nossas almas uma na outra. Eu sinto cada suspiro, cada toque e olhar como se minha pele estivesse aberta. Ele emana um calor estonteante e nem sei onde foi parar os enjoos e todo o mal-estar da gestação. Seu dedo volta a trabalhar e encontra o caminho por baixo da minha camiseta. Eu lembro da tatuagem e seguro a mão dele no lugar. Paramos o beijo e ele me olha confuso. Guio a mão dele para os botões da minha calça. Ele sorri de novo e tira meu jeans. Acaricia meu ventre com um olhar sonhador e sei que pensa no bebê. Uma lágrima boba desce de um olho meu. Ele enxuga com carinho.

— Tudo bem? — minha voz sai rouca pelo desejo. Eu quero tanto essa mulher. Quero estar com ela, mas também não quero que se sinta mal. Minha mulher vermelha, minha Encrenca, grávida! — Não quero fazer você passar mal...

— Só se você parar — sorrio e minha voz é trêmula. Eu me sento e ele me fita surpreso. Começo a tirar minha blusa e sei o que ele está vendo. Assim que termino, encaro dois olhos estáticos sobre mim. A tatuagem do Shrek está sobre minhas costelas, do lado esquerdo, logo abaixo do peito. —

Eu tinha que ter você comigo para sempre, de alguma forma — a respiração dele começa a ficar pesada e eu noto que ele também tem uma lágrima teimosa caindo por um olho. — Sei que não tenho muito para te oferecer. Você tem uma família incrível, tantos valores, tanto amor... — ele segura minha nuca com uma mão e com a outra toca a tatuagem lentamente. — ... mas se você me aceitar na sua vida, eu prometo que usarei todas as minhas forças para ser digna de você.

— Não há mais ninguém no mundo para mim, Meg, você é perfeita assim — eu a puxo pela nuca e beijo sua boca, seu pescoço, seu colo, sua barriga, beijo a tatuagem... — Esse sou eu? Você me vê assim? — sorrio olhando para ela.

— Eu te vejo como meu mundo, Ed. Meu coração, minha alma, meu tudo — digo toda verdade que vai em meu íntimo. — Todos os meus pedaços são seus para fazer o que quiser. Faça amor comigo, meu Ogro. — digo numa súplica romântica e tenho vontade de rir da bobona que me tornei, mas não ligo. Mil vezes passaria por tudo de novo, só para ser a boba sortuda que encontrou o amor.

— Sempre! — Me deito sobre ela, me acomodando entre suas pernas e a beijo. — Minha Encrenca — falo com nossos lábios unidos e rimos ao mesmo tempo.

Não há espaço para mais nada entre nós. Estamos tão unidos, colados um no outro. Ela é minha tatuagem agora. Está gravada em mim. Eu sinto cada parte do corpo dela sob meus dedos e as memórias sempre tão vivas em mim, crescem. Seu cheiro, sua pele macia, seu toque, seu sorriso, seu olhar. Minha, para amar e proteger. Minha para amar e cuidar. Minha, eternamente.

Nós nos entregamos um ao outro. Eu me entrego a ele da forma que nenhum homem me teve nem terá. Coração, alma, mente e corpo. Tudo

para ele e ele também se dá. Dessa forma que só alguém tão puro consegue. Meu, para amar e confiar. Meu para amar e apoiar. Meu, para sempre.

...

Fizemos as pazes e estamos juntos. Morando na casa do Ogro e eu com uma barriga de seis meses, me olho no espelho. Tem alguém crescendo em mim e eu me sinto mudada. Sempre deixei a vida me levar para as partes divertidas, para o caminho fácil, mas agora é diferente. Eu tenho um motivo para viver, um motivo para fazer valer a pena. Não sou mais a Meg a passeio na vida. Sou Meg, futura mãe e que tem um homem incrível ao lado. Meu coração desejou isso por tanto tempo e eu tentei soterrar em meu íntimo, mas agora não preciso mais. Agora posso ser realmente livre. Mesmo com toda responsabilidade e peso que tenho sobre mim. Coisas das quais sempre fugi... — Ei, bobona. Tem que terminar de se arrumar — volto para dar de cara com a Amanda sorrindo em minha direção. Sua barriga parece que vai estourar a qualquer hora.

— Não deveria estar de repouso? — provoco. A gravidez dela está incrivelmente saudável e não temos dúvida de que foi mesmo um milagre. Apesar disso, gêmeos é sempre complicado e ela tem que manter um repouso seguro.

— O médico disse que estou ótima e o Liam está esperando lá embaixo. Então, termine de se vestir — ela diz e me entrega a roupa. Penso no Liam. Se ele pudesse, a Mamá nem andaria mais.

— E se ele não gostar? — falo tensa voltando minha atenção ao problema aqui. O Ed.

— Sério, Meg? — ela me encarar descrente. — Anda, roupa, Meg! Meg, roupa — pego e visto.

Em minutos estou pronta, vestida, penteada e munida de coragem

e amor que só a felicidade e a maternidade dão a uma mulher. Quem diria que eu conseguiria. Consequiria ter tudo...

...

É Halloween e está uma loucura na delegacia. Todas essas pegadinhas adolescentes me faz querer arrancar os cabelos e lembro quando era eu, minhas irmãs e amigos que fazíamos essa confusão toda. Minha vontade é ir para casa e ficar com minha garota. Sento na minha cadeira e abro a gaveta tirando de lá o anel que comprei para ela. Faz tempo que ele está aqui, mas eu quero o pedido perfeito. Quero fazê-la ter o dia dos sonhos. Quero mágica na vida da minha vermelha... De repente uma confusão soa lá fora e eu levanto irritado.

— Mais o que foi agora? — já saio da delegacia gritando e quase caio pelo susto que me toma. Na rua, em frente à delegacia, uma turma de pessoas fantasiadas, descem a rua. Um garoto biscoito, anões, Pinóquio, alguém vestido de burro... Ei? Conheço essas pessoas. Minhas irmãs? As gêmeas de princesas. O Bernardo e o John de biscoito e Pinóquio. Meu pai de burro? O Liam e a Amanda de rei e rainha e o Tom de Ogro? Estou sonhando e é algo bem esquisito. Eles vêm cantando *It is you*, da Dana Glove, como no filme do Shrek. Com o coral e tem uma banda...

Todos eles cantam em coro e não posso fazer nada além de ouvir. Assim que param, levantam plaquinhas com letras que formam a frase: *“Encontre sua Fiona, Ogro!”*. Começo a rir como um idiota. Meg, me passou a perna mais uma vez. E lá no meio desses palhaços todos está a minha garota vermelha, barriguda. Vestida de Fiona, claro. Eu caminho até ela.

— Casa comigo, Ogro? — sorrio como se fosse partir meu rosto ao meio. A expressão dele é incrível.

— Sabe que eu deveria fazer esse pedido, não é? Me prometeu

usar avental, fazer panquecas... Mas vive disputando o posto de homem da relação...

— Quem diz bobagens agora? — falo e ele me aperta em seus braços. — Me responda! — Cobro.

— Sim, sua maluquinha — beijo a mulher da minha vida e sei que tenho que cuidar do meu coração, porque se ela mantiver esse ritmo de surpresas, não durarei muito.

— Aqui, as alianças — empurro uma no dedo dele e entrego a outra para que ele coloque no meu. — Agora você tem coleira.

— Nunca precisei, amor — a beijo de novo e todos riem e gritam por nossa felicidade.

— Não é para você, é para as desavisadas — o abraço e ele me levanta no colo. O coro volta a cantar e ele me tem em seus braços. Rodando comigo e rindo. Mas logo cola os lábios nos meus e nos beijamos apaixonados. Cercados por nossa família e amigos.

— Eu te amo, Meg! — Roço meu nariz no dela. — Minha Fiona! — Ela acaricia meu rosto. — Mas nem morto que me visto de Ogro — nós dois rimos.

Capítulo trinta e sete

Porque sempre queremos mais

Eu nunca pensei que teria um momento assim. Meu chá de lingerie!!! Claro que eu tive que dizer ao Ed que é algo como um chá de panelas, bem calmo e tranquilo. E, em parte, é. Afinal, não fica nada bem ter strippers num chá de uma noiva com uma melancia na barriga. Opa!

— A mamãe quis dizer uma melancia linda e amada viu, Ogrinha?! — Digo acariciando minha encenquinha. Ainda não decidi se ela se parece mais com o pai ou comigo, mas pelo jeito que chuta quando parece incomodada com algo, acho que ela tem o gênio da mãe.

Desço a escada devagar, metade de mim é ansiedade para ver o que aprontaram lá embaixo e a outra metade é medo. Um sorriso nervoso se mostra em meus lábios. Minha pequena se mexe em mim e eu sinto seu apoio nesse momento. Não estou sozinha. Nunca mais estarei...

— Aê!!! A mamãe mais linda de todas!!! — A Emilly grita e eu penso que apenas alguns meses atrás ela queria comer meu fígado. Mas depois, foi com a ajuda dela que consegui montar meu pedido de casamento. No final, ela me lembra muito a pessoa que eu era...

— Você demorou! — Mamá fala me olhando engraçado. — Droga, banheiro de novo — ela diz levantando e indo às pressas. A cada mês que passa ela parece uma bexiga furada. Sorrio porque entendo bem, embora para ela, que carrega dois, as coisas sejam dobradas. — Não façam nada sem mim — ela grita, já no banheiro.

— Vocês ouviram a madrinha! — Brinco.

— Ei? Todas nós somos madrinhas — a Corine faz biquinho.

— Isso mesmo, não pode ter preferências — agora a Emma.

— Não sejam tolas, a Amanda é a melhor amiga, irmã e tudo

mais da Meg — a Sally diz e sorrio em agradecimento. — Mas, claro, a cunhada preferida sou eu! — Ela sorri convencida e as meninas jogam salgadinhos nela.

— Eu também quero participar da guerra de comida — a Amanda retorna ainda arrumando a roupa.

— Ah! Por favor! Vocês parecem crianças — Ella diz, mas está sorrindo.

— E você é tão madura — Emma joga uma bala nela.

— Eu pensei que essas comidas eram para aplacar a fome dupla que eu tenho desde que minha vidinha está crescendo aqui... — brinco, mas também tenho que evitar que minha casa vire um refeitório de acampamento.

— Como se você comesse menos antes — a Amanda fala, mas já está lá se servindo de um cupcake.

— Ei?! Eu sou uma dama! — Pego um também.

— Sei! — Todas elas falam como um coral.

Logo estamos todas na sala, um emaranhado de mulheres e sacolas. Disseram que têm muitas brincadeiras para me mostrar e eu estou super feliz com seja lá o que for. Temos pratinhos e copos por toda a casa. A Mamá e as minhas cunhadas não mediram esforços. O chá se revela incrível. Elas fazem jogos de adivinhação, me enchem com coisas de sexy shop e piadas sobre o irmão. Eu amo cada detalhe e momento e me sinto em família.

— Agora, você dona noiva, vai para a varanda. Temos uma surpresa — a Amanda fala e meu coração salta.

— Mais? — já estou pintada, lambuzada, com um soutien por cima da blusa, que claramente não cabe em mim agora e com a barriga cheia de lanches e ogrinha.

— Mais — elas gritam. Elas sempre gritam e por mais absurdo que seja, eu adoro. — Sai logo. — rio abertamente.

— Okay, estou indo — levanto devagar. O peso da gestação... — Bem que o irmão de vocês disse que eram terríveis — elas me jogam pipocas. — Espero que limpem essa bagunça! — Provoco.

— Nem deu a luz ainda e já está tão careta — a Emilly ri de mim.

Caminho para a varanda e fico observando o nada. O nada que me trouxe tudo. Um mundo de compreensão, carinho, amor, família... Novamente o sentimento de que não estou só no mundo me invade. Eu não estou só. Tenho o meu amor, meus amores. O Ogro, minha vidinha e de brinde, cinco irmãs e um “irmão”. O Eric me paquerou no início, mas desde que minha história com o Ed deslanchou, ele se mostrou muito atencioso e respeitador. Espero que ele encontre um amor como eu encontrei. Todo mundo precisa.

— Se esfregar mais, sai um gênio daí — viro para encarar a Emilly de pé, contra a porta.

— Uma gênio — ela parece tensa e eu sorrio receptiva.

— Sabe... — ela aperta os lábios entre os dentes. — Eu pensei que você era confusão pura.

— Seu irmão vai concordar com isso — alargo o sorriso.

— Sério, Meg, confusão do tipo ruim — ela diz séria e eu fecho meu sorriso devagar. Teremos uma DR agora? — eu via como você fazia meu irmão, sempre tão seguro e programado, agir como um completo maluco. — abro meus olhos ao máximo. — Você o virou mesmo do avesso — mal sabe ela, que ele fez pior comigo.

— Ele vai sobreviver — brinco.

— Mas não é sobre o bobão do Ed que quero falar — ela diz isso, mas na verdade arrasta um caminhão por ele, da mesma forma que ele carrega água numa peneira por ela. Me lembram a Amanda e o Benjamin.

— E sobre o que quer falar? — pergunto numa voz suave. A

Emilly acaricia meu ventre.

— Sobre você ter trazido luz pra vida dele — ela não me olha, fixa os olhos num ponto distante na estrada em frente à casa. — Ele estava tão escuro depois da Mel e você chegou como um furacão, sacudiu tudo e mostrou que ele ainda estava vivo — ela engole saliva como se engolisse pedras. Parece que sentiu a dor dele com a perda da esposa e do filho. Sinto que vou chorar agora. Hormônios, emoções do momento... — Eu queria pedir desculpas se fui uma idiota quando nos conhecemos — ela me olha direto nos olhos e nós duas estamos à beira das lágrimas. — E pedir que você me deixe fazer parte, sabe?! — Faço uma expressão confusa. — Seria uma honra se me aceitasse como amiga e irmã. — ela diz e inspiro e prendo o ar. Ficamos nos olhando sérias, com as lágrimas presas. Após alguns segundos ela exala com força. — Se você não quiser, tudo bem, sei que uma má impressão não se desfaz assim — eu a puxo num abraço.

— Eu que fico honrada por você me deixar entrar na sua família e me fazer sentir como se fosse minha — ela me olha tão perdida. — Mas não pense que serão só flores, você vai ter que aguentar meu gênio que não é melhor que o seu, e claro, trocar fraldas.

— As fraldas, sempre tem as fraldas — ela ri relaxada. E que se danem as coisas que ela me disse. Eu mudei mesmo. Ela também vai. Vai amadurecer e me sinto tão feliz e amada agora que quero que todos sintam isso. — Seja uma boa tia para meu bebê e estaremos sempre bem, mesmo que você jogue pedras em mim — digo ainda abraçada a ela.

— Ei?! — A Sally aparece na porta. — Esse é o chá de lingerie da Meg e não um velório. Parem de chorar suas bobonas e entrem o show vai começar — show?

...

Me limparam, arrumaram, tiraram o soutien paga mico e agora

estou sentada no centro da minha sala. Vendada e uma música sexy está bem alta. Bom, não tão alta para não assustar a ogrinha. Eu respiro ansiosa e minha imaginação não consegue montar uma cena do que inventaram.

— Ei, madrinhas malucas, estou grávida viu?! Ansiedade faz mal ao bebê! — Digo sorrindo. Escuto um burburinho e passos.

— Divirta-se — a voz da Corine e parece que estão se afastando.

— Ei? Aonde vão? — falo e sinto uma mão correr pela lateral do meu braço. Uma mão masculina. Ele tira minha venda e meu queixo cai.

— Você queria um stripper — droga. Se eu não entrei em trabalho de parto, vou entrar agora. O meu “noivo” está de pé, diante de mim, vestido com a farda e com “aquele” olhar. Eu engulo em seco e ele se move como se a música emanasse dele. O Ed tira a camisa e eu respiro ofegantes então a coisa mais absurda acontece... Ele começa a rir e eu não entendo mais nada.

— O que foi? — digo franzindo a testa. Ele se aproxima e me puxa, pondo-me de pé.

— Sinto muito, amor, esse stripper não leva jeito — ele diz e tira o controle do som, trocando a música para uma romântica. *All of me*. Eu suspiro e apoio minha cabeça em seu peito. Ele ergue meu queixo para que eu o olhe. — Dança comigo? — sorrio e ele me beija e começa a me levar nessa dança romântica. Mudei mesmo. Em outro momento ia gritar: “*Quero você sem roupa agora!*”. Sorrio boba. Não dançamos nem um minuto e escuto um burburinho vindo da porta e passos novamente. Sei bem de quem são...

— Ei, seu enganador de mulheres! — Olhamos assustados para a porta e damos de cara com as seis. Sally, Corine, Emma, Ella, Amanda e Emily, essa última com um celular apontado para nós. — Você disse que ia fazer um stripper — ela acusa e as outras cruzam os braços.

— Como se eu fosse mesmo fazer isso — ele ri divertido. — Nem morto, mesmo porque sabia que você faria algo assim e depois usaria contra mim — ele aponta para o celular. Ela o guarda.

— A ideia de gravar é só da Emmy viu?! — A Ella entrega.

— Você fez isso só para se infiltrar no chá da Meg! — A Sally acusa rindo divertida.

— Cai fora, Ed! — As irmãs gritam e a Amanda ri. — Se quer participar temos umas ideias para você — elas partem para cima dele com batons e frufus e começa uma correria enchendo a casa de risos e gritos. No meio da corrida ele faz a volta e finge que vai pegá-las e eu me vejo bobona sorrindo e assistindo essa cena familiar. Eu tenho uma família.

— Liam? — viro na direção da Amanda quando a escuto chamar pelo marido. Ele está na entrada da casa, com uma expressão indecisa.

— Vim só saber se está tudo bem — sei... Ele poderia ter ligado.

— Saber se está tudo bem? — a Sally fala com uma expressão marota. Sabe meninas, acho que precisamos ensinar duas ou três coisinhas a esses dois sobre chá de lingerie.

— Não, não... — o Liam começa a dizer erguendo as mãos em rendição, mas é tarde demais. Elas partem para cima dele com as mesmas armas usadas contra o Ed.

Logo estão todos correndo pela sala e eu a Mamá, bem no centro da confusão, rindo, relaxadas. O Ed pega a Emilly e a joga no sofá, levanta a Corine no ombro e rosna para a Emma. A Ella passa batom no Liam que fazia cócegas na Sally. Em outro momento eu teria ficado com ciúme pela Amanda, mas o Ed me contou que a Sally e o Liam estudaram juntos e que ela defendia ele dos valentões. São amigos. Agora entendo isso. Agora eu entendo de muitas coisas, principalmente desse sentimento. Esse que pode existir numa amizade, numa relação de irmãos, entre um homem e uma

mulher... E eu o tenho em minha vida, de todas as formas que ele pode ser sentido. Felicidade me define. Eu aprendi o que é o amor!

Capítulo trinta e oito

Minha razão

A Meg tá em tempo de ficar louca com o casamento, mas do que já é, a dona Encrenca! Ela quer tudo para ontem. Disse que não vai entrar com o filho de buquê. Eu não sei mais o que fazer e isso só tem uma semana. Hoje todas as minhas irmãs vieram aqui e foi uma confusão. Parecia que tinha um milhão de mulheres em casa e eu fiz o possível para ficar longe. Elas gritavam e falavam feito loucas. Chegaram de manhã cedo e até a Emilly, depois do que aconteceu com a Meg e da gravidez, age como se fosse outra pessoa. Imagino que se a Encrenca pedir a Lua ela vai buscar... Mulheres, quem entende?! Meu telefone toca.

— Alô...

— Alô nada. Onde você está? — é a Encrenca.

— Amor, estou na delegacia. Onde mais?

— Venha já para casa, Eduard Prats, a Amanda já chegou! — Amanda?
— você esqueceu o almoço de hoje? Temos que decidir um monte de coisas e aproveitar que ela vai fazer o bolo para escolher o modelo — ótimo, eu tenho que escolher modelo de bolo?

— Meg, eu não ajudo em nada com essas coisas...

— Acho bom você vir antes que eu saia para te buscar — ela desliga o telefone assim que acaba de falar. Deus! Isso é uma gravidez ou uma possessão?

...

Em pouco tempo estou entrando no campo de batalha. O Bernardo e o John correm pela sala com a Corine atrás. A Ella tem uma pilha de papéis na mão e dita coisas que a Emma anota. Sally está na cozinha para variar e a Emilly alimentando o Tom. Subo a escada direto quando escuto os

gritos de não da Meg... O que será dessa vez?

— Não, Benjamin, é muito dinheiro — entro no quarto e lá está a Meg sentada na cama com um envelope cheio de notas. O playboy de pé e a Amanda sentada em uma poltrona próxima da janela.

— Mas, Meg...

— Ela não quer seu dinheiro — digo irritado. Esse cara não some?!

— É um presente para a Meg — ele me provoca.

— A Meg, não quer seus presentes — me aproximo e ficamos face a face.
— Dê o fora — ele não recua.

— Não vou a lugar nenhum. Vai me bater de novo? — droga, como eu queria fazer isso.

— Qual o seu problema afinal?

— Parem vocês dois! — Grito. — Não aguento mais isso, toda vez que...
Ai... — levo a mão à barriga...

— O que foi, Meg?

— O que foi, pimentinha? — o playboy corre na direção dela ao mesmo tempo que eu. — Ei? Nem pense em tocar nela — rosno para ele e a Meg começa a respirar esquisito.

— Ninguém toca em mim! — Digo e os dois me olham como gatos acuados.

— Me deixe ajudar, anjo, você está com dor — insisto.

— Não. Eu estou é entediada disso tudo. São quatro meses Ed, e toda vez que se encontram é assim — digo e faço uma careta. A bebê não dá folga. — Eu não sou um pirulito de disputa infantil — começo a andar em direção à porta num passo desengonçado.

— Meg, aonde você vai assim? A bebê...

— A bebê está bem — corto olhando com raiva para ele. — Ela só não aguenta mais vocês dois brigando e resolveu expressar isso chutando.

— Aonde você vai? E o bolo? — droga, eu não quero esse clima entre nós, muito menos esse estresse todo para minha filha, mas não sei mais o que fazer.

— Vou ficar longe de vocês e acho bom se resolverem ou não vai ter bolo, nem casamento, nem Meg para ninguém — encaro um e depois o outro. — Juro que sumo no mundo, eu e minha filha e vocês não ouvirão falar de mim — saio irritada. Estou cansada, nervosa, inchada e irritada. Claro que não vou fugir para lugar nenhum, mas como todos têm certeza que sou maluca, eles vão acreditar.

— Satisfeito? — digo assim que a Meg sai e o “*almofadinha*” me olha arrogante.

— Foi você quem começou com seu complexo de Hulk!

— Quando você vai entender que ela é minha? — digo estreitando o olhar para ele.

— Ótimo, segunda buchuda saindo — a Amanda se levanta com dificuldade e imagino que ela teria saído antes se conseguisse ser mais rápida. — Tenho uma dupla aqui e não seria bom se resolvessem chutar também. — ela tem um olhar de reprimenda para nós dois e o Liam aparece na porta.

— Ei? Estão tentando fazer meus filhos nascerem antes da hora? — ele pega a Amanda pelo braço com todo cuidado. — Vem amor, eu vim buscar você para a gente almoçar juntos. E vocês dois, vão brigar longe da minha mulher.

— Qual o problema de vocês, idiotas apaixonados? — o Benjamin fala com desdém. — Minha isso, minha aquilo... — ele resmunga fazendo uma voz esquisita. — Não estamos na era medieval. Ninguém vai vir aqui e roubar a mulher de vocês... — começo a rir.

— Você já amou alguém?

— Olha aqui, troglodita. Eu amo a Meg, ela é uma irmã para mim e se ela

quer uma festa dos sonhos ela vai ter, mesmo que seja para casar com um velho enfadonho e pobre que nem você!

— Do que me chamou? — tenho vontade de arrancar a cabeça dele agora. E espera, festa dos sonhos?

— Você ouviu e não vem não. Dessa vez eu vou revidar se você me socar — ficamos os dois nos encarando. De repente ele desata a rir. — Isso é ridículo.

— Não seja idiota a mais que o habitual. Falei de amor de homem e mulher. Quero ver você ficar tão calmo quando imbecis como você ficarem voando em torno que nem moscas — devolvo. — Você que é ridículo — falo, mas sinto vontade de rir também. — Agora eu sei onde a Meg aprendeu essa linha de raciocínio absurda — isso eu não posso negar, ele fala tantas bobagens quanto ela.

— Eu sei, sou um péssimo exemplo de irmão — ele se senta na ponta da cama.

— Deve ser mesmo — provoco e sento na ponta oposta.

— Eu só quero a felicidade dela — ele diz com um peso na voz que mexe comigo.

— E o que acha que eu quero? — o encaro, cético.

— Gritar mim Tarzan e bater no peito como um selvagem — ele diz e eu não resisto ao sorriso que se forma em minha boca.

— Você é um idiota mesmo — falo exalando com força.

— Desculpa — eu ouvi isso?

— O quê?

— Desculpa, eu ter sido um pé no saco desde que nos conhecemos e todas as coisas que disse — eu o encaro desconfiado. — Estou falando sério, sem truques. Mesmo porque a Meg jurou que vai arrebentar minha cabeça com o taco de beisebol que dei para a Amanda.

— Aquele taco era seu? — digo surpreso.

— Era.

— Cara, não devia ter deixado elas duas com aquilo — me lembro quando a Meg bateu em mim com ele e um sorriso maior aparece em mim. — A Meg bate forte.

— E eu não sei?! — Ficamos os dois olhando os sapatos.

— Então, ela quer um casamento dos sonhos?

— Quer, toda mulher quer.

— E eu sou tão burro — penso em como não percebi isso antes.

— Eu concordo — ele diz com um sorriso divertido.

— Não exagere — retruco. — Elas estão me deixando louco com tantas listas, escolhas, datas...

— A Meg, ela está coordenando tudo, tentando fazer caber no orçamento de xerife — ele me lança um olhar de descrença. — Ela diz que se já tivesse aberto a casa de eventos aqui na cidade teria algum a mais...

— Ela disse isso? — por que ela conversou isso com ele e não comigo?

— Disse — ele me encara. — Eu dei o dinheiro e ela rejeitou, nem emprestado ela quer. Nem de mim, nem da Amanda — minha Encrenca, orgulhosa. Isso de certa forma me deixa feliz. Então, ela quer que caiba no nosso orçamento, quer levar uma vida como posso pagar... Se ela soubesse...

— Eu acho que não dou conta — digo pensando em todas elas gritando e decidindo coisas...

— Eu já disse que posso ajudar — ele reafirma a proposta.

— E vai, mas não com dinheiro — ele me encara surpreso. — Ela terá o casamento dos sonhos, mas não com seu dinheiro.

— Homem, você é orgulhoso demais — sorrio porque ele está tão errado.

— Não sou não — digo e ele me encara descrente. — Dinheiro eu tenho, o que não dou conta são de todas elas — ele faz um semblante de compreensão.

— Imagino, se só com a Amanda e a Meg eu fico maluco — ele meneia a cabeça. — São quantas?

— Sete e em breve oito com a pequena que está a caminho.

— Cara, você tá muito ferrado — nós dois rimos. Isso parece esquisito. — Mas você disse que queria minha ajuda.

— Sim, eu quero que você entre com a Meg na igreja — ele agora tem uma cara completamente perdida.

— Eu?

— Você — me dou por vencido. — Sempre foi o anjo da guarda dela e embora Deus saiba que eu queria ter chegado na vida da Meg a tempo de evitar tudo pelo que passou, eu não pude. — ele me olha de forma estranha, mas eu continuo — Foi você quem sempre protegeu e cuidou dela antes de mim e eu sei que salvou a vida dela. Eu devo isso a você, é isso que me irrita mais. O quanto ela te ama e de uma forma que não posso concorrer, porque não se fica entre irmãos — ele franze a testa dá uma fungada como se estivesse desconfortável com as minhas declarações. — Trégua?

— Até o casamento? — ele me pergunta ainda desconfiado.

— Nem pensar. Trégua mesmo. Vou precisar de toda ajuda possível daqui para frente — estendo a mão para ele. Faço isso pela minha mulher, pela felicidade dela.

— A Meg tinha razão sobre você — tinha? O que ela disse? — mas aviso que não vou trocar fraldas.

— E eu aviso que você não está livre de levar uns socos de vez em quando.

— Vai sonhando — nós dois rimos.

...

A agonia toda se dissipa, mas nem sinal da minha vermelha. Depois da conversa o playboy aliviou nas piadas fora de hora. As minhas irmãs

tomaram seus destinos e sei que a Amanda e o Liam estão em casa. Eu procuro a Meg pela cidade inteira e não encontro. Já estou ficando louco e a Amanda me disse que sabe onde ela está, mas que não vai contar. Droga! Meu celular toca.

— Vó Judith? — será o gato de novo?

— Oi, querido — ela fala em um tom suave. — Tenho duas coisas suas saindo daqui de casa agora. Acho bom você se comportar porque não vou viver para sempre — eu ouvi isso? Então, era lá que a dona Encrenca estava?

— Obrigado, vó — digo e desligo o aparelho correndo para casa.

Chego a tempo de um banho e arrumo tudo o quanto posso. Parece que um furacão passou aqui. Assim que acabo de descer a escada dou de cara com minha pimentinha entrando. Ela parece cansada. — Oi? — falo sem jeito.

— Oi — ela me responde fazendo uma cara sisuda.

— Eu quero pedir desculpas para você...

— Eu não quero desculpas, Ed — não deixo ele terminar. — Eu quero soluções — me jogo sentada no sofá segurando minha barriga. — Pensa que é fácil tudo isso? Eu tenho que arrumar um casamento em tempo recorde, as coisas aumentam o preço o tempo todo, eu tenho essa criança que vai nascer a qualquer hora e não sei se estou preparada... — falo sem parar e ele se aproxima lentamente de mim e senta ao meu lado. Eu o encaro de frete. — E se eu não for uma boa mãe? E se eu errar? Eu não aprendi, Ed, não sei como é! — Estou morrendo de medo aqui. Paro de falar pegando fôlego.

— Então, é isso, amor? Está com medo? — a abraço e puxo para meu colo. Meus dois presentes mais perfeito. Acaricio sua barriga. — Você vai ser uma ótima mãe.

— Você acha? — pergunto ansiosa inalando o aroma do meu Ogro.

— Tenho certeza — sorrio e lhe dou um beijo de leve. — E tem os

exemplos da Corine e da Emilly para não seguir — ela sorri para mim.

— Deixa só elas te ouvirem! — Me agarro a ele com força.

— Vou te mostrar algo — a ergo no colo e levo até o escritório. Lá, a ponho sentada e ligo o computador. — Eu fui um grande imbecil, primeiro por não pedir logo você em casamento — abro a gaveta e pego o anel. Um solitário com um diamante enorme e ponho no dedo dela.

— Onde conseguiu isso? — o encaro surpresa.

— Não roubei se é o que pensa — sorrio confiante. — Era para te dar antes. Comprei assim que veio morar comigo.

— Comprou?

— Sim, comprei — afirmo olhando para sua cara confusa. Abro uma página na internet e acesso minha conta no banco. — Com isso — a minha conta abre e ela fica em silêncio olhando para a tela. — Você pode fazer o seu casamento dos sonhos — sorrio e beijo sua cabeça. — ela levanta e sai andando sem dizer nada. — Meg?

— Você escondeu isso de mim, por quê? — viro olhando para ele, magoada. — Acha que sou interesseira?

— Não, amor! — Tento abraçá-la, mas ela se esquivava e entra no quarto. — Meg, por favor, me escute.

— Eu estou escutando, Eduard — o encaro cruzando os braços sobre a barriga.

— Eu... Olha, sabe o jogo Mundo Perdido? — ela me encara franzindo a testa. — Eu que criei. Com a ajuda de outros programadores, claro. Estava na faculdade ainda e me rendeu muito. Eu guardei em uma conta, não me importava pelo dinheiro, era o criar...

— Sei... — falo ainda séria. — O que mais escondeu de mim?

— Eu não escondi... — ela faz uma expressão irritada. — Tá bom, eu escondi, não contei, sei lá... Não falo muito disso — me aproximo e a

empurro para a cama devagar. Ela sobe e senta se apoiando na cabeceira. Me sento ao seu lado e seguro sua mão. — Eu deixei na conta e um tempo depois conheci a Mel, nos casamos. Quando ela ficou doente, o tratamento era caro... — quando falo da doença da Mel, ela aperta minha mão na dela. — ... eu investi na bolsa de valores e tive sorte, acabou virando uns milhões — eu a observo, mas ela tem os olhos fixos na parede em frente a nós. — Não foi de muita valia, porque não salvou a vida dela — ao ouvir isso ela apoia a cabeça em meu ombro. — Depois disso, continuei investindo, como o jogo a conta só cresceu, além dos outros jogos que fiz, mas nunca mexi. Não tinha porquê — ela suspira.

— Então, você é rico? — falo me sentindo tola. — Não quero seu dinheiro.

— Ei? — ergo o rosto dela para me encarar. — Não faça assim comigo, isso não pode ficar entre nós. Eu te amo, Meg e não penso que é interesseira, só não achei que importasse, até agora. Foram tantas coisas ao mesmo tempo desde que conheci você. Eu sou um idiota por não ter te observado direito e ter percebido que você quer o que toda mulher quer. Um casamento de sonhos.

— Acha que é isso que quero?

— Foi o Benjamin que me disse.

— Vocês conversaram? — meu coração dispara, espero que não tenham brigado.

— Conversamos e não teve socos — ela sorri para mim com os olhos traduzindo esperança. — E eu pedi que ele entre com você na igreja.

— Sério? — meu coração agora dá saltos.

— Sim. Se isso te faz feliz — ela faz uma expressão triste.

— Mas e você?

— Eu fico feliz se minhas meninas estiverem felizes — beijo seus lábios

com possessão.

— Suas meninas podem ser exigentes — brinco dando um olhar travesso para ele.

— Pode gastar o dinheiro todo, Meg, não me importo. Desde que isso deixe você tranquila e que a nossa filha pare de chutar tão forte — O que foi, pimentinha? — ela ri engraçado e sei que lá vem bobagem.

— Então, no fim das contas o faro da Meg não é tão ruim — ele acaricia minha barriga e eu o observo. — Belo golpe da barriga eu dei... — um sorriso torto se forma em meu rosto.

— Golpe da barriga é? — faço cócegas nela que se contorce.

— Não, Ed, eu estou brincando. Para! — Ele para e eu ainda levo alguns segundos para retomar o fôlego. — Não vou gastar tudo, deixo alguns para os estudos da ogrinha aqui — brinco acariciando minha barriga.

— Eu te amo, Meg! — Vou beijá-la, mas ela me detém com uma mão em meus lábios.

— E eu te amo mais — ele me observa surpreso. — Eu estava completamente perdida, Ed. Perdida e vazia. Você me encontrou, me guiou, me fez acreditar e me preencheu de uma forma tão perfeita. Eu encontrei em você a minha razão de acordar, de respirar, de viver. Ainda me deu esse milagre aqui dentro, que me faz sentir que nunca mais serei eu sozinha no mundo. Eu estou com medo, confesso, medo de errar, de falhar, de perder. Apesar disso, mil vezes eu ainda tenha que cair, sempre vou me levantar só pela lembrança de tudo que você trouxe para minha vida. Você me ensinou a amar, Eduard Prats. Me ensinou que o amor não é a coisa mais perfeita do mundo e por isso é tão perfeito. Você destruiu um ideal que assombrava meu caminho e me trouxe a realidade que preenche meu coração e alimenta minha alma. Você é a razão de toda minha felicidade. Meu mundo, meu tudo, meu amor.

— Eu pretendo te preencher mais — falo sorrindo, mas não tenho palavras para descrever o quanto meu coração está realizado com essa declaração dela. Eu que pensei que nunca mais seria feliz dessa forma e agora tenho tanto em mim que não me cabe.

— Ogro! Eu me declaro e você me sai com essa? — o empurro, mas ele me puxa de volta.

— Eu falei de sentimentos, cabecinha suja, mas eu posso preencher de outras formas também — seguro sua mão e beijo o centro dela.

— E depois eu que só falo bobagens — estremeço com esse toque suave.

— Eu te amo, Meg. Você é a luz que me trouxe das sombras. Minha estrela guia. Sempre tão alegre, divertida, feliz e positiva... Eu segui você, atraído por isso. Você é minha razão também. Meu coração, minha alma, meu tudo...

— Agora melhorou — sorrio boba e encho ele de beijos. — Ed? — falo me aninhando a ele.

— Oi? — a aperto em meus braços.

— Nossa casa é pequena.

— Eu sei.

— Sabe? — apoio minha cabeça em seu peito e começo a acariciá-lo.

— Sei sim. — afago sua nuca.

— Não vai ter espaço para todo esse preenchimento que você está propondo.

— Eu já resolvi isso.

— Resolveu? — me levanto no susto e o encaro.

— Eu comprei outra.

— O quê? — o encaro séria. — Sem me falar nada?

— Era uma surpresa, presente de casamento — apresso em explicar. — Comprei a casa que a Amanda alugou. Assim que acabar a reforma do quarto

dos bebês na casa do Liam, que será em menos de quinze dias, nós poderemos mudar para lá — ela fica me olhando espantada.

— Amanda! Era por isso, então, que ela queria fazer tudo aqui, mesmo sendo tão apertado — terei uma conversa com minha amiga depois.

— Ela fez por você, pimentinha. Eu pedi. Assim ficarão juntas e nossos filhos crescerão juntos também — digo puxando-a de volta para meus braços.

— Eu já disse que te amo? — pergunto feliz.

— Disse, mas pode mostrar também — acaricio as costas dela de forma provocante.

— Ogro tarado — dou risada e o beijo com vontade.

Epílogo

Uma ogrinha à caminho...

É o meu grande dia. Ver a minha garota, entrar na igreja em minha direção, mesmo que nos braços do Benjamin, faz de mim o idiota morto mais feliz do universo. Ela anda em minha direção e eu não vejo mais nada. Só seus olhos, vindo para mim. Meu coração treme em meu peito, em dúvida entre bater e parar. Toda luz que ela traz para mim. Todo amor que há no mundo parece que está aqui agora. Eu penso em tudo que vivi em poucos meses com ela, em como queria ter estado lá quando ela nasceu, quando deu os primeiros passo, quando caiu, quando perdeu os pais, quando tentaram destruí-la, quando mesmo em pedaços ela seguiu em frente. Ela lutou por sua vida, por sua existência e tudo isso para vir para mim. Para ser minha... Eu acredito que ela foi feita para mim.

Desejei em meu íntimo que os nossos caminhos tivessem se cruzado mais cedo e que o dela não fosse tão duro. Mas ela veio, chegou até mim. Eu estou aqui para ela agora, estou indo para ela como um ímã segue outro. Nossas almas já se conheciam, já se desejavam e eu sei disso, porque mesmo a vida nos criando tão diversos, na primeira vez que olhei para ela eu senti. Não ficamos juntos de imediato. Isso não é um filme ou livro romântico tolo. Nós nos conhecemos, desvendamos, derrubamos barreiras, mas nunca desistimos. Fomos feitos um para o outro.

— Não chore ainda amor. A cerimônia nem começou — digo divertida, ao me aproximar do meu Ogro e ver que ele tem lágrimas nos olhos. — Está pensando em desistir?

— Não, jamais, pimentinha — digo apertando a mão dela na minha enquanto voltamos nossa atenção para o padre. — Estou pensando no quanto tive que esperar para você acertar o caminho até mim — sussurro para ela

que devolve o aperto em minha mão.

...

Enquanto deixo a igreja com um sorriso monumental eu observo cada rosto a minha volta. Amanda, Liam, Ben, Hellen, Adam, Sally, Emilly e Tom, Corine, Bernardo e John, Emma, Ella, vó Judith, Marcus, Danna, Thay, Antony. São tantos... Todos eles felizes por mim. Observo o homem ao meu lado. A minha redenção. O milagre que devolveu o meu coração e salvou minha alma do vazio. Eu tenho muitas cicatrizes, mas elas já não doem mais. Ele curou todas as minhas feridas e agora entendo que valeu a pena resistir tanto. Tudo que me cortou, me feriu, me sangrou não é nada diante de todo esse sentimento que me cerca. Eu estou vivendo o meu *“felizes para sempre”*. Não tenho esse príncipe encantado dos contos de fadas que lia no orfanato, mas tenho o meu Ogro. Ele vale mais que um milhão de histórias fictícias. Por ele eu cresci, eu mudei, aprendi a amar. Eu cheguei até aqui. A Meg Cobalsk venceu! Eu sou feliz, tenho amigos e principalmente amor. Amo e sou amada.

— Ai! — Ouço a voz da Mamá num grito de dor e viro-me retornando do meu devaneio. — Droga! Meg, minha bolsa estourou! — Ela fala como um pedido de desculpas e eu a encaro. Então, abro um sorriso. Afinal, não seria minha vida se no final fosse tudo perfeito. Quer dizer, é perfeito! Meus sobrinhos vão nascer no dia do meu casamento. Tem como esse dia ser mais perfeito?

— Rapazes, direto para o hospital! A festa será lá — brinco e logo estamos correndo para o hospital. Eu tenho uma família e ela só faz crescer...

...

Chego ao trabalho já me sentindo saudoso da minha pimentinha. Desde que ela entrou nos últimos meses de gestação a minha tensão aumentou. Sei que a minha garota vermelha é saudável e que a minha ogrinha também está

se desenvolvendo perfeitamente. Apesar disso, só de pensar que algo pode ocorrer com elas, meu sangue gela em minhas veias. Não sou de rasgação de seda, mas pela primeira vez, depois de tudo que passei com a Mel, rezo fervorosamente para que minha família fique bem.

Sento na minha cadeira ligando o computador e pensando nesse dia, que com certeza será longo. Meu protetor de tela é minha garota, barriguda, isso desenha um sorriso monumental em meu rosto. Começo com uns relatórios, algo sobre as câmeras da rota de entrada da cidade, depois passo para os delitos cometidos na semana, pequenos furtos e invasões. As coisas de sempre e encabeçadas pelos adolescentes problemas. Estou quase finalizando uma leva de arquivos quando meu celular toca. O Eric?

— Alô — falo sem dar muita atenção. Ultimamente ele tem estado estranho, parece triste, nostálgico. Deve estar querendo marcar algo para conversar.

— Ed? Onde você está? — a voz de alerta dele me tira do transe e largo o computador.

— No trabalho. O que foi? — pergunto e ele tem toda minha atenção.

— Vem para o hospital agora, a Meg entrou em trabalho de parto.

— Mas que... — levanto num impulso e o monitor do computador se choca com o chão. — Estou a caminho — saio sem esperar ouvir mais nada.

Em segundos, mais rápido que o Flash, eu entro no carro e guio apressadamente para o hospital. Em minha mente só uma coisa é pensada. Fique bem meu amor, aguento firme que estou chegando para você.

...

Chego ao hospital e logo escuto os gritos, sabendo exatamente de quem são. Corro pelos corredores e uma das enfermeiras me para na porta da sala de parto. Eu sei o que ela quer. O ritual é feito num misto de raiva e medo. Lavar mãos, pôr touca, avental descartável... Faço tudo com o coração

latejando em meu crânio. Entro na sala e dou de cara com a minha mulher, muito vermelha mesmo. Deus! Não pensei que ela pudesse tingir a pele da mesma cor dos cabelos. Ela está quase sentada na maca, os nós dos dedos descorados, as mãos apertando ferrenhamente as barras laterais da maca.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA... — ela grita até que a contração para. Eu a olho assustado. Seus olhos encontram os meus e ela parece a ponto de explodir. — Eduard Prats, seu desgraçado — ela fala entre os dentes. Então, toma fôlego, respirando num chiado soprado, como um cachorro engasgado. — Isso é culpa sua! Você fez isso comigo! Eu vou matar você! — Ela grita enquanto faz caretas. — AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA... — mais gritos e eu paralisado. Não consigo me mexer e por mais absurdo que seja me sinto incrivelmente culpado de toda dor que ela sente.

— Muito bem, você está indo bem, Meg — o Adrian fala. Ele é o obstetra aqui. Isso me traz certo alívio. Está indo bem... — Vamos trazer essa princesinha ao mundo — Adrian fala de novo e Meg acena para ele.

— Ogrinha — ela fala e bufa, arfando.

— Oi? — Adrian a encara rindo. Ele ri?

— Ogrinha! — Ela grita. — Aiaiaiaiaiaia... — mais uma contração. Ela faz força. — Nada de princesa — sorriso bobo. Mesmo nesse momento ela tem força para isso.

— Que seja. Muito bem, lá vem nossa ogrinha — ele fala e entendo que minha filha está literalmente vindo ao mundo agora. Me sinto meio zozinho.

— Eduard! — Meg grita. — Venha já para cá ou vou fazer você sentir tudo que estou sentindo agora, quando isso acabar — ela fecha os olhos com força. — Deeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeus... — não quero sentir essa dor, não mesmo. Obedeço e me aproximo. Bem a tempo de ver minha preciosa nascer. Minha garganta aperta e meus olhos enchem de lágrimas.

Um choro engasgado enche o ambiente. A Meg larga o corpo sobre a

maca e agora eu seguro a barra lateral com força. Ainda não consegui falar, mas alívio me define agora. Me sinto zozinho e meus joelhos parecem querer falhar.

— Vou limpá-la, Meg e a trago logo — a enfermeira fala e a Meg se senta meio desengonçada na maca. Seu olhar é de ansiedade. O local onde a minha pequena será limpa é na mesma sala de parto.

— Se você desmaiar eu juro que mato você, Ed — a Meg fala, mas a revolta sumiu de sua voz e há apenas cansaço.

Em pouco tempo ela é preparada para ser levada ao quarto onde ficará em observação até ter alta. Eu sigo a enfermeira com minha preciosa nos braços e depois sou guiado até o quarto da minha pimentinha. Ela está dormindo pesado. Eu sento em uma poltrona grande ao lado da cama e a enfermeira vai pôr minha pequena em um bercinho.

— Não, Carol, eu quero ela comigo — ela me encara e sorri. Me entrega minha preciosa e eu fico velando o sono das mulheres da minha vida.

A minha pequena dorme tranquila e a mãe dela também. Fico pensando nas possibilidades de nomes e ainda não sei qual a Meg vai querer. Por enquanto só a chamamos de ogrida e óbvio que isso não é nome para minha filha. Eu agradeço aos céus mentalmente por elas estarem bem. Alguns minutos mais tarde a Amanda entra no quarto.

— Desculpe a demora, Ed — ela diz em um sussurro. — Mas com essa dupla tive que esperar o Liam chegar — ela sorri tranquila e olha para minha preciosa em meu colo. Atrás dela vem o Liam guiando um carrinho duplo com os bebês deles. Um casal, a Zoe e o Connor. — Como estão nossas garotas?

— Bem e dormindo — falo.

— Ei?! Relaxa grandão — a Amanda me dá um olhar carinhoso e o Liam uma piscada cúmplice. — Elas são fortes.

— Eu sei — digo sentindo meu coração aquecer. Eu tenho minha mulher e filha, vivas e diante de mim.

A Amanda pega a pequena do meu colo e eu me levanto alguns segundos depois. Os dois mimam minha filha e eu me aproximo da cama da minha esposa. Acaricio de leve seu rosto e ela abre os olhos.

— Minha filha? — é a primeira pergunta dela. Eu a ajudo a sentar-se e a Amanda traz a pequenina e põe nos braços da Meg. — Tão linda — ela fala sorrindo para nosso milagre. Sinto o calor de lágrimas em meu rosto e enxugo de forma rude. Estou desconsertado com tantas emoções. — Ei amor?! Não chora não, estamos bem e felizes, olhe — a Meg põe uma mão sobre a minha e eu esboço um sorriso constrangido.

— Eu sei, meu amor — falo com a voz rouca de emoção e sei que estou completamente tolo aqui. — Me desculpa amor, por não ter chegado antes, por não ter sido mais forte e por...

— Ei? — ela me interrompe acariciando minha mão. — Olha bem para mim, Ed, porque não vou ficar repetindo isso — engulo seco com esse tom sério e espero uma reprimenda. — Nem em um milhão de anos eu vou te perdoar por tudo o que você me fez. — Abro meus olhos ao máximo. Ela está com raiva de mim? — como posso perdoar o homem que me deu amor, me deu um lugar no mundo, me deu uma família? — solto a respiração que não sabia que estava presa. — Eu que peço desculpas por ter sido uma monstra, mas a dor foi forte mesmo — ela sorri e eu sorrio junto. — Entendo o que deve ter passado em sua cabeça amor e eu peço desculpas também por não ter facilitado...

— Não! — Interrompo. — Não peça desculpas. Não tem o que desculpar. — a abraço. As duas, e beijo o topo da cabeça da Meg e depois distribuo beijos por seu rosto. A bebê geme e se espreme no colo da mãe.

— Alguém não está aguentando essa rasgação de seda. — o Liam provoca

e todos rimos.

— Mamá? Já viu minha ogrinha? — ela se aproxima e ri.

— Já sim, amiga, mas sua ogrinha precisa de nome — ela diz rindo para minha garota e eu não largo as duas. Estou sentado na cama e a Meg descansa o peso do seu corpo contra meu peito e parece pensar uns segundos.

— Ananda — ela diz sorrindo e eu entendo exatamente o nome. O Liam também sorri que nem bobo e a Amanda tem os olhos cheios de lágrimas agora.

— Oi, Ananda — ela fala com a voz embargada. — Bem-vinda, princesa.

— Ogra! — Eu e a Meg falamos juntos e todos riem.

— Claro, porque princesa e príncipe são os meus, né Meg? — o Liam ri que nem bobo.

Ficamos assim, os quatro adultos com sorrisos bobos e as três crianças imersas em seus sonos. Logo as reclamações começam e sabemos que é hora de comer. As mães amamentam suas preciosidades e os pais observam como duas corujas babonas. Não sei explicar esse sentimento, só sei dizer que não conheço nada melhor no mundo. Deus me deu uma segunda chance, no amor e na vida. Sou o Ogro mais feliz do mundo. Eu tenho o meu felizes para sempre e sei que será para sempre, porque nenhum problema no mundo me fará desistir dos momentos de felicidade que minha família me traz.